In memoriam de Vó Calmira Monteiro, Dona Angelina dos Santos, Dona Elita Daitx e Dona Verônica dos Santos, amadas artesãs detentoras do saber sobre o modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres, que, ao longo dessa caminhada em busca do reconhecimento como patrimônio imaterial, nos deixaram.

CURICACA

Porto Alegre, 26 de setembro de 2022

Proposta técnica de registro do Modo de Fazer Artesanato com Palha de Butiá na Região de Torres, RS, como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul

Ficha técnica

Copyright © Instituto Curicaca
2ª Edição revisada 2022
1ª Edição 2016
Editora: Instituto Curicaca
Editor: Alexandre Krob
Fotografias: Acervo do Instituto Curicaca

Este documento é uma ação do projeto "Artesanato com palha de butiá: registro e geração de renda para a salvaguarda de um bem cultural de comunidades rurais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul", processo 001541-11.00/14-7 do Edital SEDAC 11/2013, realizado pelo Instituto Curicaca em parceria com o Instituto de Biociências da UFRGS e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE, apoiado pelo Fundo Estadual de Cultura – FAC –, no âmbito do Pró-Cultura, da Secretaria da Cultura. Foi entregue ao IPHAE enquanto proposta técnica em 2 de março de 2016 e recebeu uma manifestação do órgão quatro anos depois em 16 de julho de 2020 pedindo complementações, que foram realizadas por meio de um novo projeto que oportunizou as condições financeiras necessárias para tal, executado através do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20.

Equipe do projeto:

Instituto Curicaca

Alexandre Krob – Coordenador Técnico
Patrícia Bohrer – Coordenadora de Educação e Cultura
Gislene Monticelli – Revisora técnica
Beatriz Barros Aydos – Bióloga
Sarah Bueno Motter – Jornalista
Magda Villanova Nunes – Historiadora
Eduardo Velez – Biólogo
Luana Bohrer Krob – Edição de vídeos

Instituto de Biociências da UFRGS

Andreas Kindel – Assessor em ecologia e conservação

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (acompanhamento)

2014 - Mirian Sartori Rodrigues – Diretora, Mônica Marlise Wiggers – Geógrafa, Frinéia Zamin – Historiadora; 2022 - Carlos Renato Savoldi – Diretor, Frinéia Zamin – Historiadora, Rafael Filter Santos da Silva – Historiador, Walmir da Silva Pereira – Antropólogo

Para citação em referência bibliográfica:

BOHRER, Patrícia V. & KROB, Alexandre J.D. Proposta técnica de registro do Modo de Fazer Artesanato com Palha de Butiá na Região de Torres, RS, como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul. Instituto Curicaca: Porto Alegre, RS. 2ª Ed. 2022. 83 pp. & anexos.

Conteúdo

1 Introdução 6
2 Pressupostos 6
3 Justificativa 8
4 Metodologia 11
5 As detentoras do bem cultural 14
Calmira Minervina da Rosa 15
Angelina Inácia Jorge dos Santos 16
Elita Pacheco Daitx 16
Verônica Monteiro dos Santos 16
Malvina Silveira Monteiro 17
Eracy Joaquina Daitx da Rocha 17
Almeri Bernardes Monteiro 17
Maria dos Santos 18
Maria da Rosa Clezar 18
Maria Querino Teixeira 18
Irma Pacheco da Silveira 19
Judith da Rosa Santos 19
Bautia Martins da Silva 19
Áurea de Melo Nunes 20
Lídia Ramos de Oliveira 20
Marli dos Santos Melo 21
João Salvador de Melo 21
Martinha Bitencourt 21
Eni Terezinha Monteiro 21
Geli dos Santos 22
6 Ativadoras potenciais do bem cultural 22
7 Caracterização do bem cultural a partir das detentoras do saber 23
Rede de significados do artesanato com a palha de butiá 25
Significado econômico 25
Autonomia da mulher 26
Significado social 27
Significado lúdico e terapêutico 28

Rua Faria Santos, 47 / 504 – Porto Alegre – RS – CEP 90.670-150 – CNPJ 02.097.097/0001-28
55 51 33320489 – curicaca@curicaca.org.br - curicaca.org.br - facebook.com/InstitutoCuricaca - instagram.com/institutocuricaca

Significado cultural 31
Descrição do processo de produção 32
Ferramentas de trabalho: 38
Matérias primas e locais de extração 41
Periodicidade 42
Dedicação à atividade 42
Outros recursos necessários ao processo e práticas associadas a atividade 43
Descrição dos produtos resultantes da atividade 44
Chapéus 44
Outros produtos 46
Trajetória – modificações ao longo do tempo 48
Formas de comercialização: 49
8 Caracterização do sítio 53
Localização 53
Fotos 54
Referências culturais 57
Descrição do sítio 59
Localização 61
Paisagens naturais e meio ambiente 62
Marcos edificados 63
Formação histórica 64
Resumo 64
Cronologia 67
Perfil socioeconômico 69
População 69
Qualidade de vida 69
Trabalho e renda familiar 70
Educação 70
Legislação 71
Avaliação e perspectivas 72
Contexto ambiental 72
Contexto econômico 74
Contexto social 76
Contexto político e cultural 76

9 Recomendação para o registro 77

10 Recomendações de salvaguarda 77

11 Anexos 83

Anexo I - Entrevistas com detentoras do bem cultural 84

Anexo II - Entrevista com potenciais ativadores 258

Anexo III - Rede de relações das detentoras 282

Anexo IV - Rede geracional de transmissão 283

Anexo V – Mapa do sítio 287

Anexo VI – Declaração formal das detentoras 292

Anexo VII – Programa de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais 294

Anexo A - Aba de educação patrimonial no site 300

Anexo B - Webnário patrimônio cultural 319

Anexo C - Pesquisa sobre a política cultural e ambiental de Torres 322

Anexo D - Prospecção ocorrências em municípios e interações regionais no RS e SC 331

Anexo E - Pesquisa histórica 343

Anexo F – Atualização da situação dos remanescentes de butiazais em 2021 382

Índice de figuras

Figura 1 - Entrevista na residência de Dona Eracy. 13
Figura 2 - Entrevista na residência de Dona Almeri. 24
Figura 3 - Oficina com artesãs ensinando o passo a passo do ofício..... 27
Figura 4 - Dona Angelina mantendo a autoterapia com a trança. 31
Figura 5 - Dona Baltia mostrando as melhores folhas para o artesanato. 32
Figura 6 - Dona Baltia mostrando o tipo e número de folhas que ficam no topo após a colheita. 33
Figura 7 - Dona Malvina colocando as palhas para secarem ao sol. 34
Figura 8 - Ameciamento com a faca (esquerda) e palha amaciando enrolada em pano úmido (direita)..... 35
Figura 9 - Trança com 7 palhas sendo feita (esquerda) e trança pronta aguardando despicagem (direita). . 35
Figura 10 - Dona Angelina preparando a trança para fixá-la à trança e iniciar a costura e Dona Baltia costurando a aba. 36
Figura 11 - Dona Verônica na sua máquina de costuras de bolsas. 37
Figura 12 - Dona Maria dos Santos após entrevista com Patrícia Bohrer mostrando sua forma já fora de uso. 38
Figura 13 - Dona Maria da Rosa com Patrícia Bohrer, após entrevista sobre a história da economia do artesanato com fibras naturais da região..... 38
Figura 14 - Agulha grossa para costura feita manualmente a partir de um fio de cobre. 39
Figura 15 – Dona Maria dos Santos mostrando uma forma antiga feita com madeira da árvore timbaúva, que já é difícil de ser encontrada na região. 39
Figura 16 - Descaroçador adaptado para prensar as tranças do arquivo pessoal de Dona Verônica..... 40

Figura 17 – Dona Eracy na hora da costura, com o uso de martelo de madeira, tesoura, faquinha de cozinha e agulha. 40
Figura 18 – Estudos sendo realizados com a planta do butiá-da-praia. 41
Figura 19 - Dona Elita mostrando seus chapéus com palha fina e diferentes tamanhos de aba, para atender os diferentes gostos dos clientes. 44
Figura 20 - Dúzias de chapéu de palha grossa esperando que o caminhão da indústria venha recolher. 45
Figura 21 - Chapéu de palha grossa feito para a indústria (direita) ao lado de um que passou pelas modificações industriais. 46
Figura 22 - Chapéu depois de retrabalhado em indústria de Garibaldi (RS). Fonte: http://www.acordas.com.br/produtos/chapeus. 46
Figura 23 - Diversas bolsas com palha de butiá, que podem ser com palha crua, pintada, envernizada e misturada com outras fibras. 47
Figura 24 – Imagem do Clube de Mães de Morrinhos do Sul do arquivo pessoal de Dona Verônica. 48
Figura 25 - Antiga lojinha da Vó Calmira especializada na venda de artesanato com palha. 49
Figura 26 – Imagem de Dona Verônica e seus produtos na 1ª Febanana, realizada em 1988 – Torres (arquivo pessoal da artesã). 52
Figura 27 - Vó Calmira vendendo o seu artesanato e de outras artesãs em sua loja na beira da BR 101. 52
Figura 28 - Mapa do Sítio do Bem Cultural. 53
Figura 29 - Localidade do Faxinal - Torres (RS). 54
Figura 30 - Localidade do Campo Bonito – Torres (RS). 54
Figura 31 - Localidade de Itapeva – Torres (RS). 55
Figura 32 - Vila São João - Torres (RS). 55
Figura 33 - Localidade do Águas Claras – Torres (RS). 56
Figura 34 - Localidade do São Braz – Torres (RS). 56
Figura 35 - Mapa de localização do sítio cultural relativo à cidade de Torres (RS) e fronteira entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. 61
Figura 36 - Ambiente característico de remanescentes de butiazais sobre dunas arenosas associado a outros ambientes florestais. 62
Figura 37 – Território do sítio cultural dentro dos limites municipais de Torres (RS). 70
Figura 38 - Mapa de distribuição das artesãs no território do sítio cultural. 71

1 Introdução

O modo de fazer artesanato com a palha de butiá na Região de Torres, no Rio Grande do Sul, foi identificado pelo Instituto Curicaca, há alguns anos, como um bem cultural imaterial da comunidade rural que vive historicamente associada aos butiazais. Trata-se de uma prática que ocorre, no mínimo, desde a segunda metade do século XIX, reconhecidamente transmitida há seis gerações, que ainda é praticada de forma contínua ou descontínua por cerca de 30 famílias das localidades de Campo Bonito, Águas Claras, São Brás, Faxinal, Itapeva e Vila São João. Sua essência como bem cultural está nos conhecimentos da natureza, nas relações sociais, na identificação coletiva, na autonomia das mulheres e no domínio das técnicas que permitem colher de forma sustentável as folhas da palmeira, tratar suas fibras, confeccionar tranças e costurar, principalmente, o chapéu de palha. O bem cultural poderia ser registrado como patrimônio imaterial no Livro de Registros dos Saberes (RIO GRANDE DO SUL, 2011[1]) sob responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE -, o que consistiria em uma ação de reconhecimento e mais uma iniciativa de salvaguarda.

A trança é o elemento básico para a confecção dos produtos feitos com a palha do butiá, dentre os quais o chapéu recebe destaque histórico e de abrangência, estando presente na maior parte das conversas realizadas com as detentoras do saber. Por isso, será frequentemente referido pelas artesãs ao longo desse documento na construção de significados simbólicos, culturais, econômicos, sociais e como apoio para a descrição das diversas fases essenciais do processo para alcançar a trança. Há artesãs, inclusive, que não sabem costurar, mas dominam todos os passos complexos anteriores minimizando o foco num produto final. A partir da trança, inclusive, podem ser feitos outros produtos como bolsas, tapetes, carteiras, mas que não aparecem com mesma relevância do chapéu nas entrevistas.

2 Pressupostos

Os esforços de salvaguarda do artesanato com a palha de butiá vêm sendo feitos pelo Instituto Curicaca desde 2003 no Litoral Norte do Rio Grande do Sul e iniciaram-se com a Ação Cultural de Criação Saberes e Fazeres da Mata Atlântica proporcionando as primeiras reuniões com os artesãos e a primeira inserção do tema em educação ambiental. Em 2006, seguiu no projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva (KROB; KINDEL; BOHRER, 2012) apoiado pelo Ministério do Meio Ambiente. De forma mais ampla, este projeto envolveu várias frentes de trabalho e já abordava a interação dos moradores locais com os butiazais. Produziu conhecimento científico sobre a região e a situação do ecossistema, reforçou a educação ambiental, a valorização da cultura e a atuação em políticas públicas. O diagnóstico realizado no projeto contou com um pré-inventário dos bens culturais imateriais da sua área de abrangência – municípios de Torres, Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Mampituba, Morrinhos do Sul e Três Cachoeiras – (BOHRER & KROB, 2007 [3]) e promoveu o primeiro conjunto de entrevistas com as artesãs destacando o potencial dos saberes e fazeres do artesanato com palha de butiá para fins de registro.

---

[1] RIO GRANDE DO SUL, 2011. *Lei N.º 13.678, de 17 de janeiro de 2011*. http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2013.678.pdf. Acesso em 23/1/2016

[2] KROB, Alexandre; KINDEL, Andreas; BOHRER, Patrícia (Org). *Microcorredores ecológicos de Itapeva: gestão ambiental*. Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2010. 59p. In http://pwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu_doc/livro_microcorredores.pdf. Acesso em 23/1/2016

[3] BOHRER, Patrícia Vianna; KROB, Alexandre José Diehl. *Levantamento e descrição inicial dos bens culturais imateriais da área de abrangência do projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva*: Relatório técnico. Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2007. 27p. In http://pwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu_doc/bohrer_patrim_cult_imaterial.pdf. Acesso em 23/1/2016

A sequência de iniciativas concatenadas originou o Programa de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais, cuja estratégia principal é articular parceiros com interesse no ecossistema e na cultura associada e manter uma sequência de projetos que possam dar continuidade e sustentabilidade às ações. Surgiu, então, uma iniciativa focada nos butiazais, num projeto apoiado pela Fundação O Boticário em 2009, que mapeou os remanescentes, caracterizou as ameaças e oportunidades de conservação e resultou no Plano de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais (KROB, 2011[4]). Esse planejamento teve a parceria de diversas instituições e o envolvimento de representantes dos artesãos, definindo estratégias e ações para atuar sobre as ameaças ao ecossistema e para a salvaguarda da cultura, entre elas controle da degradação do ecossistema, recuperação ambiental, uso sustentável das folhas, registro como patrimônio cultural, trocas de saberes e educação ambiental, construção de capacidades institucionais e da sociedade e formulação de políticas públicas específicas. O Plano passou a ser o documento de orientação do trabalho do Instituto Curicaca e do Instituto de Biociências da UFRGS em relação ao tema.

No conjunto de ações de salvaguarda previstas no Plano, a iniciativa recebeu da Fundação Luterana de Diaconia um apoio para a interação das artesãs com as políticas de conservação do ecossistema, que resultou numa normativa de regulamentação do extrativismo da folha e do fruto (SEMA, 2014[5]). Mais recentemente, recebeu o apoio do Fundo de Amparo à Cultura, da Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, para intensificar as ações de salvaguarda e buscar o registro como patrimônio cultural imaterial. Isso permitiu a criação do site "Artes do butiá e outras fibras" (CURICACA, 2014[6]), que contemplou as necessidades de sistematização e divulgação dos saberes e fazeres do artesanato e de suas detentoras. Nesse momento, o Fundo está apoiando os esforços de resgate e valorização da economia desse artesanato. Isso inclui a realização do inventário e da proposta de reconhecimento como um patrimônio cultural no âmbito do IPHAE, que passaremos a tratar a seguir.

Em 2021 retomamos o contato com educadores da rede municipal de Torres, no âmbito das solicitações de complementação feitas pela equipe do IPHAE[7]. Foi inserida uma Aba de Educação Patrimonial no site www.artesdobutia.com.br (Anexo A), criado e administrado pelo Instituto Curicaca em 2013, com fins de dar suporte pedagógico na busca de envolvimento de professores e alunos para a abordagem do tema quanto ao pertencimento, cidadania e salvaguarda desse bem imaterial. Foram criadas sugestões de atividades que seguem a metodologia da Ação Cultural de Criação Saberes e Fazeres da Mata Atlântica, metodologia própria da educação ambiental do Instituto Curicaca, e metodologias de educação patrimonial de outras instituições reconhecidas como o IPHAN. Buscou-se fazer um percurso pedagógico que parte do indivíduo, para um coletivo mais próximo até ampliar para relações da sociedade e do ambiente natural. O site apresenta as atividades com seus objetivos, forma de condução, materiais e desdobramentos em outros projetos para o professor desenvolver com as turmas, além de ilustrações e referências.

Em seguida, foi realizado o Webinário Patrimônio Cultural - Artesanato com Palha de Butiá de Torres (Anexo B) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Torres, que funcionou como uma Jornada Pedagógica, direcionada para 250 professores municipais do Ensino Fundamental II e Educação Infantil Maternal II e Prés I e II. Nesse evento, recebemos duas artesãs detentoras do saber, Eracy da Rocha e Irma

---

[4] KROB, Alexandre J.D. *Como proteger os butiazais do extremo norte da planície costeira do RS?* Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2011. (Relatório Técnico). In http://pwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu_doc/krob,_2011_rl_tecn_butiazais(download).pdf. Acesso em 23/1/2016

[5] SEMA, 2014. *Portaria No 46, de 10 de julho de 2014*. In http://www.sema.rs.gov.br/upload/Portaria%20SEMA%20n%C2%BA%2046_dispoe%20sobre%20as%20normas%20para%20regulariza%C3%A7%C3%A3o%20da%20colheita%20de%20folhas%20e%20frutos%20do%20Butia%20Catarinensis(1).pdf. Acesso em 23/1/2016

[6] CURICACA, 2014. *Artes do butiá e outras fibras*. Sítio virtual in http://www.artesdobutia.com.br/. Acesso em 23/1/2016

[7] Item 13 e 14 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

da Silveira, para uma entrevista com a coordenadora de Educação e Cultura, Patrícia Bohrer. Apresentamos o site "ArtesdoButia.com.br", onde foram sistematizados de forma lúdica os conhecimentos sobre o bem e propostas atividades de educação patrimonial e ambiental sobre o tema para serem aplicadas pelos professores atendendo ao tema transversal Meio Ambiente previsto na Lei de Diretrizes e Base. Foi também apresentada a proposta de registro do artesanato com a palha de butiá como patrimônio cultural imaterial do Estado. Infelizmente, como a Secretaria Municipal de Educação não cumpriu com o acordado e deixou de convocar os professores para o evento, a participação deles foi menor do que esperada, quando atingimos um público total de 63 pessoas.

3 Justificativa

Desde quando Instituto Curicaca iniciou seus trabalhos de campo na Região de Torres, em 2003, trabalhando com a biodiversidade e a sociodiversidade do entorno do Parque Estadual de Itapeva, o artesanato com palha de butiá destacou-se pelo seu significado para a comunidade rural e pela interdependência entre natureza e cultura. Essa importância, em relação a outros bens imateriais da região, foi tecnicamente reforçada no pré-inventário cultural realizado no projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva, pela sua abrangência e número de detentoras do saber concentrados em uma determinada área.

Era necessário responder à pergunta: em que medida o modo de fazer o artesanato com palha de butiá da Região de Torres é um bem cultural de natureza imaterial detentor de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade gaúcha[8]?

Para responder essa pergunta consideramos os aspectos de caracterização de relevância apontados na definição de Patrimônio Cultural Imaterial existente no artigo 2º da Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (UNESCO, 2003[9]). Essa consideração incluiu, também, o destaque para o que identificamos como ameaças associadas.

O modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres tem ***história e continuidade***. São ainda portados por algumas senhoras com mais de 60 anos que vivem na Região de Torres e que fazem parte de uma cadeia de transmissão que ocorre há pelo menos 150 anos por seis gerações. Está enraizado na região, mas apresenta ***dificuldades e risco na transmissão*** entre gerações devido ao desinteresse dos mais jovens, às limitações na forma de transmissão oral, a idade avançada da maioria das detentoras e pela falta de reconhecimento e valorização num contexto mais amplo. O registro poderá ser, em alguns anos, a única forma de resgatar a prática na comunidade.

Pesquisas realizadas pelo Instituto Curicaca em uma área mais ampla em busca de remanescentes de butiazais, mostraram a existência de uma ***territorialidade*** para o bem, que é interdependente desse ecossistema. Ele está concentrado na Região de Torres, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Na mesma área em que há uma concentração de butiazais, determinada por condições ambientais, mas que está ***ameaçado de extinção***, o ambiente a espécie de palmeira butiá-da-praia (*Butia catarinensis*) que o caracteriza, a fonte da matéria prima desse artesanato, as folhas.

---

[8] RIO GRANDE DO SUL, 2011. *Lei N.º 13.678, de 17 de janeiro de 2011*. In http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2013.678.pdf. Acesso em 23/1/2016

[9] UNESCO, 2003. *Convención para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial*. In http://www.unesco.org/culture/ich/es/convenci%C3%B3n. Acesso em 23/1/2016

Conhecemos cerca de trinta famílias de artesãos na região, entrevistamos diretamente dezesseis detentoras do saber e eles representam uma rede coletiva de artesãos de cerca de noventa pessoas vivas que fazem parte dessa história. As entrevistas demonstraram uma ***identificação coletiva*** com esse modo tradicional de fazer, quando os conhecimentos, o passo a passo do processo e as histórias associadas se repetem e outras pessoas são indicadas por eles mesmos como detentoras do mesmo saber. As lembranças do fazer quando criança, no seio da família, repletas de afeto, sentimentos, ludicidade, valores e traquinagens, bem como as referências ao ambiente butiazal, que dominava a paisagem ao redor das moradias, surgem repetidamente de cada detentor cheias de emoção e carregadas de simbolismo tecendo uma colcha de retalhos que faz do bem uma parte ***memória coletiva*** daquele grupo.

A história desse artesanato na região demonstra uma ***rede complexa de significados***. A prática do artesanato com a palha agrega outros valores de natureza imaterial como as visões de mundo, as memórias, a rede de relações sociais, o papel do trabalho feminino, as práticas, saberes e significados simbólicos de um grupo humano que faz parte da nossa identidade regional, importante como reconhecimento de nossa própria cultura e pelo seu imenso potencial de continuidade, autenticidade e criação. Inclui saberes sobre as fases da lua e a forma de coletar as folhas sem matar a planta, de tratar a palha para que mantenha brilho e vivacidade, de trançar de diferentes formas para a produção de chapéus para uso próprio ou para revenda em fardos, de interagir com a natureza e o clima para cada etapa da produção. É na complexidade desse saber e dessa prática que reside seu valor.

As artesãs detentoras dos saberes são, em grande parte, pequenas agricultoras familiares aposentadas, cuja renda familiar fica entre um e dois salários-mínimos mensais. Suas atividades rotineiras incluem a lida da casa e a contribuição no plantio de culturas anuais, na horta e na criação de animais. O artesanato desde sempre foi uma atividade econômica complementar na renda familiar. Hoje, com a queda na demanda, houve uma ***fragilidade na contribuição econômica***, que afeta algumas famílias de artesãs em maiores proporções. O grupo ***não alcança sozinho uma organização social*** necessária para fortalecer as capacidades coletivas de manter o artesanato. Exceto por alguns momentos pontuais, o saber ***não tem reconhecimento*** consistente junto às instituições locais e ***nem uma política municipal*** direcionada para a sua salvaguarda.

Em 2021 atualizamos as informações sobre a política cultural e ambiental do município de Torres e a atuação do Conselho Municipal de Cultura, no âmbito das solicitações de complementação feitas pela equipe do IPHAE [10].

Foi realizado um levantamento junto às instituições e colegiados com atuação potencial com o tema no âmbito do município de Torres. Foram realizados contatos telefônicos, por e-mail e enviado um questionário para os escritórios municipais da EMATER, para as secretarias municipais de agricultura, pecuária e desenvolvimento rural, educação, cultura e turismo, o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural – COMPCULT - e o Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural - COMPHAC -, para a secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, o Parque Estadual de Itapeva, o Conselho Municipal de Meio Ambiente de Torres e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura do Rio Grande do Sul foram acrescentadas questões específicas ao tema ambiental. Para a área cultural, as perguntas procuraram caracterizar o respondente, obter informações sobre iniciativas relacionadas ao artesanato tradicional com a palha de butiá e/ou com as detentoras do saber no presente e no passado, identificar iniciativas de planejamento ou políticas de incentivo para a continuidade do bem, verificar o significado do seu reconhecimento como

[10] Item 12 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

patrimônio imaterial do estado para o órgão e colegiados e que poderia ser feito concretamente para apoiar a sua salvaguarda. Para a área de meio ambiente, em substituição à salvaguarda, parte das perguntas procuraram entender o passado recente, o passado e o futuro para a conservação e a recuperação do ecossistema butiazal.

Os resultados da Pesquisa sobre política cultural e ambiental de Torres (Anexo C), corroboram nosso entendimento da falta ou insuficiência de políticas públicas ou de programas de incentivo para a salvaguarda desse bem, com exceção dos colegiados - COMPCULT COMPACH -, embora estes careçam de articulação e de recursos. Na área de meio ambiente a situação não é muito diferente no que tange às políticas e ações municipais, sendo que as maiores preocupações vêm dos órgãos estaduais de meio ambiente, embora ainda um pouco confusas quanto à aplicação da legislação e ainda com baixa priorização para o Butia catarinenses, espécie que ocorre na região. Essa inconsistência justifica as perdas de cerca de 13,71% dos remanescentes entre 2008 e 2021.

Os esforços de salvaguarda dos bens culturais imateriais são ainda pequenos quando comparados aos direcionados para os bens materiais e uma das formas de preencher essa lacuna é através o reconhecimento e a disseminação desse etnoconhecimento, da divulgação das ações realizadas pela sociedade, pelos pesquisadores e pelas políticas públicas na área das culturas populares, trazendo benefícios diretos para as comunidades locais e indiretos para toda a sociedade.

A origem populacional complexa da região, com interações históricas entre índios, negros, alemães e portugueses, suas características ambientais especiais na condição de "Porta de Torres", o fato de ser área endêmica para a Mata Atlântica da espécie *B. catarinensis*, a evolução social, política e econômica e a complexidade das técnicas do artesanato, confluem para uma ***singularidade*** muito importante para a diversidade e a criatividade do povo gaúcho, do povo brasileiro e da humanidade. Como afirma Ana Gita de Oliveira, a totalidade dos bens culturais representa a identidade e eles devem ser universais e particulares ao mesmo tempo (OLIVEIRA, 2004)[11].

As artesãs têm sido parte ativa no processo de salvaguarda do artesanato com palha de butiá, integradas às ações do Instituto Curicaca. Participaram da elaboração do Plano de conservação e usos sustentável contribuindo fortemente nos eixos de salvaguarda e de fortalecimento da socio economia. Participam das reuniões do grupo e fazem os chamamentos para elas por meio de suas redes de relações, mobilizando, amplificando a comunicação. Aguardam com ansiedade e orgulho a sua hora de serem entrevistas, reconhecidas como parte do coletivo e de fazerem parte da visibilidade ao bem e suas detentoras que está sendo dada pela ONG e seus parceiros. Seus depoimentos são sempre carregados de valor para com o bem, repletos de significados e ***reconhecem-no como parte do patrimônio cultural daquela comunidade tendo interesse na sua salvaguarda***. Junto com elas, não podemos esquecer que o modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres faz parte das memórias que constituem nossa identidade diversificada de povo.

[11] OLIVEIRA, Ana Gita. *Diversidade cultural como categoria organizadora de políticas públicas*. In: TEIXEIRA, J. G., Org, Patrimõnio Imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. Brasilia: ICS- Unb, 2004.p. 37-42.

4 Metodologia

Questionário para as detentoras do saber

O questionário utilizado para a entrevista com as detentoras do bem cultural é fruto da agregação de três outros documentos. A ficha de cadastramento de bens culturais (saberes), do Instituto Curicaca, elaborada para o pré-inventário[12] nos Microcorredores Ecológicos de Itapeva (BOHRER, 2007[13]), a ficha patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais (saberes), do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA -, e o questionário de identificação ofícios e modos de fazer, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, estes dois últimos alcançados pelo IPHAE na preparação da I oficina técnica sobre o artesanato com palha de butiá, realizada entre as instituições em abril de 2015. Além disso, procurou-se incorporar aspectos considerados importantes pela equipe do IPHAE e do Instituto Curicaca durante a oficina. O questionário de campo resultante dessa integração, intitulado "questionário de identificação de bens culturais: saberes", cujo conteúdo pode ser visto no anexo I.

Questionário para os ativadores potenciais do saber

Quando o detentor indicava uma pessoa de sua família ou círculo de relações que na juventude ou anos iniciais da fase adulta tinha praticado o artesanato num todo ou em algumas de suas partes e informava que poderia ser uma pessoa disponível, aplicamos para esses indicados um questionário com apenas parte das perguntas do questionário para as detentoras. Foram acrescidas também algumas perguntas para situar a relação que o entrevistado teve com o processo artesanal e em que medida teria disposição para se envolver em ações de salvaguarda que visassem a difusão da prática ou a reativação, se necessária. O questionário foi aplicado na fase de complementação do projeto solicitada pelo IPHAE e, em parte foi aplicado em campo, em parte de forma virtual, tendo sido intitulado "entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres", cujo conteúdo pode ser visto no anexo II.

Identificação de detentores e potenciais ativadores do bem cultural

Detentores são as pessoas que, em suas práticas cotidianas, atualizam permanentemente suas tradições e fazem espontaneamente a salvaguarda de suas referências culturais (VIANNA, 2016[14]). São aqueles que no modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres estão no centro do processo de salvaguarda, como grupos e indivíduos responsáveis pela vigência dessas práticas, ou seja, àqueles que as transmitem e mantêm e, por isso, devem participar ativamente da identificação, do reconhecimento patrimonial e do fomento à sua continuidade e sustentabilidade (SANT'ANNA, 2010[15]). Dessa forma, na região onde sabíamos da existência de remanescentes de butiazais no município de Torres e Arroio do Sal e

[12] Item 5 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

[13] BOHRER, Patrícia Vianna; KROB, Alexandre José Diehl. Levantamento e descrição inicial dos bens culturais imateriais da área de abrangência do projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva: Relatório técnico. Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2007. 27p. IN https://www.curicaca.org.br/_files/ugd/bbd006_4470574b2132409183e2b1a209c25d93.pdf

[14] VIANNA, Letícia C. R. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4.

[15] Sant'Anna, M. *A política federal salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Revista Desafios do Desenvolvimento*. Ano 7. Edição 62 - 23/07/2010 - Edição Especial. IPEA, 2010. In http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1101:catid=28&Itemid=23

Osório, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, buscamos pessoas que estivessem ativas na produção ou que por algum motivo tivesse parado ou suspendido o seu fazer há menos de 10 anos.

O ponto de partida para as entrevistas realizadas com detentoras em 2015 foi um pequeno grupo de artesãs ativas que conhecíamos desde o início do nosso trabalho na região em 2003 – Judith, Irma, Verônica e Vó Calmira –, cujo reconhecimento nos foi passado pela Assistente Social da EMATER de Torres. Antes de iniciarmos as entrevistas nesse sítio, havíamos buscado mestras e mestres desse ofício em Arroio do Sal e Osório, por meio de entrevistas e visitas de campo no âmbito dos projetos "Microcorredores Ecológicos de Itapeva" (KROB, 2010) e "Como proteger os butiazais do extremo norte da planície costeira do RS?" (KROB, 2008), sem termos sucesso nas buscas.

Dentro do formulário de perguntas aplicado, pedíamos às detentoras das primeiras: "indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela" e foi com essa informação que fomos ampliando a nossa rede de entrevistados, considerando dois grupos, o de possíveis detentoras do bem e o de possíveis ativadores potenciais do bem. Para essa definição usamos os seguintes critérios:

- Detentores – pessoas indicadas por um parceiro ou por um entrevistado que, com segurança, até aquele momento mantinham o fazer artesanal ou haviam parado ou suspendido a atividade recentemente, reforçado pelo fato de no reconhecimento pelas indicações na rede de relações dos entrevistados ter sido indicado por duas ou mais pessoas.
- Ativadores potenciais – pessoas indicadas como capazes de fornecer informações, que conhecem o processo ou na sua totalidade ou parcialmente e que haviam praticado apenas numa fase anterior, tipo infância e adolescência ou início da fase adulta.

Realização das entrevistas

Analisando a rede de relações construída gradativamente a partir de cada nova entrevista, encontramos a seguinte situação para as detentoras ou ativadoras potenciais:

- Entrevistados – pessoas que conseguimos localizar e se dispuseram à entrevista.
- Resistentes a entrevistas – pessoas que, embora referenciadas por dois ou mais entrevistados, conseguimos localizar, mas não se colocaram à disposição para uma entrevista, situação que inclui a Geli.
- Muito idosos ou falecidos entre 2005 e 2022 – pessoas sem condições de dar entrevista, situação que inclui a Vó Calmira, entrevistada no pré-inventário e considerada por todos a maior referência na Região para o artesanato com fibras naturais.
- Fracamente indicados – pessoas que foram indicados apenas por um entrevistado, por conhecerem segundo esse o processo, mas que poderiam ter parado de produzir, e que não foram procurados.

No anexo III está a "Rede de relações das detentoras" que surgiu e retroalimentou essa análise construída a partir do avanço de entrevistas realizadas e a classificação de cada integrante dessa rede frente ao esforço de busca.

Definição da área de abrangência dos estudos

Para a definição da área de abrangência potencial das detentoras do saber sobre o artesanato com palha de butiá no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, utilizou-se um esforço de campo que só foi possível pelo acúmulo sequencial de projetos abordando o tema de forma complementar ou direta.

Inicialmente, a busca se concentrou no município de Torres, no entorno do Parque Estadual de Itapeva, no contato corpo a corpo com os moradores da área rural, realização das primeiras reuniões com chamamento por rádio e na rede de relações ou da EMATER ou desdobrada a partir dos primeiros artesãos envolvidos.

A ampliação da área de busca do artesanato com palha de butiá se deu por meio do projeto Microcorredores Ecológicos de Itapeva, onde a ação de pré-inventário do patrimônio cultural buscou, entre outros bens culturais, a existência desse artesanato no restante do município de Torres e nos municípios de Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Mampituba, Morrinhos do Sul e Três Cachoeiras.

A busca se ampliou mais ainda com o projeto de Conservação dos butiazais, que teve sua área de abrangência desde o município de Torres até Osório. Houve o mapeamento dos remanescentes de butiazais, visitas de campo às áreas de ocorrência, que entre as buscas procurava com os vizinhos dos remanescentes se conheciam artesãos. Incluiu também o envio de questionários às prefeituras, escritórios da EMATER, sindicatos rurais e organizações não governamentais buscando, entre outras coisas, identificar o conhecimento de artesãos ou do artesanato.

Levantamentos sobre a história da região

Foi contratada a historiadora Magda Villanova Nunes, que realizou um levantamento histórico fundamentado em fontes bibliográficas e nas gravações em áudio das entrevistas das artesãs, realizadas durante a pesquisa que produziu a primeira proposta de registro.

Esforço de campo para aplicação do questionário

Para as entrevistas foi definida a área conhecida como de concentração das detentoras do saber, resultante dos esforços de busca descritos acima, ou seja, as localidades do Campo Bonito, São Brás, Faxinal, Águas Claras, Itapeva e Vila São João, nos municípios de Torres.

Figura 1 - Entrevista na residência de Dona Eracy.

As visitas às detentoras do saber foram sendo feitas por tentativa e erro em saídas de campo, ou seja, quando a artesã era encontrada em casa e podia nos receber a entrevista era realizada, quando não era possível retornava-se num outro dia. Como as indicações da rede de relações são bastante imprecisas quanto ao local de moradia da artesã indicada, um tempo significativo foi utilizado para encontrar

cada uma delas. Um esforço de campo foi realizado entre 2015 e 2016, quando a maioria das entrevistas foram feitas. Após avaliação do IPHAE, foi realizado em 2021 e 2022 um novo esforço de campo com retomada do contato com os detentores do bem cultural e busca de novos detentores, no qual foi possível uma ampliação do número de famílias entrevistadas[16].

À medida que mais uma entrevista era realizada, a equipe avaliava a agregação de novas informações e o grau de corroboração do que já havia sido descrito. Essa análise foi utilizada para definir o momento em que o número de entrevistas realizadas era suficiente.

Definição dos limites do sítio

O ponto de partida são os remanescentes de butiazais mapeados pelo Instituto Curicaca para a região de Torres e que, por serem a fonte de matéria prima para esse artesanato, estabelecem um primeiro esboço de território. Para essa fase partiu-se do resultado dos esforços de identificação da prática artesanal descritos no item 4.5, definição da área de abrangência, tendo então sido excluídos os municípios de Arroio do Sal e Osório, para os quais não houve ocorrência.

Dessa forma, o sítio passou a ser definido apenas nas localidades do município de Torres, da seguinte forma: cada artesão entrevistado teve a coordenada da sua moradia registrada na ficha. Essa informação foi plotada em um mapa no Google Earth. Os artesãos dos quais temos uma síntese de história de vida no nosso site "artesdobutia.com.br", mas que por já terem falecido ou estarem com problema de saúde não puderam ser entrevistados, também foram plotados no mapa. Todas as demais detentoras ou ativadores potenciais indicados pelos entrevistados e com localização aproximada também foram plotados.

Os pontos comerciais não foram considerados para a definição do sítio, já que os compradores e vendedores não estavam entre as detentoras ou ativadores potenciais, embora aqueles que identificamos dentro do sítio tenham sido plotados no mapa.

Caracterização do sítio

Para caracterização do sítio foi utilizada como referência a ficha do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC 2000 (CORSINO et al, 2000[17]).

Rede de transmissão e estimativa temporal da existência do bem

Para esse entendimento foi montado um organograma contendo as seguintes informações: nome e idade da artesã entrevistada, nome ou existência de pessoas da família das quais a artesã recebeu o saber ou sabia que o portavam, nome ou existência de pessoas para as quais a artesã transmitiu o saber. Foi considerado como média entre gerações um tempo de 25 anos.

5 As detentoras do bem cultural

O conjunto de mulheres que dominam o modo de fazer o artesanato com a palha de butiá faz parte de uma transmissão de saberes em pelo menos seis gerações, que envolve o conhecimento de todo o

[16] Item 1 e 2 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

[17] Corsino, C.M.; Londres, C.; Arantes Neto, A.A. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

processo artesanal, desde a retirada da folha no campo ao detalhe da finalização do chapéu. Em todas as famílias com as quais conversamos, a atividade teve papel fundamental na vida de muitas pessoas, tanto no âmbito financeiro, quanto no cultural, sendo reconhecida pela própria comunidade local como um bem cultural da região. Desde muito tempo atrás, quando a atividade fazia parte da vida de quase todas as famílias, ela integra a comunidade – no sentido de proporcionar a interação entre as pessoas, mas também por ser parte integrante da vida delas, é um modo de viver que traz recurso material, trocas, afetos, lembranças, diversão e até uma maneira de deixar outras coisas de lado. Em comum, elas possuem a sabedoria de quem precisa observar a natureza para melhor interagir com ela, paciência, determinação, persistência são algumas qualidades dessas artesãs.

As entrevistas completas com as detentoras do bem cultural encontra-se no anexo I. A seguir, fazemos uma breve síntese de cada uma delas.

Calmira Minervina da Rosa

Vó Calmira, nascida em 1919 e já falecida, é reconhecida até hoje por seus pares como uma mestra desse saber tradicional. Além da feitura dos chapéus, ela e os filhos trabalhavam com diversas fibras naturais, como a taboa, a tiririca e o cipó imbé. Quando a conhecemos no início da nossa caminhada com o artesanato na região, por volta de 2003, ela já era uma referência de todas as artesãs, a única que tinha o seu próprio espaço de comercialização, junto a um posto de gasolina na BR 101. Apesar da idade já avançada, da dificuldade para caminhar e do mal de Parkinson, que lhe dificultava o trabalho, Vó Calmira estava sempre ali, cercada de bolsas, tapetes, chapéus e cestos, feitos de palha de butiá, cipó, tiririca, taboa e outras fibras.

Infelizmente, Vó Calmira faleceu antes que fosse possível entrevistá-la conforme metodologia usada nesse trabalho. Entretanto, no Pré-inventário dos Bens Culturais da Região dos Microcorredores de Itapeva (BOHRER et al, 2007) havíamos feito uma entrevista com ela e esta foi juntada às demais fichas de entrevista, mesmo que não apresente o mesmo padrão de coleta de dados. As muitas conversas que tivemos com ela e, posteriormente, com a filha Dona Mariquinha nos permitem hoje conhecer o trabalho e o perfil dessa mestra artesã a ponto de reconhecê-la dentre as detentoras desse saber.

Lúcida, ativa e receptiva para participar dos encontros e reuniões que realizamos desde 2003 até o seu falecimento, ela ampliou os significados e valores do artesanato. Certa vez nos contou que aprendeu a conhecer e trabalhar com as outras fibras naturais com o padrasto, João Filisbino que era indígena e fazia balaios grandes para a roça. Seus doze filhos foram criados com o artesanato, e durante o inverno, quando a venda dos outros produtos caía, faziam os chapéus da palha de butiá para o escambo nos armazéns locais, como era a tradição na região. Os filhos Manoel Honório da Rosa e Maria da Rosa Clezar, a Mariquinha, foram os únicos que seguiram com o artesanato como profissão.

Sobre a mãe, Dona Mariquinha nos conta que era um “general”, mas muito amorosa para cuidar dos doze filhos. Já naquela época, dizia para filhas que não precisavam casar-se, pois podiam viver muito bem sozinhas com o trabalho do artesanato. Mais tarde, quando estava muito idosa, ficava nervosa e só se acalmava quando tinha como ocupar as mãos trançando:

> Ela não conseguia ficar sem fazer nada... daí ela vivia enrolando a roupa... pra ela, ela tava trabalhando. A gente trouxe palha não deu, as mão dela não deu mais, trouxemo palha de todo jeito não deu, até que um dia a minha filha disse: mãe,

mas eu vou trazer lá da Deti uma sacola de tira. Nossa senhora! Ela até não queria dormir, mas também acalmou, nem aquela tremura não teve mais.

Angelina Inácia Jorge dos Santos

Outra mestra desse ofício, Angelina dos Santos, nascida em 1918 e já falecida, fez artesanato com palha de butiá durante toda a vida. Com oito anos, ela aprendeu a técnica observando o fazer de suas primas Odete, Doronita e Geni. Ao contrário da maioria das artesãs, a mãe de Angelina, Inácia Carolina Jorge, não queria ensinar o ofício à filha, que acabou aprendendo escondida, por incentivo de seu tio Jango. Mais tarde, quando teve seus nove filhos, ela fez diferente de sua mãe e passou o conhecimento para as seis mulheres da família. Até seus 96 anos de idade, a artesã ainda trançava e vendia suas peças. Só a dor no braço a obrigou a parar. Angelina gostava de todas as partes do processo artesanal. Com a ajuda do neto Luís Carlos, que sempre gostou de despicar a palha, ela se sentava à mesa e fazia até seis chapéus por noite. A artesã também confeccionava tapetes quadrados e redondos e contava, orgulhosa, que uma vez fez um tapete com dezesseis voltas de trança. Presença constante ao longo de toda sua vida, o artesanato lhe trazia diversas lembranças. Dos momentos reunidos trançando embaixo da laranjeira às noites de trabalho depois de ter passado o dia na roça. O esforço era necessário, já que a família utilizava o chapéu como moeda de troca nos armazéns, para obter comida.

Elita Pacheco Daitx

A família de Elita, nascida em 1944, tem uma forte ligação com a palha do butiá há pelo menos seis gerações. O caminho foi longo até que o conhecimento sobre o artesanato chegasse aos seus netos: da bisavó Carolina, para a avó Angelina, passando pela mãe Emerina e por Elita, que ensinou seus filhos Enoir, Negra e Elenir Pacheco Daitx, a Preta, mãe de Bruno, Felipe, Gabriel e Leonardo, que hoje mantêm a tradição viva, ainda que desvinculada da questão econômica. Para além do artesanato, a palha também fornecia a principal renda da família, vinda do engenho de clina – um tipo de estofamento feito com a fibra natural – mantido pelo pai de Elita, Francisco Onofre Pacheco. Esse vínculo de mais de um século é claramente percebido quando as artesãs falam sobre o significado do artesanato em suas vidas. Elita foi uma forte atuante na salvaguarda do artesanato, praticando, reproduzindo e transmitindo saberes. Ela só parou de trabalhar com a palha quando faleceu, pois dizia que trançar "não deixa pensar em coisas ruins". O artesanato, além de ter sido importante econômica e culturalmente, teve também valor afetivo na sua vida. "Às vezes eu fico com as mãos trêmulas e penso; ai, minhas trancinhas", contava emocionada. É na confecção do chapéu que se materializa a tradição familiar. A especialidade de Elita era o chapéu com palha fininha, cuidadosamente executado, mais fechado e bom para trabalhar na roça, já que protege melhor do sol. Antigamente, sentados no chão ao redor de sua mãe, Elita e os irmãos trançavam a palha ainda verde para aprender. "Até na hora da janta a gente tinha que fazer um chapéu", relembra.

Verônica Monteiro dos Santos

Verônica, nascida em 1923 e com quase cem anos, até pouco tempo ainda fazia artesanato. Sua mãe, Docelíria Maria Monteiro, ensinou o ofício aos oito filhos, mas só Verônica continuou nesse caminho. Na época, ela aprendeu a fazer somente o chapéu, já que era o produto mais vendido. Verônica conta que a família se reunia dentro de casa e com as palhas retiradas do butiazeiro do quintal, todos trançavam juntos.

Depois de adulta, a artesã fez um curso da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social, onde aprendeu a utilizar outros materiais, como a taboa, a bananeira e a tiririca, e a produzir bolsas com as palhas. Moradora da região de Campo Bonito, Verônica confeccionava chapéus, bolsas e uma carteira de palha de butiá da qual ela própria criou o modelo. Uma das peculiaridades do seu trabalho está no uso da máquina de costura para a produção das bolsas. Ela também era uma das únicas da região a utilizar tinturas coloridas. Verônica conta que o artesanato ajudou muito para criar os filhos. Ela e a família trabalhavam na roça durante o dia e o artesanato servia como complemento da renda. A preocupação com a grande demanda de trabalho e os problemas de vista foram os motivos que a fizeram parar, mas ela diz que sente saudades.

Malvina Silveira Monteiro

Malvina, conhecida por todos como Vina, nascida em 1940, aprendeu a trançar com a madrasta. Sobre o chapéu, ela conta: “Todo mundo fazia isso antigamente, sustentavam os filhos com chapéu”. Os treze irmãos sabiam trançar, inclusive os meninos: “Quando chovia, enchia, os homens tudo vinham com trança e palha e faziam”. De manhã, ela e a irmã levavam os brotos de palha pra roça para enterrar na areia úmida enquanto trabalhavam, porque ficava mais macio, e assim podiam estalar na hora do descanso do meio-dia, para trançar à noite. “Minhas filhinhas, vão dormir, vocês estão cansadas, trabalharam o dia todo e agora tão aí trançando”, dizia a dindinha. Ela e a irmã respondiam que precisavam trançar para comprar vestido para ir ao baile. Na família delas, a trança era um complemento da renda. Vina lembra que ela e as irmãs faziam serão com luz de pixirica pra trançar, muitas vezes, até a meia noite, contavam histórias dos namorados, dos bailes, jogavam jogo do nó, cantavam, passavam fazendo brincadeiras. “Tenho saudades daquele tempo”, diz ela.

Eracy Joaquina Daitx da Rocha

Eracy, nascida em 1932, trabalha até hoje fazendo chapéus ou bolsas de palha de butiá, que aprendeu quando criança com a mãe e a avó. Sua avó faleceu com 94 anos e “deixou a trancinha feita”. Ela manteve viva a tradição: teve cinco filhos e ensinou todos a trançar, assim como dois netos: “E eu criei meus filhos também, quando me casei, tudo assim na trança.”

Eracy costurava até doze chapéus por dia, e vendia “a troco” nos armazéns, ou seja, trocava por mercadorias: “Fiz doze dúzias de chapéu para comprar uma blusa para o casamento do meu irmão”. Reunia-se com as amigas e trançavam a noite inteira, ao redor da fogueira. Na época não iam a festas, então contavam histórias, conversavam, cantavam, faziam o joguinho da palha. O chapéu já foi a principal fonte de renda da família, mas durante muitos anos ela parou porque foi terminando o comércio, “não tinha saída”. Nos últimos tempos, fazia pelo gosto: “É uma terapia! Eu gosto de fazer, é como um vício, como quem toma uma cachaça”. A parte que mais gosta é trançar, e diz que a colheita deve ser feita na lua crescente, assim a palha não enrosca e fica mais bonita. Eracy diz que sempre existiram dois tipos de chapéu, um com a palha mais fina, mais fechado, para usar na roça, e outro mais aberto, que surgiu para o comércio.

Almeri Bernardes Monteiro

Almeri, a Dona Nini, nascida em 1948, aprendeu a trançar com a mãe, desde bem pequena. “Era um tempo em que o pessoal era muito pobre. Necessitavam disso aí pra sobreviver. E a minha mãe teve doze filhos e eu sou abaixo do mais velho. Então a gente tinha que ajudar a trançar pra ajudar a comprar as coisas pra casa, né?” As avós, materna e paterna, também faziam artesanato com palha, e Dona Nini lembra, de ter

comprado tecido para fazer um vestido com o chapéu com apenas cinco anos de idade e voltar mostrando orgulhosa o tecido para as amigas. “E o vestido, eu nunca vou esquecer, eu comprei um tecido que eu mesma que escolhi, verde com umas bolinhas branca. Nunca vou esquecer, primeiro vestido que eu comprei.” Segundo ela, a melhor época para cortar palha é a primavera, e ela mesma gosta de se encarregar de todas as etapas da produção: “É gostoso a gente mesmo fazer”. Para a colheita, “uma boa escolha é escolher a palha que tu olha, porque a gente que tá acostumada a trançar olha e diz, aquele butiazeiro é bom, e tem que tocar nela, se for macia é boa". Conta ainda que, quando pequena, a mãe ensinou o “jogo do nó” e quem dos irmãos trançasse primeiro podia sair pra brincar.

Maria dos Santos

A produção de chapéu teve importância fundamental na vida de Maria dos Santos, nascida em 1955. Foi por meio da venda deles que ela pagou a aposentadoria da sua mãe, Angelina Inácio dos Santos, fez o enxoval e, antes de tudo, alimentou a família. “Quando casei falei: chega da mãe passar trabalho! Paguei os atrasados que ela devia!”. Atualmente, a artesã trabalha só na roça. Depois que quebrou um dos braços, Maria perdeu a força de uma das mãos, o que dificulta o trabalho minucioso do artesanato. A falta de compradores também teve grande influência na decisão. Sua mãe ensinou o processo artesanal às seis filhas. Maria lembra que o trabalho era passado como uma tarefa às meninas, que competiam para ver quem acabava antes e, assim, podiam ir brincar. Mas a mãe não aceitava qualquer coisa. “Se fazia mal feito, ela mandava desmanchar”, conta a artesã, que hoje ri da situação. Há poucos anos, ela ainda fazia parceria com a irmã Geli dos Santos, que mora perto de sua casa. Ela colhia as folhas e a irmã se encarregava do preparo da palha e de fazer as tranças que, depois, voltavam à Maria para que ela costurasse os chapéus. Ela conta que gostava muito de trançar e que mesmo “sendo a coisa mais fácil que tem”, seu único filho nunca quis aprender. A necessidade econômica tem grande influência na propagação do bem cultural, que agora se mantém na família pela lembrança e pela relevância que teve na vida de todos eles.

Maria da Rosa Clezar

O artesanato com palha de butiá, desde cedo, faz parte da vida de Maria da Rosa, a Mariquinha, nascida em 1947. “Desde o primeiro calçado que botei no pé eu trabalhei com cestinho”, diz ela. Mariquinha vem de uma família de artesãos, é filha da Vó Calmira e junto com todos os onze irmãos desde muito cedo fazia artesanato com a mãe. Com a palha do butiá faziam os chapéus. “A mãe era muito caprichosa e fazia nós fazermos tudo direitinho”. Quando mocinhas, Mariquinha e as irmãs de dia trabalhavam pra ajudar nas despesas da casa e depois faziam serão até uma ou duas horas da madrugada, para comprar roupa. Diz que apesar de pobres, nunca passaram fome e tinham uma vida muito boa por causa do artesanato. Tanto que, mesmo depois de casada, decidiu continuar trabalhando e ensinou o marido Inácio a fazer a colheita da palha e, juntos, tratavam de vender o artesanato, inclusive em outras cidades da região. Herdou os compradores de artesanato da mãe e com essa fonte de renda, conta que construiu a sua casa. “Depois começaram a chegar muitos produtos da China, bolsas mais bonitas que as nossas, e muito barato.” Aí resolveram voltar pra lavoura, que vem rendendo até hoje. Mesmo assim ela afirma: “Com o artesanato se vive muito bem, é só querer trabalhar.” E complementa: “Eu tenho cisma que vai voltar o artesanato”.

Maria Querino Teixeira

Maria, nascida em 1935, é mais conhecida na região como a “Maria, filha da Dona Maricota”. Moradora da Vila São João, a artesã trabalhou com a palha desde criança, quando sua mãe lhe ensinou o

ofício para que ela ajudasse em casa – como acontece na maioria das famílias. Ao longo do tempo, ela passou a ver a atividade também como entretenimento e, atualmente, Maria conta que parou "porque os filhos não deixam mais". A idade se tornou um limitante já que a artesã trabalha no chão, sentada sobre um pelego. Maria é muito criativa e detalhista, utilizando o butiá e a taboa, confeccionava bolsas em diferentes cores, formatos e tamanhos, criados por ela própria. Em outros tempos, produziu chapéus e tapetes, mas passou a se dedicar exclusivamente às bolsas pelo melhor valor de venda e por ser mais fácil de armazenar na pequena sala nos fundos de sua casa, onde guardava os materiais. O conhecimento foi passado para suas filhas e filhos, que, como ela, ajudavam quando pequenos. A tradição, entretanto, não se manteve. Com a renda proveniente do artesanato, Maria conseguiu construir sua casa e cobrir as despesas de saúde da família.

Irma Pacheco da Silveira

Irma, nascida em 1945, assim como outras artesãs têm grande conhecimento da história do artesanato na região de Torres e o transmite com grande expressividade. Como ela diz, a família toda trançava, "desde criança, de cinco anos, já tava com a trança na mão." Os engenhos de clina, na sua infância, são uma parte importante da memória desse bem. O pai tinha um engenho no Faxinal, o tio em Águas Claras e um primo do pai, no Campo Bonito. Assim, desde criança ela e as irmãs conheciam todo o processo do engenho de clina, dos quais retiravam as sobras de palha para fazer o artesanato. Para além de uma necessidade, o artesanato na família era uma atividade que faziam por prazer. Nos velhos tempos, a manhã era a hora de estalar a palha para de noite fazer a trança. A vizinhança se reunia já à tarde e ficava fazendo até o fim da noite, quando conversavam, brincavam com o jogo do nó, cantavam e dançavam juntos. "Nós largava a trança e nós ia dançar aquela música. Ahan! Era muito divertido!", ela conta.

Judith da Rosa Santos

Judith, nascida em 1943, aprendeu a técnica do artesanato e o conhecimento sobre as datas e luas certas para a colheita das fibras com sua mãe, Gerônima Bauer da Rosa. Após a proibição da retirada da folha, a artesã parou de fazer artesanato com palha, mas a técnica da trança ainda é aplicada por ela e por sua filha em outros materiais, como o jornal. "Tem que ensinar o que a gente sabe, né, passar a frente." Na infância, Judith, os irmãos e a mãe ficavam até tarde trançando, depois de trabalhar na lavoura durante o dia. O artesanato era como uma brincadeira: eles davam um nó na palha para ver quem fazia mais braças de trança em determinado tempo. "A nossa mãe dizia: vocês têm que fazer 'tal' quantidade de chapéus, então funcionava como um jogo", conta. Os dois produtos que ela fazia eram o chapéu e o jogo americano para mesa, uma especialidade da artesã. Ela conta que o início e o fim da costura do chapéu eram feitos com linha de algodão, mas, na maior parte, era usada a embira, que tornava a produção mais barata. Os produtos eram vendidos no antigo armazém de seu pai, Manoel Nunes da Rosa, no Campo Bonito, ou trocados por outros produtos. Judith conta que todo seu enxoval foi feito com o dinheiro do artesanato, mas que hoje "ninguém se interessa", se referindo à falta de retorno financeiro da atividade.

Bautia Martins da Silva

Bautia nasceu em 1941. Quando em um domingo de manhã chegamos à sua casa, fazia sol e ela costurava chapéus sentada no sofá. Com pilhas de tranças de um lado e pilhas de chapéus do outro, ela nos contou que antigamente todas as famílias da vizinhança faziam artesanato, mas hoje ela é uma das poucas da região da Estrada Geral, perto do Parque de Itapeva, que continua. O ofício faz parte de sua família pelo menos desde os tempos da bisavó, Clarinda. Dona Bautia, também considera o artesanato uma terapia, mas,

para além disso, a atividade foi muito importante no aspecto financeiro. “Naquela época os pais não deixavam trabalhar fora, então era uma forma de ganhar dinheiro”, explica. Ela e os onze irmãos, cinco mulheres e seis homens, trabalhavam na roça durante o dia e, quando acabavam a tarefa passada pelo pai, no fim da tarde, começavam o artesanato. Mas só as mulheres deram continuidade ao trançar, como ela conta, os meninos trabalhavam só quando criança, pois o pai dizia: “Não! Isso aí é serviço pra mulher, não é pra homem.”

Essa diferença existia, embora o processo tenha sido ensinado tanto por sua mãe, Manuela dos Santos, quanto por seu pai, Manoel Lúcio Martins que contava “causos” para eles enquanto trançavam. Entre seus cinco filhos, nenhum quis aprender. A presença da planta na vida da artesã é tão marcante que Bautia quase tem butiá no próprio nome. Parte da palha utilizada como matéria prima vem do butiazeiro que ela tem no quintal de casa, mas a maioria é fornecida por seu irmão. Com ela, a artesã produzia até vinte dúzias de chapéu por ano. Quando menina, ela também confeccionava cestos para as colegas do colégio com uma flor de palha no lugar do botão. O detalhe e o carinho envolvidos são marcas registradas do seu artesanato com palha de butiá.

Áurea de Melo Nunes

Aurinha, como é conhecida Dona Áurea, nascida em 1945, é uma artesã que se especializou na trança, dando preferência para essa parte do processo para atender a demanda de outras artesãs que costuram e depois revendem o chapéu, como a vizinha Bautia. Ela aprendeu a trançar em casa, quando pequena, mas, depois, nenhum de seus três filhos quis aprender, porque “dá muito trabalho”. Dona Áurea diz que a família sempre “lidou com o pesado”, mas os chapéus eram feitos principalmente para a troca nos mercados e a compra de tecidos para vestir a família. Assim, desde mocinha aprendeu o valor do trabalho, quando queria ir a uma festa pensava: “tenho que fazer três dúzias de chapéu pra comprar tecido pro vestido”. Ela acha graça e lembra ainda com carinho de quando ela, uma amiga e a sobrinha trançavam em cima das laranjeiras e sua mãe reclamava que assim a trança não podia render. Segundo ela, “dia de chuva é melhor porque dá vontade de trançar, a palha fica bem macia”.

Lídia Ramos de Oliveira

Lídia, nascida em 1954, faz a trança e o chapéu. Aprendeu, ainda criança, com o padrasto, Alcino Juvêncio da Silva que ensinou também para sua mãe e a irmã Rosa. Diz que pode fazer até doze chapéus em uma tarde, se não se levantar para mais nada. Quando pequena, a mãe os vendia no mercado do seu Gilberto Porto e Lídia ganhava um dinheirinho. Depois de casada, passou a vender ela mesma e diz que esse recurso “ajudou muita coisa, pra comprar material pras crianças e o uniforme”. Com o passar do tempo, Lídia criou um jeito de aumentar a fôrma com papelão para fazer um chapéu com a copa mais larga e reforça que ele tem que ser bem-feitinho para poder vender. Até recentemente, ela recolhia os chapéus das outras artesãs e repassava ao seu Pingo ou para os comerciantes da serra que os compravam por dúzia de caminhão. Depois, o armazém do Pingo fechou e os compradores da serra sumiram. Mesmo assim ela diz que as pessoas ainda lhe procuram quando querem a encomenda de um chapéu, por que sabem que é ela quem faz, “sempre tenho que ter algum prontinho pra turma conhecida.” Sobre o reconhecimento do modo de fazer artesanato com a palha de butiá, ela afirma: “Eu acho importante! Era uma coisa tão bem antiga, né? Os antigamente fazia, né? Daí então eu acho importante. Por isso que muita gente parou, por que daí não tinha, não tinha prestígio das pessoas.”

Marli dos Santos Melo

Marli, nascida em 1951, fez de tudo um pouco, mas seu primeiro trabalho, ainda criança, foi a trança de chapéu. O pai, que trabalhava em engenho de clina cortava a palha, a mãe secava e estalava e os filhos trançavam, depois da escola. Sua mãe, Maria Alexandre da Silva, trabalhou nisso até ficar bem velhinha. Como ela explica, a responsabilidade era dividida no casal, o pai ficava "com a parte da comida" e a mãe "com a parte da roupa", "até roupa pra ele ela comprava também porque aí o dinheiro dele não dava pra tudo, né?". Gostava de juntar a turma pra trançar junto: "O tempo passava e a gente nem via, sentava e conversava, era a coisa mais boa". Lembra- se até hoje da vizinha Carlota, que fazia o serão com ela. Mesmo depois de casadas, as mulheres às vezes ainda se reuniam quando os homens iam à praia de noite colocar redes de pesca.

João Salvador de Melo

Seu João, nascido em 1942, vendia os chapéus com a mãe, Donata, de carro de boi no Campo Bonito. Recebiam em dinheiro ou trocavam por tecido para as roupas da família. Seu pai também participava da atividade: voltava com o carro cheio de palha para a mãe trançar. O pai também estalava a palha, enquanto os filhos faziam o chapéu junto com a mãe. Embora não faça mais chapéus, João lembra-se de muitas coisas, daquela época, inclusive que os dias de vento sul eram muito bons pra secagem da palha, e da fôrma de cedro que utilizavam, diferentemente da mais comum, feita de timbaúva. Antigamente, segundo ele, "da estrada do mar até o camping era cheio de butiazeiro", a agricultura acontecia no meio.

Martinha Bitencourt

Martinha, nascida em 1949, aprendeu a trançar e a costurar chapéu com mãe, Dona Maria Martinha Bitencourt. Ela conta que essa era uma prática que todos faziam, uma importante fonte de renda para as famílias locais, como a dela e a do marido, e explica que era porque o butiá foi abundante na região. Como ela diz, "eram cachos e cachos de butiá, rolava nas estradas do tanto que existia", ele nascia por toda parte, junto com "o mato" e predominava na paisagem. Ela tinha o hábito de trançar depois do serviço da casa, de tarde, enquanto tinha luz e especialmente em dias de chuva. Para ela, "Trançar é bom...Nossa! É uma terapia pra mim que vou te contar!". Por isso, continuava produzindo, mas para as artesãs a venda dá sentido à produção e Dona Martinha parou a cerca de três anos atrás quando não vieram mais buscar os chapéus. Foi quando faleceu o comprador que vinha da Serra e a empresa ficou nas mãos do um filho. Assim como ela, Dona Lídia ficou com várias dúzias de chapéus feitos, eles estavam concentrados na casa de outra artesã e foram queimados quando viram que não iriam mais buscá-los.

Eni Terezinha Monteiro

Eni, nascida em 1958, é a mais jovem das detentoras. Aprendeu com a avó, a mãe e as tias Joaquina e Malvina. Ela prefere colocar a palha para secar na areia, para ficar bem branquinha, pois "tem que saber secar" e fala com paixão do ofício, que sente saudades e gostava muito de fazer com as amigas. Apesar de desde adolescente trabalhar com outras atividades, o artesanato sempre está presente na sua vida: "o patrão me dava uma folga, aí eu vinha pra casa, né? aí eu me grudava, né? a minha vontade era de ficar ali, toda a vida trançando, trançando, estalando palha, sabe?"

Eni também teve um papel importante recolhendo de bicicleta os chapéus de outras artesãs do Campo Bonito e de São Braz, como os da tia Malvina, para entregar ao comprador que vinha de Garibaldi, chamado Roberto. Foi ela quem confirmou que até pouco tempo os chapéus iam para uma indústria, colocados numa forma a vapor para ficarem com o acabamento melhor e serem vendidos para outras regiões do Brasil. Eni também foi a única artesã até agora que nos contou do uso lúdico do chapéu e da trança nas festas de São João. Os chapéus eram adornados com tecidos e flores, e com as tranças fazia fantasias: "Aí enfeitava bem o chapéu e às vez pegava trança também e botava na roupa, sabe? Bem, bem legal, sabe?"

Geli dos Santos

Geli, foi também uma artesã reconhecida, filha de Angelina e irmã de Maria dos Santos, carregava a cultura de fazer a trança e o chapéu desde a infância. Essa artesã nos recebeu poucas vezes na sua casa para uma conversa informal, na qual nos falou da sua trajetória, da preferência por fazer as tranças que entregava para a irmã Maria costurar, das fases da lua e das lembranças do tempo dos butiazais. Conhecemos também a sua filha que é cabelereira e que levava curiosamente a prática da trança para os penteados que fazia nas clientes, reverenciando a mãe. Infelizmente, logo ela adoeceu e não foi possível fazermos uma entrevista mais estruturada, apesar disso, fica aqui o registro de seu nome como uma artesã reconhecida por seus pares nesse grupo de pessoas.

6 Ativadoras potenciais do bem cultural

As ativadoras potenciais que nos foram indicadas na Rede de relações das detentoras do saber foram buscadas para entrevista. As respostas recebidas daquelas que se disponibilizaram, Célia Maria Teixeira da Silva, Elenir Pacheco Daixt (Preta), Rosani Daixt da Rocha, Jussara Bernardes Monteiro e Luzmari Gonçalves da Silveira encontram-se no anexo II. Todas haviam tido relação com o artesanato através da família de origem, tendo aprendido com suas mães, respectivamente, Dona Maria Querino, Dona Elita, Dona Eracy, Dona Almeri e Dona Maria da SIlva Gonçalves, e trabalhado vinculadas a elas enquanto exerceram essa prática. As entrevistadas hoje exercem outras atividades profissionais. Ente elas, três realizaram o artesanato até parte da idade adulta, uma durante a infância e adolescência e a outra ajudava a mãe até que essa faleceu, recentemente. Elas reportaram conhecer todas as etapas do processo, desde a colheita até a costura do chapéu.

Quanto aos significados que a atividade artesanal possui foram apontados todos os aspectos presentes na pesquisa, de autonomia para as mulheres, econômico, social, lúdico, cultural, e terapêutico, mas destacaram-se o econômico, como fonte de renda da família e a capacidade de autonomia, criando uma certa independência feminina. Segundo Elenir (48 anos), apesar do sentido econômico ter sido preponderante para a mãe, a atividade carregava significado estético e afetivo, como objeto de valor para ela desde a infância. Ela recorda:

> Eu sempre gostei de natureza, o meu primeiro chapéu foi feito com palha verde, uma trança de 15 palhas, difícil de fazer, e eu botei em cima da porta da mãe, aí deu um sol e secou o chapéu, eu chorava tanto que meu chapéu tinha estragado! e a mãe dizia que não chora, ficou bonito, ficou mais bonito assim todo furadinho, acho que tinha 7 anos quando eu fiz aquilo, depois ela vendeu aquele chapéu. As coisas que a gente lembra!

Esse tipo de memória afetiva a destaca como uma potencial ativadora do bem cultural, pois há um desejo profundo de valorização desse fazer.

"Eu agora quero ver se consigo ensinar a minha neta, vou ver se consigo. Com a mãe eu trançava e ela costurava pra vender. A mãe ensinou para os meus filhos todos, as palhas que a gente não podia trançar porque ficava feia, eles trançavam para aprender. Ela tinha paciência pra ensinar e fazia os chapeuzinhos pra eles. Todos eles aprenderam com a avó. A minha neta tem 7 meses. Eu ainda vou passar pra ela. Pelo menos para o ensinamento, por que ela é muito esperta, é igual a minha mãe."

Para a Rosani (63 anos), no passado essa era a única opção de renda que tinham e o fato da mãe se orgulhar tanto da sua história com os chapéus é o que mais a motiva. Para a Célia (48 anos), o aprendizado de uma sobrevivência baseada na relação com o trabalho artesanal traz memórias antagônicas, pois ao mesmo tempo em que ela honra esse passado, carrega a lembrança de uma infância muito exigente na relação com o trabalho, o que a fez buscar outras atividades para si na vida adulta e para seu filho, afastando-o das mesmas adversidades. Para Jussara (52 anos), responder o questionário fez com que lembrasse com saudades do passado e percebesse o orgulho que sente pela mãe e para Luzmari (70), assim como para as outras, o reconhecimento desse fazer como patrimônio imaterial é muito importante porque, como ela diz, "era aquilo que era a vida da gente, o viver era aquele".

As entrevistadas apontaram muitas dificuldades para a continuidade da prática e que justificam o desinteresse para os mais jovens, como a dificuldade de comunicação entre as gerações; o desaparecimento dos butiazeiros; a concorrência de produtos sintéticos e de outras regiões; a mudança das pessoas da área rural para área urbana; a fiscalização ambiental; novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas e a falta de reconhecimento dessa prática cultural.

Reconhecendo a importância cultural desse saber na sociedade, uma delas, a Elenir, já se coloca disponível para transmissão de seus conhecimentos, caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com as escolas ou a comunidade. As outras quatro se colocaram disponíveis para pelo menos avaliarem essa possibilidade. A partir daí, apesar dos dados serem escassos no âmbito dessa pesquisa, concluímos que eles apontam para a existência de potenciais ativadores do bem cultural no âmbito da comunidade de Torres, se for apresentado um projeto de ativação cultural bem estruturado, com ampla divulgação e recursos financeiros capazes de atrair pessoas que tiveram esse conhecimento na infância, adolescência e início da idade adulta, e essa perspectiva nos é promissora.

7 Caracterização do bem cultural a partir das detentoras do saber

Segundo os relatos das artesãs entrevistadas, o artesanato com a palha de butiá foi ofício tradicional das mulheres de famílias rurais da Região de Torres, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, por pelo menos seis gerações. Isso pode ser visualizado na "Rede geracional de transmissão" apresentada no anexo IV. As senhoras entrevistadas que no momento desse levantamento tinham idade entre 60 e 100 anos remontam a prática às suas avós e até mesmo bisavós, o que significa que está presente na região há pelo menos 150 anos, conferindo-lhe significativo enraizamento na cultura local.

É difícil delimitar com maior precisão as origens do trabalho artesanal com a palha do butiá. As artesãs não alcançam esse entendimento, apenas especulam sobre o assunto. Suas referências são as

lembranças das mães e avós envoltas na lida da casa, da roça e dos cuidados com os filhos. Sabem apenas que era um hábito cultivado na região pelos mais velhos. O artesanato com a palha de butiá poderia ter uma influência da colonização portuguesa que houve na região durante o Século XVIII (RUSCHEL & RUSCHEL, 1987[18]) ou das levas de imigrantes alemães e catarinenses que foram levados para a região no Século XIX pelo Sargento Manuel Ferreira Porto (RUSCHEL, 1996[19]), quando da formação do núcleo original de Torres. Uma das artesãs, Dona Maria dos Santos, mencionou a origem germânica da avó Ignácia Carolina, que também fazia chapéu. A habilidade com o artesanato com fibras naturais tem uma ocorrência na região ainda mais antiga devido à ocupação original por indígenas Mbya-Guarani, cujo artesanato continua presente na região. Algumas artesãs tinham indígenas entre seus antepassados, como a Dona Maria da Rosa, a qual disse que a mãe, Dona Calmira, aprendeu a arte com outras fibras naturais de seu padrasto, Seu João FIlisbino, que era índio. O Seu João Salvador de Melo, também se refere a antepassados indígenas e sua irmã artesã Dona Áurea identifica sua origem como "brasileira", o que significa reconhecer a etnia indígena na composição da família. Entretanto, o diálogo com indígenas da Aldeia Nhu Porá, localizada no Campo Bonito, Torres, não identificou entre as práticas artesanais indígenas o uso da palha de butiá, por haver outras fibras mais adequadas para seus interesses utilitários.

A tradição do uso da palha de butiá com fins econômicos ganhou força no final século XIX e início do Século XX, quando o butiazal ou faxinal, nome dado pelas artesãs aos grandes remanescentes de butiazal manejados, era a fonte de palha para o enchimento de estofados e colchões. A produção de "clina", grandes feixes de palha seca, limpa e desfiada, era exportada para Porto Alegre e o centro do país. A atividade teve grande significado econômico na região e é lembrada com intensidade. Há relatos de dezenas de engenhos de "clina" espalhados nas proximidades do caminho que hoje é a Estrada do Mar no município de Torres (KROB, Alexandre - comunicação oral). Os pais de muitas das entrevistadas trabalhavam nos engenhos ou nas faxinas, termo usado para referir-se à atividade de retirada da palha para a produção de "clina". Os chapéus de palha de butiá eram confeccionados para uso na roça e escambo em armazéns. Como conta Dona Irma, o aprendizado veio "de berço" com a mãe, a avó, a bisavó. O pai tinha engenho de "clina", enfardava e vendia para a capital. "A gente se criou fazendo isso" enfatiza Dona Irma.

Figura 2 - Entrevista na residência de Dona Almeri.

No início do século XX, segundo os relatos das entrevistadas, o artesanato com palha de butiá foi fundamental no sustento de várias famílias. O ofício fazia parte da vida econômica delas como um complemento para o trabalho na roça e, em algumas situações, como a principal fonte de renda. Porém, a trajetória dessa produção é relatada de forma variada entre as entrevistadas. Para algumas, a produção foi

[18] RUSCHEL, Ruy Ruben; RUSCHEL, Dalila Picoral. **São Domingos das Torres**. Porto Alegre: Martins Livreiros, 1987.

[19] RUSCHEL, Ruy. Determinantes iniciais de Torres. In BARROSO, V.L.M.; QUADROS, T.C.B.; BROCCA, M.R.B. (Org). **Raízes de Torres**. Porto Alegre: Ed. EST, 1996, p 50-53.

mais intensa no passado e encontra-se atualmente fraca e em declínio. Durante as entrevistas realizadas entre 2015 e 2016, as flutuações na trajetória não eram tão claras, algumas reconheciam esse período como de boa intensidade de produção, já agora, numa nova rodada de conversas em 2021 e 2022, a situação decaiu.

Rede de significados do artesanato com a palha de butiá

Significado econômico

Não há dúvida de que junto com a roça, essa foi uma das principais atividades de subsistência da população mais modesta das comunidades locais. Em todas as localidades do sítio a história se repete, uma planta abundante e resistente que fornecia matéria prima para os engenhos de clina e o artesanato. Uma atividade, como diz Dona Bautia, "de todas as famílias aqui desse lugar, aonde eu conheço por aqui", que extraiam a palha nos vizinhos e parentes e depois do trabalho mais pesado ou nos dias de chuva, se reuniam para trançar, crianças e mulheres principalmente. Com a roça, garantiam o alimento básico, e com o chapéu, outros produtos dos armazéns, inclusive alimentares, como um quilo de feijão ou arroz, ou o que vestir. É muito comum ouvir a expressão:" me vestia com o chapéu" ou" me vestia com a trança". Mesmo para aqueles que trabalhavam com outras fibras e vendiam bem seus produtos no verão, no inverno, quando as vendas caíam, era o chapéu que garantia a sobrevivência, como na família de Dona Mariquinha:

> Aí o butiá, quando chegasse bem no inverno que a gente não trabalhava mais o nosso cipó e com mais nada, aí tinha um mercado lá em Santa Catarina, passando a ponte do Mampituba ali, um mercado que eles compravam as dúzia de chapéu (...) então daí nós fazia, trançava, trançava a trança e a mãe costurava.

Dona Maria dos Santos, outra artesã, também fala: "Nós comíamos com o dinheiro do chapéu". Quando o pai morreu, sua mãe, Dona Angelina, ficou com nove filhos para criar, todos trabalharam muito com o artesanato.

Algumas famílias que tinham uma condição econômica um pouco melhor, a atividade já tinha um caráter mais complementar para garantir uma melhor qualidade de vida, como no caso de permitir a compra de tecido para um vestido de festa, os livros para os filhos estudarem ou o bolo do aniversário.

Depois que os armazéns fecharam e os comerciantes deixaram de buscar os chapéus para venda nas indústrias, muitas artesãs pararam de produzir, pois mesmo que elas digam que continuariam trançando por prazer, que esse fazer é "terapêutico", a venda traz significado e sentido para a produção. A essência desse fazer sempre foi seu valor econômico, de troca, de sustento, significado necessário no meio rural. É doloroso saber que atualmente muitos chapéus foram queimados por não terem saída. A contraposição a essa visão mais sombria é a disposição de algumas artesãs idosas na transmissão e na valoração do próprio trabalho, como Dona Mariquinha:

> Ah! Hoje eu acho que não, tem muita coisa de plástico de outros material, muito material que surgiu, que de primeiro não tinha, mas eu acho que nós se fosse uma coisa que a gente pudesse entrar no mato e tirar como a gente tirava, e a gente que

> é nova que sabe fazer, acho que ganhava dinheiro, por que era um trabalho muito bonito que a gente fazia.

Autonomia da mulher

O trabalho das mulheres no litoral norte do estado sempre esteve lado a lado ao universo de trabalho masculino, participando das tarefas e responsabilidades como na lida do campo e no cultivo de alimentos, além do cuidado com os filhos e com a casa. Apesar de predominar o modelo de que o homem assegura o sustento da família e a mulher, depois do trabalho doméstico e do auxílio na lavoura, pode buscar algum recurso "extra", o artesanato no passado foi mais do que isso. Algumas mulheres sustentaram sozinhas suas famílias com o artesanato, que serviu para o reconhecimento da contribuição feminina na economia familiar e do seu papel na sociedade. Este ofício, apesar dos homens eventualmente participarem de alguma fase da produção, como a retirada das folhas ou mesmo a confecção da trança, é trabalho que se concretiza de fato nas mãos das mulheres.

Todas as artesãs comentam que o chapéu servia para escambo nos armazéns e mercados de secos e molhados, era moeda de troca por alimentos, tecidos e outras mercadorias, dando a elas uma significativa autonomia econômica em uma época na qual o contexto social era muito desfavorável para as superações das desigualdades de gênero.

Como fala Dona Almeri, "Aquilo era meu! Era coisa minha!", lembrando com orgulho do primeiro tecido que comprou com a troca pelo artesanato, com apenas cinco anos de idade, e do enxoval de casamento, pago em várias vezes com dúzias de chapéus, ou mesmo da educação dos quatro filhos: "Criei os filhos tudo com trança de chapéu".

Dona Irma, que quando criança fazia a trança na família para a mãe costurar os chapéus, conta que "fazia trança para se vestir" e aos 15 anos foi ela mesma quem promoveu a sua festa. O bolo foi comprado com esse trabalho: "É uma felicidade muito grande, aquilo ali é a coisa melhor do mundo, comprei as coisas *(ingredientes)* com a trança e nós mesmos fizemos em casa".

Algumas artesãs contam que tanto na família de origem como na família atual o artesanato foi a principal fonte de renda. É o caso de Dona Calmira, mãe de Dona Maria Calmira da Rosa, importante artesã da região que criou os doze filhos com artesanato de diferentes fibras. Dona Maria acrescenta que depois foi sua principal fonte de sustento e que a mãe sempre dizia para as filhas que elas não precisavam casar-se, não deviam depender dos homens, pois tinham o próprio ofício:

> (...) vão casar pra quê? Não sei pra quê casar!" ao que ela respondia: " Ué, mãe, mas tu casou!" "pois é, né? mas naquele tempo a gente não tinha recurso e hoje a gente tem! Hoje vocês não precisam casar, vocês podem viver com a gente aqui e não precisam casar porque a gente casava pros marido dá comida pra gente. E agora, hoje, não precisa.

Dona Maria dos Santos, nos conta que quando se casou, decidiu que a mãe deveria se aposentar, então juntou muitos chapéus, trançava e costurava de noite para pagar as parcelas atrasadas do INSS e conseguir a aposentadoria da mãe. Ela diz com orgulho: "custei, mas consegui".

A produção do artesanato com palha de butiá foi, dessa forma, uma maneira das mulheres participarem da economia no contexto da comunidade, expressando igualmente sua capacidade de trabalho e de criação, seus valores e interesses, fortalecendo sua posição na família e sua autonomia.

Significado social

O artesanato com a palha do butiá é uma prática de grande importância na sustentação da rede social local, que representa formas de cooperação no núcleo familiar e nas relações de vizinhança e da comunidade. A maioria das etapas do trabalho ocorria num sistema de produção domiciliar, entre as artesãs e seus familiares, principalmente filhas, primas, tias e avós. Também era comum as pessoas se juntarem com outros parentes e vizinhos para fazerem o "serão" e trançarem reunidos em uma mesma casa, uma das programações preferidas, principalmente entre as meninas na idade de 13 a 15 anos, como conta Dona Eni:

> Fazia com as primas, né? com a tia também. De noite, nós fazia serão. Serão era, por exemplo, a gente ia, pegava o rolo da trança, um pacote de palha e ia lá pra tia, a gente dizia pra mãe: "Mãe, ó, hoje eu vou fazer serão lá na tia", e aí a nós chegava lá e se grudava na trança, né? e aí nós ia até dez, dez e meia da noite, às vez até meia noite, nós ficava lá, trançando. E aí uma dizia pra outra, uma controlava a pilha embaixo, né? Ah, mas tu trançou bastante, tu é ligeira, né?

Os homens aprendiam a estalar e a trançar quando crianças, mas, geralmente, quando adultos ajudavam apenas na extração das folhas no faxinal e no transporte dos fardos de chapéus.

Na família de Dona Elita, todos trançavam juntos, mesmo os meninos. Faziam ao final do dia e à noite, depois do serviço da casa e de cuidar da criação. Durante o dia, a mãe costurava os chapéus, diz ela que: "Era como uma galinha com os pintinhos. Eram cinco meninas, nove filhos, a mãe costurava. O pai não trançava junto".

Figura 3 - Oficina com artesãs ensinando o passo a passo do ofício.

Em geral, as crianças tinham o trançar como uma parte de seus afazeres na rotina do dia a dia e assim ajudavam a família. Era ao mesmo tempo, uma diversão e um modo de estarem juntos, mas também um compromisso sério e uma forma de aprender sobre a disciplina e a responsabilidade. Como lembra divertidamente Dona Elita, quando criança ela e os irmãos faziam o dever

de casa e depois se sentavam para trançar. Só depois podiam sair para brincar, era cansativo, mas também tinham suas traquinagens para enganar a mãe: "Cada criança tinha que fazer dois chapéus (sete braças)[20] e tinha vezes que esticavam a trança pra dar mais".

Em contraste com uma prática que envolvia amplamente a família, crianças e adultos, hoje em dia o artesanato é feito essencialmente de forma individual. As artesãs comentam que ensinaram aos filhos e continuam ensinando a seus netos, mas estes pouco se interessam pelo ofício, devido às inúmeras dificuldades do trabalho, como a dureza da lida da colheita das fibras, o tempo dispensado para a preparação das fibras e o trançar, e a baixa valorização dos produtos.

Ainda hoje, algumas artesãs dizem que, apesar de saberem todas as fases do artesanato com palha de butiá, o trabalho de trançar é a etapa que mais gostam. Provavelmente, isso facilita a divisão de trabalho entre elas, quando umas compram tranças das outras para conseguir atender às demandas do mercado. Existem também outras formas de cooperação. A palha é retirada dos butiazais pertencentes a parentes e vizinhos próximos, que não cobram pela matéria prima. Até recentemente, antes do Mercado do Pingo fechar, a venda envolvia maridos e filhos para levarem grandes quantidades de chapéus até Passo de Torres, em Santa Catarina. Na colheita das folhas é frequente a colaboração de outras pessoas que não participam das demais etapas do processo.

Nesse contexto, percebe-se que no passado o artesanato tinha um maior significado em promover relações dentro da família e na comunidade, o que define o sentido de pertencimento e cooperação manifesto pelas artesãs entrevistadas. Não se sabe se esse sentimento ainda está presente em toda a família, uma vez que em muitos casos os filhos e os netos não têm mais envolvimento direto com a atividade.

Significado lúdico e terapêutico

O artesanato com a palha de butiá tem significados lúdicos e terapêuticos. No grupo de artesãs, quase todas lembram o "Jogo do nó", também conhecido como "Cotejo", com o qual brincavam quando crianças e adolescentes. Conta Dona Almeri:

> Tinha jogo! Todo mundo jogava o joguinho do nó, né? Pegava as palha, quando se tinha cinco pessoa trançando, pegava cinco palha, as mais comprida e dava um nozinho na ponta, e cada um ganhava um, colocava na trança e quem ganhasse primeiro, ganhava a aposta.

Havia também o jogo que se chamava "Camada", como nos conta Dona Malvina, era escolhida uma camada, ou seja, se a trança seria de 13, 15 ou 21 palhas, quem trançasse mais rápido aquela "camada", ganhava.

Outras brincadeiras que podiam surgir com a palha, como nos contam Dona Marli, Dona Maria dos Santos e Dona Bautia era o passa anel, brincadeira de origem popular, feita com um anelzinho de palha que elas faziam e passavam de mão em mão para adivinhar com quem estava e os bonecos de palha que foram mencionados na família de Dona Luzmari, uma das ativadoras do bem. Dona Áurea, por sua vez, lembra do tempo em que junto com uma amiga e uma sobrinha, subiam nas laranjeiras para trançar e comer laranja, enquanto a trança pendia das árvores, enquanto estavam lá, a mãe brincava: "Só mesmo vocês pra ir lá

[20] Uma braça corresponde a medida entre uma mão a outra com os dois braços abertos na frente do peito.

trançar. Vai dar baixa a trança!". As histórias de trançar em cima das árvores são relatadas também por Dona Almeri, ela nos conta:

> E a gente inventava moda.. ia trançar lá em cima das arve. (ela ri) trançava em cima das arve (...) sentava lá, umas tábua assim, trançando, aí uma vez veio uma terneira de lá e veio cá e pegou o rolo e ... até nós descer de lá a vaca partiu a trança! A mãe ficou braba com nós! (ri) "vocês não tem mais o que inventar subir em cima das arve, cabrito!" Mas a gente queria era brincar, né? (...) "Nessa época a gente tinha uns dez, doze anos, a gente queria brincar! E ela não deixava! Tinha que trabalhar, trabalhar, trabalhar! Brinquedo pra nós era só domingo! Durante a semana, não! Ninguém brincava!

Já na adolescência, as artesãs Eracy, Malvina, Almeri, Irma e outras lembram que se juntavam em uma casa, cinco, seis, oito gurias, de treze anos em diante, e passavam a noite trançando, contando histórias, cantando e dançando. Dona Malvina fala da irmã Matilde que cantava muito bem, o que fazia com que elas largassem a trança para dançar:

> Ela cantava! Cantava de peito aberto! Matilde, nós chamava de negra, não sei por que apelidaram de Negra. "Pára de cantar que nós temo vontade é de parar com a trança e ir dançar!" E ela cantava, cantava, cantava... (...) Ela gostava muito de cantar" Menino da Porteira" E era um divertimento! Aí de noite a gente cozinhava pinhão no inverno, à meia noite parava, tomava uma cafezada e voltava a trançar até de madrugada!

Dona Irma lembra de outras músicas que acompanhavam o trançar e explica que a necessidade do trabalho não as impedia de se divertir:

> Nós cantava música sertaneja, né... nós cantava o...a ciganinha, né? que era cigana, ciganinha, vamos todos cirandar...era mais que nós dançava, né? E nós ainda dançava! Nós largava a trança e nós ia dançar aquela música. Aham! Era muito divertido! A nossa vida, era uma vida assim, que nós tínhamos que trabalhar com isso, né? E que... nós...desde pequena com cinco anos de idade, trabalhava pra mãe e pro pai, além da trança, né? Trabalhava na palhoça, na roça, então, mas a nossa hora de nós se divertir, nós se divertia muito! Muito, muito! Nós cantava muito! Nossa! Era muito bom!

Mais recentemente descobrimos o uso dos chapéus e das tranças para adornar as fantasias nas festas de São João, quem nos fala é a Dona Eni:

> Nós enfeitava, né? E aí a gente ia pra festinha de São João! É, humum, era muito bom, sabe? Aí enfeitava bem o chapéu e às vez pegava trança também e botava na roupa, sabe? Bem, bem legal, sabe? É… (e o chapéu, enfeitava com o quê?) Ah, com

> tecido. Botava um monte de tecido, às vez, flor. A gente inventava sabe? (e usava um vestido, como é que era a roupa?) Era, dependendo do que a gente queria ir, né? Ah, tinha de tudo, era de mendingo, eu fui uma vez de mendingo, outra vez eu fui de caipira, outra vez eu fui de …ah vestida de gaúcho também! (E vocês usavam a trança na roupa?) Na roupa, nós costurava, sabe? costurava ali e inventava, sabe? Ia pra festa, né? E eu sou fã de uma festinha, né? (ela ri)

São muitas as histórias de prazer e divertimento ligadas a essa ocupação, mas não podemos esquecer que esse tecido social era formado por várias camadas e nas famílias mais dependentes do ofício, muitas crianças não tiveram o tempo de brincar, suas memórias são dolorosas, difíceis de serem tocadas, histórias de superação e sobrevivência que tem um significado tão importante como as boas lembranças. Para essas pessoas a escolha de outro ofício na idade adulta parece ter sido uma forma de libertação.

No entanto, entre a maioria das artesãs é comum a declaração de que continuam a fazer o artesanato pelo prazer de tecer e que fazer a trança é o que mais gostam. Dona Almeri, por exemplo, afirma que não pararia mesmo que não precisasse do dinheiro. Os filhos reclamam da quantidade de poeira nas palhas, da sujeira e de que poderia fazer mal para os pulmões, mas ela não abre mão: “Não posso ficar parada, de jeito nenhum”. Dona Eracy confirma: “É um vício, se parar isso aqui não sei o que vou fazer da vida”.

Sobre esse tema, também nos conta Dona Maria da Rosa. A mãe, Dona Calmira, conhecida artesã da região, quando ficou mais velha e doente e não podia mais trabalhar, ficou muito nervosa e brigava com as filhas e netos que dela cuidavam. Ela tentou dar-lhe a palha para trabalhar, mas as mãos não tinham mais a destreza para o cruzamento na confecção da trança, então teve a ideia de dar umas tiras de pano para que mantivesse as mãos ocupadas, como se estivesse tecendo, e que isso a deixou mais tranquila: “Enrolava as tiras de pano. Precisava ficar enrolando, aí se acalmou, não teve mais a ‘tremura’ (nas mãos). Foi um remédio!” Por isso, algumas falam na “terapia da trança” como Dona Bautia, que conta: “É uma terapia. Minhas mãos começaram a ficar torta, aí melhorou, trançando”.

Bautia ainda lembra que o pai lhe contava causos enquanto trançava. O mesmo diz Dona Malvina, que rememora as coisas da infância enquanto trança. Diz ela que faziam serão sob a luz de pixirica, junto com as irmãs, muitas vezes até a meia noite: “Nós levava pinhão, cozinhava pinhão, tomava café, tempo bom. É uma terapia, ótima, ótima! Uma amiga andou muito doente e melhorou com a ’terapia da trança’. Se eu pudesse trançar, trançava toda a vida”.

Esse aspecto lúdico e terapêutico do trançar pode ser explicado pelo entendimento de que o trabalho manual tem valor para organizar as emoções, desenvolver a concentração, a coordenação motora e fortalecer a vontade. O trabalho desenvolvido com fibras e fios é uma das ocupações mais antigas do mundo, um processo de criação com início, meio e fim, com resultado autônomo, criativo que melhora a autoestima. Além disso, o fato de haver lembranças positivas da infância associadas a essa prática, faz com que as artesãs relacionem esse fazer como uma atividade tranquilizadora em suas vidas

Segundo a arteterapeuta Angela Philippini[21] (2009) a tecelagem abrange várias ações: tecer, tramar, urdir, produzir tessituras, dominar o fio e com ele formar estruturas. Além disso, quem tece, utiliza e

[21] PHILIPPINI, Angela. Linguagens e materiais expressivos em Arteterapia: Uso, Indicações e Propriedades. Rio de Janeiro: WAK, 2009.

desenvolve externa e internamente, as habilidades de reunir, estruturar, integrar, relacionar, ordenar, organizar e desembaraçar.

As brincadeiras da infância e da adolescência enriquecem o conteúdo cultural do artesanato com palha de butiá da Região de Torres, porque tem uma associação direta e dependente daquele fazer, daquele saber, daquele material, daquela etapa do processo e, por isso, lhes são exclusivamente associadas.

Provavelmente, por esses aspectos subjetivos, trançar torna-se uma atividade terapêutica para as mulheres de Torres, como possibilidade de realinhamento de histórias pessoais e coletivas.

Figura 4 - Dona Angelina mantendo a autoterapia com a trança.

Significado cultural

O artesanato com palha de butiá da Região de Torres é fruto da habilidade e da criatividade das artesãs com seu meio. Elas possuem o domínio de todo o processo de produção. São saberes, técnicas, modos de se relacionar com a sociedade e a natureza capazes de transformar a matéria prima em produtos que traduzem a identidade e a riqueza dessa cultura. São detentoras de conhecimentos, costumes e tradições próprios de sua atividade que têm sido repassados de geração em geração.

Esses valores intangíveis sustentam o orgulho que as artesãs demonstram desse ofício e o cuidado com o fazer, um ponto importante, como explica Dona Irma: “Mas tem uma diferença no modo de fazer, tudo tem que fazer com carinho. Tem gente que faz bem, tem gente que não sabe fazer”. Complementa Dona Maria dos Santos: “Trança bem-feitinha tem que ser bem apertadinha, não pode ser muito frouxa”.

Existem as tranças de 13, de 15 e de 17 palhas, mas um chapéu de boa qualidade, para os maridos e os filhos usarem na roça deve ter a trança bem fininha, de meia palha, e é tecido com a trança de 17 palhas. Dona Elita, confirma: “A trança de 17 é mais difícil de ser feita, mas o chapéu fica mais bonito”.

São detalhes que acompanham cada etapa e que fazem a diferença entre um chapéu bem feito ou não, cuidados que vão desde a escolha da palha no butiazal, a forma de secar, até a hora de finalizar a costura. Para Dona Almeri é importante acompanhar a retirada:

> Uma boa escolha é escolher a palha que tu olha, porque a gente que tá acostumada a trançar olha e diz: aquele butiazeiro é bom. Tem que tocar nela, se for macia é boa. Palha da sombra, aquela que tem mato em cima, não é boa. É muito boa pra trançar, mas não presta pra costurar. (...) Quanto mais novinho o butiazeiro, a palha é melhor. (...) É gostoso a gente mesmo fazer (a retirada), porque na verdade ele traz pra mim, mas eu não gosto da palha que ele traz, eu gosto de escolher.

Os cuidados com a natureza são considerados a cada etapa. As fases lunares são observadas por muitas artesãs que aprenderam com seus antepassados que a lua cheia e a crescente são boas, enquanto a minguante não presta para a colheita da palha, porque enrosca e fica difícil de trançar. Em síntese, Dona Eracy comenta: "Gosto mais de cortar na lua crescente, porque não enrosca e fica mais abertinha a palha. Na minguante a palha fica mais feia".

A preocupação com a preservação dos butiazeiros também é partilhada pelas artesãs. É consenso deixar pelo menos três folhas mais novas no pé, sendo a ponteira, uma delas. As folhas do meio são retiradas e as mais velhas também, como uma forma de fazer a poda. Assim, afirmam as artesãs, o butiazeiro vem mais forte e bonito. Como fala a Dona Almeri:

> O broto pra trançar é uma beleza, mas se tirar, o butiazeiro morre, então não pode tirar. Tem que deixar sempre uma palha e um brotinho. Corta a folha inteira e depois vai enfeixando, bota no chão e faz aquele feixe, e aí tu bota nas costas e vai longe com aquele feixe de palha. (...) Um butiazeiro, o certo dele, eu tirava todas as palhas de baixo pra cima. Se tira tudo embaixo, deixa o brotinho e mais três palhas, dali uns quinze dias, um mês, tu vai olhar, tá lindo o butiazeiro! Ele cresce limpo.

Para além dos saberes específicos e cuidados para alcançar um produto que lhes satisfaça em qualidade, o significado como patrimônio cultural imaterial do bem está presente de uma forma mais complexa. Seu significado cultural se entrelaça com outros significados descritos acima. As lembranças se misturam com a satisfação em trançar; técnicas e práticas com conhecimentos intuitivos da natureza e seus significados; papéis e concepções se redefinem no grupo social. É um saber que agrega visões de mundo e significados simbólicos, numa potencialidade de criação, autenticidade e de herança para as gerações seguintes.

A imaterialidade desse bem cultural que lhe confere força para reconhecimento como patrimônio, portanto, está nos valores que lhe são atribuídos, nos saberes necessários para a sua execução e nos processos necessários para sua realização, muito mais do que no produto final a que se chega.

Nas entrevistas buscou-se ainda identificar se o bem teria um significado religioso, mas estas relações não surgiram dentre os entrevistados.

Figura 5 - Dona Baltia mostrando as melhores folhas para o artesanato.

Descrição do processo de produção

Até hoje o processo de extração e amaciamento das folhas de butiá é o mesmo. Para se fazer o artesanato com palha de butiá é preciso seguir passo a passo a técnica completamente manual desde a extração das

folhas até a confecção do produto. São sete etapas que exigem diferentes cuidados e habilidades, que as artesãs dominam com segurança, a seguir:

1. Colheita: Não há um período específico para a retirada das folhas no butiazal, a maioria das artesãs diz que se pode retirá-las o ano todo, embora algumas tenham restrições para o período em que o butiá está florescendo ou frutificando que se inicia na primavera, próximo ao mês de outubro, como adverte Dona Judith: "Quando tem cacho, não se corta a palha do butiá, se não cai todo o pé de butiá." Em geral,

Figura 6 - Dona Baltia mostrando o tipo e número de folhas que ficam no topo após a colheita.

os melhores dias para colheita são quando o sol não é muito forte e o clima é seco. A escolha da palha no butiazal também é importante, o butiá precisa apanhar sol e estar num terreno seco, com o uso de um facão, deve-se escolher as folhas do meio, as de baixo que ficam mais sombreadas, ficam manchadas e não servem para trançar, mas também são retiradas para "limpar" a planta. As artesãs garantem que a retirada da palha, serve como uma poda que faz com que a planta permaneça viva e mais revigorada. Já as folhas de cima precisam ser preservadas para que o butiá continue brotando. É importante, deixar os brotos e uma folha aberta, o que pode ser 3, 4 ou 5 folhas no pé. Quanto à lua, algumas garantem que a lua crescente é a melhor, por que a palha não enrosca, enquanto na lua minguante, a palha fecha em si mesma e fica difícil de trançar. Há também quem diga, como Dona Elita, que na lua cheia a palha fica mais macia. É comum os homens participarem da retirada das folhas, levando grandes feixes de carroça ou carro de boi, embora muitas artesãs façam o trabalho sozinhas, organizando as palhas de modo cruzado e amarrando-as com uma corda para carregá-las em fardos, nas costas, de volta para casa, onde o é feita a secagem.

2. Secagem: Nesta etapa, que é feita no quintal de casa, há algumas diferenças entre as artesãs, muitas colocam primeiro a palha na sombra, para "murchar" de dois a cinco dias em local seco, como um galpão, outras secam as folhas direto no sol, em superfície seca, de preferência em dias de vento sul que é o melhor. Aquelas que moram perto das dunas, costumam colocar a palha na areia para secar. O período pode variar de uma até duas semanas, tendo-se o cuidado de não deixar a palha "torrar" no sol muito forte, pois ela pode quebrar e de recolhê-la no galpão todas as noites para que não pegue sereno e fique manchada. O processo depende do clima e se repete até que ela "branqueie", aos poucos, as palhas vão sendo separadas e recolhidas para a próxima etapa. Seu João, que ajudava a mãe na colheita e na secagem, salienta que é uma etapa de muito cuidado, pois é preciso saber secar para que a palha não

enrosque ou resseque, por outro lado, a palha nunca poderá ser guardada em local úmido, pois há o risco de carunchar.

Figura 7 - Dona Malvina colocando as palhas para secarem ao sol.

3. Retirada dos talos, Estalagem ou Destalagem: As diversas lâminas da folha do butiazeiro estão presas a um talo central que as sustentam. Cada lâmina possui ainda um pequeno talinho entre as duas abas. O processo de destalar a folha consiste primeiro em despencar o broto do talo maior com a mão, depois de retirar o pé (base da folha) e desmembrar o talinho das folhas, uma a uma, utilizando-se uma pequena faca. A esse processo as artesãs dão o nome de "tirar os talos" ou de "estalagem" ou de "destalagem". Ao mesmo tempo, são separadas as folhas mais largas das mais finas. Dona Judith separa as palhas do final do broto porque são as mais finas e servem para trançar os chapéus de uso na roça, mais bem acabados, enquanto as mais grossas eram utilizadas para os chapéus que eram vendidos em fardos nos armazéns da região. Para obter a palha fininha, pode-se também dividir a palha no meio com a mesma faca, chamada de meia-palha. A palha pronta para trançar pode ser guardada em pequenos feixes enrolados em um pano seco ou sacos plásticos para ser usada mais tarde, podendo ficar armazenada no período de até um ano.

4. Amaciamento: O amaciamento da palha facilita a costura, o manuseio e o uso do material. A técnica de amaciamento da palha consiste em passar a lâmina da faquinha no sentido do comprimento da palha duas ou três vezes, enquanto é feita a retirada dos talos. Caso a palha estiver muito seca na hora de se fazer a trança, será preciso umedecê-la, enrolando-a no pano molhado para deixá-la mais macia. Isso é feito por cerca de uma hora, com cuidado para que ela não "preteie". Dona Maria dos Santos ensina que se for um pano com água quente, são apenas alguns minutos. Mas a maioria das artesãs usa água fria por cerca de 30min. Uma vez umedecida, "é preciso trançar logo, se não a palha fica roxa", diz Dona Áurea. Contam as artesãs que os mais antigos colocavam a palha na terra úmida para ficar novamente macia. Para Dona Maria dos Santos, se o tempo for muito seco, pode-se umedecer até mesmo antes de estalar a palha. Todas as artesãs concordam que o tempo bom para trançar é úmido, com muito vento "não presta". Em tempo de chuva, dizem, muitas vezes, nem é preciso umedecer a palha.

Figura 8 - Ameciamento com a faca (esquerda) e palha amaciando enrolada em pano úmido (direita).

5. Confecção da Trança: A maneira de fazer a trança todas afirmam se manteve inalterada de geração a geração. Com exceção da trança de ”bico” que é de 4 palhas e usada para o acabamento de algumas bolsas, a trança é sempre feita em número ímpar, de 3, 7, 13, 15, 17 e até de 21 palhas, nesse caso, bem fininhas. Diz Dona Angelina, que um chapéu mais bonito é feito com a palha mais fina e a trança mais larga: “a de 17 fica mais bonita, fica mais largo, mas é muito mais difícil de costurar.” Dona Elita não concorda, para ela, a trança de 17 é mais fácil para costurar, mas mais difícil de ser feita. Independente desse acordo, o fato é que os chapéus vendidos em grande quantidade nos armazéns não precisavam ter a mesma qualidade dos chapéus usados na roça, por isso, eram feitos de forma mais rápida, com a trança de 13 palhas, dominada por quase todas as pessoas. Algumas artesãs, até hoje, entregam a trança para que outra pessoa faça a costura do chapéu, caracterizando uma divisão do trabalho. Às vezes a família reunida trançava em grande quantidade e só depois costuravam, era muito comum também que apenas poucas pessoas na família fizessem a parte da costura do chapéu, enquanto as crianças e os homens, por exemplo, apenas trançavam.

6. Despicagem: A despicagem é parte do processo de acabamento da trança. Como as palhas são unidas umas às outras só por encaixe, depois de trançar é preciso cortar com uma tesoura as pontas das palhas que ficam aparecendo. A esse processo, as artesãs dão o nome de “despicar a palha”.

Figura 9 - Trança com 7 palhas sendo feita (esquerda) e trança pronta aguardando despicagem (direita).

7. Costura:
   7.1. Para a produção do chapéu, utiliza-se uma forma de madeira, geralmente da árvore timbaúva, ao redor da qual se costura a trança. Com o barbante na agulha, se costura a ponta da trança dobrada. Depois, a agulha é passada por dentro da beirada da trança, puxando a linha para franzir a primeira volta. É feito o fundo redondo, chamado miolo, com um palmo de trança, costurado no meio. Continua costurando a beirada da trança e franzindo levemente, fazendo as voltas do fundo do chapéu. Quando o fundo ficar do tamanho suficiente para cobrir a base da forma, é usado o martelinho com leve batidas, para acomodá-lo melhor. Em seguida, o fundo é preso na fôrma de madeira com alguns pregos ou tachinhas para fazer a copa do chapéu, costurando a trança por toda volta da fôrma. A altura da aba do chapéu é controlada por uma técnica chamada "crescente". O

Figura 10 - Dona Angelina preparando a trança para fixá-la à trança e iniciar a costura e Dona Baltia costurando a aba.

método é aplicado no momento de juntar as tranças e é equivalente ao aumento de um ponto no crochê ou no tricô, o que é feito colocando uma palha a mais em um dos lados da trança. Como explica Dona Lídia, na primeira volta da aba, coloca-se duas palhas, depois uma, depois mais duas, por toda a circunferência do chapéu. Depois a artesã vai controlando o ponto crescente para fazer a curva do chapéu. A crescente faz com que a aba não fique "encanoada" e ao final, a trança da aba é cruzada por debaixo da aba escondendo a ponta cortada e fazendo o acabamento na ponta, como foi feito no começo. Todo o acabamento do chapéu é feito com a costura por dentro. Antigamente usava-se o fio de embira, fibra das plantas da família das timeláceas, extraídas da casca, mais tarde, passaram a usar os fios de saco de ráfia, usados para armazenamento de produtos ou linha de algodão. A agulha utilizada até hoje pode ser feita em casa, usando cobre ou aproveitando-se o varão de guarda-chuva ou agulha industrial para costura com fio mais grosso. Toda costura é feita com a forma apoiada no colo, sobre as pernas. As ferramentas utilizadas nessa etapa são: forma de madeira, agulha, tachas ou pregos, martelo ou pedra usada como martelo.

7.2. Para a produção da bolsa, é feito primeiramente o corpo. As tranças de 17 ou 15 palhas são cortadas em tiras do mesmo tamanho para serem costuradas lado a lado constituindo os panos que depois serão costurados entre si. Para não enviesar, são costuradas alternadamente, de um lado e do outro. Dona Almeri utilizava um descaroçador de algodão para esticar as tranças antes de costurá-las, o que ajudava a não enviesar. Primeiro é costurado o pano mais largo, que formará os lados maiores da bolsa e o fundo. Em seguida, duas tranças são cortadas e costuradas lado a lado constituindo um segundo pano, mais estreito, para fazer as laterais menores e o reforço do fundo. Dona Maria Querino usa tranças de 13 palhas para esse outro pano e Dona Verônica usa a mesma trança de 17 ou 15. Os dois panos, são dispostos em cruz, o pano menor sobre o maior, são então costurados manualmente um no outro formando a peça principal, como se fosse uma caixa. Se houver desencontro na altura dos panos a sobra é aparada com tesoura. Uma trança mais estreita é colocada ao redor da borda, dobrada e costurada para o acabamento. Então, em seguida, são preparadas as alças. Para as bolsas menores, dois pedaços de trança são cortados, costurados em sim mesmos na forma de um canudo, e depois costurados à bolsa, nas laterais, pelo lado de dentro. Nas bolsas maiores, a alça precisa ser reforçada. Um pedaço maior de trança é passado por baixo da bolsa, em duas tiras paralelas, e costurado no fundo e nas laterais. Na parte que será segura pelas mãos, a trança é costurada em si mesmo formando o canudo. Dona Maria Querino fazia também bolsas com tampa, deixando uma parte a mais no primeiro pano para esse fim. Dona Verônica costura a maior parte da bolsa a máquina, com exceção da junção dos dois panos nos cantos do fundo e das alças. Dona Maria Querino fazia toda a costura à mão. Dona Maria Querino fazia também uma bolsa costurada da mesma maneira que o chapéu, cerzindo ao redor de uma forma de madeira feita com sarrafos. Dona Verônica fazia também bolsas pequenas a partir do fundo do chapéu, acabando na parte superior com um tecido costurado à borda da bolsa, como um saco, que na sua parte de cima possuía ilhoses por onde se amarra com um cordão.

Figura 11 - Dona Verônica na sua máquina de costuras de bolsas.

Figura 12 - Dona Maria dos Santos após entrevista com Patrícia Bohrer mostrando sua forma já fora de uso.

Figura 13 - Dona Maria da Rosa com Patrícia Bohrer, após entrevista sobre a história da economia do artesanato com fibras naturais da região.

Ferramentas de trabalho:

Os instrumentos de trabalho utilizados no ofício são muito simples. Na colheita, utiliza-se um facão para a retirada das folhas, algumas poucas pessoas usam botas para evitar a possibilidade de uma picada de cobra na capoeira. Uma faca pequena de cozinha é usada para a estalagem, a retirada do talo menor das folhas e ao mesmo tempo para o amaciamento da palha, passando a faquinha ao longo da folha uma ou duas vezes. Para a despicagem, que é a retirada das bordas de palha que ficam para fora da trança, é usada uma tesoura comum. Na confecção do chapéu, utiliza-se uma forma redonda com fundo chato, feita da madeira

da Timbaúva na qual é pregada a copa com o uso de martelo e tachas ou mesmo de uma pedra, fazendo às vezes de martelo. Para a costura é utilizada uma agulha que pode ser feita de cobre ou de varão de sombrinha e o fio de algodão ou de sacos de aniagem. Na confecção das bolsas, podem ser utilizados corantes industriais para dar coloração às tranças que são costuradas manualmente ou com máquina de costura, uma tesoura para corte e acabamento e uma artesã citou o uso de descaroçador de algodão para esticar a trança.

Figura 14 - Agulha grossa para costura feita manualmente a partir de um fio de cobre.

Figura 15 – Dona Maria dos Santos mostrando uma forma antiga feita com madeira da árvore timbaúva, que já é difícil de ser encontrada na região.

Figura 16 - Descaroçador adaptado para prensar as tranças do arquivo pessoal de Dona Verônica.

Figura 17 – Dona Eracy na hora da costura, com o uso de martelo de madeira, tesoura, faquinha de cozinha e agulha.

Matérias primas e locais de extração

A matéria prima é a folha do *Butia catarinensis*, uma palmeira de pequeno a médio porte, característica das restingas litorâneas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que ocorre entre Osório e Imbituba. Trata-se de uma espécie endêmica da Mata Atlântica, ameaçada de extinção a nível nacional e estadual. Conhecida popularmente como butiá-da-praia, butiazeiro, butiá-azedo ou simplesmente butiá, a espécie se diferencia do butiá encontrado no Sul do estado, o *Butia odorata*, por seu porte e número de folhas.

A planta tem um importante papel ecológico na restinga da Mata Atlântica, sendo considerada uma espécie-chave para esse ecossistema. Seus frutos e sementes ficam disponíveis por até sete meses e fornecem recurso alimentar para a fauna associada, que ajuda na propagação da palmeira. É consumido e dispersado por pássaros grandes e pequenos, lagartos, como o teiú, e mamíferos, incluindo pequenos roedores. As flores são muito atrativas aos insetos polinizadores e produtores de mel, sendo uma importante fonte de néctar e pólen na sua área de ocorrência. Como a figueira, no ambiente que ocupa, o butiá oferece suporte para inúmeras espécies de epífitas – bromélias, orquídeas –, que por sua vez são ocupadas por insetos, anfíbios e pequenas aves e répteis, oportunizando um pequeno ecossistema.

É uma espécie pioneira, isto é, a palmeira está entre as espécies que primeiro se estabelecem na formação do ecossistema, podendo, porém, permanecer por todos os estágios sucessionais, quando compartilha o ambiente com outras ervas, arbustos e pequenas árvores, que formam os butiazais ou butiatubas. São plantas heliófilas – que precisam de muita luz pra se desenvolver – e xerófilas – que se desenvolvem em meios secos, com pouca umidade.

Além das folhas, os frutos podem ser consumidos in natura ou ser utilizados para a produção de licores e cachaças. Quando despolpado, o butiá pode ser usado para a produção de sucos e sorvetes. O fruto tem grande concentração de fibras, provitamina A, vitamina C e potássio, sendo um importante complemento alimentar das populações locais. Os usos gastronômicos têm se ampliado imensamente nos últimos tempos, por resgate de antigas receitas ou inovação das mesmas.

As sementes podem levar quase um ano para germinar, dependendo das temperaturas a que estão submetidas, e apresentam melhor taxa de germinação se semeadas logo após o despolpamento. A taxa de germinação natural é muito baixa, variando de 10 a 30%, o que confere uma certa dificuldade para a regeneração dos ecossistemas degradados. É uma planta bastante rústica, resistindo a ventos fortes, estiagens e salinidade, e pode viver de 180 a 240 anos.

Figura 18 – Estudos sendo realizados com a planta do butiá-da-praia.

O ecossistema onde o butiá-da-praia (*Butia catarinensis*) é uma espécie presente e dominante é chamado de butiazal. Esse ambiente é caracterizado pelo solo arenoso, onde se desenvolve desde uma vegetação baixa – herbácea e arbustiva – até alcançar o porte arbóreo, quando o butiazeiro fica mais raro. É marcado pela presença de ervas com flores vistosas e folhas cheirosas, caules ou folhas espinhosos, arbustos e árvores que são características da Mata Atlântica. Também é conhecido como restinga ou savana, resistindo e se desenvolvendo sob insolação intensa, estiagens, salinidade e fortes ventos. O butiazeiro é uma espécie pioneira do ecossistema e se propaga mais facilmente em áreas abertas. Hoje em dia, as inúmeras interferências humanas dificultam a identificação do aspecto original desse ambiente, mas segue a tendência de ficar mais fechado em seu processo evolutivo, onde a mata de restinga passa a sombrear a palmeira, o que, em algum momento, causaria sua morte pela pouca luz solar e competição por nutrientes.

Os butiazais dos quais as artesãs ou seus familiares fazem o extrativismo da folha estão localizados geralmente na propriedade de terceiros, que autorizam informalmente a colheita. São raros os casos de artesãs que possuem a matéria prima em sua propriedade. Por tratar-se de uma espécie ameaçada e parte da Mata Atlântica, bioma que possui legislação ambiental específica, o extrativismo da planta era totalmente ilegal. Recentemente, através de suas pesquisas e projetos, o Instituto Curicaca conseguiu que a Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável publicasse uma normativa para o extrativismo, que permitirá a legalização desse processo desde que alguns passos sejam seguidos pelas artesãs e proprietários dos butiazais.

Entre os aspectos técnicos da normativa, estão a definição do estágio sucessional e o tipo de vegetação da área onde pode ser feito o manejo, a forma como deve ser feita a retirada, os cuidados necessários com outras práticas – como a lida do gado – e as formas de monitoramento desse manejo, que será feita através de indicadores ambientais. O documento também prevê que as pessoas autorizadas a realizar o manejo devem encaminhar um relatório anual simplificado ao DEFAP, informando como foi o manejo naquele ano, quanto foi retirado de folha e fruto e quais foram os cuidados tomados com as plantas e o ecossistema. A normativa faz parte do Plano de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais e é fundamental para a continuidade do artesanato, já que muitas artesãs dizem ter parado de produzir em função da proibição da retirada da folha. Após cinco anos da publicação do documento, a norma deve ser revista a partir da avaliação dos impactos causados, e então pode ser alterada ou suspensa.

Periodicidade

Muitas artesãs afirmam que a colheita da folha pode ser feita durante todo o ano, porém apontam duas preocupações que podem condicionar uma etapa do processo. A colheita não deve ser feita em tempo úmido, pois a secagem deve ser feita em seguida e é prejudicada pela umidade do ar. Por isso, em meses mais chuvosos não se colhe. Além disso, algumas artesãs evitam a colheita quando a planta está frutificando, para não provocara a queda dos frutos, ou seja, não colhem entre os meses de setembro a janeiro. Outras, ainda, preferem colher após o verão, quando o sol para a secagem é menos intenso e não correm o risco de secar demais as folhas e tornar as palhas quebradiças.

Dedicação à atividade

Nos últimos 10 anos a atividade sofreu variações dentro do grupo de entrevistadas. Algumas pararam de fazer por diversos motivos, dentre eles, problemas de saúde, medo de serem pegas pela fiscalização ambiental e baixo retorno econômico. Algumas se mantém fazendo por interesse pessoal e terapêutico, mas em menor quantidade e, geralmente, produzindo por encomenda.

Há uma flutuação na demanda dos chapéus comercializados em dúzia e isso foi identificado como um fator determinante para a dedicação à atividade. Se olharmos para a dinâmica no último sáculo, a existência de armazéns e mercados que faziam escambo pelo chapéu ou os compravam como atravessadores para indústrias que os beneficiavam, foi motivo de muita dedicação ao fazer. O fechamento desses pontos comerciais aparece nas entrevistas como um momento determinante para a queda de dedicação de muitas artesãs.

Parte delas, foi alcançada diretamente pelos compradores da Serra ou de Santa Catarina após o fechamento dos comércios locais e ou mantiveram ou retomaram sua dedicação, mas uma parte que não foi alcançada diminuiu gradativamente mantendo a dedicação mais para vendas diretas a usuários rurais, ou encomendas específicas ou mesmo pelo costume associado ao bem-estar.

No período entre 2015 e 2016, as artesãs nos relataram que nos últimos dois ou três anos, essa demanda voltara a crescer um pouco, principalmente pela compra de uma indústria da Serra, e cerca de três ou quatro artesãs voltaram a produzir com maior intensidade para esse comprador. Já no período de 2021 e 2022, quando revisitamos todo o grupo, novamente a dedicação à atividade havia decaído, justificada pelo desinteresse de compra da indústria serrana.

Ou seja, embora não seja detectável um deixar de fazer, a não ser em casos em que problemas de saúde não permitem, o interesse de compra, ou seja, o mercado consumidor é um fator significativamente determinante da intensidade de dedicação e, se por um lado se constitui num aspecto de alto risco, é também um fator de oportunidade para a reativação se for bem manejado.

Outros recursos necessários ao processo e práticas associadas a atividade

Na descrição do processo não foi identificada a necessidade de outros recursos para a atividade, como instalações, propriedade da terra e valores financeiros. Mas verificou-se que existem outros bens e práticas associados à atividade, especialmente no passado, quando as artesãs costumavam se reunir para trançar e fazer os chapéus. Entre as comidas e bebidas, conforme a estação, estavam o café, os pinhões, as laranjas e as rosquinhas que acompanhavam os intervalos. Enquanto trançavam, cantavam e ouviam músicas de rádio, são citadas principalmente as músicas sertanejas, como Tonico e Tinoco, Silveira e Barreirinha e de tradição popular como a Cirandinha, as artesãs contam, ainda, que era comum elas pararem de trançar para dançarem juntas. As madrugadas eram iluminadas por luz de vela, lampião ou pixirica e há relatos de pessoas que acompanhavam o fazer contando causos gauchescos, de mistério e fazendo brincadeiras, como o pai de Dona Almeri:

> A gente fazia muito barulho, nós ria muito! E um dia ele inventou de assustar nós, aí nós tava indo lá pra casa da outra tia passar o resto da noite lá trançando e ele pegou saiu pela porta dos fundos botou um lençol branco por cima e se escondeu bem assim na volta do mato aonde nós ia passar. Nossa Senhora do Céu! Quase matava a gente de susto! Quando não pegava um pau de fogo e ficava lá na beira do mato!

Embora não seja preciso ter a propriedade ou a posse da terra onde ocorrem os butiazais, a dinâmica atual de redução dos remanescentes tem levado algumas artesãs à iniciativa de plantar ou transplantar butiazeiros para dentro de suas propriedades, como forma de garantir uma disponibilidade

mínima de folhas, o que foi feito pela Dona Malvina e pela Dona Judith. Há artesãs que originalmente possuem butiazais na propriedade da família e que, por isso, sentem-se atualmente mais tranquilas quanto ao acesso aos recursos, como no caso de Dona Áurea e Dona Eracy.

Descrição dos produtos resultantes da atividade

Chapéus

Foram identificados dois tipos de chapéus ainda confeccionados pelas artesãs. Um, é mais grosseiro, feito com a trança mais frouxa, com a palha cortada mais larga, que se destina à comercialização em dúzias em mercados da região ou a compradores diretos que levam para um processo industrial posterior. Outro é mais bem acabado, de melhor qualidade, feito com a trança mais apertada, com a palha cortada mais estreita, que tem uma trama mais fechada e protege melhor dos raios de sol. Este é destinado ao uso nas atividades realizadas na roça por pessoas da família. Pode ser dado, trocado ou vendido aos vizinhos que buscam uma ou poucas unidades.

Figura 19 - Dona Elita mostrando seus chapéus com palha fina e diferentes tamanhos de aba, para atender os diferentes gostos dos clientes.

O chapéu vendido em dúzias é o que domina a conversa sobre o produto. Trata-se da referência mais forte e daquele tipo que é feito pela grande maioria das artesãs entrevistadas. Houve referência de que uma trança seria preparada para a confecção de 12 chapéus. Na maioria dos relatos, um chapéu necessita 3,5 braças da trança de 13 palhas. Cada braça corresponde a aproximadamente 1,10 m, ou seja, seria necessário 3,85 m da trança de 13 palhas para produzir um chapéu.

Existem alguns casos em que uma artesã faz apenas a trança e outra costura o chapéu. A Dona Áurea de Melos Nunes, que na família sempre só fez a trança enquanto a mãe costurava os chapéus, por exemplo, recebeu em 2015 a encomenda de tranças por parte da Dona Bautia, que preferiu se dedicar apenas para a costura dos chapéus. A Dona Bautia encomendou tranças de 13 palhas, com tamanho para fazer uma dúzia de chapéus cada, e estaria pagando, em 2016, o valor de R$ 12,00 por trança.

Embora seja variável, principalmente porque o número de palhas de um feixe depende da artesã que o prepara, foi referido que com um feixe de palha é possível produzir 22 braças de trança. A produção diária depende muito da ocupação da artesã com outros serviços da casa e da roça, bem como com o ritmo de trabalho de cada uma, mas em média uma artesã poderia chegar a produzir em um dia a quantidade de trança para fazer seis chapéus ou costurar até 12 chapéus por dia.

A Dona Maria dos Santos relatou que a sua família, a qual tinha como principal fonte de renda o artesanato, conseguia fazer até dez dúzias de chapéus numa noite.

Para entendermos o significado quantitativo no tempo em que os chapéus serviam para o escambo com produtos no mercadinho local. Com dois ou três chapéus, dizem elas, era possível trocar por um quilo de feijão ou de farinha. Com três dúzias de chapéus trocava-se por 3 metros de fazenda para um vestido.

Figura 20 - Dúzias de chapéu de palha grossa esperando que o caminhão da indústria venha recolher.

Figura 21 - Chapéu de palha grossa feito para a indústria (direita) ao lado de um que passou pelas modificações industriais.

Figura 22 - Chapéu depois de retrabalhado em indústria de Garibaldi (RS). Fonte: http://www.acordas.com.br/produtos/chapeus.

Outros produtos

Durante os diversos anos de trabalho na região foi possível encontrar outros produtos feitos com a palha de butiá, com uma importância menor em relação aos chapéus e influenciados por iniciativas de

qualificação promovidas pela Fundação Gaúcha do Trabalho – FGT - na década de 70 e pela EMATER na década de 90 do século passado. É o caso das bolsas de palha, que foram objeto de um curso dado pela Dona Claudina, trazida pela FGT.

Dentre o universo de artesãs entrevistadas, apenas três também produziam essas bolsas além do chapéu, a Dona Verônica, da localidade do Campo Bonito, e a Dona Maria Querino, da Vila São João, e a Dona Almeri, de Águas Claras. As duas primeiras foram referidas por outras entrevistadas como detentoras desse saber. A Dona Verônica também experimentou a confecção de carteira de mão. A Dona Irma, também relata que sabe fazer bolsas, mas diferente de Dona Verônica e Dona Maria Querino, artesãs que nos mostraram esse processo, não foi possível identificar em que momento, a partir de quais aprendizados e com qual intensidade a Dona Irma produziu.

Figura 23 - Diversas bolsas com palha de butiá, que podem ser com palha crua, pintada, envernizada e misturada com outras fibras.

Dona Verônica relata que várias mulheres participaram do curso de produção das bolsas, mas poucas continuaram. Quem permaneceu fazendo, conseguiu inserir o produto, mais atraente aos veranistas, no comércio das lojas de artesanato e das feirinhas de Torres. Basicamente, após a trança estar pronta, da mesma forma como é feita para os chapéus, eram tingidas com corante sintético ou envernizadas ou mantidas naturais. A confecção do produto constituía-se da costura das tranças lado a lado formando o tecido da bolsa, que em seguida era novamente costurado para formar as laterais, o fundo e algumas vezes a tampa. As tranças podiam também ser entremeadas com fibras de taboa ou tiririca. A trança de palha de butiá utilizada era preferencialmente a mais larga, de 17, 15 ou no mínimo 13 palhas. Por fim, uma alça era feita pela costura de um pedaço da trança, na forma de um canudo (tira), que em seguida era preso à bolsa ou envolvendo o fundo ou apenas na borda superior. Dona Verônica costurava a bolsa à máquina e Dona Maria Querino à mão.

A Dona Judith, vizinha da Dona Verônica e que trabalha com uma maior variedade de artesanatos aprendidos em atividades do Clube de Mães ou com a EMATER– crochê, pinturas, arranjos florais, bananeira, escama de peixe, jornal – também confeccionou experimentalmente um jogo americano tecendo as palhas brutas em um tear de mão. Outros de seus experimentos é a aplicação da trança de palha de butiá para revestimento de “cachopos” de madeira e acabamento decorativo de garrafas de vidro que nos foram apresentados noutros momentos. Embora esses produtos incluam a palha de butiá ou mesmo pedaços de tranças feitas com a palha, consideramos que não se enquadram na perspectiva do bem cultural, pois ou tem como base um outro produto que foi decorado, como a garrafa e o cachepôs, ou não utilizaram a trança perdendo todo o processo que foi evidenciado na caracterização do bem cultural.

Figura 24 – Imagem do Clube de Mães de Morrinhos do Sul do arquivo pessoal de Dona Verônica.

Trajetória – modificações ao longo do tempo

O modo de fazer a trança manteve-se originalmente o mesmo desde o início, as artesãs repetem: "a trança é sempre a mesma", embora existam tranças desde 7 palhas, até 21 palhas, tanto em número par como ímpar, assim como sempre existiram dois tipos de chapéu, com a trança mais fina e com a trança mais grossa. Conforme a encomenda do cliente pode mudar pode mudar o tamanho da forma e o tamanho da aba.

Embora não tenha sido possível identificar um momento ao longo do tempo em que isso tenha ocorrido, existe a hipótese de que a demanda comercial do chapéu em maior quantidade, comprado em dúzias, provocou pequenas alterações em função da melhor relação custo-benefício para atender às exigências do comprador. Gradativamente, a trança passou a ser confeccionada com palhas mais largas e a largura da aba diminuiu um pouco. Originalmente usava-se um fio de embira, fibra da casca da árvore com esse nome, para fazer a costura do chapéu. Com o tempo as artesãs passaram a usar o fio dos sacos de ráfia, de material sintético. Porém como as indústrias colocavam os chapéus em uma prensa quente para dar um melhor acabamento e revendê-los, elas passaram a usar um fio de algodão do secador de fumo que não derretia no calor. Houve também uma modificação no arremate da trança no acabamento aba, pois antes elas faziam uma pequena dobra na trança no final e depois passaram a deixar solta, porque as indústrias colocavam um arremate na aba com um viés em toda volta e esse acabamento era um problema. Hoje coexistem as duas formas.

No verão do ano de 2015, um pessoal encomendou para a Dona Malvina que fizesse alguns chapéus mexicanos, para uma espécie de apresentação de teatro em Osório, ao que ela adaptou a forma de madeira com um cone de papel, para fazer uma copa mais alta, e também ampliou a largura da aba atendendo ao pedido. Nos verões seguintes, surgiram outras encomendas de chapéu mexicano feitas pelo Artesanato do Argentino, em Torres. Não há ainda uma consolidação dessa alteração, sendo mais provável uma demanda estética temporária.

Encontramos também uma referência no passado de chapéus que eram feitos com a palha colorida. Quem nos fala é a Dona Luzmari, filha de Maria da Silva Gonçalves, Dona Quinha, e sobrinha de Dona Áurea. Elas tinham muito contato com os veranistas da praia de Itapeva, pois a mãe no verão trabalhava para eles,

fazendo almoços e cuidando das casas. Dessa forma, criaram um chapéu que vendiam para o uso na praia por encomenda dos veranistas:

> A única coisa que a gente fazia de vez, que as pessoas pra botar, pra ir pro sol, a gente tingia, tingia a palha pra poder no meio fazer a trança colorida. A gente tingia, a mãe tingia de , botava no, não sei como era o nome da tinta que ela botava lá, ela botava, era vermelha, verde, azul, aí ela fazia um pacote daquele, e depois a gente no trançar tu botava uma daquela clara, da normal, botava outra e aquela trança ficava colorida. A gente fazia o chapéu praquela pessoa que queria, aí é fininha. Aí ela não é aquela grossa como faz o chapéu normal pra vender pra empório dos chapéu. Aí era fininha pra fazer chapéu pra usar. Aí tinha muitos que diziam assim: "Não! Pode fazer larga, eu quero chapéu com a trança larga!" Eu gostava, achava bonita que larga aquele colorido aparecia mais. A gente fazia pra gente mesmo, colorida, porque a gente ia pro sol.

Formas de comercialização:

Sem que tenha sido possível determinar o momento preciso dessa transformação no comércio, a dinâmica de forte comercialização ou escambo dos chapéus teve um período de destino mais regional, onde a aquisição era feita por agricultores como proteção ao sol no trabalho da roça, e um segundo período de ampliação da demanda na entrada de indústrias da Serra Gaúcha e de Santa Catarina, que passaram a comprar para um reprocessamento e mais ampla distribuição. Uma estimativa dessa mudança pode ser feita através das informações da história da empresa Marcatto S.A., que na década de 40 e 50 estabeleceu sua fábrica de chapéus em Jaraguá do Sul (SC). Essa foi uma das empresas apontadas pela família Bauer, como o destino dado aos chapéus recolhidos por eles dentro do sítio.

Figura 25 - Antiga lojinha da Vó Calmira especializada na venda de artesanato com palha.

Historicamente, são diversas as referências ao escambo ou a venda feita pelas artesãs em mercados e armazéns rurais da região, alguns deles inclusive de propriedade de familiares, como o Mercado do Manequinha Porto, Armazém do Euclides, Mercado do Manuel Ferreira Porto, Armazém do Zequinha, depois chamado Armazém do Pingo, Armazém dos Bauer, Mercado Roni, Mercadinho do Beto, Armazém do Oscar Herzog, Armazém do Gilberto Porto, Armazém do Campo Bonito, Armazém do Euclides, a maioria localizados no sítio e dois deles do outro lado do Rio Mampituba.

Quase que a totalidade desses armazéns e mercados rurais não existem mais. Conseguimos conversar com os filhos de dois donos de mercados. Cesar Bauer, filho de Manuel Gabriel Bauer (Lelo), proprietário do Armazém Bauer, e sua esposa Solange, contam que eles enfardavam os chapéus, o que significava passar um barbante por dentro dos chapéus, pelo meio e amarrar para formar um fardo, cada fardo continha cinco dúzias de chapéus. Os caminhões vinham até duas vezes por ano e para compensar essa vinda tinham que ter entre 200 e 300 fardos de chapéus, ou seja, de 12.000 a 18.000 chapéus por vez. Toda essa quantidade era armazenada nos galpões dos armazéns. Diz Cesar que: "*Até aqui em casa, quando nós começamos a construir, uma peça de quatro por seis de comprimento, era até em cima de chapéu*."

O mercado manteve-se com os filhos por dez anos depois que o pai faleceu, mas já faz cerca de quinze anos que fechou as portas. Quanto a intermediação do comércio de chapéus, seguiu alguns anos com os filhos, estimamos que até cerca de 2004/2005. A relação do comércio era de cerca de 30% em cima do valor dos chapéus e o Cesar explica que como eles naquela época já pagavam para as artesãs em dinheiro, não valia a pena esperar a venda com o galpão ocupado. Para a Solange, nora do Lelo, havia também uma relação especial do sogro com as artesãs que sustentava o comércio e se perdeu depois que ele faleceu:

> E o Lelo, ele tinha assim esse carinho com elas, sabe? Ele tinha assim aquela coisa, sabe? Que elas gostavam de vir aqui, e ele já chamava aqui pra trás e já fazia pamonha e já vamo tomá um café… Esses dias eu tava rindo, a gente ia fazer pamonha e cada um que chegava no mercado ele convidava pra ir comer pamonha! Então, assim ele tinha essa coisa, que, às vezes aquilo ali pra ele era uma coisa boa de fazer, sabe? Ele gostava de ir lá, de tomar um café com elas e de conversar, sabe? ele gostava disso. Então, também de repente, naquilo ali, meio que se perdeu esse elo, né? (...) era uma coisa assim que dava prazer pra ele também! Ele tinha esse carinho com todas elas. (...) às vezes ele buscava, dependendo de quem… "Ah, Dona Maria lá, não sei aonde, ai tadinha, né? ela não pode, vou lá buscar! vou lá tomar um café com a fulana!

Cláudia Weber, filha do José Lopes da Silva (Zequinha) e irmã do Sálvio (Pingo) apontou uma fábrica de Garibaldi (RS) e a Marcatto (SC) como os principais compradores do pai e, mais tarde do irmão. O pai recolhia os chapéus de Kombi em toda a região como Águas Claras e Campo Bonito e também tinha as clientes que levavam os chapéus no armazém, na época conhecido como Armazém do Zequinha e depois, Armazém do PIngo. Ela esclarece uma parte importante dessa história que é a transformação do chapéu na indústria:

> Lá na fábrica era assim, elas levavam chapéu e aí ele ia de forma natural, cru como se diz, aí lá eles têm uma prensa, eles colocavam chapéu nessa prensa, é uma prensa que vai uma temperatura bem alta e no colocar na prensa, a palha do butiá, eu creio que ela tenha alguma oleosidade, porque ele ficava meio que encerado, dava um brilho com a temperatura e eles botavam um viés, em volta da aba do chapéu e aí eles vendiam, né? os vendedores acho que iam, depois eles entregavam, acho que eles vendiam muito, não sei se para o Nordeste, São Paulo. Era assim, acho que para as pessoas usarem quem quisesse, normalmente, acho que naquela época os homens usavam muito chapéu, mas eu acho que era mais assim pra trabalhar na roça mesmo, sabe? Não sei se exportavam também, isso eu não tenho certeza, né?

Depois que os armazéns deixaram de fazer a venda para as indústrias, os caminhões das fábricas continuaram buscando os chapéus na região, agora diretamente nas casas das artesãs, um dos nomes citados foi o Senhor Roberto que vinha de Garibaldi (RS). Ele apenas ligava com certa antecedência informando que iria passar para recolher os chapéus. Então, surgiu o papel das artesãs agregadoras, que juntavam em suas casas os chapéus produzidos por outras artesãs. Entre as agregadoras estão Lídia, Eni e a Rejane. Dona Eni, que buscava de bicicleta os chapéus das vizinhas, nos conta:

> Aí o caminhão, vinha, ele me ligava, o caminhão, “olha, tal dia eu tô indo na tua casa, espera” aí marcava o caminhão e lá se ia, sabe? Dali, já indicava outra pessoa, “ah, fulana tem” e como eu conheço todo mundo, né? nós ia lá. “Dá mais 10 dúzia”, e assim nós ia ... Teve uma época, que nós arrumemo, 180 dúzia! Bah! Ele ficou muito contente!

As artesãs também se referem a um outro tipo de comércio em quantidades menores para lojas da cidade de Torres. Citam as lojas de Mara Borba, Maria Hertzog, Gedi Figueira e o artesanato do Argentino. Nesse caso, entende-se que se referiam ao tipo de chapéu mais bem acabado, feito com trança fina. A vó Calmira foi a única artesã que possuía um ponto próprio de comercialização de seus produtos e de outras artesãs.

No passado, algumas artesãs também ocuparam espaços de vendas em feiras e eventos locais de agricultura. Dona Verônica conta que participava de eventos regularmente no Clube de Mães e que apresentou seu trabalho uma vez no Hotel Farol e, em outra oportunidade, veio a Porto Alegre com a Dona Claudina vender seus produtos em uma feira organizada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS) onde venderam tudo rapidamente. Nessa época, havia espaço reservado para as artesãs na Febanana e, mais tarde no Festival de Balonismo, o principal evento turístico da cidade. O festival cresceu, mas não o reconhecimento do artesanato tradicional local e as artesãs perderam seu espaço para a venda, substituído pelo de outros produtos como camisetas, bonés e fast food. Hoje não existe mais nenhuma representação do artesanato com a palha de butiá ou outras fibras nesse festival nem em qualquer outra feira local. Por outro lado, a prefeitura de Torres inaugurou com novas instalações em 2020 a Casa da Terra e do Artesanato, situada na Avenida Barão do Rio Branco, 315. O espaço foi criado para dar visibilidade e favorecer a comercialização de produtos artesanais locais a moradores, turistas e veranistas. Apresenta a venda de canecas, pinturas em tecido, chaveiros, fuxicos, bonecos, bolsas, camisetas, relógios personalizados, patchwork, crochê, tricô, macramê, artesanato indígena guarani, mas não encontramos nenhum produto do

artesanato tradicional com fibras feito pela população local. Durante o período da pandemia a Secretaria Municipal do Trabalho, Indústria e Comércio de Torres criou um catálogo online com a relação dos artesãos e trabalhos produzidos na Casa da Terra para fortalecer o setor, o artesanato com a palha de butiá não foi incluído.

Figura 26 – Imagem de Dona Verônica e seus produtos na 1ª Febanana, realizada em 1988 – Torres (arquivo pessoal da artesã).

Em 2016, estava sendo pago para as artesãs o valor entre R$ 20,00 e R$ 21,00 pela dúzia de chapéus, segundo informações. Em 2020, antes da Pandemia e da suspensão das compras, o valor havia subido para R$ 24,00 a 25,00.

Figura 27 - Vó Calmira vendendo o seu artesanato e de outras artesãs em sua loja na beira da BR 101.

8 Caracterização do sítio

Essa caracterização, reorganizada na 2ª edição da proposta técnica a partir dos conteúdos já apresentados na 1ª edição, apresenta seus conteúdos tendo como base os itens da Ficha de Identificação do Sítio – F10 – (INRC, 2000), atendendo às solicitações do IPHAE na Nota Técnica de Avaliação da Proposta.

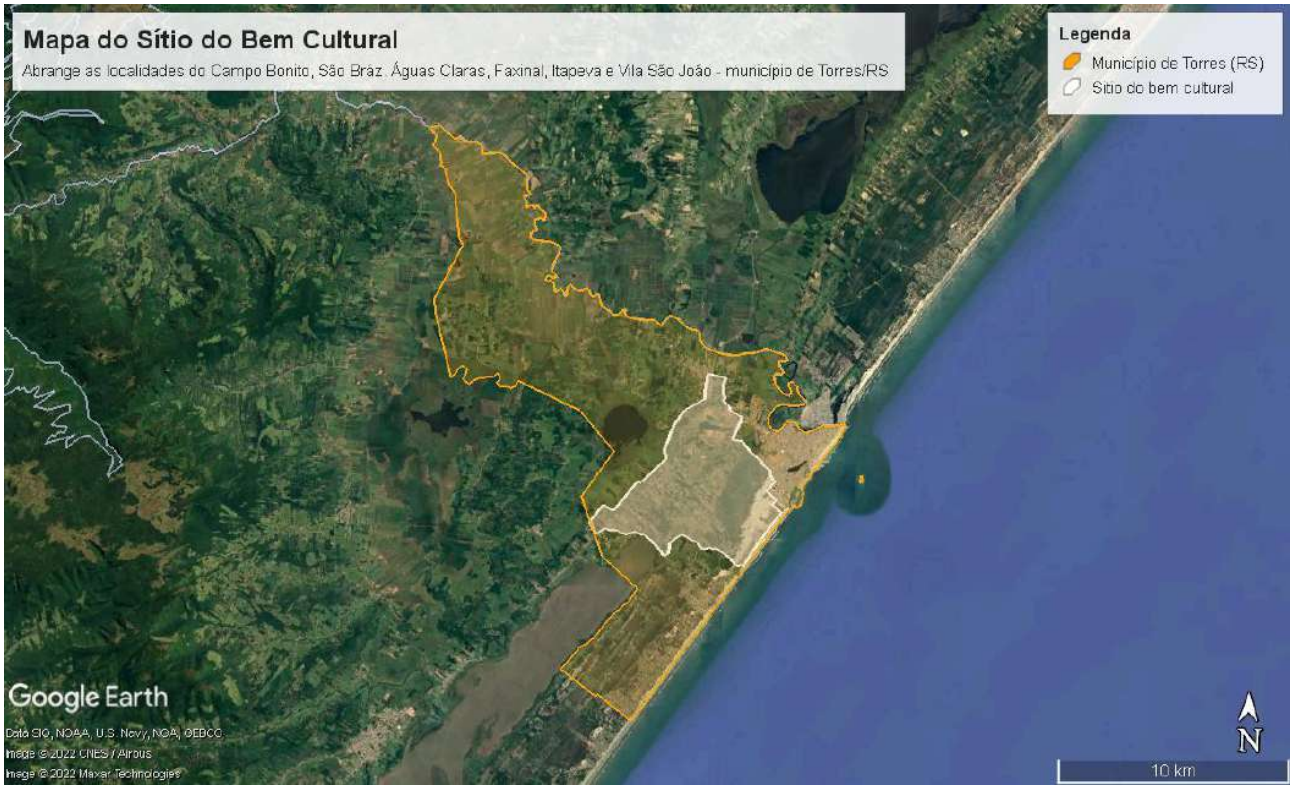


Figura 28 - Mapa do Sítio do Bem Cultural.

Localização

O sítio está localizado no Rio Grande do Sul, município de Torres, mais especificamente nas localidades de Campo Bonito, São Brás, Águas Claras, Faxinal, Itapeva e Vila São João. Perifericamente ao sítio estão os municípios de Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara e Mampituba, no Rio Grande do Sul, e Passo de Torres, em Santa Catarina. Além disso, o sítio está localizado na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e integra os Microcorredores Ecológicos de Itapeva, que interrelaciona o sítio com Unidades de Conservação localizadas em municípios vizinhos.

Fotos

Figura 29 - Localidade do Faxinal - Torres (RS)

Figura 30 - Localidade do Campo Bonito – Torres (RS).

Figura 31 - Localidade de Itapeva – Torres (RS).

Figura 32 - Vila São João - Torres (RS).

Figura 33 - Localidade do Águas Claras – Torres (RS).

Figura 34 - Localidade do São Braz – Torres (RS).

Referências culturais

SABERES

Carro de boi

Tipo: Ofício

Condição atual: Memória

Ocorrência: Localidade do Campo Bonito

Descrição:

O carro de boi tem suas raízes espalhadas do sertão ao sul do Brasil. Usado na lavoura e como um meio de transporte peculiar, não só demanda saberes e técnicas específicos, como também está associado a uma rede de significações que podem ser exploradas no sentido de valorização cultural deste bem. A ele estão ligadas, por exemplo, práticas, simpatias, sabedorias, versos, canções, causos, enfim, todo um modo de vida do carreiro e dos mestres artesãos. Em 2016, a Romaria de Carros de Boi da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, em Goiás, foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e inscrita no Livro de Registro das Celebrações, por consequência, o carro de boi ganhou maior visibilidade nacional. Essa romaria ocorre anualmente na cidade de Trindade, mas os devotos saem de diversas cidades de Goiás e de estados próximos, do Centro-Oeste e do Sudeste.

No período da pesquisa, os carros de boi já eram raros na área do sítio, mas ainda utilizados por algumas pessoas nos locais de maior dificuldade de acesso. Encontramos na região de Campo Bonito um mestre artesão, Sr. Loca, que ainda produzia carros de boi, embora com restrições para o uso das madeiras adequadas.

É lamentável que o poder público tenha proibido, na década de quarenta, a circulação dos carros de boi no município com a justificativa de que o barulho perturbava a comunidade, desconhecendo a importância cultural dos cantos dos carros de boi. A partir de 1950, a mecanização dos transportes e a melhoria das estradas fizeram com que só sobrassem alguns exemplos para contar a história.

Tafonas, Atafonas ou Engenhos de Farinha:

Tipo: Ofício

Condição atual: Vigente

Ocorrência: Localidade do Faxinal

Descrição:

A mandioca e seus derivados ocupam um papel importante na alimentação cotidiana em diversas regiões do Brasil. Seu processo de produção implica um conjunto de saberes, práticas, relações sociais e representações simbólicas significativas para as comunidades envolvidas na sua produção. Esta importância histórica, econômica e social já foi reconhecida nacionalmente, com o Inventário da Farinha de Mandioca realizado em 2006. Em Belém foi realizada a exposição "Mandioca: farinha do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Pará. Em 2006, foi realizada em Belém do Pará a exposição

"Mandioca: saberes e sabores da terra", no Museu de Folclore Edison Carneiro em comemoração ao Ano Nacional de Museus. Santa Catarina realizou em 2019, um Inventário Participativo dos Engenhos de Farinha do Litoral Catarinense e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) está realizando um inventário da farinha de mandioca e do milho no estado.

Também no Rio Grande do Sul, especialmente na região nordeste do estado, as atafonas, engenhos de farinha ou casas-de-farinha foram em grande número no passado e a produção da farinha de mandioca uma das mais importantes fontes de renda das famílias. A maioria delas, no entanto, localizava-se no entorno do nosso sítio, estima-se que só em Arroio do Sal existiam 32 engenhos de farinha, entretanto, o processo de industrialização substituiu a produção artesanal da farinha e praticamente todos os engenhos se deterioraram pela falta de uso. No momento da pesquisa, encontravam-se peças dispersas nas propriedades e, raramente, um engenho abandonado.

No entanto, identificamos entre os moradores com interesse especial pelos antigos engenhos, Sr. Roberto, proprietário de banca de produtos artesanais na BR101, em Torres. O Sr. Roberto produzia a farinha e derivados que comercializava em sua banca e utilizava o engenho como atrativo turístico. Ele reuniu as peças de família e de vizinhos montando o engenho próximo a sua Banca. Neste local, foram realizadas pelo Instituto Curicaca as “Trocas de saberes” como oportunidade de valorizarmos seu conhecimento. Foto nº 8. Infelizmente o engenho sofreu um incêndio no dia 29 de junho de 2006, perdendo-se várias peças e engrenagens valiosas. Ver foto nº 9. Com a aquisição de outras peças, um novo engenho foi reconstruído e posto em funcionamento no local.

Mais tarde o Sr. Roberto mudou-se para Santa Catarina e o engenho em Torres se desfez. A ficha de identificação desse bem foi realizada na época do Inventário com outro proprietário de uma atafona em Arroio do Sal, Sr. Raul, por ser uma região mais representativa.

Através do Inventário realizado na região dos Corredores Ecológicos, percebeu-se que a manutenção das atafonas estava ocorrendo exclusivamente pela iniciativa individual e privada, uma vez que o poder público não possuía e não possui nenhuma política de salvaguarda desse patrimônio. Já não existiam atafonas em estado original e a tendência é que sua revitalização ocorresse apenas em situações em que houvesse o interesse de exploração turística ou mantidas pelo valor afetivo de poucos moradores locais.

Artesanato com fibras naturais

Tipo: Ofício

Condição atual: Vigente

Ocorrência: Localidade da Vila São João e do Campo Bonito

Descrição:

Além da palha do butiá, outras fibras naturais são utilizadas como matéria prima artesanal na área do sítio, por exemplo, taboa, cipó-imbé, cipó-balaio ou são-joão, tiririca, taquarinha e embira. Essa compreensão foi obtida durante os levantamentos dos atrativos culturais da região dos Microcorredores Ecológicos de Itapeva, quando entrevistamos alguns artesãos que utilizavam essas outras fibras. A mais reconhecida dentre eles foi a Vó Calmira, que dominava o artesanato com grande variedade de fibras, o Manuel, seu filho, cuja especialidade era o artesanato com cipó-imbé, e as Donas Judith, Verônica e Dionira, que misturavam as

fibras de taboa com a palha de butiá ou produziam peças usando exclusivamente essa palha, principalmente bolsas.

Na época alguns artesãos já estavam parando de produzir e outros queixavam-se da falta de interesse em transmitir seus conhecimentos para as gerações seguintes devido à baixa valorização da profissão e às exigências de condições para o exercício do ofício, como tempo, espaço, capacidade física, acesso às matérias-primas, restrições para a extração e capacidade de organização comunitária.

Em nenhum dos casos houve uma descrição mais detalhada sobre o fazer com essas outras fibras, uma vez que, num primeiro momento, não foram recomendados para registro pela comunidade como no caso do artesanato com palha de butiá.

CELEBRAÇÕES

Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e Festa de Iemanjá

Tipo: Festa religiosa

Condição atual: Vigente

Ocorrência: Localidade da Vila São João (associado ao Rio Mampituba e à Praia Grande

Descrição:

Destacam-se entre as celebrações do município de Torres as festas religiosas que ocorrem nos dias 1º e 2 de fevereiro celebrando o Dia de Nossa Senhora dos Navegantes e a Festa de Iemanjá. Essas festas são realizadas em todo litoral brasileiro e integram uma série de práticas e rituais associados, missas, procissões e cerimônias de casas de religiões, mobilizando significativamente a população local e turistas. As celebrações durante os dois dias ocorrem em espaços e momentos distintos, mas prevalece o clima de tolerância e respeito na população, sendo a programação apoiada pela Prefeitura de Torres.

O percurso das celebrações limita-se a sede do município, exercendo pouca repercussão no sítio inventariado. Como segue, a última celebração antes da pandemia, 2020, compreendeu, para a festa cristã: a permanência de imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em frente à Igreja Santa Luzia durante o domingo, sendo a procissão iniciada às 18horas com saída em frente à Igreja, contornando o rio Mampituba em direção à beira-mar, com concentração na Praça Nossa Senhora dos Navegantes. Após a bênção dos veículos, a procissão retornou à Igreja, para missa marcada às 19h30.

As Festividades de Iemanjá, por sua vez, compreenderam duas procissões saindo do centro da cidade e com as festividades ocorrendo à beira da praia, ambas no dia 1º de fevereiro. A homenagem realizada no Terreiro de Umbanda Associação Espiritualista Luz e Caridade, saiu de frente do Supermercado Bom Rancho às 20h30, em direção à Praia Grande. No Centro de Umbanda Jurema Afro-Mãe Oyá, a procissão saiu da Visconde de Pelotas nº 500, às 20h30, em direção à Prainha.

Descrição do sítio

Territorialidade

As cerca de 30 famílias que conhecemos e que fazem parte da propagação desse bem cultural residem, principalmente, nas localidades de São Brás, Faxinal, Itapeva, Campo Bonito, Águas Claras e Vila São

João, áreas rurais e periurbanas do município de Torres. Nas entrevistas, a maioria são pessoas que sempre residiram nessas localidades e, em alguns casos, mudaram de uma para outra. Inclusive, indicaram grau de parentesco com pessoas, principalmente primas, que residem em uma dessas localidades, mas não na mesma da entrevistada. Apenas uma entrevistada era nascida em Santa Catarina, mas relatou ter aprendido o ofício quando veio morar em Torres.

Os remanescentes de butiazeiros com presença da espécie butiá-da-praia (*Butia catarinensis*) utilizados pelas cerca de 30 famílias de artesãos concentram-se nas localidades supracitadas e foram mapeados em um projeto anterior. Esse ecossistema vem sendo degradado e fortemente reduzido, sendo desconhecida a sua área de abrangência original no Rio Grande do Sul, que hipoteticamente seria entre os municípios de Torres e Osório.

Esses remanescentes, importante para a definição de territorialidade, são também referidos pelas artesãs entrevistadas com forte significado simbólico e denominados como faxinais, ou seja, os grandes remanescentes de butiazais que dominavam a paisagem. A eles estão associadas lembranças da infância, do trabalho dos pais e irmãos realizando a faxina, colheita de folhas, para a fabricação de clina de enchimento de colchões e estofados e imagens do ambiente. Numa imagem aérea de 1974, foi possível ver o tamanho desses remanescentes, que foram completamente desmatados, como mostra outra imagem aérea de 2008. Uma das localidades onde parte das artesãs reside, inclusive, chama-se faxinal, referindo-se à paisagem.

O escambo e a comercialização do chapéu mais grosseiro sempre foram feitos nos mercados rurais na região de Torres (RS) e de Passo de Torres (SC), para depois ser recolhido por um comprador da Região da Serra, o qual não foi possível identificar, para ser inserido numa transformação industrial. O comodato ou a venda do chapéu mais bem acabado é realizado em algumas lojinhas de Torres (RS) ou para vizinhos.

Algumas artesãs assumiam o papel de agrupadoras de chapéus para o comércio junto a mercados, como no caso do seu Pingo, de Passo de Torres, que vinha buscar quando cerca de 50 dúzias eram reunidas. Isso acontecia cerda de duas vezes por ano, segundo a artesã Lídia, que recolhia chapéus, por exemplo das artesãs Malvina e Eracy.

Para a definição da territorialidade, somaram-se as informações de localização das artesãs entrevistadas e indicadas pelas entrevistadas, dos remanescentes de butiazais mapeados e dos pontos de comercialização direta, expressos no mapa a seguir. Não foi considerado o comprador da Região da Serra, pelo fato de o produto sofrer alterações industriais que retiram sua identidade como bem cultural e não carregam qualquer referência a sua origem.

Visando compreender possível interlocução com municípios de Santa Catarina que têm a presença de *Butia catarinenses* e desenvolvem ações de preservação ambiental e valorização da cultura local, destacadamente o município de Imbituba e pensar em uma possível rede colaborativa com outras iniciativas, a pedido do IPHAE em 2021[22], foi realizado, também um levantamento de informações sobre uma iniciativa de Santa Catarina, o Projeto Costa Butiá, mantido pela empresa SCPar Porto de Imbituba. As ações realizadas nesse projeto demonstram uma estratégia mais socioeconômica do que cultural, mas se identificou aí a possibilidade de uma origem identitária. Buscamos, então, informações com a Fundação Catarinense de Cultura, com o historiador Rodrigo Rosa, Gerente de Patrimônio Imaterial e estabelecemos o início de um diálogo, onde entendemos que há oportunidade de acolhimento caso haja por parte dos grupos envolvidos

[22] Item 11 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

uma proposta de reconhecimento como patrimônio cultural imaterial de Santa Catarina, conforme descrito no anexo D.

Visando conhecer melhor sobre outras regiões onde haja a prática artesanal que utiliza fibras naturais do butiá e avaliar possíveis interlocuções com outros projetos relacionados aos butiazais, a pedido do IPHAE foi realizada em 2021 uma pesquisa sobre outras regiões do Rio Grande do Sul que poderiam ter a prática artesanal com fibras de butiá[23], levantando regiões de ocorrência da palmeira. Consideramos o mapa da Rota dos Butiazais até 2014, que compreende os municípios de Vacaria, Pinhal da Serra, Passo Fundo, Giruá, Quaraí, Barra do Ribeiro, Barão do Triunfo, Tapes, Pelotas, Santa Vitória do Palmar. Elaboramos e enviamos um questionário pelo Google Forms, realizamos contatos por e-mail e telefone. O questionário foi enviado para os escritórios municipais da EMATER e para as secretarias municipais de agricultura, educação, cultura e/ou turismo. As perguntas procuraram caracterizar o respondente, a dimensão dos remanescentes de butiazais existentes, a existência de artesanato com palha de butiá, a provável origem entre introduzido e tradicional, os produtos existentes e, caso houvesse, outras informações complementares. Dos dez municípios pesquisados, Quaraí e Giruá apresentaram um detalhamento dos casos, os demais indicaram não haver qualquer vínculo com artesanato tradicional e identitário. Os resultados da pesquisa encontram-se no anexo D.

Localização

Os limites geográficos do sítio são o Rio Mampituba ao norte, faixa de dunas à leste, as áreas úmidas à oeste e a Lagoa de Itapeva ao sul, dentro do município de Torres, no Rio Grande do Sul, excepcionando-se a área urbana municipal. Na inexistência de um mapa delimitador das localidades do Campo Bonito, São Braz, Faxinal, Águas Claras, Itapeva e Vila São João, foi utilizada como referência para os limites do sítio, a localização das detentoras somada à localização dos remanescentes de butiazais, que servem como matéria prima.

Figura 35 - Mapa de localização do sítio cultural relativo à cidade de Torres (RS) e fronteira entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

[23] Item 9 e 10 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

Paisagens naturais e meio ambiente

O sítio está localizado no bioma Mata Atlântica, na sua porção constituída pela Planície Costeira, que é formada geologicamente por sedimentos terciários ou quaternários sobre os quais desenvolveu-se uma vegetação ainda de transição para um estado evolutivo de floresta ombrófila densa, a floresta atlântica estrito senso. A Mata Atlântica é patrimônio nacional reconhecido na Constituição do Brasil. Além disso, o sítio também está localizado dentro da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, reconhecida pela Unesco no âmbito do Programa o Homem e a Biosfera.

Parte da Planície Costeira, especialmente as áreas secas e bem drenadas de dunas pleistocênicas, mas também em algumas poucas áreas de dunas holocênicas (mais recentes) também secas e drenadas, os butiazais constituem a formação arbóreo-arbustiva pioneira, ecossistema em que uma espécie de palmeira *Butia catarinesis*, o butiá-da-praia, é a espécie dominante. Como se trata de uma palmeira heliófila, que necessita de sol para o seu crescimento e existência, a sucessão fito ecológica pode substituir os butiazais pela floresta ombrófila densa de terras baixas e não alagadas.

A região também é área de ocorrência de lagoas formadas dentre os processos de transgressão e regressão do mar, nas margens das quais ocorrem banhados que, também num processo evolutivo transformam-se em mata paludosas que são alagadas. Nessas áreas úmidas não há a ocorrência de butiazais.

Na dimensão de paisagem natural, a região caracteriza-se por um relevo suave ondulado de dunas antigas e vegetadas e dunas arenosas recentes, entremeadas por um cordão lagunar que, a leste, tem o mar e sua imensidão contínua na direção do nascer do sol e, a oeste, tem os contrafortes da Serra do Mar cobertos por densas florestas e no qual, entre seus picos, ocorrem pores do sol magníficos.

Figura 36 - Ambiente característico de remanescentes de butiazais sobre dunas arenosas associado a outros ambientes florestais.

Marcos edificados

Conforme pesquisa realizado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN, existem 43 registros para o município de Torres[24]. A pesquisa no cadastro, registro por registro, não nos permite identificar a localização precisa dos mesmos, uma vez que essa informação não é pública por motivos de segurança à deterioração do patrimônio arqueológico. Abaixo apresentamos a listagem dos registros encontrados.

CNSA	Nome	Muncípio	UF
RS00533	RS-LN-49A: Ostrea	Torres	RS
RS01271	RS-97: Basílio Guilherme da Silva	Torres	RS
RS01272	RS-98: Paradeiro de Torres	Torres	RS
RS01273	RS-99: Sambaqui da Guarita	Torres	RS
RS01274	RS-202: Itapeva 2	Torres	RS
RS01275	RS-100: Morro das Pedras	Torres	RS
RS01276	RS-201: Itapeva 1	Torres	RS
RS01277	RS-203: Itapeva 3	Torres	RS
RS01278	RS-204: Entre Itapeva e Lagoa do Jardim	Torres	RS
RS01279	RS-205: Arroio da Lagoa do Jardim	Torres	RS
RS01280	RS-206: Praia Riviera	Torres	RS
RS01281	RS-207: Coati	Torres	RS
RS01282	RS-208: Olavo Peres	Torres	RS
RS01283	RS-209: Sambaqui do Arroio Sêco	Torres	RS
RS01284	RS-LN-101: Bom Jesus 1	Torres	RS
RS01285	RS-LN-102: Ibicuí	Torres	RS
RS01286	RS-LN-103: Bom Jesus 2	Torres	RS
RS01287	RS-LN-104: Bom Jesus 3	Torres	RS
RS01288	RS-LN-109: Cemitério de Itapeva	Torres	RS
RS01396	RS-LN-49 B: Atlântico I	Torres	RS
RS01397	RS-LN-50: Atlântico II	Torres	RS
RS01825	RS-136	Torres	RS
RS02297	Família Machado	Torres	RS
RS02300	Jazida de Areia do Lote I	Torres	RS
RS02431	RS - LN - 01	Torres	RS
RS02432	Quilombo dos Palmares do Tio Leco	Torres	RS
RS02433	Balneário de Itapeva	Torres	RS
RS02436	Caixa dágua	Torres	RS
RS02437	RS - LN - 06	Torres	RS
RS02438	Camping Itapeva	Torres	RS
RS02439	RS - LN - 08	Torres	RS
RS02440	RS - LN - 09	Torres	RS
RS02441	RS - LN - 10	Torres	RS
RS02442	RS - LN - 011	Torres	RS
RS02443	RS - LN - 012	Torres	RS
RS02444	RS - LN - 015	Torres	RS
RS02445	RS - LN - 016	Torres	RS
RS02446	RS - LN - 017	Torres	RS

[24] IPHAN. Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos. In http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1699 Acesso em 25/8/2021

RS02447	RS - LN - 018	Torres	RS
RS02448	RS - LN - 019	Torres	RS
RS02449	RS - LN - 020	Torres	RS
RS02450	RS LN - 021	Torres	RS
RS02451	RS - LN - 022	Torres	RS

Para alguns desses registros foi possível identificar a localização aproximada devido ao nosso conhecimento detalhado da região e até mesmo por terem sido feitos por uma arqueóloga associada do Instituto Curicaca, a Dra. Beatriz Landa. Para a localidade Itapeva, que faz parte do Sítio aqui descrito, foram identificados os registros RS-201 Itapeva 1, RS-202 Itapeva 2, RS-203 Itapeva 3 e Camping de Itapeva, que se encontram onde atualmente é o Parque Estadual de Itapeva. Da mesma forma, os registros Balneário Itapeva, RS-204: Entre Itapeva e Lagoa do Jardim, RS-205: Arroio da Lagoa do Jardim e RS-LN-109: Cemitério de Itapeva, que se encontra imediatamente ao sul do Parque. Para os demais sítios, as informações constantes nas fichas do Cadastro não são suficientes para identificar se pertencem a uma das seis localidades do Sítio.

Caminho dos tropeiros (Avenida Júlio de Castilhos, Torres)

A região foi intensamente utilizada por tropeiros, havendo caminhos que cruzavam a Planície Costeira no sentido Sul-Norte e outros que interligavam a Planície Costeira com o Planalto das Araucárias, subindo a Encosta da Serra. A Rua Júlio de Castilhos, na cidade de Torres, foi estabelecida sobre um caminho de tropeiros. Nos estudos para o Plano de Manejo do Parque de Itapeva é indicada a presença de vestígios da um caminho de tropeiros em meio às dunas logo acima da Pedra de Itapeva (Comunicação Ad hoc de Monticelli). Esse seria parte do caminho de tropeiros identificado para a Rua Júlio de Castilhos, portanto, parte dele está na localidade Itapeva do Sítio aqui descrito.

Formação histórica

Resumo

Uma pesquisa baseada em fontes bibliográficas e complementada pelas gravações em áudio das entrevistas das artesãs buscou caracterizar historicamente o sítio e suas migrações internas, atendendo a solicitação do IPHAE[25]. A seguir apresentamos a síntese dessa pesquisa, que se encontra na íntegra no anexo E. O documento completo também inclui um conteúdo iconográfico e a dinâmica da população e socio economia do sítio.

Os registros históricos da região começam apontando a ocupação por indígenas Carijós, que como seus antecessores, viveram ali da abundância dos recursos da Mata Atlântica e do mar até **meados do século XVII**, quando sua dominação e extermínio foram iniciados na região pela ocupação dos europeus. Isso determinou, inicialmente, um esvaziamento demográfico seguido da forma de ocupação realizada pelos luso-brasileiros, que tornara Torres um local de passagem e fixações efêmeras de grupos militares designados à proteção do território em meio aos conflitos entre Espanha e Portugal.

Durante o século XVIII foi local de fiscalização e de detenção. Nessa época, havia atividades tropeiras e o estabelecimento de diversos pontos de abastecimentos das tropas. A região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul contava, no final do século XVIII, com alguns colonos açorianos ao longo da Lagoa de Itapeva,

[25] Item 6 e 7 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

cujas atividades estavam relacionadas ao plantio de itens como mandioca, milho e cana de açúcar, destinados a esses transeuntes e às ocupações temporárias (SILVA, 2009)[26].

No século XIX, algumas ações se voltaram para o povoamento da região. Inicialmente, foi levado um grupo de Guarani, capturado nas disputas dos territórios com os espanhóis, a fim de criar uma colônia em Torres. Eram aproximadamente quatrocentos indivíduos. Têm-se notícias, através de registros de batismos no período de 1823 - 1825, que poucos permaneceram em Torres (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984)[27]. Em 1826 quatrocentos colonos alemães chegaram à Torres numa ação planejada de assentamento, povoamento que se tornou mais conhecido. Apesar das dificuldades iniciais que esses últimos encontraram - assentamentos em locais de mata densa, em solo pedregoso ou alagados pelo Mampituba e os ataques de "bugres" -, essa colonização criou raízes. A atividade desenvolvida pelas artesãs da palha de butiá remonta a esse século. Não há como identificar claramente a sua origem, mas é resultado da combinação de conjunturas sociais, culturais, ambientais e econômicas específicas do local. É fruto da multiculturalidade registrada pela história até o seu surgimento e reconhecida pelas narrativas das detentoras desse saber na confluência dos conhecimentos de diversos grupos étnicos, sobretudo indígenas, açorianos e alemães.

Na segunda metade do século XIX, a região, aos poucos, passou a ser vista novamente como local de atrativos, o destino de veranistas. Com a imigração de alemães, veio a prática dos banhos medicinais – curistas - e a popularização dos banhos de mar (SCHOSSLER, 2010)[28].

No início do século XX, em decorrência da crescente industrialização das cidades, das transformações do trabalho e da busca por períodos de descanso, a vilegiatura, ou temporada de férias, torna-se uma nova forma de sociabilidade. Esses fatos traçaram a reorganização não apenas em Torres, mas em todo litoral riograndense. A partir das primeiras décadas do século surgiram os primeiros hotéis e infraestruturas que esboçaram a paisagem pela qual a cidade de Torres é identificada e percebida atualmente. Nesse período, os investimentos de Antonio Picoral e a fundação do seu hotel, o Balneário Picoral, foram catalisadores da estrutura urbana da cidade que surgia. Para o abastecimento do seu negócio construiu a primeira usina de luz, montou fábrica de colchão, carpintaria e matadouro (ESCOSTEGUY; OLIVEIRA, 2003)[29]. Nessa época, há relatos de veranistas que consumiam chapéus e outros produtos comprados na viagem ou em armazém do Picoral (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984).

Remetendo-se a esse período, algumas entrevistadas (CURICACA, 2014)[30] lembram-se da sua infância associada aos engenhos de crina vegetal com palha de butiá, que era fornecida para o enchimento de colchões e estofados, atividade que decaiu com o surgimento da espuma na década de sessenta. O início do século foi de crescimento, no Brasil, das indústrias de colchão de mola preenchidos com fibras naturais e

[26] SILVA, Adriana Fraga. *Meu avô era tropeiro: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS)*. PUCRS – Porto Alegre, 2009.

[27] RUSCHEL, Ruy Ruben & RUSCHEL, Dalila P. *São Domingos das Torres*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

[28] SCHOSSLER, Joana Carolina. *As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900- 1950)*. [manuscrito]. Dissertação. PUCRS. PPGHFCH. POA, 2010. Orientador: René Ernani Gertz.

[29] ESCOSTEGUY, L. F.; OLIVEIRA, L. D. *Duplicação da Rodovia BR-101SC/RS: Trecho Torres-Osório. Estudo do patrimônio histórico e cultural na área de influência*. Porto Alegre: MCT/PUCRS, 2003.

[30] CURICACA. *Entrevistas com artesãs da palha do butiá do município de Torres*. Banco de dados do Instituto Curicaca. Acesso em 20/7/2021.

há referências à intensa produção desse material em áreas de butiazais do Rio Grande do Sul (ABICOL, 2021[31]; MUNHOZ, 2020[32]).

Para algumas famílias, a produção de artesanato com palha de butiá foi a principal fonte de renda. Para outras, um complemento em meio às atividades domésticas, tarefas escolares, jogos e brincadeiras da infância. Na forma de escambo, o chapéu era trocado por tecidos e alimentos em armazéns rurais e isso teve grande importância na busca de autonomia das mulheres. Independente da forma e significado econômico, essa prática foi invisibilizada pela história que é hoje difundida e abalizada.

Nas últimas décadas o contexto do artesanato com palha de butiá no âmbito das famílias mudou bastante. Outras oportunidades de serviço e interesses diversos direcionaram as gerações de filhos e netos das artesãs para atividades urbanas e periurbanas. A prática vem sofrendo flutuações, ora mantida pela compra de chapéus em grande quantidade por compradores da Serra, ora inserida como produto de venda aos turistas, incluindo sua transformação para bolsas e tapetes. Essa inconstância se deve ao desinteresse pelos produtos, pela concorrência com artesanatos vindos de fora, falta de políticas públicas de reconhecimento e incentivo, perda do ambiente natural de suporte e limitações impostas pela legislação e fiscalização ambiental.

História demográfica[33]

De acordo com Anjos, Lopes e Ruiz (2018)[34], o desenvolvimento demográfico da ocupação do Litoral Norte do RS pode ser dividido em quatro etapas: I) estâncias e fazendas (até 1888); II) turismo de saúde (1888-1940); III) loteamentos balneários (1940-1995); IV) condomínios horizontais (1995-2016).

No período de "estâncias e fazendas", parte da ocupação localizava-se distante do mar, próximo a Santo Antônio da Patrulha. Nesse período, perto do litoral, e com poucos moradores, localizava-se a Vila de Torres habitada, sobretudo, por militares destacados às fortificações. Nesse período, a região estava voltada, essencialmente, para as atividades pesqueiras e o cultivo para a subsistência (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984). Esse cenário foi alterado com a atividade tropeira, no final do século XVIII, e consequente aumento dos moradores. Em geral, eram açorianos vindos de Laguna que, fixando residência ao longo do "Caminho da Praia" e da Lagoa de Itapeva, praticavam a pesca e agricultura, produzindo para o abastecimento das tropas. Com a construção da capela de São Domingos (1820), essa edificação passou a centralizar a população, até então dispersa e, no início do século XIX, Torres passava a ter algumas centenas de moradores. Eram militares, açorianos, negos e guaranis. Após, com a chegada de cinquenta e três famílias alemãs (1826), a região passava a contar com mil e duzentas pessoas. Em 1847, segundo a Fundação de Economia Estatística - FEE[35], a população, com aproximadamente 1200 pessoas, numa amostragem junto aos cidadãos com direito ao voto, mostrava que 87% praticavam atividade agropecuária e 13% prestavam

[31] ABICOL, 2014. *História do Colchão*. In https://www.abicol.org/historia-do-colchao/ Acesso em 14/9/2021

[32] MUNHOZ, E.; TRESCASTRO PACHECO, F.; CRISTINA HAAS LIMBERGER, D. Resgate histórico e cultural para desenvolvimento do ecoturismo no butiazal de Tapes. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 8, n. 2, 28 fev. 2020. In https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/91184 Acesso em 15/9/2021.

[33] Item 8 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

[34] ANJOS, F. A. dos; LOPES, E. B.; RUIZ, T. C. D. A ocupação no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, e suas implicações no turismo de segunda residência. In: Urbe. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*. Ed. PUCPR: Curitiba, 2018, mai./ago., 426-441.

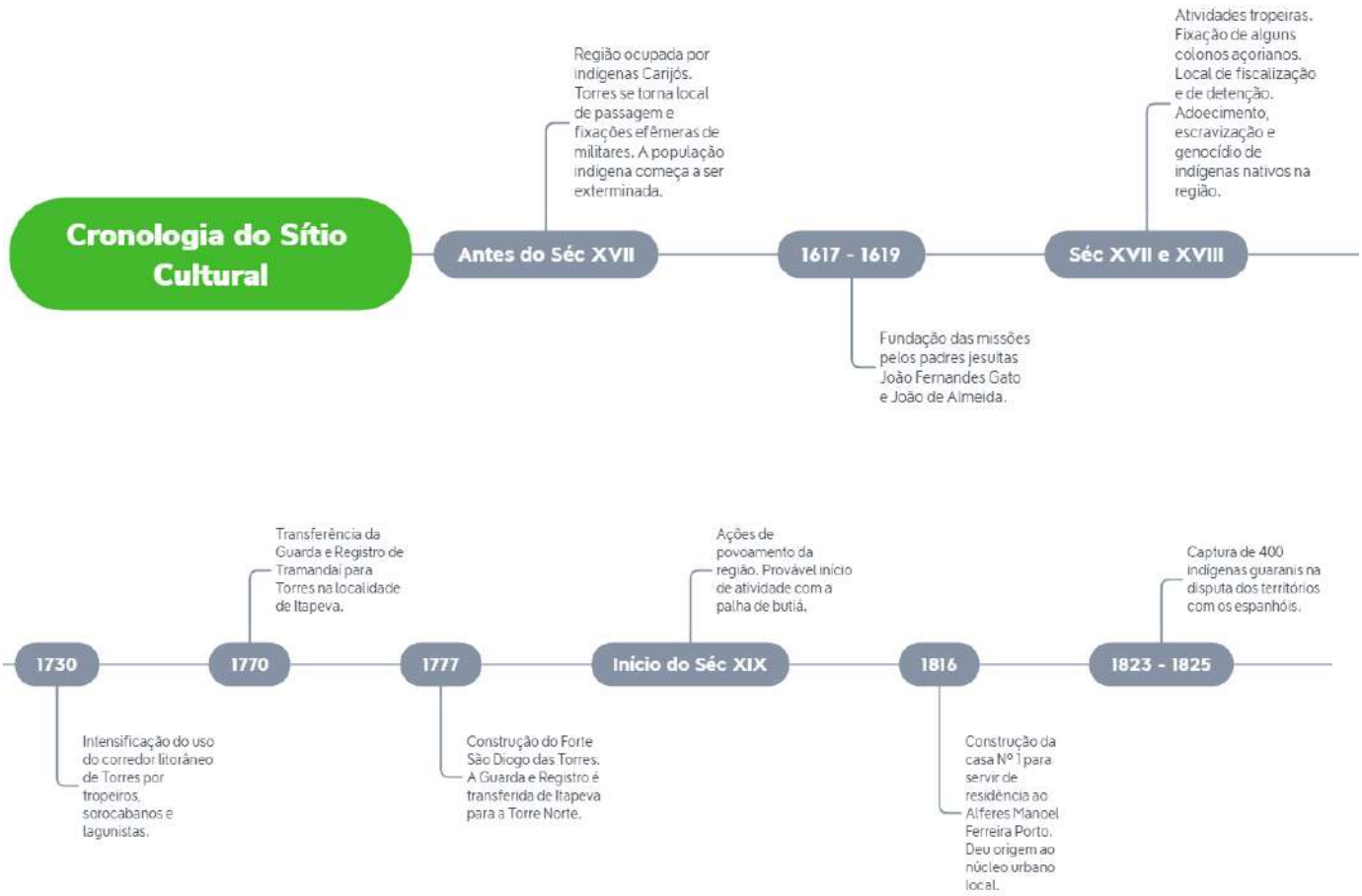
[35] Fundação de Economia e Estatística. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul: censos do RS: 1803-1950*. Porto Alegre: FEE, 1981, 330p.

diversos serviços – entre eles negociantes, carpinteiros, pescadores, sapateiros, escrivães, professores. No censo de 1853, o distrito das Torres já tinha um curtume, uma olaria e algumas fábricas de aguardente.

Foi no período de "turismo de saúde" (1888-1940) praticado pelas classes mais abastadas das metrópoles, que se registrou o crescimento da população local. Em 1920, Torres já alcançava cerca de dez mil pessoas (FEE, 1981, p. 128). Na década de quarenta, com uma população de cerca de vinte mil pessoas (FEE, 1981, 148), deu-se início ao período de "loteamentos balneários" (1940-1995). A cidade passou a contar com incrementos na infraestrutura, urbanização e transportes. É importante destacar que nesse período esses balneários passaram a ser frequentados pela classe trabalhadora que adquirira direito a férias, e a demanda dos veranistas incentivou o mercado imobiliário. O censo do IBGE em 1950 contempla a atividade de "silvicultura", juntamente à agropecuária, representam quase noventa por cento das atividades desenvolvidas em Torres.

Entre as décadas de 1920 e 1970, a população de Torres quadruplicou passando para 41.129 moradores. Esse período coincide com sua expansão territorial para áreas rurais periféricas, quando passou de três para sete distritos. Talvez seja esse o motivo pelo qual menos de um quarto desses residentes eram urbanos. Entre 1970 e 1998 a dinâmica territorial foi inversa com a emancipação dos municípios reduzindo-se para apenas dois distritos (IBGE, 2021)[36]. Sua população passou para 34.656 em 2010 e a população rural para apenas 1.316 pessoas (IBGE, 2021; FEE,1981).

Cronologia



[36] IBGE, 2021. *Brasil, Rio Grande do Sul, Torres: história e fotos*. In https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/torres/historico Acesso em 14/9/2021.

1824

Inauguração da igreja São Domingos das Torres, primeira igreja construída no trecho litorâneo entre Laguna (SC) e Osório (RS) e a segunda mais antiga no litoral do Estado.

1826

Ação de assentamento de 400 colonos alemães. Os protestantes, cerca da metade, foram para o Vale de Três Forquilhas e os católicos para o Vale do Mampituba.

1835 - 1845

Durante a Revolução Farroupilha, Torres é dominada alternadamente por legalistas e revolucionários.

2ª metade do Séc XIX

A região passa a ser atrativo para veranistas, por meio dos banhos medicinais e a popularização dos banhos de mar.

1890

Passagem definitiva da condição de freguesia para de vila.

Início do Séc XX

Fortalecimento do costume de usufruir temporadas de férias por parte da sociedade. Inauguram-se hotéis e infraestruturas para os turistas. Os chapéus de palha de butiá eram trocados na forma de escambo por tecidos e alimentos nos mercados locais. A atividade era uma importante fonte de sobrevivência para as famílias mais vulneráveis.

1912

Instalação do primeiro farol.

1915

Fundação do Balneário Picoral por Antônio Picoral. Associado ao empreendimento, houve a construção de uma usina de luz, carpintaria, matadouro e uma fábrica de colchões. As artesãs remetem-se a esse período como de intensa produção de colchões e estofados de crina vegetal da palha de butiá para abastecer o mercado interno e para exportação para as indústrias de colchões de mola e estofados de veículos e móveis em geral.

Meados do século XX

Intensificação da produção de chapéus para a venda em mercados locais, que os revendiam a indústrias de chapéus em Garibaldi (RS) e Jaraguá do Sul (SC), as quais transformavam e qualificavam o o produto para outros mercados consumidores. Inserção do produto, bem como bolsas e tapetes para o turismo no verão.

1971

Duas áreas rurais ao sul da cidade de Torres são declaradas como de utilidade pública.

1981

1ª redução das áreas de utilidade pública.

1983

2ª redução das áreas de utilidade pública e criação do Parque Estadual Turístico da Guarita.

Perfil socioeconômico

<u>População</u>

Não há como obtermos informações sobre a população exclusivamente do Sítio, uma vez que a cidade de Torres não se encontra dentro dele e exerce um peso muito grande sobre a população do município, sobre a qual é possível obter dados consistentes. Em 2021 a população estimada do município de Torres é de 39.381 pessoas, embora o último levantamento feito pelo IBGE[37] tenha sido no Censo de 2010, quando foi medida uma levantada a população em 34.656 pessoas, resultando numa densidade demográfica de 215,84 hab./km². Avaliando-se a Pirâmide Etária para 2010, percebe-se a população é mais idosa do que a média nacional. Em 2010, a maioria da população eram de religião católica apostólica romana (82%), seguido por evangélicos (15%) e espíritas (3%). Note-se que os praticantes da religião umbanda são invisibilizados pelo Senso, uma vez que pelo menos meia dúzia de estabelecimentos de prática de religião de origem africana são facilmente encontrados numa busca para o município e que a Festa de Iemanjá é uma das festividades de grande significado para a região.

É preciso considerar também a população flutuante durante o período de veraneio, embora apenas uma parte dessa ocupe o Sítio na localidade de Itapeva. Segundo a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul, a população flutuante estimada para 2015 foi de 27.487 pessoas, o que representou para o período um crescimento populacional de 72,9%. Mesmo assim, dentre os 11 municípios que fizeram parte da pesquisa Estimativas para a população flutuante do Litoral Norte do RS, Torres foi o que teve o menor crescimento populacional no período.

<u>Qualidade de vida</u>

Inúmeras são as formas de avaliação da qualidade de vida não havendo medidas como padrão-ouro. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma das formas mais tradicionais de se avaliar qualidade de vida em grandes populações. numa leitura ampliada do conceito de desenvolvimento humano no qual, por exemplo, saúde e educação são dimensões importantes para a expansão das capacidades dos indivíduos. Assim, uma análise crítica deste indicador é sempre importante, pois este poderia estar mais relacionado

[37] IBGE 2021 In https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/torres/panorama Acesso em 31/8/2021

com o crescimento e menos com o desenvolvimento que seria um conceito mais amplo considerando mudanças histórias da sociedade.

Trabalho e renda familiar

Em 2019, 31,4% da população de Torres encontrava-se com ocupação em posto de trabalho e o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 2,2 salários-mínimos. Entretanto, no Senso de 2010 foi levantado que 28,8% da população tinha um rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo. Para estabelecermos alguma relação entre trabalho e economia, usamos as informações utilizadas para o cálculo do Produto Interno Bruto do município em 2018. Desconsiderando as entradas por impostos e subsídios, a agropecuária foi responsável por apenas 2%, a indústria por 12%, os serviços são a fonte econômica mais importante, com 66%, e outros serviços de ordem pública de administração, defesa, educação, saúde e seguridade social são também bastante significativos, representando 20%.

Educação

Segundo o IBGE, em 2020 o município de Torres dispunha de 20 estabelecimentos de ensino fundamental e 5 de ensino médio, atendidos por 281 docentes no ensino fundamental e 105 docentes no ensino médio. Nesse ano, houve 4.995 alunos matriculados no ensino fundamental e 1.179 matriculados no ensino médio. Embora desatualizada, a taxa de escolarização era elevada em 2010, com 98,4%. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, que mede a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino, foi para a Rede Pública em 2019 de 6,2 para os anos iniciais do ensino fundamental e de 4,7 para os anos finais do ensino fundamental. Nesse ano, para comparar, a média para o Brasil foi de 5,5 e 5,0 e do Rio Grande do Sul 6,0 e 5,4 respectivamente. Ou seja, a qualidade do ensino na Rede Pública municipal é maior que a média nacional e estadual para os anos iniciais do ensino fundamental e abaixo da média para os anos finais do ensino fundamental.

Mapas

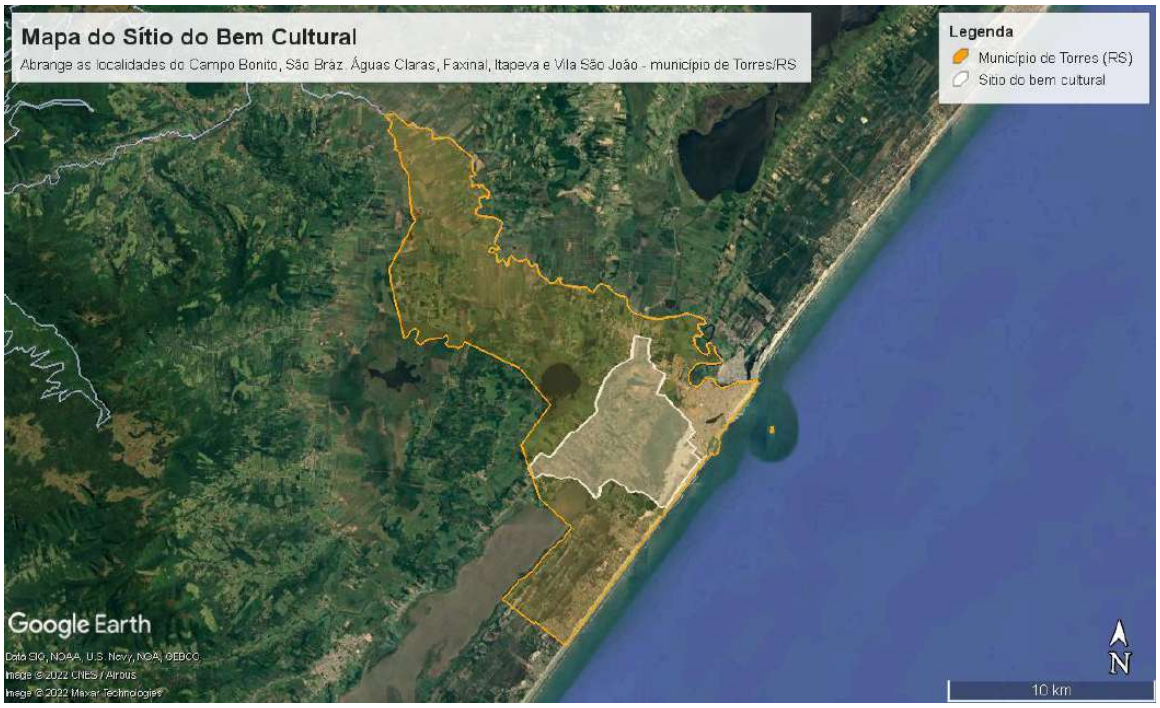


Figura 37 – Território do sítio cultural dentro dos limites municipais de Torres (RS).

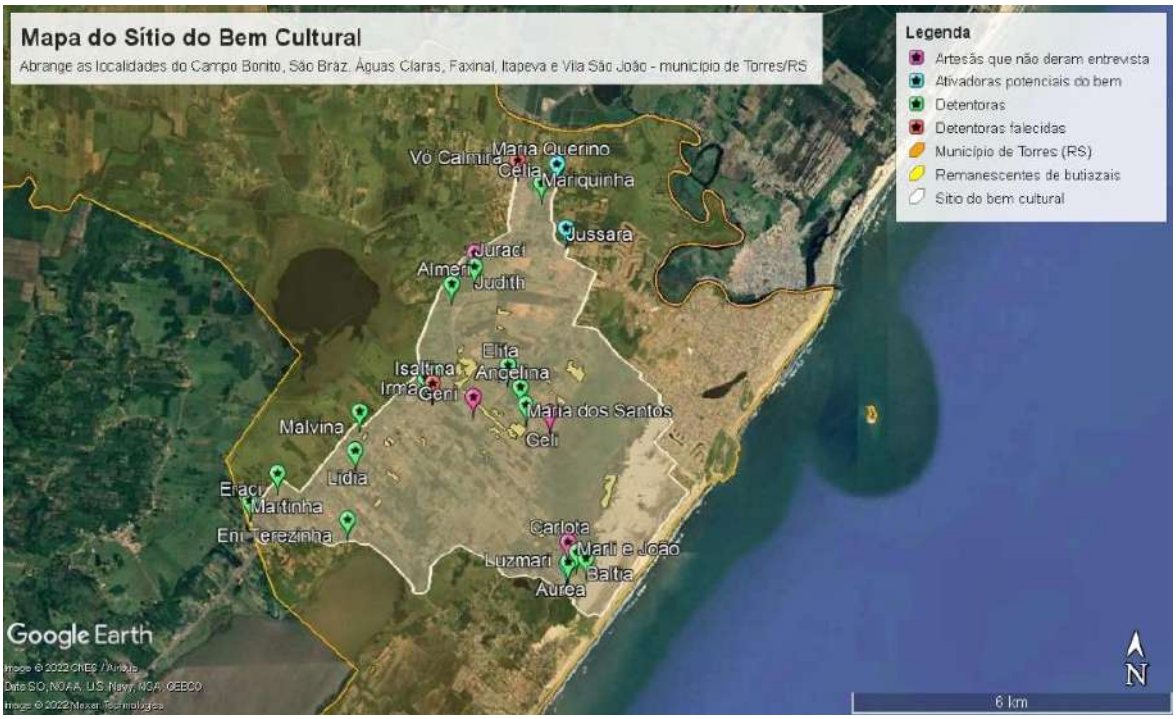


Figura 38 - Mapa de distribuição das artesãs no território do sítio cultural.

Legislação

A seguir listamos as leis federais, estaduais e municipais da área de cultura e meio ambiente que incidem diretamente sobre o sítio cultural.

Leis Federais

DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências.

LEI Nº 12.651, DE 25 DE MAIO DE 2012 - Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis n.º 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis n.º 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

LEI Nº 11.428, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2006 - Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências.

Leis Estaduais

DECRETO Nº 54.763, DE 17 DE AGOSTO DE 2019. (publicado no DOE n.º 162, de 20 de agosto de 2019) Regulamenta a Lei nº 13.678 de 17 de janeiro de 2011, que dispõe sobre o Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

Portaria SEMA Nº 46 DE 10/07/2014 - Dispõe sobre as normas para regularização da colheita de folhas (frondes) e frutos do Butia catarinensis (butiá-da-praia).

LEI N.º 13.914, DE 12 DE JANEIRO DE 2012 - Altera as Leis n.º 11.520, de 3 de agosto de 2000, que institui o Código Estadual do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências, e 9.077, de 4 de junho de 1990, que institui a Fundação Estadual de Proteção Ambiental e dá outras providências.

LEI N.º 13.678, DE 17 DE JANEIRO DE 2011. (publicada no DOE nº 013, de 18 de janeiro de 2011) Dispõe sobre o patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.

Leis Municipais de Torres

LEI Nº 5014, DE 09 DE NOVEMBRO DE 2018. Dispõe sobre o Sistema da Cultura do Município de Torres, cria o Conselho Municipal de Política Cultural e o Fundo Municipal de Cultura.

Lei Ordinária Nº 5168/2021 - Determina ao Município de Torres a adotar as resoluções do Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA) no que diz respeito ao licenciamento ambiental.

DECRETO Nº 98, DE 11 DE MAIO DE 2021 - Aprova Regimento Interno da Casa da Terra e do Artesanato de Torres.

LEI Nº 4122, de 05 de dezembro de 2007 – Reestrutura e disciplina o Conselho Municipal de Meio Ambiente e o Fundo Municipal de Meio Ambiente.

Avaliação e perspectivas

Contexto ambiental

Esse aspecto da sustentabilidade é apresentado em primeiro lugar porque o Instituto Curicaca tem entre os objetivos institucionais evidenciar e fortalecer a interdependência entre natureza e cultura e esse é um aspecto forte presente no Programa de conservação e uso sustentável dos butiazais, ao qual está vinculada essa proposta de registro do bem como patrimônio cultural.

A palmeira butiá-da-praia (*Butia catarinensis*) é uma espécie ameaçada de extinção. Mais do que a espécie, o ecossistema butiazal, onde ela é dominante em meio a outras espécies de plantas, está sob forte ameaça pelo desmatamento. As pesquisas realizadas sobre o modo tradicional de extrair as folhas para o artesanato consideraram essa interação sustentável quando os remanescentes eram abundantes. As causas da degradação não são a retirada da folha para o artesanato, mas a conversão do ecossistema para lavouras de fumo, loteamentos e condomínios, urbanização e infraestruturas associadas e para a pecuária. Na situação em que os remanescentes se encontram, por exemplo, a retirada de folhas para a confecção de "clinas" como foi feita no século passado, possivelmente não seria mais sustentável. Se voltasse a acontecer, poderia estar incluída entre as ameaças. Por isso, foi elaborada a normativa para o extrativismo.

Os butiazais já formaram a paisagem predominante na região de Torres. Dona Irma, uma das detentoras do saber, tem lembranças fortes do ambiente dos butiazais e dos desafios que encontravam desde pequenas no contato com a natureza e os animais do campo:

> Ai, era cobra, era marimbondo, era um monte de coisa assim, era aranha, a gente tinha muito medo! Mas a gente era obrigada a ir, enfrentar, né? A cobra corria, né? E uma vez nós encontramo um jacaré! Que veio das Águas Claras, da Lagoa das Águas Claras pra ali, aí meu pai amarrou no carro, e botou os boi, e amarraram ele numa corda e levaram de volta. Aquilo foi muito divertido, sabe? Foi muito divertido! Tinha gente que não conhecia, né? Mas nós conhecia muito! A gente tinha muito medo de entrar na faxina por causa desses bicho! Mas nós enfrentava!

Entretanto, conforme estudos realizados pelo Instituto Curicaca e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2008 restavam apenas 112,3 hectares de butiazais, divididos em 53 remanescentes, dos quais 34 ficam na porção norte da área estudada, próxima a Torres, e 19 ficam na porção sul, próxima a Osório. Uma grande perda desse ambiente ocorreu nas últimas três décadas, causada pelo desmatamento para agricultura e pecuária e para a implantação de condomínios e a expansão urbana. Mesmo com o trabalho contínuo de mais de 10 anos do Instituto Curicaca na região, não foi possível evitar os desmatamentos dos butiazais. Conversões continuam sendo feitas e o declínio do ecossistema que havia sido mensurado para o período de entre 1974 e 2008, continuou em curso nas comparações feitas entre 2008 e 2012. Essa percepção de degradação tem sido confirmada nas entrevistas.

Para a atualização da situação dos remanescentes de butiazais em 2021 (Anexo F) nos municípios de Torres e Osório, conforme solicitação do IPHAE[38], buscou-se uma comparação ao mapa gerado a partir de imagens de 2008 e 2011. A análise revelou uma perda de 15,7 hectares, representando 13,71% dos remanescentes mapeados para 2008. Por outro lado, na análise individual de cada um dos remanescentes foi possível identificar a possibilidade de ganhos de área por colonização natural, que entretanto não pode ser mapeada sem verificações de campo, que não estavam previstas nesse trabalho. Os resultados de um balanço de perdas e ganhos não são conclusivos, mas demonstram claramente que os butiazais legalmente protegidos pela Portaria SEMA Nº 46 DE 10/07/2014, não tiveram sua integridade garantida, o que aponta falhas na fiscalização e/ou no licenciamento ambiental.

O butiá é uma espécie pioneira ou que ocupa restingas da Mata Atlântica. Isto é, a palmeira está entre as espécies que primeiro se estabelecem na formação do ecossistema, podendo, porém, permanecer por todos os estágios sucessionais, quando compartilha o ambiente com outras ervas, arbustos e pequenas árvores, que formam os butiazais ou butiatubas. São plantas heliófilas – que precisam de muita luz pra se desenvolver – e xerófilas – que se desenvolvem em meios secos, com pouca umidade.

Por esse motivo, Dona Maria dos Santos, comenta que com a construção da Estrada do Mar, criou-se uma barreira e a água passou a acumular-se nos terrenos onde antes existiam os butiazais, acabando com eles: “Onde junta água, pegou sol, tá morto, porque a água esquenta”.

As artesãs sugerem outros motivos de ordem ambiental para a diminuição do número de butiás na região que são a pecuária, a agricultura em larga escala e a falta de retirada das folhas, pois como explica Dona Malvina, a retirada favorece o crescimento do butiazal: “Onde limpa, vem mais. Limpa e vem com força. Tá morrendo porque o pessoal não ta mais produzindo e não tiram as plantas de volta, e o butiá vai morrendo, porque não pode ficar abafado (...) Tá acabando, o butiazeiro vai acabar. O butiá era tanto, mas vai acabar”.

[38] Item 3 das solicitações do Ofício NO 060/2020/IPHAE: Análise de Inventário e demais procedimentos.

Dona Áurea, ao falar dos locais onde está tirando as folhas, comentou: "O meu irmão me chamou para tirar umas folhas numa área que vai cercar para pôr o gado, antes que eles comam as folhas, sabe. O gado come tudo". No município de Quarai, onde também estamos trabalhando com a conservação dos butiazais, o gado foi acostumado a se alimentar das folhas. Os trabalhos de pesquisa no Litoral Norte aviam apontado o impacto do gado na regeneração, por comeram as estruturas reprodutivas (espatas novas) e as plantas novas, além do pisoteá-las. O fogo para a regeneração da pastagem também seria uma ameaça à regeneração. Em nenhum outro momento havia aparecido esse comportamento de herbivoria direta das folhas, como em Quarai, o que foi muito interessante.

A percepção de benefícios para a planta é decorrente de um viés do olhar que está relacionado à agricultura e tem analogia com qualquer planta que seja cultivada. A retirada das folhas funciona como um estímulo de crescimento dado à planta, que precisa utilizar suas energias para emitir novos brotos e repor as folhas que foram tiradas, ou perecerá por limitações na fotossíntese. Uma planta suporta cerca de quatro podas consecutivas e então começa a apresentar sinais de enfraquecimento, com redução das estruturas reprodutivas. Em tempos de abundância dos remanescentes, havia um rodízio intuitivo entre as plantas em que as folhas eram retiradas, feito pelas artesãs com base em indicadores de qualidade. Hoje, por escassez a retirada ocorreria sem esse rodízio, se não houvesse a normativa.

Por outro lado, a maioria das artesãs aponta que a proibição da retirada da folha foi o principal motivo para pararem de produzir o artesanato. Ou seja, há uma sequência cíclica perniciosa no contexto. As artesãs são por motivos econômicos e culturais as cuidadoras originais dos butiazais, outras economias e interesses com maior força estabelecem-se na região e passam a ser ameaças aos butiazais e ao artesanato, o declínio é tão grande que a espécie passa a ser classificada como ameaçada de extinção, sem distinção o extrativismo da folha para o artesanato passa a ser uma ameaça, o Estado não consegue controlar em escala as ameaças verdadeiras e o controle passa a ocorrer no lado mais fraco, as artesãs, que deixam de produzir o artesanato e, com isso, perdem a função de cuidadoras. Esse significado e papel é que estaria sendo recuperado com as ações do Instituto Curicaca de salvaguarda do artesanato e com ações que diferenciam as formas de tratar as ameaças.

Existe, porém, uma ideia mais pragmática a respeito da escolha das folhas a serem utilizadas, que se baseia nas características daquelas que melhor atendem à produção da trança. As folhas mais finas, como, por exemplo, as dos brotos da ponta e as das plantas mais jovens não seriam interessantes por darem uma palha muito estreita. Dentre todo o conjunto das folhas de uma árvore, seriam retiradas apenas as melhores folhas, escolhidas uma a uma e as demais seriam deixadas, sem a realização de uma poda, é o que nos relatou Dona Áurea.

De uma forma ou de outra, o broto com as duas folhas mais novas seria preservado para garantir a sobrevivência da planta após a retirada das folhas, o que é o principal saber intuitivo de sustentabilidade ambiental.

Conclui-se que a sustentabilidade ambiental da atividade em si é positiva, mas no contexto em que está inserida atualmente, carece de mudanças significativas nas formas de controle das demais ameaças, pois os butiazais, no momento, não possuem sustentabilidade.

Contexto econômico

A demanda de mercado hoje existente para o chapéu é dominantemente aquela do produto mais grosseiro que, vendido em dúzias, segue para um processo industrial antes de alcançar o consumidor final.

Esse tipo de chapéu renderia atualmente R$ 1,75 a unidade para a artesã. O chapéu mais bem acabado é vendido por R$ 25,00, mas há poucos compradores, que têm a sua disposição uma enorme concorrência de chapéus nordestinos e mineiros vendidos nas lojas de Torres.

A costura do produto final, seja chapéu ou outro qualquer, é antecedida por um trabalho grande e em algumas partes bem exaustivo, até alcançar a confecção da trança, a peça básica. Se usássemos como referência a produtividade de Dona Bautia de 25 dúzias por mês do chapéu mais grosseiro, alcançaria um rendimento mensal de R$ 500,00. A soma do trabalho difícil com o baixo retorno financeiro tem sido a principal causa de desistência da maioria das artesãs. Algumas preferiram fazer outros artesanatos com maior demanda e melhor valor agregado (Irma, Judith, Eracy), ou dedicarem-se a outras atividades produtivas (Geli, Maria dos Santos), ou passarem a viver apenas da aposentadoria rural (Elita, Eracy, Marli, Maria Querino, Maria da Rosa, Malvina). Apenas algumas continuam produzindo, talvez por falta de outra opção de renda (Bautia, Lidia) ou por teimosia (Áurea), como consideram os filhos que insistem para que as mães larguem a produção.

Nesse contexto, fora aquelas artesãs que eventualmente produzem um chapéu mais bem acabado para atender demandas esporádicas, apenas duas entrevistadas continuam a produzir em maior quantidade, Dona Bautia e Dona Lídia, o que parece ser motivado pela necessidade dessa fonte de renda. Incrivelmente, bastaria às artesãs venderem para algumas lojas entre 40 e 50 chapéus do tipo mais bem acabado para terem o mesmo rendimento de 25 dúzias, mas esse mercado não existe e, mesmo que existisse, seria restrito ao verão. Sem a existência desse mercado, não há como motivar pessoas mais jovens para esse fazer, já que têm outras ofertas de trabalho ou serviços. Como nos conta Dona Maria dos Santos: “Parou de render o trabalho porque muita gente prefere estudar, fazer cursos ou ter outros tipos de trabalho. Maioria foi embora da região também”. Essa ideia é complementada por Dona Malvina: “graças a Deus, eu não tenho precisão, eu faço por gostar”.

A pergunta que nos mobiliza é se haveria como criar mercado para o chapéu mais bem acabado? Não temos certeza, mas comparativamente a outros saberes patrimoniados no nível nacional, o chapéu produzido com a palha do butiá não carrega em si um valor estético excepcional. Seria então um grande desafio alcançar nichos comerciais diferenciados apenas com esse produto e, sem esse mercado, a viabilidade econômica estaria comprometida.

Daí, alcançamos o dilema que está fortemente presente nos processos de reconhecimento, registro e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. No dossiê de registro do Modo de Fazer Renda Irlandesa tendo como referência esse Ofício em Divina Pastora (IPHAN, 2009[39]) há uma discussão sobre a renovação dos processos, o uso de novos materiais e novas aplicações que estão associados às estratégias de incremento da comercialização, mas que não podem deixar perder a qualidade da produção e os nexos sociais e simbólicos que dão suporte ao fazer. Justamente sobre esse dilema, reflete Antônio Arantes: “Para compreender a construção do patrimônio enquanto prática social, importariam não os resultados cristalizados nos objetos e calendários festivos e a sua conservação, não a conservação dos usos e costumes, mas a dinamização das condições sociais e históricas que configuram as suas condições de reprodução” (ARANTES, 2004[40]).

[39] IPHAN, 2009. Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer da Renda Irlandesa tendo como Referência o Ofício das Rendeiras de Divina Pastora/SE. In http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/228. Acesso em 10/02/2016.

[40] ARANTES, Antônio. 2004. Resgate: revista interdisciplinar de cultura

Contexto social

As artesãs não possuem alguma organização social que possa agregá-las em alguma forma associativa ou cooperativa mais forte. A maior parte delas tem como referência de organização os clubes de mães, comumente promovidos pela EMATER nas áreas rurais do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, esses clubes possuem uma lógica de abrangência vinculada às localidades rurais e, por isso, algumas artesãs fazem parte do clube do Campo Bonito, outras do São Brás e muitas não integram essas organizações.

Tem sido difícil motivar e manter um coletivo, pela falta de cultura nesse sentido, pela distância entre as artesãs e dificuldade de deslocamento e também pela idade avançada da maioria delas e desinteresse nesse tipo de esforço. Mantemos um pequeno grupo que se reúne quatro ou cinco vezes por ano, mas sempre com um alto grau de rotatividade e de ausências. Esse é um desafio para o qual ainda não encontramos solução. Além disso, os clubes de mães têm se mantido mais pelo interesse em outros tipos de artesanato e a valorização do artesanato com palha de butiá torna-se bastante difícil.

No âmbito da família, as relações estão diferentes daquelas descritas na significação social. É notável certa desagregação provocada pelas necessidades econômicas e de trabalho de cada pessoa e pelo comportamento mais individualista que se fortalece em nossa sociedade.

Para que o artesanato volte a se fortalecer como economia e determinadas condições de capacitação e mercado sejam conquistadas, é bastante importante essa condição de associação e cooperação da rede social e os desafios colocados acima se impõem como forte risco no contexto social da sustentabilidade.

Contexto político e cultural

O artesanato com palha de butiá não tem reconhecimento cultural pelo município de Torres. Pelo contrário, iniciativas públicas voltadas ao artesanato não diferem o fazer pano de prato, fuxico ou móbile de escama de peixe, por exemplo, comum em diversos outros lugares, daquele artesanato que é típico e enraizado na Região de Torres. Ao mesmo tempo, o comércio não faz distinção e nem os consumidores veranista, quando negociam produtos artesanais do Nordeste, do Mato Grosso, da China, da Índia, de onde seja, sem distinguir do produto local. Nem mesmo as artesãs conseguem compreender essa diferença na hora de venderem seus produtos, já que algumas também produzem outros artesanatos demandados pelo mercado.

No fundo, parte da fragilidade cultural no meio em que esse artesanato com palha está inserido advém da fragilidade em políticas públicas e abordagens das instituições locais e regionais. A Prefeitura e a Câmara de Vereadores, por um lado, não constroem abordagens, projetos, programas, leis que visem reconhecer, valorizar, incentivar, difundir aquilo que é próprio da cultura local. Pelo contrário, o maior evento do município é o Festival de Balonismo, escolha comercial surgida de uma ideia de fora. Nele, inclusive, o espaço destinado ao artesanato é banalizado e, nos últimos anos, até mesmo as artesãs do Clube de Mães tiveram dificuldades para expor seus produtos.

O Escritório Municipal da EMATER, que em um determinado momento teve uma assistente social dedicada ao apoio dos trabalhos das mulheres da área rural, no qual o artesanato com a palha teve certo reconhecimento, hoje deixou de ter esse tema como uma frente prioritária. Da mesma forma, no ensino formal, seja nas escolas municipais e estaduais da região ou na Universidade Luterana do Brasil, que tem um campus em Torres, não existem projetos e ações de estudo ou sensibilização para o patrimônio cultural.

Infelizmente, ou não, as instituições que têm reconhecido e trabalhado com o tema são de fora do município, o Instituto Curicaca e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a ajuda de parceiros como a Fundação Luterana de Diaconia, o IPHAE, o MMA, o CNPq e a Fundação O Boticário.

9 Recomendação para o registro

Considerando-se que o Modo de fazer artesanato com palha de butiá na Região de Torres, Rio Grande do Sul, apresenta uma história na região que remete sua prática para desde meados do Século XIX, que sua transmissão está comprovada para menos seis gerações conferindo-lhe continuidade, que o bem na sua complexidade tem uma identificação territorial clara para a Região de Torres e características de singularidade associada, que faz parte da identificação e memória coletiva de pelo menos 30 famílias ainda atuantes e cerca de 80 famílias da rede de relações, que a ele está associada uma rede complexa de significados – cultural, histórico, econômico, social, ambiental, lúdico, terapêutico e simbólico.

Considerando que, por outro lado, sua transmissão está sendo interrompida, a matéria prima necessária para o processo artesanal está sob forte condição de ameaça, a grande maioria das detentoras hoje vivos encontra-se numa faixa etária entre 60 e 90 anos, que existem fragilidades também na sua sustentabilidade econômica, social e política, aspectos que lhe colocam em risco de desaparecimento imediato.

Considerando os esforços de detentoras do saber para manter o modo de fazer artesanato com palha de butiá e conseguir meios para ainda transmiti-lo, engajadas com o Instituto Curicaca em ações e projetos que visam a sua manutenção e seu revigoramento, por isso, interessadas diretamente na sua salvaguarda.

Considerando-se que é um bem cultural de natureza imaterial detentor de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade gaúcha.

As artesãs das localidades do Campo Bonito, São Brás, Águas Claras, Faxinal, Itapeva e Vila São João, no município de Torres, e o Instituto Curicaca, tendo como base os aspectos de relevância e a situação de ameaça detalhados nesse inventário, **recomendam ao IPHAE o registro do *Modo de fazer o artesanato com palha de butiá na Região de Torres* como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul** no Livro de Registro de Saberes, por meio da Declaração formal das detentoras do bem cultural - Manifestação de Interesse", encontrada anexo VI.

10 Recomendações de salvaguarda

O foco das atenções de salvaguarda do artesanato com a palha de butiá deve estar sobre o processo de confecção, os saberes implícitos e o modo de viver das artesãs, e especialmente, aos significados sociais e afetivos, expressos nas suas memórias e passa necessariamente pela preservação do meio ambiente e o manejo da sua matéria prima.

As recomendações de salvaguarda aqui apresentadas para esse bem cultural proposto como patrimônio foram definidas ao longo de uma série de estudos, ações e projetos conduzidos pelo Instituto Curicaca e parceiros. A maioria delas está prevista no Plano de implantação dos Microcorredores Ecológico de Itapeva e no Programa de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais (Tabela no Anexo VII) e abrangem quatro eixos: (A) Transmissão e reconhecimento social; (B) Políticas públicas e redes de apoio institucional; (C) Desenvolvimento da economia do artesanato e organização social, (D) Conservação do ecossistema e da matéria prima.

Tabela 1- Lista de ações de salvaguarda proposta para os quatro eixos e a situação atual de cada uma delas

Eixo	Ação	Referência	Situação atual
A	Criar condições de transmissão dos saberes sobre o artesanato com palha de butiá, entre artesãos e entre gerações, como por exemplo, por meio de oficinas.	PCUSB [41] PAMCE[42]	Andamento
A	Motivar as escolas de Torres, Arroio do Sal, Osório e Maquiné para abordarem o tema nas atividades de educação ambiental, como por exemplo, incluindo o tema nos Planos Políticos Pedagógicos.	PCUSB PAMCE	Parcialmente realizado (REFORÇAR)
A	Realizar a edição de um livro sobre o artesanato com palha de butiá ou com fibras naturais incluindo esta espécie.	PCUSB	Não realizado (PRIORIZAR)
A	Realizar registro videográfico dos saberes da produção do artesanato.	PCUSB	Não realizado (PRIORIZAR)
A	Estimular a pesquisa da história e da cultura local e regional, incluindo inventário do patrimônio cultural imaterial, para fortalecer os vínculos de identidade entre a sociedade e o lugar onde vivem.	PAMCE	Em realização
A	Criação do site artesdobutia.com.br como forma de registro e visibilidade		Realizado (DIFUNDIR)
A	Participação das artesãs em eventos, feiras e trocas de saberes.		Parcialmente realizado (REFORÇAR)
A	Inserção do tema em mídias próprias, jornais e rádios de circulação estadual e local.		Parcialmente realizado (REFORÇAR)
A	Produção e distribuição de folhetos		Parcialmente realizado
A	Publicação de artigos em livros técnicos com distribuição nacional		Parcialmente realizado
A	Realização de uma campanha de valorização do bem junto aos Torrenses, bem como de conscientização quanto às ameaças que pesam sobre esta atividade.		Realizar
A	Fomentar estudos científicos, técnicos e artísticos, bem como metodologias de pesquisa, para a salvaguarda do artesanato com a palha de butiá.		Realizar
B	Realizar um seminário sul-americano sobre butiazais – conhecimentos e estratégias de conservação e uso sustentável.	PCUSB	Não realizado
B	Publicar e distribuir o plano de uso e conservação dos butiazais.	PCUSB	Esforço de captação feito

[41] PCUSB - Plano de conservação e uso sustentável dos butiazais

[42] PAMCE – Plano de ação dos Microcorredores Ecológicos de Itapeva

Eixo	Ação	Referência	Situação atual
B	Avaliar junto ao IPHAN a potencialidade de registro do artesanato com palha de butiá como patrimônio cultural imaterial.	PCUSB	Realizado com IPHAE
B	Avaliar junto ao IPHAN a viabilidade de instrução de chancela da paisagem para o conjunto de butiazais.	PCUSB	Não realizado (PRIORIZAR com IPHAE)
B	Fortalecer os Microcorredores Ecológicos de Itapeva e as ações propostas no seu plano de implantação que contribuem para a conservação e uso sustentável dos butiazais.	PCUSB	Parcialmente realizado
B	Aperfeiçoar as condições para garantir os direitos e a repartição dos benefícios com as detentoras dos saberes e fazeres do artesanato com palha de butiá nas políticas públicas estaduais.		Realizar
B	Provocar e estimular no Estado do Rio Grande do Sul o estabelecimento de condições técnicas e organizacionais para a gestão do Patrimônio Cultural Imaterial.		Andamento
B	Promover junto ao Ministério do Meio Ambiente a abertura de um edital para a cadeia produtiva do butiazeiro, atendendo ao Plano Nacional para Promoção das Cadeias de Produtos da Socio biodiversidade (PNPSB).	PCUSB	Parcialmente realizado
B	Criar um GT de implantação do Plano de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais.	PCUSB	Realizar
B	Promover o reconhecimento da Prefeitura e da Câmara de Vereadores Municipal do artesanato com palha de butiá como bem cultural e seu envolvimento nas iniciativas de salvaguarda.	PAMCE	Realizar
B	Promover a participação ampla e direta das detentoras do saber nas políticas de gestão do bem cultural.		Andamento
B	Aproveitar as políticas e oportunidades existentes para o artesanato tradicional e patrimônio cultural imaterial no âmbito estadual e federal		Parcialmente realizado (REFORÇAR)
C	Fortalecer e criar mecanismos – leis, programas, projetos – que proporcionem benefícios diretos à comunidade local, pela salvaguarda e uso cultural de seu patrimônio.	PAMCE	Parcialmente realizado (REFORÇAR)
C	Criar um selo de certificação de origem do artesanato com palha de butiá que seja oriundo de projeto piloto de uso sustentável.	PCUSB	Andamento
C	Elaborar e implantar projeto de agregação de valor ao artesanato – design e novos mercados.	PCUSB	Iniciado
C	Mapear a cadeia produtiva do artesanato com folha e fruto para subsidiar futuras estratégias econômicas sustentáveis.	PCUSB	Andamento
C	Criar um grupo permanente de artesãos/extrativistas que tenham interesse em dar continuidade às ações propostas aqui.	PCUSB	Realizado
C	Avaliar a viabilidade econômica e o interesse social e iniciar capacitação de agricultores familiares para produção de mudas.	PCUSB	Esforço de captação feito

Eixo	Ação	Referência	Situação atual
C	Capacitar o grupo permanente para associação e cooperativismo, ampliando aos mais jovens.		Realizar
C	Estudar e experimentar alternativas de Sistemas Agroflorestais – SAFs - com butiazeiros. Considerar aptidões com eucalipto e mandioca.	PCUSB	Não realizado
C	Pesquisar o valor de mercado do butiazeiro no paisagismo – Litoral, Região Metropolitana – para subsidiar alternativa econômica de plantio e manejo sustentável.	PCUSB	Não realizado
C	Promover processos de beneficiamento do fruto do butiazeiro de forma semelhante ao que vem ocorrendo na região com o fruto do palmiteiro.	PCUSB	Andamento parceiros
C	Realizar curso de beneficiamento artesanal do fruto de butiá na região de Torres e de Osório.	PCUSB	Andamento parceiros
D	Revitalizar o artesanato com palha de butiá, como estratégia de conservação dos remanescentes ainda existentes, estabelecendo normas ao extrativismo sustentável, agregando valor e organizando artesãos.	PAMCE	Andamento
D	Produzir folheto informativo sobre a APA Municipal Lagoa de Itapeva e distribuir para proprietários privados localizados nela.	PCUSB	Não realizado
D	Explorar a alternativa de compensação ambiental de empreendimentos conforme prevê a Lei da mata Atlântica, como servidão florestal nos microcorredores ecológicos.	PCUSB	Não realizado
D	Elaborar e implantar projeto de apoio a pecuaristas no cercamento de parte das áreas de butiazais que estão sendo pastejados – áreas fontes.	PCUSB	Não realizado
D	Publicar material informativo – folheto, jornal – sobre a situação dos butiazais para ser distribuído na comunidade.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Ajudar na constatação de irregularidades em relação aos remanescentes.	PCUSB	Andamento
D	Avaliar a possibilidade de inclusão de todos os remanescentes mapeados como zona núcleo ou zona de amortecimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – UNESCO.	PCUSB	Não realizado
D	Cadastrar artesãos/extrativistas que assumem responsabilidade de seguir a normativa de manejo sustentável.	PCUSB	Andamento
D	Cadastrar os proprietários das áreas com remanescentes mapeados.	PCUSB	Andamento
D	Cadastrar propriedades que possuem remanescentes e que pretendem entrar na oferta de produtos conforme normativa de manejo sustentável.	PCUSB	Andamento
D	Disponibilizar aos órgãos de controle e fiscalização federais, estaduais e municipais o mapa dos remanescentes.	PCUSB	Realizado
D	Elaborar e implantar projeto de restauração para a área dos microcorredores ecológicos de Itapeva.	PCUSB	Esforço de captação feito

Eixo	Ação	Referência	Situação atual
D	Elaborar e publicar normativa para o manejo sustentável e comercialização do artesanato com folhas.	PCUSB	Realizado
D	Estudar junto à Sema-RS, especialmente com Fepam e Defap, diretrizes para o licenciamento de empreendimentos de utilidade pública sobre butiazais.	PCUSB	Não realizado
D	Incluir nos planos ambientais dos municípios as áreas de concentração de remanescentes como zona especial para conservação.	PCUSB	Parcialmente realizado
D	Iniciar a produção de mudas para abastecimento regional a partir de matrizes locais.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Planejar uma rotina de sobrevoos trimestrais sobre a área de ocorrência para monitorar desmatamentos e regenerações.	PCUSB	Não realizado
D	Propor e construir disposição política da Sema-RS, especialmente do DEFAP e da FEPAM, para uma portaria da Secretária estabelecendo moratória ao licenciamento ambiental em áreas de butiazais.	PCUSB	Realizado
D	Propor uma moratória à supressão (imunidade ao corte) por um período de oito anos, acompanhada de monitoramento da recuperação para definir necessidade de renovação ou finalização do estado.	PCUSB	Realizado
D	Realizar ações conjuntas de sensibilização de proprietários rurais e periurbanos para importância de conservação e uso sustentável dos remanescentes.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Verificar conflitos de interpretação da legislação quanto ao licenciamento de corte de butiazais, uma vez caracterizados por espécie ameaçada de extinção, e estabelecer posição definitiva.	PCUSB	Realizado
D	Aprofundar a compreensão do conflito da fumicultura com as áreas de butiazais.	PCUSB	Não realizado
D	Buscar a utilização da Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental do Estado (TCFS-RS) e do Fundo Estadual de Meio Ambiente (FEMA), como fonte para pagamento por serviços ambientais decorrentes da conservação e recuperação dos butiazais – projeto piloto.	PCUSB	Não realizado
D	Demandar para os proprietários dos remanescentes mapeados a averbação de Reserva Legal numa estratégia de conservação, uso sustentável e conectividade.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Direcionar recursos de medidas compensatórias de licenciamentos ambientais da região visando à recuperação ou a aquisição de áreas com remanescentes.	PCUSB	Não realizado
D	Elaborar ou atualizar o plano de manejo da APA Municipal Lagoa de Itapeva.	PCUSB	Esforço de captação feito

Eixo	Ação	Referência	Situação atual
D	Elaborar projeto piloto para inclusão de artesãos, extrativistas e proprietários de remanescentes nas práticas normatizadas de manejo sustentável de folhas e frutos.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Enviar solicitação ao MMA e a SEMA para emissão de portaria incluindo o Butia catarinensis na lista de espécies ameaçadas de extinção da flora brasileira e do RS.	PCUSB	Realizado
D	Incluir na revisão do Gerenciamento Costeiro as áreas de concentração de remanescentes como zona especial para conservação (ex. dunas),	PCUSB	Andamento
D	Levantar e analisar de forma integrada todos os processos na Câmara Recursal da Sema-RS, em 1ª e 2ª instâncias, que envolvem conflitos com áreas de butiazais.	PCUSB	Não realizado
D	Levantar e analisar de forma integrada todos os processos no Ministério Público que envolvem áreas de butiazais.	PCUSB	Não realizado
D	Promover a averbação de butiazais como reserva legal de propriedades, individual ou em condomínio, se for de interesse dos proprietários.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Propor e implementar mecanismos de pagamentos de serviços ambientais capazes de abranger a situação dos butiazais.	PCUSB	Não realizado
D	Realizar campanha de repovoamento intensivo para a região.	PCUSB	Esforço de captação feito
D	Verificar como o Plano de Manejo do PEVA trata a questão dos butiazais na zona de amortecimento e se precisa anuência.	PCUSB	Realizado
D	Dar continuidade às pesquisas de manejo sustentável dos butiazais para aproveitamento de folha e fruto.	PCUSB	Realizado

11 Anexos

Anexo I – Entrevistas com detentoras do bem cultural

1.1.1 Entrevista 1 - Almeri Bernardes Monteiro

Identificação do questionário	
Data: 18/07/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 01
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade: Campo Bonito	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0617888 6754844

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Almeri Bernardes Monteiro (Dona Nini)		Data de nascimento/ fundação	09/03/1948
Ocupação: Artesã.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Rua Belvedere, 2320	Telefone:	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – Águas Claras	Desde quando mora na localidade: Há 5 anos, sempre na região.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança pra quem faz chapéu. Também fez bolsas de taboa e tiririca.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Sabe fazer todas as etapas. Antigamente fazia todas as etapas, hoje quem colhe é o marido, pois ela não tem mais como carregar o feixe nas costas. "É gostoso a gente mesmo fazer, porque na verdade ele traz pra mim, mas eu não gosto da palha que ele traz, eu gosto de escolher".
Onde executa a atividade?

Na própria casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe. Nome da Mãe: Ilda da Rocha Bernardes que aprendeu com a mãe dela. Nome da Avó: Rita da Rocha Cunha Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Complementação em 2021: Aprendeu quando criança, aos 5 anos em casa. Já fez 5 chapéus de uma vez, inclusive costurando. “com 5 anos eu trancei e costurei um chapéu” Quanto aos Irmãos: “todos trançavam quando crianças juntos” (54’20”) [todos trançando e conversando juntos e rindo envolta de uma luz de querosene e vela” Irmãos: Aldori (masc.) – continuou trançando depois de mais velho em Capão da Canoa. Trabalhava no engenho fazendo palha, trançava e costurava; Darci (masc.); Carlos; Maria; Rita; Otacílio; Eva; Matilde; Adão; Roberto; Paulo Roberto
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Teve 6 filhos, 3 aprenderam. Juçara, Juliana e José Miguel (nora Jucélia também aprendeu). Ajudavam a mãe quando crianças. “ajudavam a buscar a palha na roça, a secar, a arrumar a palha para trançar. Alguns trançavam. “ “A Jussara que trançava mais. A Juliana só aprendeu, mas não se interessou, é muito ocupada. Tem salão de beleza” “aprenderam, mas saíram para trabalhar muito cedo, já é outra vida. “ “Ensinei muita gente, muita criança, os meus filhos (...) a Jussara, a Juliana e o José Miguel, depois disso a minha nora também aprendeu (...) hoje eles têm o serviço deles, né? Filhos de Almeri: João Cesar Bernardes Monteiro; Jussara Bernardes Monteiro – trançava; Leandro Bernardes Monteiro (falecido); Juliana Bernardes Monteiro – trançava; José Miguel Bernardes Monteiro – trançava; Jucélia Monteiro

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Jussara	Função:	Contato: filha
Nome: Eracy	Função:	Contato: amiga
Nome:	Função:	Contato:
Nome:	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): A colheita é na primavera, antes do inverno ou depois do verão. Não gosta de tirar palha no inverno: muito frio, demora pra secar. No verão seca muito, a palha torra e quebra. Ela deve secar aos poucos, na sombra. Período bom para tirar é entre outubro/ novembro (primavera). Tira-se bastante e guarda. Abril a maio (depois que passa o verão) também é um bom período por que o sol não é muito forte.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Tem produção. Trabalhou recentemente com decoração de eventos, casamentos, enfeites de Natal. Nos últimos 10 anos trabalhou bastante nas tranças, mas não no chapéu.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades? Trançar é a etapa que mais gosta. Costurar também.		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	A mãe dizia que a palha tinha que ser tirada na minguante, fica bem clarinha. Ela não leva em consideração a lua. (1h18'00") "a mãe dizia tirar a palha na minguante, ela não preteava" "Uma boa escolha é escolher a palha que tu olha, porque a gente que tá acostumada a trançar olha e diz 'aquele butiazeiro é bom'". Tem que tocar nela, se for macia é boa. Não é boa a palha que fica na sombra, tem que ser macia e o butiá precisa apanhar sol. É preciso saber escolher a palha na faxina. Quanto mais novinho o butiazeiro a palha é melhor (mais macia), mas não pode cortar o broto, porque se tirar o butiazeiro morre. Tem que deixar sempre uma palha e um brotinho. Se tira todo embaixo, deixa o brotinho e mais 3 palhas. Também não usa as folhas de baixo, porque são velhas, mas tirava as folhas de baixo para cima, para podar o pé. Se não queria usá-las deixava-as no local. As folhas do meio são as melhores. Tem que deixar pelo menos 3 palhas em cima. Foi o pai quem ensinou a fazer a poda.	Geralmente vão 2 pessoas: uma pra cortar e outra vai juntando. O filho João acompanha.

	Colhe nas roças que tem na lavoura, a faxina. Usa facão, mas não usa luvas. Corta a folha inteira e depois vai "enfeixando"	
Enfaixar	Fazer o feixe para carregar. As palhas são dispostas de modo cruzado, amarradas com uma corda para carregar nas costas. "bota no chão e faz aquele feixe, e aí tu bota nas costas e vai longe com aquele feixe de palha."	2 pessoas
Secagem	Põe na sombra por 3 dias a uma semana para murchar. A palha não pode umedecer. E depois esperar uma semana boa de sol, aí fica uma palha que é uma beleza, bem clarinha Depois pode ir ao sol. (sol de verão é ruim) Se quiser pode guardar a palha amarrando num feixe e colocando num saco plástico para não pegar poeira. A chuva amolece a palha, fica macia pra trançar, mesmo com a palha dentro de casa.	Artesã
Estalagem	Retirada do talo. Separa com a faca cada parte da folha para poder trançar do mesmo tamanho. Tira o talo e amacia a palha com a faca.	
Tingimento	Feito com anilina artificial na própria cozinha. O tingimento é feito depois da estalagem. Ferve a água com a tinta e a palha, deixa secar.	
Trança	Tem de 3, 7 (mas só pra enfeite), 13, 15, 17. Para bolsa, quanto mais larga, melhor. A maioria é de 13. Chapéu é de 13. 15 ou 17 fica linda, mas é demorada. É bom o tempo de chuva para trançar, a palha fica mais macia.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?		

Não	
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: Na própria propriedade. Chama de butiazal ou faxina. Sempre teve palha na propriedade. Hoje tem problemas com a terra e pega palha dos vizinhos, mas em breve deve estar solucionado.	
Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para o corte	
Faquinha sem serra para estalagem	
Fôrma de madeira para fazer o chapéu de timbaúva	
Material para acabamento de costuras: agulha e cordão. Fazia a costura a mão, mesmo das bolsas. A agulha era feita do varão da sombrinha.	
Descaroçador de algodão– utilizado somente para bolsas.	
Panela e anilina para tingir a palha (antes de trançar)	
Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)? Não.	
Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não	
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Jogos e brincadeiras: “E a gente inventava moda. ia trançar lá em cima das arve. (ela ri) trançava em cima das arve, aí fazia o rolinho, levava pra (?) sentava lá, umas tábua assim, trançando, aí uma vez veio uma terneira de lá e veio cá e pegou o rolo e ... até nós descer de lá a vaca partiu a trança! A mãe ficou braba com nós! (ri) vocês não têm mais o que inventar subir em cima das árve, cabrito! Mas a gente queria era brinca, né?”1.08 – 1.44 “Nessa época a gente tinha uns 10, 12 anos, a gente queria brincar! E ela não deixava! Tinha que trabalhar, trabalhar, trabalhar! Brinquedo pra nós era só domingo! Durante a semana, não! Ninguém brincava!”1.52 – 2.03 Jogo do nó:	

“Tinha jogo! Todo mundo jogava o joguinho do nó, né? Pegava as palha, quando se tinha 5 pessoa trançando, pegava cinco palha, as mais comprida e dava um nozinho na ponta, e cada um ganhava um, colocava na trança e quem ganhasse primeiro, ganhava a aposta. Ganhava uma palha, um pacotinho de palha. Tinha um prêmio.” 2.05 – 2.30

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Uma trança tem de 6 a 7 braças. Era feito por dia. São 3 braças e meia pro chapéu. Das 4h da manhã às 16hs – fazia uma dúzia e meia de chapéus. Fazia trança para 6 chapéus por dia: "Eu trançava trança pra meia dúzia de chapéus num dia, e costurava uma dúzia e meia." Hoje faz 6 ou 7 braças por dia se não tiver mais nada pra fazer.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Vendia a trança para as artesãs Verônica, Claudina e Maria, que faziam bolsa. Ela própria faz o chapéu, trocava por alimento, tecido para roupas, etc. Havia troca direta do chapéu pela mercadoria. Ainda lembra do primeiro tecido pra vestido que comprou com chapéu. Mara Borba tinha loja no centro de Torres e vendia os produtos de outros artesãos, fez um evento na SAPT. Hoje não é mais loja de artesanato. Complementação 2021: 48’18” “Parei de fazer porque a gente não tinha pra quem vender. A gente vendia [a dúzia] pro caminhão como o Assis(??). Que o caminhão vinha buscar naquele tempo era armazém, loja... não tinha esses mercados eles mesmo compravam e depois o caminhão vinham pegar deles.”
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda (x) complemento ( ) não é fonte de renda ( ) Foi a principal fonte de renda da família, junto com a agricultura. O dinheiro da trança, proporcionou sua Independência financeira. “Aquilo era meu! Era coisa minha! “ Vendia os chapéus para os armazéns que vendiam para o caminhão. (não sabe para onde iam). Vendia nas lojas que vendiam tecidos para fazer roupa. “O enxoval de casamento comprou todo com chapéu (pagou em várias vezes, fazia ficha e cada semana levava duas, três dúzias de chapéu e ia diminuindo a dívida), criou os filhos com trança de chapéu.” Complementação 2021: (49’06”) Trocava no armazém por coisa de comida, nas lojas por tecidos pra fazer roupa, meu enxoval de casamento eu comprei tudo com trança de chapéu comprava e depois ia pagando. A gente ia lá e fazia a fichinha, comprava ali, tá devendo tanto. Semana que vem ia lá, levava duas, três dúzias e diminuía. Levava mais duas, e até que pagava a conta toda. E assim eu criei os meus filhos, até pouco tempo, com trança de chapéu. (49’36”) Mas eu fazia assim: eu não dormia de noite. Deitava as vezes era uma hora da manhã e as quatro hora da manhã já tava de pé. Sim porque o tempo era curto, e os filhos pra atender e a gente tinha roça, a gente tinha vaca pra tirar leite, e eu tinha que cuidar da casa, eu tinha que trançar e costurar.

Sobre a mãe e os irmãos, ela conta:

"Minha infância, foi... como é que eu vou te dizer... muito sofrida, né? Era um tempo em que o pessoal era muito pobre. Necessitavam disso aí pra sobreviver. E a minha mãe teve doze filhos e eu sou abaixo do mais velho. Então a gente tinha que ajudar a trançar pra ajudar a comprar as coisas pra casa, né? Eu e meus irmão trançava e ela costurava. Aí depois quando eu aprendi já com cinco anos, então eu ajudava ela também. Aí como eu era muito vagarosa, eu fazia só os pedaço e ela terminava. E assim a gente ia, vendia, entregava aquelas pilhas de chapéu, trocava no armazém por comida, por roupa, por coisa assim.. O que a gente fazia era aquilo ali. O que tinha pra gente ganhar um dinheiro, era aquilo ali. Não tinha mais nada."

(5'18'') Trocava por alimento, por tecido, pra fazer roupas pros filhos pras das crianças... a minha mãe criou nós tudo com o chapéu trançadinho, costurando isso aí

(10'16'') O meu irmão mais velho do que eu, ele casou e viveu muito tempo ele e a mulher – a mulher não costurava, mas trançava e ele já sabia costurar então ele costurava e eles viveram muito tempo, às vezes desempregado, trançando pra...

(51'45") Mas olha foi muito bom. A gente vez em quando a gente fala, aqui sozinho, era um tempo muito sofrido, muito pobre, né? Hoje não tem ninguém pobre. Mas nos tempos dos nossos pais, a minha mãe tinha 12 filho, então era um tempo de muita pobreza. A gente tinha que rebolar pra dar conta, mas era um tempo bem melhor do que hoje. Ah isso eu posso garantir pra vocês. Naquele tempo a gente podia dormir com as porta aberta, não tinha perigo nenhum. Hoje por mais que a gente feche a gente tem até medo de anoitecer e ficar em casa sozinho, né? É complicada a vida, a coisa. Progresso cresce, mas traz o medo também.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Vem de família, a mãe aprendeu com a mãe dela. A avó paterna também fazia. Sabe que na parte da mãe tinha bugre, a bisavó dela, mas não faz conexão do artesanato com os indígenas. Complementação 2021: "De onde vem a trança? Eu acho que ela já vem do tempo dos meus avó, né? Por que a minha mãe casou bem nova e ela já fazia isso daí. Casou com 17 ano e desde que casou já começou a movimentar a casa com trança de chapéu. Ela era muito trançadeira e muito costuradeira de chapéu. Ela era muito ligeira pra tudo." (59'33") Na parte da minha mãe tinha bugre, os bugre. Tanto que eu tenho irmãos brancos e outros mais pretos com cabelo crespo. A bisavó dela era uma bugra.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[1] Não sabe.
Existem histórias associadas à atividade? "Meu pai assustava a gente. Não gostava que a gente fazia muito barulho. (quando se reuniam para trançar juntas, à noite, rindo e se divertindo). Faziam o jogo do nó, quando tinham uns 13, 14 anos, para ver quem fazia mais rápido, aquele que emendasse a pontinha primeiro, ganhava. Foi a mãe quem ensinou o jogo, quem terminasse primeiro, podia sair para brincar. Os meninos e as meninas na casa faziam a trança antes de brincar."

[1] Descrição dos sítios onde se expandiu

“Com 13, 14 anos, iam fazer serão com as vizinhas e o pai não gostava porque fazia muito barulho. Um dia ele saiu pela porta dos fundos, colocou um lençol branco por cima, nós quase morremos de susto. A gente se reunia, passava noites inteirinhas, até de madrugada trançando. Era uma luzinha de querosene ou uma vela acesa. Faziam o jogo do nó: corrida pra ver quem trançava mais rápido. O único homem que ia era o irmão mais velho, que era muito trançador".

Complementação 2021:

(52’44”) Eu me lembro da História do meu pai que assustava a gente. Nós ia trançar de noite, fazer serão como nós dizia, uma na casa da outra, as vizinhas tudo pertinho e ele não gostava. A gente fazia muito barulho, nós ria muito! E um dia ele inventou de assustar nós, aí nós tava indo lá pra casa da outra tia passar o resto da noite lá trançando e ele pegou saiu pela porta dos fundos botou um lençol branco por cima e se escondeu bem assim na volta do mato aonde nós ia passar. Nossa Senhora do céu, quase matava gente de susto. Quando não pegava um pau de fogo e ficava lá na beira do mato.

(8’36’’) Era criança, eu tinha 05 anos, eu me lembro, nunca vou esquecer. Eu sei que fiz 05 chapéu , deu 05 chapéus, quanto custava eu não sei porque era tão criança que nem sei. Eu trancei toda a trança e depois eu mesma costurei, minha mãe fazia o comecinho, botava na forma pregava com preguinho e eu... costurando...

(9’07’’) Eu fui com meu avô numa loja pra comprar o vestido, vender o chapéu e comprar um vestido. Comprava o tanto de tecido pagava com os chapéu.

(9’25”) Me lembro que chovia... tava um tempo assim como agora... e tinha um valo que tinha que passar, era muito cheio e meu avô me botou eu em cima do pescoço dele pra passar no valo com aqueles chapéu pra não molhar.

(9’38’) Bah, Orgulho não foi nada! Quando nós vortemo, né? Tinha umas amigas e eu tinha que passar pela casa delas. Quando chegou perto da casa delas eu tirei o papel do pano e levei o pano estendido no braço pra mostrar que eu tinha comprado o vestido. Coisa boba quando a gente é criança, né? E o vestido, eu nunca vou esquecer, eu comprei um tecido eu mesma que escolhi, verde com umas bolinhas branca. Nunca vou esquecer, primeiro vestido que eu comprei!

Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Antigamente fazia só a trança, mas como foi decaindo, hoje faz de tudo: capim dourado, crochê, pintura... Trabalhou com taboa, tiririca, palha de butiá, palha de bananeira.

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

Já foi mais forte o artesanato. Agora as senhoras já têm mais idade e o artesanato caiu um pouco. “Eu acho que isso aí tá muito esquecido, e é uma coisa que não deveriam esquecer”

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. Complementação 2021:

(50’51”) sim, daí a gente vendia leite, a gente tinha as vacas de leite, a gente plantava aipim, plantava mandioca, plantava batata doce, plantava milho. E isso aqui (o artesanato) era uma coisa minha! E eu ainda ajudava ele lá na roça, lá nas vaca, puxando, quatro hora da manhã tirando leite, né?

(51’25”) [dinheiro]eu comprava as roupa pra eles, se eu queria comprar uma louça, uma panela, era meu! Eu comprava, né?

Social: Sim.

Religioso: Não

Cultural: Sim.

Outros (lúdico, etc.): Sim.

Não pararia mesmo que não precisasse do dinheiro. Filhos reclamam da quantidade de artesanato nas palhas, mas ela não abre mão. “Não posso ficar parada, de jeito nenhum”.

Complementação 2021:

Sobre o Jogo do Nó:

Vai fazendo, isso aqui nós gostava muito! Se juntar a turma toda, dia de chuva, sentava tudo pra amarrar o nozinho aqui, a palha maior que tinha, ver quem é que terminava primeiro. Tudo termina nesse mundo, né?

(56’20”) (o jogo do nó) A mãe ensinou pra fazer render a trança. O irmão precisou aprender por necessidade. Um lote de irmãos, tudo comiam daquilo ali e vestiam.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados (x) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Fez um acabamento com tecido de tecido de chita no chapéu. Fez também uma rodada a mais no chapéu, para quem gosta mais alto. Diz que a mãe também fazia bolsas e pretende inventar uma bolsa nova, redonda. Não pararia de trançar, é o que mais gosta, mais do que ver o produto acabado.
O que se manteve inalterado? A trança é sempre a mesma. Pode ser com palha mais grossa ou mais fina, com maior número de palhas ou menor, mas é sempre a mesma forma de trançar.

SUSTENTABILIDADE

CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória (x) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Diz que no verão, a planta tem o fruto e não é boa a palha e também não é bom tirar porque estraga os frutos. A partir de dezembro já tem flor e a palha já fica ruim.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Faxinal ocorre em áreas secas. Nasce e vai criando o mato. A roça ocorre por baixo dos butiazeiros.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Plantação, lavoura. “Antigamente o butiazeiro se achava em tudo que é lugar, hoje quase não se vê mais. Hoje não tem mais faxinal, só roça com alguns butiazeiros. Antigamente eles plantavam com a enxada, agora eles botam o trator e o trator leva tudo”.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não conhece.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não.

DOCUMENTAÇÃO:

Fotografia:

Entrevista em 2015

Entrevista em 2021

Fonográfica

Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=rmHdwQgxbDM

Materiais impressos e outros registros localizados durante a entrevista:

Fontes documentais e bibliográficas

Interesses

CONSIDERAÇÕES

Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:

Dona Nini conta que antigamente fazia só a trança, mas como foi decaindo, hoje faz de tudo: capim dourado, crochê, pintura... Trabalhou com taboa, tiririca, palha de butiá, palha de bananeira. Vendia tranças de butiá para as artesãs que faziam as bolsas. O chapéu, trocava por alimento, tecido para roupas, etc. Já fez bolsas de taboa e de tiririca. Antigamente fazia todas as etapas, mais tarde, quem colhia era o marido, pois ela não tinha mais como carregar o feixe nas costas. "É gostoso a gente mesmo fazer, porque na verdade ele traz pra mim, mas eu não gosto da palha que ele traz, eu gosto de escolher". Aprendeu com a mãe. Havia troca direta do chapéu pela mercadoria. Ainda lembra do primeiro tecido pra vestido que comprou com chapéu. Os filhos a ajudavam quando crianças. Hoje os filhos trançam somente por lazer. Não gosta de tirar palha no inverno: “muito frio, demora pra secar.

Para ela, a melhor época é a primavera e depois que passa o verão (março). “No verão dois dias a palha tá seca, mas a palha não fica tão boa, parece que torra a palha no sol.“ Gosta de deixar 3 dias antes de botar

no sol: “vai murchando devagarinho.” Nos últimos 10 anos trabalhou bastante nas tranças, mas não no chapéu. Sobre a colheita diz que para cortar precisam duas pessoas: uma pra cortar e a outra vai juntando. Nos últimos tempos, o filho a ajudava. Segundo ela, quanto mais “novinho” o butiazeiro, a palha é melhor (mais macia). Usava facão, mas não usava luva. Não usava a palha mais de baixo porque são mais velhas, tirava as do meio, porque também se não pode cortar o broto. “O broto pra trançar é uma beleza, mas se tirar o butiazeiro morre, então não pode tirar. Tem que deixar sempre uma palha e um brotinho.” Ela diz que corta a folha inteira e depois vai "enfeixando", em seguida, com o feixe pronto: “aí tu bota nas costas e vai longe com aquele feixe de palha.” Sobre a escolha no butiazal, Dona Nini acrescenta: “Uma boa escolha é escolher a palha que tu olha, porque a gente que tá acostumada a trançar olha e diz: aquele butiazeiro é bom! Tem que tocar nela, se for macia é boa. Palha da sombra, aquela que tem mato em cima, não é boa: é muito boa pra trançar mas não presta pra costurar. Um butiazeiro, o certo dele, eu tirava todas as palhas de baixo pra cima (mesmo que não quisesse as de baixo, tirava pra podar). Se tira todo embaixo, deixa o brotinho e mais três palhas e dali uns quinze dias, um mês, tu vai olhar tá lindo o butiazeiro, e ele cresce limpo. O certo é tu cortar e deixar murchando uns três dias e esperar assim que dê uma semana boa de sol, aí fica uma palha que é uma beleza, bem clarinha..” Ela diz ainda que “a chuva amolece a palha, deixa macia pra trançar, mesmo com a palha dentro de casa (secagem). Se faz trança de três, sete palhas mas só pra enfeite. De treze pro chapéu. Para as bolsa quanto mais larga melhor, quinze ou dezessete fica linda, mas é demorada.”

Sobre a produção, comenta: “Eu trançava trança pra meia dúzia de chapéus num dia, e costurava uma dúzia e meia. 3,5 braças um chapéu. Hoje faço 6 ou 7 braças por dia se não tiver mais nada pra fazer.”

Vendia as tranças pra D. Verônica, D. Claudina, D. Maria (artesãs) e Mara Borba (loja). Vendia chapéu pro armazém que vendia para o caminhão, que ela não sabe especificar para onde ia. Comprou todo o enxoval com chapéu, que pagou em várias vezes. “Criei os filhos tudo com trança de chapéu.”

Conta que com uns treze ou quatorze anos, iam fazer "serão" com as vizinhas e o pai não gostava porque fazia muito barulho. “Um dia ele saiu pela porta dos fundos, colocou um lençol branco por cima, nós quase morremos de susto. A gente se reunia, passava noites inteirinhas, até de madrugada trançando... Era uma luzinha de querosene ou uma vela acesa.” Faziam o "jogo do nó": corrida pra ver quem trançava mais rápido. O único homem que ia era o irmão mais velho, que era "muito trançador".

Segundo ela, já foi mais forte o artesanato. Agora as senhoras já têm mais idade e o artesanato caiu um pouco. Não pararia mesmo que não precisasse do dinheiro. Os filhos reclamam, mas ela não abre mão. “Não posso ficar parada, de jeito nenhum”. Trançar é a etapa que mais gosta. Lembra da beiradinha de tecido: uma modificação que ela fez no acabamento do chapéu. Pensa em inventar uma bolsa redonda. “Eu acho que isso aí tá muito esquecido, e é uma coisa que não deveriam esquecer”.

“Antigamente o butiazeiro se achava em tudo que é lugar, hoje quase não se vê mais”.

“O Faxinal é mais é pra banda do seco, no banhado ele quase não dá. Hoje não tem mais faxinal, só roça com alguns butiazeiros. O butiá ele nasce, nasce, nasce e aí vai criando mato. Antigamente eles plantavam com a enxada, agora eles botam o trator e o trator leva tudo. “

Para ela, as melhores épocas de tirar a palha são de outubro a novembro e de abril e maio.

Nunca participou nem soube de nenhuma cooperativa.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob
Áudio: Patrícia Bohrer
Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova
Levantamento Bibliográfico:
Elaboração: Patrícia Bohrer
Revisão: Alexandre Krob

1.1.2 Entrevista 2 - Eracy Joaquina Daitx da Rocha

Identificação do questionário	
Data: 19/07/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 02
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : São Brás	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0614619 6751282

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Eracy Joaquina Daitx da Rocha		Data de nascimento/ fundação	25/08/1938
Ocupação: Agricultora		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Rua Matadouro, 211	Telefone: 96992240	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – Faxinal	Desde quando mora na localidade: Há 58 anos.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todo processo.
Onde executa a atividade? Na própria casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe e a avó. A avó com 94 anos deixou a trança feita. Complementação 2021: Mãe: Joaquina Matilde Monteiro – a mãe Dona Joaquina fazia colchão de clina em casa. A mãe aprendeu com a avó, mas ela não lembra o nome. **(06'10")** Aprendi com a minha mãe, com a minha avó. A minha vó paterna morreu com 94 anos e deixou trancinha feita ainda. Sentadinha, ela era bem gordinha, sentava num peleguinho no chão, assim num solzinho, na casa do meu pai. E ela estalava palha bem maciazinha bem arrumadinha e trançava aquela trancinha e ela fazia [som de assovio], assobiando assim bem baixinho. Nós adorava sentar perto dela, né? Pegava os cabelinhos dela, trançava os cabelinhos dela, fazia um coquezinho bem bonitinho. Bem velinha, bem gordinha! Nunca me esqueço eu. Já a minha avó materna, esta morreu mais cedo. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Aprendeu quando criança, aos 7, 8 anos. Com 12, 13 anos aprendeu a costurar. Eram 8 filhos e todos faziam em casa. Complementação 2021: Os irmãos trabalhavam na roça e as meninas trançavam em casa, por que eram mais velhas. Os meninos não trançavam muito, por que vieram depois. Mas a Juraci aprendeu a trançar. Irmãos: Evanise, Eracy (ela mesma), Teresinha, Lídio, Perci, Nilton, Juraci, Eduildo
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Teve 5 filhos, todos aprenderam. Maria Doralice, Rosane, Romildo, Roberto. Mas nenhum seguiu como meio de vida. O Ronaldo trabalhava com artesanato. Os netos também aprenderam a trançar: Alexandre da Rocha Martins (30 – 40 anos) e o Andrews da Rocha Martins. (mora na casa da frente), mas não trabalham com isso. Filhos: Ronaldo (trançava quando criança) – filha: Etilele Romildo (trançava quando criança) – filhos Jessica e Gérson Roberto (faleceu) Maria Doralice (trançava desde os 5 anos) – filhos Andrews (41) e Alexandre (42) aprendeu com a mãe e com a Dona Eracy Rosane Daixt Rocha (trançava e costurava – fazia chapéus para comprar os livros)

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Lídia	Função: vende chapéu, tem contato de outras artesãs que produzem. Marta e a Rejane.	Contato: 97965117 – Campo Bonito
Nome: Rejane	Função:	Contato:
Nome: Marta	Função:	Contato:
Nome:	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): A colheita pode ser em qualquer tempo, desde que seja seco. Tem que ter uns 8 dias de sol bom. Verão não tem problema. A lua crescente é boa por que ela não enrosca, a palha fica mais bonita. Se tirar na minguante, a palha enrosca, fica difícil de trançar, fica torcida.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Sua produção aumentou. A Lídia do Campo Bonito que vende. Antes alguém levava para Garibaldi, vinha de 2 a 3 meses, ou uma vez por ano.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Pega as folhas mais novas, porque as muito velhas ficam muito feias. As novas são as do meio e as de cima. Deixa pelo menos 1 ou 2 brotos, e quando corta o butiazeiro inteiro, deixa 3 brotos. Gosta mais de cortar na lua crescente, porque não enrosca e fica mais abertinha a palha. Na minguante a palha fica mais feia. Quando chove bastante não é época de cortar porque não seca. O bom é cortar ainda verde	Sozinha, às vezes levava os filhos.
Secagem	Deixa murchar por 2 a 3 dias na sombra, dentro do galpão. Põe no sol por 8 a 10 dias. Recolhe toda tarde para não pegar sereno. A umidade escurece a palha. Não tem problema ser verão, só cortar e botar no sol que seca. Se o sol secar muito, tem que enrolar num pano molhado para amaciar (depois de seca); antigamente colocavam na areia, na terra úmida. Mas não pode deixar muito tempo no pano porque escurece.	artesã
Despencar do broto	Retirada das palhas do talo maior.	artesã
Estalagem	Abre a palha e tirar o talo do meio, amacia com a faca, se necessário.	artesã
Trança	Tem de 13, 14, 15, 17 palhas. Para o chapéu tanto faz. Quanto maior a trança, mais bonito. (trança de meia palha) para	artesã

	fazer mais fechado, menos costura. A trança de 17 palhas é a mais difícil.	
Despicar	Limpar a trança, tirar os piques do entorno. Com a faquinha ou tesoura de cortar.	
Para fazer o chapéu	Usa a forma e primeiro faz o fundo, depois prega na forma. Faz tudo pregado na forma, calça na perna para costurar. Usa fio de cordão, barbante. A agulha antigamente era de arame de cobre, faz do varão da sombrinha, pois não é bom que tenha muita ponta. A pedra faz às vezes do martelo, para pregar os pregos na forma.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Sempre na sua própria propriedade. Agora na propriedade do sobrinho.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para o corte, bota de borracha, luva de borracha, gancho para puxar as folhas mais altas. Faquinha e tesoura para despicar (a mãe fazia com tesoura de tosar cavalo) Forma de timbaúva (madeira macia) Agulha de sombrinha (antigamente de arame de cobre), cordão, pedrinha (para bater os pregos e ajeitar a costura do chapéu).	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Só cuidava a lua para a colheita, a lua crescente.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

Fazia 12 chapéus por dia, a costura.

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Antigamente, vendia "a troco" nos armazéns, pela mercadoria, por alimento. Quando solteira, trocava por roupa. Depois de casada, também por roupa mas mais por comida. "Parei porque não tinha saída."

Vendiam pra um caminhão de 2 em 3 meses que levava pra serra. Depois, passou a ir uma vez por ano, e agora tem um caminhão de SC que vem em 5 ou 6 meses.

Antigamente diziam que a palha era usada nas fábricas de bolacha.

Hoje vende para o argentino em Torres.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

Já foi a principal fonte de renda. Hoje faz por que gosta. "É uma terapia!", diz ela.

Complementação 2021:

(43'53") Antigamente a gente ia nos armazéns, né? Antigamente era tudo nos armazéns, trocado nas lojas, a gente negociava, vendia a troco como a gente diz. Levava o chapéu e trazia as coisas que a gente precisava. Trocava pela alimentação, roupa, as coisas assim, né, que a gente fazia. Em casa, quando nós era solteira trocava mais pela roupa porque aí a gente queria comprar uma roupa, a gente não tinha dinheiro, então a gente trançava levava nas lojas os chapéus e trocava. Depois que eu casei também tinha muito lugar que trocava chapéu pela roupa. Mas nós aqui foi mais pela alimentação.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

De onde surgiu e há quanto tempo?

Antigamente, cortavam toda a palha para clina de colchão, tinha tambor no engenho. Todo mundo fazia, não tinha veraneio. Era o serviço de todo mundo, de mulher, homem, e de criança, a trança.

Complementação 2021:

"Os homens trabalhavam na palha, no tambor, faziam os fardos para vender."

Lembra dos engenhos que haviam:

No Faxinal – Francisco (Chico) Onofre

Campo Bonito – Antônio Mota (perto da Dona Verônica)

Águas Claras – Pedro Maneca (Pedro Manoel da Silva) Fala também do Mané Vergulino "O meu sogro e o meu pai, vendiam as palha, isso aí era cheio de butiazeiro, quando eu ia cortar pra trançar, eles diziam, só um broto, a gente procurava tirar essa palha mais nova, a mais velha ia ser utilizada na clina, e pra trançar ficava muito dura, ficava preta."
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[2] Não sabe.
Existem histórias associadas à atividade? "Eu ia pra roça em cima do morro, ia trançando dentro do carro (de boi), uma vez fiz 12 dúzias de chapéu para comprar uma blusa para o casamento do meu irmão." "Fazia os fardos de 10 – 12 dúzias de chapéus, não sei para onde levavam, diziam que era para botar no forno para fazer bolacha!" "Quando era solteira, trançava a noite inteira, se juntavam 5 a 6 gurias, iam todas numa casa, ao redor da fogueira. Não tinha festa, contavam histórias, conversavam, cantavam, faziam o joguinho da palha. Fazia o nó, quem chegasse primeiro, apostava a palha. Só as meninas, de 13 anos pra cima, podiam."
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Ela diz que foi terminando o comércio. Voltou a fazer novamente há 10 anos, porque voltaram a valorizar mais e pagavam mais pelo chapéu. Antes eram 12 dúzias pra comprar uma blusa, hoje precisaria 6 dúzias pela mesma blusa. (na entrevista de 2015). Não existe mais o comércio de chapéu nos armazéns e nas lojas, a troca direta. ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. Complementação 2021: **(06'48")** Antigamente era o serviço de todo mundo, né? As mulher e homem, criança, tudo. Nós ia pra roça... se estudava de manhã, de tarde nos ia pra roça, mas chegava em casa de noite nós tinha que trançar. Tinha que fazer alguma coisa, né? E eu criei meus filhos também, quando me casei, tudo assim na trança. Era filho homem, era filha mulher, tudo trançava. Até o marido! O marido quando nós casemo, ele trançou de noite... fazia dois chapéu desses aqui, que pra fazer dois desses aqui dá sete braça de trança, né? **(07'17")** Eu arrumava palha de manhã enquanto ele ia pra roça ia trabalhar noutro serviço quando ele chegava em casa ele sentava, enquanto eu dava banho nas crianças arrumava fazia janta, ele trançava depois ele ia se deitar e eu ia costurar chapéu, eu me sentava com a pixirica do ladinho costurava dois três chapéu desse de noite no outro dia levava no armazém pra comprar as coisa pra gente comer pra não

[2] Descrição dos sítios onde se expandiu

comprar fiado. A crise era muito feia, né? Mas a valência que tinha isso aqui! [interessante nesse trecho, o ritmo da fala sem pontuação, dá a ideia da intensidade da produção]

Social: Sim.

Complementação 2021:

(48'30") Só sei que nós, quando era solteira, nós trançava noites inteira pra fazer bastante chapéu. Se juntava numa casa... tinha noite que nós trançava meia dúzias dessas aqui, 21 braças! Pra trançar pra fazer o chapéu, porque nos queria trançar bastante pra comprar roupa, as coisas assim que a gente comprava, se juntava assim cinco ou seis guria, ia numa casa duma tia nossa que até eles tinham fogo de chão naquele tempo numa cozinha de barro a gente sentava tudo ao redor daquela fogueira ali ia trançar e contar história brincar, né?

(5806- 0'20"- 1"26") -Ah, era muito importante, muito bom, por que a gente se reunia 2, 3 , às vezes mais guria a trançar, A gente trançava, a gente contava história, brincava, e ali o serviço da mão tava sempre funcionando! Conversava, brincava e outras coisas, domingo, meu pai (...) importante que a gente sempre tava ocupada com esse negócio de chapéu, tinha casa que a gente chegava e ali era trança por tudo quanto era lado, mãe e filha e era tudo trançando, junto naquela farra! Uns estalando a palha, outros trançando, eu tinha uma prima que tinha um lote de filha, todo mundo fazia.

Religioso: Não

Cultural: Sim.

Outros (lúdico, etc.): Sim.

"Eu gosto de fazer, é como um vício, como quem toma uma cachaça!" A parte que gosta mais é a trança, faz 12 chapéus por dia (costura) além da roça e da casa. "É um vício, se parar isso aqui não sei o que vou fazer da vida."

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Teve uma época que não fazia o acabamento cruzado no final do chapéu (antes era mais bonito, depois ficava desfiando a ponta e hoje voltou a ter o acabamento). Não cruzava a trança. Ficava uma trança reta. Sempre existiu dois tipos de chapéu um com a palha mais fina e outro mais aberta surgiu para o comércio. Para usar na roça, era mais fechado.
O que se manteve inalterado? A trança.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento Acha que agora ficou mais forte novamente por que tem comprador.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. O fruto dava pras galinhas comerem.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: O butiá ficava junto com o mato. Antes não arrancavam, faziam a roça e plantavam no meio do butiazal. Agora cortam tudo. Complementação 2021: “Tinha! Isso aqui mesmo daqui pra lá era tudo butiazeiro, ali pra trás também, era tudo fechado. Pra fazer uma rocinha, tirava os pequenos, os maior deixava no meio da roça, (..) eu até no arado trabalhei muito. Eu tenho muita história pra contar.”
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Não tem mais comércio nas lojas, diminuíram os butiazais para roça, para potreiro. A máquina entrou e tomou conta de tudo, como não tem mais utilidade, tiram os butiazeiros pra fazer roça com uso de trator. O gado come os butiazeiro pequenos.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não, sempre trabalhou sozinha. Agora pelo Curicaca, ela diz.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? A Festa do Agricultor em São Brás. (faz tempo) Em Torres, a Feira na praça em frente à delegacia, todos os dias. No verão passado, vendeu 10 chapéus lá, queriam fazer um filme. O argentino (loja em Torres) vende todo verão, 15 a 20 por verão, dos mexicanos (tipo de chapéu feito por encomenda com a copa mais alta)
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não há.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica Entrevista em 2015
Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=yhWzmhi9c9M
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
"É um vício, se parar isso aqui não sei o que vou fazer da vida." Aprendi com a mãe e a vó. Antigamente era o serviço de todo mundo, mulher, homem, criança". Dois chapéus correspondem a sete braças de trança. Com 7, 8 anos aprendeu a fazer a trança. Ensinou os 5 filhos. Indicou a Lídia, do Campo Bonito. Além de todo o trabalho da casa e da roça ela ainda fazia as tranças. Gosta mais de cortar na lua crescente, porque não enrosca e fica mais abertinha a palha. Na minguante, diz que a palha fica mais feia e que quando chove bastante não é época de cortar porque não seca. Precisa uns 8 dias de sol pra secar. Diz que não tem problema ser verão, é só cortar e botar no sol que seca." O bom é cortar ainda verde, deixar murchar na sombra (2, 3 dias) e depois secar no sol (uns 8 dias). Antigamente botava na areia pra amaciar, hoje enrola em pano molhado porque não suja. Mas ressalta que não se pode deixar muito tempo no pano, porque escurece. Sobre o comércio,

ela vendia para um caminhão de 2 em 3 meses que levava pra serra. Depois, ele passou a vir uma vez por ano, e agora tem um caminhão de Santa Catarina que vem de 6 em 6 meses.

Sobre a colheita, ela tira sempre as folhas mais novas, porque "as muito velhas fica a palha muito feia. As novas são as do meio, o brotinho deixo 1 ou 2 e quando corto o butiazeiro inteiro, pelo menos 3."

Sobre o butiazal, fala que o gado come os butiazeiros pequenos. Usa luva pra não cortar as mãos ao cortar a palha e que antigamente as pessoas tiravam palha pra fazer a clina de colchão e hoje, como não tem mais utilidade, tiram os butiazeiros pra fazer roça.

Sobre as etapas do processo e ferramentas de trabalho: depois de colher, a palha murcha na sombra 2, 3 dias dentro de um galpão. Secagem: 8, 10 dias no sol: coloca de dia e recolhe de noite. Despencar: tirar do broto. Estalagem: abre ela e tira o talinho do meio, com uma faquinha. Daí está pronta pra trançar. Trança de 13, 14, 15 e 17 palhas. Para chapéu tanto faz. A de 17 é mais bonita mas mais difícil de trançar. Chapéu com meia palha (palha mais fina) é mais fechado. Despicar é limpar a trança, tirar os toquinhos com a faquinha (a mãe fazia com tesoura de tosar cavalo). Usa fôrma pro chapéu (de timbaúva, madeira mais macia). Agulha de guarda chuva (antigamente de arame de cobre), fio (cordão) para costurar e uma pedra ou martelo de madeira (para bater os pregos e ajeitar a costura do chapéu). Usa bota de borracha, facão.

Conta que como as outras artesãs, trocava o chapéu por roupa. Depois de casada, trocou muito por comida, em função da necessidade. "Serviço de mulher e criança era trança."

Dona Eraci fala também na única diferença da forma de fazer o chapéu, era que antes o acabamento era mais bonito, depois vendiam sem o acabamento, (provavelmente por que os chapéus eram prensados nas indústrias) e hoje voltou a ter o acabamento. O chapéu mais aberto surgiu por causa do comércio, pois o mais fechado era feito para usar na lida. Entre outras atividades que teve, voltou a trançar em uma época na qual pagavam mais pelo chapéu. Ela compara que antes, precisava de 12 dúzias para comprar uma blusa, hoje (2015) precisa 6 dúzias pela mesma blusa. Na entrevista mais recente não estava mais vendendo os chapéus regularmente.

Sobre os butiazais diz que ficavam junto com mato, antes não arrancavam, faziam a roça no meio dos butiazeiros. Agora cortam tudo.

Não participou de nenhuma cooperativa.

Vende para o argentino em Torres. Segundo ela nunca houve reconhecimento da prefeitura nem da EMATER. Os netos aprenderam a trançar também, mas não trabalham com isso.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.3 Entrevista 3 - Judith da Rosa Santos

Identificação do questionário	
Data: 19/07/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 03
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Belvedere	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0618294 6755163

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Judith da Rosa Santos		Data de nascimento/ fundação	29/10/1943
Ocupação: Dona de casa e artesã.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: BR 101, km 3	Telefone: 36-05-2054 982702539 (WhatsApp)	E-mail: contato com a filha Cláudia: Claudia_sants@hotmail.com	
Local de nascimento: Torres	Desde quando mora na localidade: Sempre morou na região, primeiro em Campo Bonito.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Com a palha do butiá fazia só o chapéu, mas tentou outras coisas: bolsas, cestas, jogo americano (criado por ela, que também inventou um tear).
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Executa toda etapa sozinha.
Onde executa a atividade?

Qualquer lugar da casa, em qualquer tempo. A atividade é realizada entre outras atividades do dia a dia e à noite. Não tem horário certo pra fazer, porque quase não tem comércio.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, Gerônima Bauer da Rosa e a irmã, Maria de Lourdes da Rosa Santos. A mãe aprendeu com as vizinhas no Jacaré. A mãe e a irmã, Mª de Lourdes, faziam muita coisa com tiririca e Imbé (naquela época podia tirar). A mãe veio do Barro Cortado e o pai do Faxinal. Dona Colota (Claudina) sabia bem o trabalho com o capim: aprendeu com ela o chapéu de tiririca. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz (x) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa. Mas a partir de 1985 começou a trabalhar mais com o artesanato, pelo Clube de Mães, antes os filhos eram pequenos. Aprendeu com Dona Claudina (Colota) que era esposa do Sr. Ataíbe - presidente do sindicato rural. Eles vieram de Santa Catarina. A mãe e a irmã trabalhavam muito com imbé para fazer bolsas, chapéus, descansos de panelas. Com o cipó faziam balaios e com a tiririca chapéus e bolsas. Tinha 6 irmãos: Juraci da Rosa dos Santos – trançava (mora na estrada do jacaré, passando a segunda rua), Maria de Lourdes da Rosa Moreto (aprendeu quando criança) , Noei da Rosa Francisco – trançava (mora no Turvo, Santa Catarina) , João Juscelino da Rosa, Emanuel Nunes da Rosa, Eunice Monteiro da Silveira (não trançava, mas auxiliava na venda).
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Não. Teve cinco filhos, mas nenhum quis aprender porque o " comércio parou". A filha Claudia não sabe mas quer aprender. A Carla também. "Tem que ensinar o que a gente sabe, né, passar a frente."

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Juraci (irmã)	Função:	Contato: mora na casa da mãe (ali em baixo)
Nome: Ivone (cunhada)	Função:	Contato: mora na mesma rua onde mora Judith, perto.
Nome: Genar, do Clube de Mães.	Função:	Contato: na rua do ferra velho, ao lado da Dona Verônica.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre) "Quando tem flor não dá para tirar (a partir de outubro), se cortar, cai a flor. "não é bom tirar se o butiá é muito pequeno. Antes ninguém ligava por que tinha muito." Não lembra a época, mas acha que era no inverno. "Tempo de chuva, não dá para tirar, preteia a palha. A lua crescente é a melhor, por que a palha não fecha e não judia o butiazeiro."
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos?
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?

Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita – butiá:	Só tira as folhas. Precisa limpar o pé para que venha mais. Tira na lua crescente ou cheia. Na minguante o pé fica ruim e a palha se enrola toda. Quando tem cacho (outubro mais ou menos), não se corta a palha do butiá, se não cai toda a flor, ou todo o pé de butiá (se pequeno) A palha boa tirava pra trançar e o resto ia pra palhoça Com chuva é bom não tirar porque preteia a palha.	
Secagem	Tira a palha e deixa 3 a 4 dias num lugar que não chova, mas sem ser no sol, para murchar, que fica bem clarinha. Quando a palha murcha vai para o sol por cerca de 3 dias até secar bem, pode ser colocada no chão em local bem seco. Na grama não serve, por que preteia, melhor mesmo é nas pedras. É bom quando tem o vento sul. Não pode apanhar sereno, por isso de noite, recolhem.	
Fazer a trança	Já o tempo bom para trançar é úmido, com muito vento não presta. No final do broto a palha é mais fina, fica melhor para trançar chapéu que usa palha fina. Ela separa as palhas conforme a espessura, as do final para trançar chapéu de uso na roça, mais macio. As outras para o chapéu que era vendido em fardos. Vento sul não dá pra trançar porque quebra todas palhas.	
Despicagem	Retirada das beiradas com faca de ponta ou tesoura.	
Confecção do Produto	Chapéu é costurado à mão e usa-se uma forma. As bolsas em geral não têm formas. As redondas são feitas com um balde como forma.	

	Se quiser, tinge-se a palha com anilina, antes de tecer.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Butiá no entorno e na própria propriedade.

Quando solteira, colhia na propriedade do pai, Mato do Cedro – Campo Bonito, que vai para Águas Claras. Tinha plantio de mandioca no meio do butiazal.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para o corte	
Faquinha de estalar a palha	
Fôrma de madeira para fazer o chapéu de timbaúva	
Material para acabamento de costuras. Antigamente usava a agulha de fio de cobre, hoje usa a de crochê/tricô.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não. Todas as etapas são feitas na própria casa, o tingimento é feito na cozinha.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

3 braças de trança para fazer um chapéu.

(a da mãe era de 3 ½, pois a trança é menor)

Chapéu pequeno, a trança é de 2 voltas.

Chapéu grande, a trança é de 3 voltas.

Cada rolo de trança dava uma dúzia de chapéus.

Fazia 3 ou 4 chapéus por dia, mas não sentava só para trançar, trançava nas horas vagas, mais à noite.

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Um fardo de chapéu correspondia a 10 dúzias. Os chapéus eram levados em fardos para o caminhão que passava nos armazéns. O pai tinha armazém (onde hoje é um cartório), ali eram vendidos alguns chapéus produzidos pela família. Mas depois, passaram a levar na loja de tecido do tio, José Bauer. (passando a ponte, à direita, no mesmo lugar que o filho da Dona Geli levava os chapéus.) O tio Manuel Ferreira Porto também tinha armazém e recebia os chapéus. Do caminhão, os chapéus iam para São Paulo, mas não sabe para onde iam. Talvez para uma fábrica, talvez exportassem. O pai verificava se a costura era feita com embira, o que não era bom, pois arrebentava em algum processo do comprador e eles devolviam os chapéus. O pai levantava as costuras e verificava se eram de embira, se fossem, não aceitava:

(39'23") São Paulo. Meu pai disse sempre que iam pra São Paulo. E o caminhão levavam essa firma, era uma firma de certo, né?... pegavam em todo o comércio e já levavam, tinha dia marcado... eu sei que tinha uma reclamação que o meu pai cuidava muito no que era costurado o chapéu. A turma da Águas Claras tirava embira pra costurar e o pai não aceitava, porque a embira arrebenta no passar na máquina. Tinha que ser o cordão, tinha que ser o fio, o fio de algodão. E eles faziam assim a turma, claro, pra sair mais barato eles tiravam a embira. A embira arrebentava, aí vinha o reclame que neles botar o chapéu diz que arrebentava. Aí eles faziam assim, pra começar o chapéu eles faziam com o fio, cordão e terminavam aquele, porque tem aquele arremate, com o cordão. O pai olhava por dentro, o pai tinha o trabalho de pegar e levantar pra ver se era fio, porque senão era fio ele mandava tudo de volta. Eu não aceito, ele dizia, se não for com fio eu não aceito!

No passado, o chapéu funcionava como escambo. Mais tarde passou a vender no clube de mães, feiras. Não fazia bolsa para vender, mais para o uso da casa.

(38'17") E eles faziam assim, tinha o meu tio que morava, aqui também tinha armazém, logo que desce ali, dos Porto ali (...) Manoel Ferreira Porto, eles também recebiam chapéu, eles tinham loja. Eles tinham além do armazém, eles tinham loja também, eles também trocavam tudo assim. Mas tinha gente assim, Águas Claras mesmo, era tudo de gente pobre, eles iam lá com chapéu pra trazer o café trazer o açúcar e assim trocavam por comida.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda (x) complemento (x) não é fonte de renda ( )

Explica que para ela era a principal fonte de renda, a forma como tinha um dinheiro próprio.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Talvez daqui, não soube explicar. **(37'00")** Desde que eu me conheço por gente as pessoas tudo, da onde que veio? Acho que nasceu, não sei se foi dos índios... uma coisa que a gente nunca se preocupou de perguntar. (...) Desde que eu conheço, desde pequena, a minha mãe ia lá tirava palha, trançava... a turma toda do Faxinal, a turma da Águas Claras era só trança, né, fazer chapéu.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[3] Não sabe. Mas diz que sempre fizeram no Faxinal, em Águas Claras.

[3] Descrição dos sítios onde se expandiu

Existem histórias associadas à atividade?
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Decaiu muito, ninguém quer trançar por que não tem comércio. Só no verão às vezes. ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. A trança era 'biscate", um dinheirinho extra pra elas mesmas. Principal atividade quando nova, porque não tinha outro trabalho além de Dona de casa e a roça. Social: Sim. Também fazia a brincadeira do nó. Encontravam as amigas quando tinham cerca de 17, 18 anos e ficavam trançando à noite. Todas dormiam na mesma casa, na luz de querosene. Religioso: Não Cultural: Sim. Outros (lúdico, etc.): Sim. **(29'30")** mas nessas horas vagas, né? Por que a gente não sentava só pra trançar, a gente fazia mais era à noite. Ai de noite aí era bom... fazia jogo, a gente pegava as palhas assim entre as plantas, aí dizia assim vamos ver quem é que trançava mais rápido, fazia o nó na ponta da palha e ver quem é que chegava o nó primeiro no final e aí rendia, né?

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos (x)
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Ela inventou o jogo americano. No mais não houve mudança, sempre fez do mesmo jeito.
O que se manteve inalterado?

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL

( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Ela “inventou” o suco de butiá.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: A palha ficava fora do mato, faxina é só butiá. No meio o pai plantava mandioca.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): A queda no comércio. A espuma no lugar da clina, como não trançavam mais, derrubaram o butiazeiro para plantio primeiro da mandioca, depois, o plantio do fumo.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Tem agora a Economia Solidária, organizada pela Prefeitura de Torres. Há uma feira que inclui o artesanato na praça em frente à delegacia, na Av. Getúlio Vargas. Participou da feira de economia solidária. Possui um grupo chamado “Amigas da Arte”, que expõe artesanatos variados em alguns lugares de Torres.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Fez parte da Febanana, há cerca de 30 anos atrás. Existia antes do Festival do Balonismo. Depois participou no Festival do Balonismo, mas diz que tiraram a parte do artesanato, por que não era rural. Hoje a Feira da Economia Solidária. Possuem um grupo independente, são “Amigas da Arte” – são Cláudia, Rosana, Genar, Irma, Marinês, Angelita, Vina, Eracy. Todas trabalham com artesanato e só algumas com o artesanato com a palha do butiá: Judith, Irma, Genar, Nice.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não reconhece valorização por parte da sociedade.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica Entrevista em 2015
Fonográfica
Audiovisual
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
Conta que a mãe aprendeu com as vizinhas no Jacaré. O pai se criou no Faxinal, do Osmar Bauer. Jerônima Bauer e outras artesãs do Barro Cortado trabalhavam muito com tiririca, não tinha butiá. As filhas Claudia e Carla não sabem trançar, mas querem aprender. "Tem que ensinar o que a gente sabe, né, passar a frente." Com a palha do butiá não fazia só o chapéu, tentou outras coisas: bolsa, cesta, trilho pequeno (jogo americano), com um tear que ela mesma inventou. Também "inventou" o suco de butiá. Fazia todas as etapas. Cada rolo de trança era uma dúzia de chapéu. Em geral são 3 braças cada chapéu, mas o dela 3,5 se for menor a trança. Diz que a palha boa tirava pra trançar e o resto ia pra palhoça e que o pai tinha armazém, e muita gente levava chapéu pra trocar por mercadorias lá. Naquela época ela não trançava. Quando começou a trançar, levava na loja de tecidos do tio Zé Bauer pra trocar por tecido. Em casa, como ela fala, trabalha em qualquer lugar e qualquer tempo. Não tem horário certo pra fazer. Colhe na lua crescente, porque não fecha a palha depois que seca (não enrola). Para ela, só não pode cortar quando começa a florir (outubro mais ou menos) "se bem que agora parece que ele bota flor sempre". "Se corta

com flor, se for butiá pequeno cai todo o butiá. Com chuva é bom não tirar porque preteia a palha." Quando o dia está bonito, deixa de 3 a 4 dias dentro do galpão, sem sol para murchar, que "fica bem clarinha." "Quando faz dia bonito, com ventão sul, boto no sol e 3, 4 dias, seca bem. Não pode pegar sereno, por isso recolho todo dia de noite. Também não pode colocar na grama molhada, melhor mesmo nas pedras."

Ferramentas: fôrma de timbaúva (é mais macia), agulha (usava a de cobre, hoje usa a de tricô), faquinha de estalar a palha. O mato do cedro, no Campo Bonito, era a propriedade do pai onde tirava palha. "A palha ficava fora do mato, onde só tinha butiazeiro (faxina). No meio, o pai plantava mandioca e outras coisas." Ela trançava até 4 chapéus por dia, mas nas horas vagas, mais à noite. O Jogo do nó, ela fazia com as amigas de noite, na casa de alguma delas, na luz de querosene. A trança era "biscate, um dinheirinho extra pra elas mesmas." Sua principal atividade quando nova, porque não tinha outro trabalho além de dona de casa e da roça.

Os fardos de dez dúzias de chapéu chegavam no armazém e iam para São Paulo, mas não sabe dizer o que era feito com os chapéus. O pai não aceitava a costura de embira porque arrebentava ao passar na "máquina."

"Artesanato decaiu muito. Agora ninguém mais quer trançar porque não tem comércio. Só no verão, às vezes."

"Vento sul não dá pra tramar porque quebra todas palhas."

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.4 Entrevista 4 - Verônica Monteiro dos Santos

Identificação do questionário	
Data: 19/07/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 04
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Campo Bonito	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0617322 6753015

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Verônica Monteiro dos Santos		Data de nascimento/ fundação	19/10/1923
Ocupação: Dona de casa e artesã, trabalhou na agricultura e engenho de farinha.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: BR 101, nº 5750	Telefone: 95-188233	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – Campo Bonito	Desde quando mora na localidade: Sempre , a família é da região .		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança. No começo só chapéu. "Não tinha esses negócios de bolsa de palha". Também fez bolsas, carteiras, que aprendeu no curso feito no salão do Campo Bonito. Carteira e bolsa melhor com tiririca, melhor de costurar. Mas fez muita bolsa de palha de butiá.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todas etapas. Depois passou a comprar a trança pronta para fazer bolsas. Comprava da Angélica, a sogra da Irma e da Maria de Matos.

Onde executa a atividade? Na própria casa. O tingimento é feito na cozinha.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a tia e madrinha, Virgínia. Mais tarde aprendeu a fazer bolsas com Dona Claudina na Fundação Gaúcha do Trabalho. Ela ajudou-a a comprar a máquina de costura para o acabamento das bolsas. A avó materna era de Três Forquilhas, mas não sabe ao certo a origem dos outros avós. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz (x) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Primeiro na família, em casa. Mais tarde (mais de 30 anos) no salão do Campo Bonito, com Dona Claudina. Na época as amigas Alzemira, Constantina e Elmira também aprenderam, mas já são falecidas ou deixaram de produzir.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Teve oito filhos, uma já morreu. Diz que alguns aprenderam e faziam quando pequenos se tinham tempo

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Maria Isaltina	Função:	Contato: mora na primeira rua, próximo da sua casa. Não localizamos nenhuma, parece que estão todas falecidas.
Nome: : Dionira	Função:	Contato:
Nome: Alzemira	Função:	Contato:
Nome: Maria	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Qualquer época. Mas se colher na minguante enrosca mais. Sendo qualquer outra lua que não a minguante, não tem problema.
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Trabalhou muito, mas já parou de produzir.
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?

Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função

Para produção das bolsas	Pegava as tranças prontas e cortava as tiras do tamanho para a bolsa, a costura era feita à máquina. Pode-se tingir a palha ou pode-se tingir a trança pronta. A alça é feita à mão para fazer arredondada, enche com palha de butiá. O marido fazia a agulha com um pedaço de arame para costurar à mão. Para as bolsas e carteiras, além do butiá, usava a palha da taboa, tiririca e bananeira. Mais da tiririca.	
Para produção do chapéu:	Não cortava as palhas mais novas pra deixar a árvore dar mais palha, nem as mais velhas. A colheita da palha é sempre feita deixando-se 2 folhas, uma aberta, a ponteira e o broto. Tira só o que precisa, as que não estejam manchadas. Muito curta também não rende. Qualquer época do ano para colheita. Colher na lua minguante é ruim, enrosca a palha, qualquer outra serve.	
Secagem	Põe na sombra por 3 dias. Dependendo do sol, pode-se colocar no sol, até branquear.	
Estalagem	Retirada do talo.	
Amaciamento da palha	Usava o descaroçador de algodão para passar a trança pronta. Ou umedecia com um pano para amaciar a palha e então trançar, para o chapéu não precisa passar no descaroçador.	
Tingimento	Tingia a palha no fogão.	
Trança	Tem de 13, 15, 17. Quanto mais larga, menos costura no produto final. Encomendava as tranças de 17 para fazer as bolsas.	
Forma	Para dar forma ao chapéu usava forma de Timbaúva. Usava o ponto crescente, pega 2 palhas por vez, na volta, para fazer a curva	

	do chapéu. Na beirada do chapéu, a trança cruza para dar o acabamento.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Na própria propriedade tinham plantação de butiá, onde mora a Nini. O marido da Nini é seu primo de segundo grau. Ali onde fica hoje a aldeia indígena, antes era deles, mas foram cortando para fazer roça..

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para o corte	
Fôrma de madeira para fazer o chapéu de timbaúva (timbaúva?)	
Material para acabamento de costuras. Utilizava a máquina para bolsas e agulha (de arame) para o chapéu. Máquina de costura velha (“máquina de pé”, máquina de mão não fazia bolsa).	
Descaroçador – utilizado somente para bolsas.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Diz que não é possível mencionar por que fazia todo o serviço da casa junto.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) No verão vendia em lojas de Torres, principalmente as bolsas. A Gedi (não tem mais loja)

No Hotel Figueira, de Pedro Figueira. Vendia pra fora - de carroça, e depois pras filhas (tinha loja) e netos.

A filha e o marido da Gedi (filha do João Crescêncio e mulher do filho do Pedro Figueira) tinham loja em Torres.

Quando criança ia para as lojas na colônia de São Pedro (Dom Pedro de Alcântara) a pé levar chapéu para trocar.

Vendia através do Clube de Mães. Foi eleita mãe do ano e vendeu também em um evento em Porto Alegre, na PUC (uma vez por ano).

Complementação 2021:

"Até na Colônia eu vendi chapéu, a pé. No Faxinal eu também levava chapéu lá, lá na beira do rio, a gente levava chapéu em tudo que era lado, né? "

(34'10") Eu vendi muito pra uma filha do Pedro Figueira. (...) Os primeiros que eu vendi foi pro Pedro Figueira, depois vendi pros filhos, filhas, depois pros netos. (...) ele comprava porque ele carregava pra fora pra vender, ele saía de carroça. Depois a filha botou loja e o filho também.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda (x) complemento (x) não é fonte de renda ( )

Ajudava o marido Jovelino Coelho dos Santos.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não soube dizer. A palha é da região, a família também. Complementação 2021: "Eu aprendi com a minha tia, mas custei muito a aprender, por que a cabeça não ajudava. (..) Mas o chapéu é de muitos anos já, aí não sei com quem que ela aprendeu."
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[4] Não sabe dizer.
Existem histórias associadas à atividade? Também quando jovem se juntavam com os amigos e parentes para trançar à noite. A sogra da Nini fazia o nó na palha, mas a dela terminava antes porque era de 17 palhas. Foi a sogra da Nini quem inventou o jogo do nó. Se reuniam só as moças.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Já foi uma fonte de renda importante para a família, mas não é mais hoje em dia e quase ninguém mais trabalha com o artesanato atualmente no Campo Bonito. Existe uma grande dificuldade da venda dos produtos. Se queixou que algumas artesãs ficaram doentes, como ela que tem problemas de visão.

[4] Descrição dos sítios onde se expandiu

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. Social: Sim. Religioso: Não Cultural: Sim. Outros (lúdico, etc.): Sim.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos (x)
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Aprendeu a fazer as bolsas e as carteiras, usando a palha do butiá. Mas quanto aos chapéus, o modo de fazer sempre foi o mesmo. Claudina inventava os modelos, ela só fazia.
O que se manteve inalterado? O modo de fazer chapéu.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento Não sabe responder, não sabe como está.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Faxinal.

Ocorre no meio do mato, capoeira. A folha do butiá que fica no meio do mato é ruim, por que tem que pegar sol, e no mato fica na sombra. Já na capoeira, que é mais baixa a folha é boa. O butiá tem que pegar sol.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Foi por causa da roça, tiveram que plantar outras coisas. A própria família passou a plantar a mandioca, principalmente. Hoje em dia não tem mais porque tem muita roça. Onde tem butiazeiro não dá pra plantar.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não conhece.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Fez parte da Febanana, no campo de aviação, junto com a Calmira. Haviam os eventos do Clube de Mães, no Salão Paroquial de Torres. No Hotel Farol, foram mostrar como faziam. Porto Alegre, na PUC. (não soube dizer com precisão)
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não. Diz que na Secretaria de Turismo tem uma foto de quando estavam vendendo em Porto Alegre. Ela e Dona Claudina na frente da PUC. Conta que venderam tudo rapidamente.

DOCUMENTAÇÃO:

Fotográfica

Entrevista em 2015

Entrevista em 2021

Fonográfica

Audiovisual

Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:

Fontes documentais e bibliográficas

Possui fotografias antigas com sua produção.

Interesses

CONSIDERAÇÕES

Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:

Os filhos aprenderam e faziam quando pequenos se tinham tempo. Fazia só chapéu no começo. Como ela conta,: “Não tinha esses negócios de bolsa de palha.” Aprendeu no curso feito no salão do Campo Bonito. Indicou Alzemira, Maria (morava perto), Constantina (já faleceu), Elmira (já faleceu). Comprava trança pronta para as bolsas. Usava máquina de costura velha (“máquina de pé”, máquina de mão não fazia bolsa). E tingia a palha no fogão. Para ela, qualquer época do ano é boa para colheita. Mas colher na lua minguante é ruim, enrosca a palha, qualquer outra serve. Levava produtos para o Concurso de Mãe do Ano, inclusive em Porto Alegre (uma vez por ano).

Vendia pra Jedi (mulher do filho do Pedro Figueira), que tinha loja. Quando criança ia para as lojas na colônia de São Pedro a pé levar chapéu para trocar. Vendeu pro Pedro Figueira (carregava de carroça pra vender) e depois para as filhas (tinha loja) e netos.

Ela inventou uma carteira e uma bolsa que dizia ser melhor com tiririca para costurar. Mas fez também muitas bolsas de palha de butiá, passava no descaroçador para amaciar. “Dá pra tingir a palha e também dá pra tingir a trança pronta.” As agulhas ela fazia de arame.

Não cortava as palhas mais novas para deixar a árvore dar mais palha, nem as mais velhas. Deixava uma folha aberta, a ponteira e o broto. Não cortava as folhas que não ia usar, deixava no butiazeiro. Pra escolher um bom butiazeiro tem que cuidar com as folhas manchadas, segundo ela.

Etapas: deixa 3 dias na sombra, depois coloca no sol que seca mais ligeiro. No sol até branquear, depende do sol. Depois de seca tem que tirar o talo (estalagem). Umedece pra amaciar a palha e depois passa a trança pronta no descaroçador. 13, 15 ou 17 palhas para trançar. A de 17 é mais larga e costura menos, faz mais ligeiro. Mas é muito demorado trançar. Usa a fôrma de timbaúva para o chapéu.

Aprendeu com a tia e madrinha Virgínia.

Ponto crescente: “Pega duas palhas por vez que puxa mais e vai fazendo a curva.”

Também se reunia com as amigas para trançar quando jovem e fazia o “jogo do nó” (diz que a sogra da Nini quem inventou).

Não sabe como está o artesanato hoje.

Faxinal: “Tinha faxina baixinha, mato baixo, porque quando o butiazeiro fica com mato alto fica ruim, a folha enrola. Hoje em dia não tem mais porque tem muita roça. Onde tem butiazeiro não dá pra plantar. “

Nunca participou de cooperativas, de Festas, participou da FEBANANA junto com a Calmira e na Feira do Livro com o Curicaca.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.5 Entrevista 5 - Angelina Inácio dos Santos

Identificação do questionário	
Data: 06/08/2015	**Nº do questionário:** 05
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Campo Bonito	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0619210 6752899

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Angelina Inácio dos Santos		Data de nascimento/ fundação	15/10/1918
Ocupação: Dona de casa e artesã, agricultora.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Estrada do Mar, Km 87 Rua do Jorge, nº13	Telefone: 99-579096 (número do neto que toma conta dela – Luis Carlos Machado)	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – Campo Bonito	Desde quando mora na localidade: Sempre .		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança, chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todas etapas.
Onde executa a atividade? Na casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, com uns sete anos, chamava-se Inácia Jorge dos Santos. . Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Ninguém ensinou, aprendia vendo a mãe fazer. Ela e a prima. Complementação 2021: **(13"31")** a minha mãe, nossa! A minha mãe costurava roupa na mão, e trançava e costurava chapéu... nós sentava perto dela ela tava costurando e aí aprendemo, aí fomo costurando trancinha verde de chapéu de boneca. **(24'18")** o chapéu era mais de noite, ficava até tarde da noite, quando tava chovendo também... ai muito trabalhamo nesse serviço, meu deus...
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Teve nove filhos. Todos aprenderam a fazer a trança, até os homens. Mas ela e a mãe que costuravam o chapéu. Os netos todos também aprenderam. Filhas que faziam chapéu: Celina, Gelica, Geni, Maria, Celi, Rosa Maria. Geni é a única que ainda faz. Complementação 2021: **(02'37")** Até os filho homem trançavam. **(08'21")** [quem trabalhava com palha de butiá?] Olha, era a Celina, é a mais velha, né mana? a Gelica, a Geni, a Maria, a Celi e a Rosa Maria. [Era a profissão naquela época, todas trabalhavam com isso]... se nós não fizesse chapéu ficava tudo em couro porque comprava roupa com o chapéu, se casaram tudo trançando pra comprar as roupinha de cama pra pode casar... porque tirar dinheiro da onde?

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Geli (Gelica)	Função:	Contato: filha
Nome: : Celina	Função:	Contato: filha
Nome: Geni	Função:	Contato: filha - ainda faz
Nome: Maria	Função:	Contato: filha
Nome: Celi	Função:	Contato: filha
Nome: Odete	Função:	Contato: prima-irmã.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Qualquer época. Retirava a cada 15 dias.
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Trabalhou muito, mas já parou de produzir.

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função

Colheita	Deixa os brotos do meio, a palha velha retira. Deixa pelo menos 3 palhas. Não precisa cuidar a lua. Não tem época pra cortar o butiá. Os brotos bons de cortar são os mais do meio, a palha velha deixa, mas sempre fica 3 palhas no meio pra não matar o butiazeiro.	
Secagem	Seca as folhas inteiras, pões direto no sol. Uns 8 dias, depois recolhe para o galpão. Seca até ficar bem branquinha.	
Estalagem	Retirada do talo do meio, usa a faca que a mesma que amacia a palha, enquanto retira o talo.	
Amaciamento da palha	Enrola em pano molhado para ficar mais macia.	
Trança	Tem de 13, 17 e de 7 palhas. A de 17 fica mais bonita, fica mais largo, mas é muito mais difícil de costurar. Época de chuva todo mundo trançava, fica bem macia a palha boa de costurar.	
Costura	São de 3 a 4 voltas para cada chapéu. A avó fazia o cordão em casa. Forma de timbaúva. Usa martelo, forma, taxas para prender o chapéu na forma, agulha de cobre ou de varão de guarda chuva.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Agulha de alumínio ou cobre, depois de guarda-chuva	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações?

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Diz que eram R$ 3,00 por 12 chapéus, depois passaram a R$13,00. 3 ½ braças para cada chapéu. Pode ser feito até de 5 braças, fica com aba bem grande
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Nos portos de Campo Bonito. Manequinha Porto tinha um mercadinho e loja que fazia a troca por roupas e por produtos. Naquele tempo as coisas eram mais baratas. Talvez mandassem os chapéus para Santa Catarina, mas não sabe dizer ao certo para onde iam. Em Santa Catarina faziam a troca no Armazém do Pingo, em Curralinho. Trocava no armazém as coisas, porque o chapéu era barato mas as coisas também eram baratas. Agora o chapéu é mais caro, mas as coisas também são. Não sabe pra onde os caminhões levavam, mas era em SC. Complementação 2021: **(30'20")** Aqui no porto, em Campo Bonito, ainda tinha porto. Era um mercadinho, né? e tinha loja e tinha tudo. Trocava por chapéu, uma parte do chapéu era da comida, outra parte do chapéu eu comprava roupa pras filha e pra mim.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( ) Ela conta que a lavoura era o principal, mas com a morte do marido voltou-se mais para o artesanato junto com os filhos. Complementação 2021: **(05'12")** Ganhei meus filho tudo em casa. Tudo em casa. Quando aí eles viam, meus filhos tavam chorando em cima da cama. Eu trabalhava na roça, óia eu ficava gorda assim. Eu trabalhava na roça, chegava em casa as 6h, todos os nove filho, chegava em casa às 6h e ganhava meus filho. As minhas mão agora é que saiu os calo. Ainda tem ó.

(32’07”) Pegava os meus filho, tudo pequenininho botava debaixo duma árvore, levava um pedacinho de esteira velho um pedacinho de manta botava lá é nós na enxada pau e pau com a mandioca, carregava os carros de mandioca.

(29’26”) Com sete ano nóis já tava trançando, nóis trabalhava toda a vida assim na roça e na trança de chapéu, toda a vida pra poder comer, senão como nóis ia passar? depois que morreu meu marido ficou pior ainda.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[5] Sim.
Existem histórias associadas à atividade? Contou que levava os filhos pequenos para retirar a palha e para a lavoura e que uma vez uma cobra coral picou a sogra no butiazeiro.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Diminuiu, as pessoas não querem mais trabalhar com isso. ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. Complementação 2021: **(01’58”)** Trabalhando na trança pra comer. È! Faltou meu marido e eu fui obrigada a me virar, né? Porque da onde é que eu ia tirar pra sustentar 9 filhos? **(12’39”)** Trançava, de noite nós ficava até a madrugada costurando chapéu, pra de manhã os filho... a irmã vir buscar Social: Sim. Religioso: Não Cultural: Sim.

[5] Descrição dos sítios onde se expandiu

Outros (lúdico, etc.): Sim. Faziam em casa a brincadeira do nó. “ Jogar nozinho, para ver quem faz o palmo de trança mais primeiro.”

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças
O que se manteve inalterado? O modo de fazer chapéu sempre igual.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória (x) Em esquecimento Não sabe responder, não sabe como está.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Não existe butiazal em área úmida. Se não tira a palha fica fraca, é uma poda. Se não podar, o pé de butiá morre.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Tirava dos vizinhos.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Aumento das cidades, não tem mais os armazéns e as pessoas não querem mais fazer.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica Entrevista em 2015
Fonográfica
Audiovisual
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios: Dona Angelina conta que trabalhava como Dona de casa e na roça, além do artesanato. Todos os 9 filhos aprenderam a trançar e também trabalhavam na roça. Só ela e a mãe costuravam. Para ela não tinha época pra cortar o butiá. Época de chuva todo mundo trançava, fica bem macia a palha e boa de costurar. Eram as filhas que faziam chapéu: Celina, Gelica, Geni, Maria, Celi, Rosa Maria. Geni é a única que ainda faz. Quanto ao processo diz que os brotos bons de cortar são os mais do meio, a palha velha se deixa, mas sempre ficam 3 palhas no meio pra não matar o butiazeiro. Seca até ficar bem branquinha, depois é preciso estalar, trançar e despicar. 3,5 braças correspondem a 1 chapéu, mas fazia de até 5 braças, que fica com aba bem grande. Usava agulha de alumínio ou cobre, depois de guarda-chuva. Comentou sobre o jogo do nó.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.6 Entrevista 6 - Elita Pacheco Daitx

Identificação do questionário	
Data: 06/08/2015	**Nº do questionário:** 06
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Campo Bonito	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0618910 6753325

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Elita Pacheco Daitx		Data de nascimento/ fundação	10/01/1944
Ocupação: Agricultora e artesã.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Rua Serafim Machado, nº 2200. Antiga estrada do cemitério	Telefone: 98 – 022098	E-mail:	
Local de nascimento: Torres	Desde quando mora na localidade: Sempre morou.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? O chapéu e a trança.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todo processo sozinha.
Onde executa a atividade? Na casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe e a avó quando tinha entre 5 e 6 anos. A mãe se chamava Elmerina da Silveira Pacheco e a avó Angelina Jorge, que aprenderam também com a família. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Começou a trançar com 5,6 anos junto com as irmãs. Todos trançavam juntos na família, mesmo os meninos. Eram 9 filhos. Faziam de tarde, tardezinha e de noite, depois do serviço da casa e da criação. De dia a mãe costurava os chapéus. " Era como uma galinha com os pintinhos." Eram cinco meninas, a mãe costurava. O pai não trançava junto e não queria que as filhas costurassem, mas elas usavam a palha verde para treinar. Aprenderam a costurar com 10 anos. Era cansativo, mas havia competição, jogo do nó, entre as irmãs pra ver quem fazia mais que a outra. Complementação 2021: **(02'39")** De irmão nós semo de nove. São nove comigo Todos {trançavam] tinha dois homens mas assim mesmo em tempo de chuva eles se sentavam a trançar. (...) Nos fazia de tarde, de tardezinha, depois de arrumar todo o serviço da casa, a criação e tudo. E mais era de noite, nos sentava tudo em vorta assim, aquela luz no meio trançando. Aí de dia a minha mãe costurava os chapéus que aí nós não sabia e nós não tinha tempo. Depois nós fomos aprendendo. Sobre o pai ela conta: **(03'38")** Não, não, ele não! Ele só brigava com nós. [a mãe] Era igualzinho uma galinha com os pintinho. [o pai] Ah! Ele ficava, ele vinha, ele dava uma olhada, ele dava uma tossezinha, e ficava por ali, e de vez em quando ele dizia: "tá na hora de dormir"!. E ali ele ia, até que nos tinha que largar e se deitar pra dormir. E depois dele botar a cabeça no travesseiro não podia ter barulho nenhum. Ele tinha que deitar e dormir. Agora se tivesse um barulhinho ele já não dormia, ele já levantava e ficava brigado.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Ensinou para as filhas Elenir (Preta) e para a Nadir (Negra), mas hoje não fazem mais. Os 3 meninos também trançavam quando crianças.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Irma	Função:	Contato: irmã
Nome: Gelica	Função:	Contato: prima
Nome: Maria (Angelita)	Função:	Contato:
Nome: Elenir (Preta)	Função:	Contato: filha
Nome: Eni (sobrinha)	Função:	Contato: casa da irmã- mora em Águas Claras, depois do cemitério. Comercializa os chapéus (vende para o gringo)

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Todo ano. Na lua cheia a palha fica mais macia. A mãe fazia assim.

Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Não Nos últimos 10 anos não tem feito artesanato. Parou por questão de saúde: pó da palha incomoda a respiração, e veneno da palha. O artesanato está mais fraco: tem gente que tem medo de tirar palha, ou de vender chapéu e ser entregue.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita:	Ficam umas quatro folhas em baixo, as que estão duras demais. Deixa os brotos e uma aberta. Nunca tira tudo. Época: durante o ano inteiro. Na lua cheia fica mais macia, a mãe ensinou. Deixa as palhas debaixo, porque já estão muito duras, e em cima deixa uma folha aberta e mais os brotinhos. "A gente nunca tira tudo, tudo".	
Secagem	Fica 4 ou 5 dias no galpão para murchar, antes de ir para o sol. Estender na grama seca de manhã, por volta das 16h30 recolhe para a casa. Faz isso durante uma semana ou duas, dependendo do sol.	
Estalagem	Amaciar bem, cortar o pé. Retirada do talo do meio da palha. Coloca em saco plástico para ficar macia.	
Trança	Tempo de chuva é melhor para trançar. Tempo quente não dá, só se coloca a palha no pano molhado. "Mas hoje em dia preteia tudo, acho que por causa do veneno". Tem de 13 e de 17. A trança de 17 é mais difícil de ser feita, mas o chapéu fica mais bonito e é mais fácil para costurar.	
Costura do chapéu	Pro chapéu: Faz o fundo da trança, depois põe na forma para costurar em volta para depois levantar a aba. No final vai matando a volta da trança. Usa o ponto crescente.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração:		

Tirava dos vizinhos e da propriedade do pai. O pai trabalhava com engenho próprio, tinha palha. Foi fazendo roça embaixo. Plantava a mandioca, feijão, embaixo do butiazal. Agora para o fumo arrancam tudo.	
Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Colheita : Facão para o corte, bota, calça comprida Faquinha sem serra, forma, agulha (varão de guarda-chuva), tachas, cordão, forma de timbaúva.	
Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)? É preciso acesso a uma propriedade que tenha butiazal.	
Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não	
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Complementação 2021: Sobre o jogo do nó: **(04'34")** Era cansado mas aí uma queria trançar mais do que a outra... nós fazia jogo na trança. Nós fazia e nós brigava, (...) porque uma queria fazer mais do que a outra (...) aquele nó da ponta da palha não acabava nunca e muitas vez nós emendava aquele nó maior e dava outra volta na trança, era uma brincadeira, espalhava o sono né? Mas primeiro nos fazia o nosso dever do colégio. **(00"10")** Nós pegava, se fossem cinco trançando, pegava cinco palha bem comprida fazia um nozinho na ponta, pra ver qual é que emendava mais ligeiro ganhava o jogo, aí tá... aí fazia, fazia, não dava... esse dedo não dava mais pra trançar, né? Começava a doer. E daí uma ou duas emendava o toco bem grandão assim! Aí já começava as outras brigar, nós tinha que desemendar, dobrar a palha de novo pra emendar, pra dar certo o nó. Aí nos parava. Nós brigava muito.	

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade:

1 chapéu - 3 1/2 braças. Faziam 7 braças por noite. Cada criança tinha que fazer 2 chapéus (7 braças) e tinha vezes que esticavam a trança pra dar mais. Chapéu com trança de 13 (mais fácil) a 17 (mais bonito).
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) A mãe trocava por roupa e comida. Do armazém os chapéus iam pra usar na roça e o que sobrava virava colchão. O chapéu que ia pra prensa tinha outro formato e era envernizado. Quando acabou a troca, vendia no armazém ou para o gringo do caminhão (de Caxias) ou levava no outro lugar (Curralinho- SC) pra trocar. Vendia para alguém que vinha buscar em casa, ele trazia mercadoria para troca. Uma vez por ano. Acha que era de Caxias, levavam o chapéu para colocar em uma forma, ele mostrou para ela como ficava o chapéu pronto depois de ir para a forma. Ela chamava de gringo. Vendeu também em Curralinho – Santa Catarina. No Campo Bonito era trocado por roupa e por comida. O pai tinha um carro de boi e fazia um arco com chapéus, de 5 em 5 dúzias. O que não era vendido como chapéu era aproveitado novamente para fazer colchão. Complementação 2021: **(06'30")** Meu pai tinha carro de boi e ele pegava as taquaras, no tempo que era pra levar os chapéus, se fazia assim um arco assim por cima na sebe do carro, no tempo de chuva, né? E botava uma lona por cima e ali embaixo tocava todos os chapéu, tudo enfardado. De 5 em 5 dúzia, aí enfiava um arame assim no meio da copa assim até o último de cima e depois amarrava um pauzinho ali pra não cair, já ia tudo enfardado. **(07'30")** E o que ficava [chapéu] ali que não dava, aí eles tocavam nessa prensa pra fazer colchão também. É o que sobrava, que eles não conseguiam vender. Ali ia ficando, ia preteando, aí pra não estragar tudo pra não perder vendiam pra esses caras pra fazer colchão. Elita trocava os chapéus no Campo Bonito no armazém do Mario Porto. Trocava por mercadoria e roupas. **(26'57")** [onde era vendido] Aqui no Campo Bonito. No armazém do "Mario Porto".
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda (x) complemento (x) não é fonte de renda ( ) O marido era carpinteiro.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não soube dizer.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[6] A este local.
Existem histórias associadas à atividade? Não relatou.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

[6] Descrição dos sítios onde se expandiu

Parou por causa da saúde. O pó da palha lhe faz mal. Também por receio da proibição da extração da palha.

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. O "dinheiro" ficava pra mãe, trazia independência para as mulheres. Complementação 2021: **(05'20")** Se rendia! Era da onde a mãe comprava toda a roupa pra casa, era roupa de cama era roupa de vestir, era tudo, comida, tudo! E não era só nós, era a vizinhança toda, né?. [o dinheiro] era só pra mãe. **(06'00")** Era trocado aqui no Campo Bonito, a mãe levava os chapéu ali e trocava por roupa comida tudo isso vinha pra dentro de casa. Ela levava os chapéus e trazia essas coisas. Social: Sim. Religioso: Não Cultural: Sim. Outros (lúdico, etc.): Sim. Faziam o jogo do nó. Um queria fazer mais que a outra. Faziam o dever do colégio, depois sentavam para trançar.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Acha que nunca vão esquecer.
O que se manteve inalterado? O chapéu.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento Não sabe responder, não sabe como está.

Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Não soube explicar.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Butiazeiro. Faxinal, é o nome quando a plantação é muito grande. Na época dos engenhos, era Faxinal. “Chama butiazeiro, mas o primeiro nome era faxina”.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Plantio de fumo. O uso de máquinas para agricultura em larga escala.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Na Feira do Livro com a Ong Curicaca. .

DOCUMENTAÇÃO:

Fotográfica

Entrevista em 2015

Fonográfica

Audiovisual

Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:

Fontes documentais e bibliográficas

Interesses

CONSIDERAÇÕES

Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:

Nos últimos anos o pó da palha prejudicava seus pulmões. Trabalhava dentro da casa. Aprendeu com a mãe Enerina Silveira Pacheco e a vó Angelina Jorge, que aprenderam também com a família. Começou a trançar com 5 anos junto com as irmãs. Faziam de tardezinha e de noite, depois do serviço da casa e da criação. Toda a família trançava junto e a mãe costurava os chapéus durante o dia. O pai não trançava. Ela ressalva que o "dinheiro" ficava pra mãe e dava independência para a mulher. A mãe trocava por roupa e comida. Do armazém, os chapéus iam para o uso na roça e o que sobrava virava colchão. O chapéu que ia para a prensa (nas indústrias da serra) ficava com outro formato e era envernizado. Ensinou para Preta (Elenir) e para Negra (Nadir), mas hoje elas não fazem mais. Os 3 meninos faziam só quando crianças também. A colheita era durante todo ano. Na lua cheia, dizia que a palha ficava mais macia, foi a mãe quem ensinou. Para colher, deixava as palhas debaixo, porque são muito duras, e em cima deixava uma folha aberta e mais os brotinhos. "A gente nunca tira tudo, tudo". Depois levava 4 ou 5 dias murchando no galpão, a seguir, estendia de manhã na grama seca pra não pretear, e pelas 4:30h da tarde recolhia. Isso seguia por uma ou duas semanas, dependendo do sol. Estalagem é um processo usado para amaciar a palha. Ela colocava as

palhas em sacos plásticos para ficarem sempre macias. Para Elita, tempo de chuva é melhor pra trançar; tempo quente não é bom. Só se coloca a palha no pano molhado pra amaciar (mas hoje em dia preteia tudo, acha que é por causa dos venenos). Parou por questão de saúde: pó e veneno da palha. Segundo ela hoje o artesanato está mais fraco, tem gente que tem medo de tirar palha, ou de vender chapéu e ser entregue para a fiscalização.

Para fazer o chapéu, explica que primeiro faz o fundo da trança (topo), depois põe na forma pra costurar. Usa o ponto crescente. A palha, tira nos vizinhos. Antes, o pai plantava junto com o butiazal: mandioca, feijão. Agora para o plantio do fumo arrancaram tudo. Um chapéu corresponde a 3,5 braças. Cada criança tinha que fazer 2 chapéus (7 braças) e tinha vezes que esticavam a trança pra dar mais. Treinavam a costura com as palhas verdes. Aprendeu a costurar com cerca de 9 anos.

Foi a principal fonte de renda da família, marido era carpinteiro.

Não sabe a origem do artesanato. Não notou nenhuma mudança com o passar do tempo. Trança de 13 (mais fácil) a 17 (mais bonita).

Indicou contato da Eni, que ainda vende chapéu para o “gringo”. Acha que nunca vão esquecer o artesanato.

Chamam de butiazeiro, mas o primeiro nome era faxina. Irma e Eli são suas irmãs. Gelica é prima.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.7 Entrevista 7 - Irma Pacheco da Silveira

Identificação do questionário	
Data: 06/08/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 07
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Vivia em Campo Bonito, mas mudou-se para Torres em 2021	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0617489 6753189

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Irma Pacheco da Silveira		Data de nascimento/ fundação	06/11/1945
Ocupação: Dona de casa e artesã.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: BR 101, KM 05	Telefone:81334440	E-mail: contato pelo filho Leandro Pacheco	
Local de nascimento: Torres - Faxinal	Desde quando mora na localidade: 40 anos no Campo Bonito		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Chapéu. Sabe fazer bolsa, mas o chapéu é a prioridade. Faz bolsas e tapetes. Complementação 2021:

“Nós fazia tapete, tapete grandão de sala, era difícil, muitas voltas que era muito grandão. e cesta, cesta pra vender, costurava na mão e uns pedaços costurava na máquina de costura.“
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Na família uma pessoa trança e a outra costura. Ela gostava de trançar e não gosta de costurar. Mas sabe fazer todo o processo, da colheita à costura.
Onde executa a atividade? Dentro da casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? O pai tinha engenho de clina, enfardava e vendia para Porto Alegre. Com o engenho tinha a possibilidade de escolher a palha. “A gente se criou fazendo isso”. Faziam o colchão em casa também. Aprendeu com a mãe, a avó, a bisavó, por parte de mãe e de pai, que aprenderam “de berço”. Naquela época era o que as mulheres faziam. Trabalho mais feminino. Os homens ajudavam a buscar a palha. A mãe se chamava Elmerina Angelina da Silveira e a avó Angelina Jorge (por parte de mãe), a avó por parte de pai era conhecida por Duia (Maria). Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Na família. Aos 10 anos já fazia a trança. Durante o dia trabalhavam na casa e na roça, no engenho e de noite faziam em casa, o serão, até umas 22hs. Todos trabalhavam, eram 9 filhos, todos aprenderam, mas hoje nem todos fazem. 6 mulheres. Enilda, Teresinha, Elita, Irma, Eli, Orlita e Clori. Os meninos faziam a trança junto, mas não costuravam. Orlita (irmã) e Clori (irmã) também faziam porque eram obrigadas, mas não gostavam. Complementação 2021: “Eu aprendi com a minha mãe e com a minha avó, minha avó morou muito tempo com nós, elas dependiam bastante disso, elas faziam muito. E aí foi passando, né, pra? Foi passando para família toda, né? Depois casamo, o meu marido também fazia essa trança, me ajudava muito, quando tava em casa dia de chuva e tudo mais, né, então. A minha irmã, (Elita) nós morava junto, ela trabalhava muito também com isso, a gente se criou com isso, né? a gente se criou fazendo isso e dependia disso pra viver! (...) E uma coisa muito gostosa, que a gente gostava muito de fazer.” “A família toda trançava. Desde criança de 5 anos já tava com a trança na mão. Se criamo no interior. Nessa parte, a nossa parte maior era nessa parte. Nós tinha palhoça, né, de clina, antigamente, meu pai tinha, a gente trabalhava na palhoça e trançando e vendendo chapéu.” Eram 9 irmãos: todos trançavam desde criança , de 5 anos já estavam com a trança na mão: Enedir Francisco Onofre (faleceu) – trançava; 2. Enilda Pacheco Boaventura (hoje é o nome dela)- trançava; 3. Teresinha Pacheco dos Santos (faleceu); 4. Elita Pacheco da Silveira – (trançava e faleceu); Orlita Pacheco Boaventura (trançava); Irma Pacheco da Silveira (ela mesma); Clori Silveira Mota (trançava); Miguel Pacheco da Silveira (trançava).
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco.

Ensinou 3 filhos: o Jarbas, a Márcia e o Marcos. Só faziam a trança. As sobrinhas e netas também sabem trançar. Complementação 2021: Os filhos não faziam a costura do chapéu. Mas se encontravam e faziam a trança. O marido Manoel Mota da Silveira (faleceu) também fazia trança. Conheciam por Carlos Filhos dela: Jarbas – trançava – teve a Manoela e a Natália – conheceram com a avó, viam a vó trabalhando; Márcia- trançava – teve o filho Ramiro – não morava no local e não participou; Marcos- trançava – teve o Gabriel – via a avó trançando, mas não trançava; Leandro- conhece, mas não trança. – não tem filhos.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Geli	Função:	Contato: prima
Nome: Elita	Função:	Contato: irmã
Nome: Enilda	Função:	Contato: irmã
Nome: Teresinha	Função:	Contato: irmã
Nome: Orlita e Clori (não gostavam de fazer)	Função:	Contato: irmãs

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre):No tempo seco é bom para colheita. A partir de outubro não tiravam a palha por que é época de frutificação. Nunca cuidou a lua. Pra trançar, tira duas ou 3 vezes por ano. Porque é bastante quantidade, e não tem muita gente tirando. Trançar era uma atividade que ocorria muito em dias de chuva, por que a palha fica mais macia e não tinha o trabalho na roça e no engenho.
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Trabalhou por uns 3 anos, depois parou por causa da proibição. Parou porque não podia tirar, os vizinhos não deixavam. “Ah mas é muito bom, tenho muita saudade de fazer isso”. Complementação 2021: Ela ainda pensa que tem restrições para o comércio do artesanato, na entrevista de 2021 nos contou que recebeu uma encomenda do irmão que pediu 9 chapéus para a família trabalhar. Ele colheu, trançou e ela costurou os chapéus e lhe devolveu. Diz que ele aprendeu a trançar, mas não sabe costurar.

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Quanto mais velha a palha para tirar no pé do butiazeiro, pior, mais manchada fica. Para a palhoça, que era a retirada para a clina, deixavam só um brotinho no pé. Naquela época não deixavam nenhuma folha, por que tinha muito.. Não sabe por que é proibido retirar, “só fortalece a	Ela e a irmã.

	planta". "Se não tirar, daí que o butiazeiro vai se estragando." Para o artesanato deixa sempre 4 ou 5 folhas mais novas, retirava só uma vez por ano. Pra fazer a trança é ruim as de baixo, deixava umas 4, 5 palhas verdes mais o broto. Usava as ruins pra fazer adubo. A partir de outubro não tira mais porque o butiazeiro tá botando fruto (quando fica com os cachos). Tanto faz a época, mas chuva não gostava muito de cortar porque tinha que deixar dentro de casa amontoada. Nunca entendeu muito da lua.	
Secagem	Todo dia estende no lugar seco, de noite recolhe para casa. Com o sol , 4 dias. Se o tempo é de chuva, preteia a palha. Não tem o hábito de deixar a palha em local sem sol para " murchar"	artesã
Estalagem	Retirada do talo. De manhã estala e de noite trança. O pé também é tirado. Enquanto isso, amacia com a faca.	artesã
Amaciamento da palha	Quando muito seca, põe no pano molhado, cerca de uma hora. Se não estiver muito seco, já pode trançar.	Artesã.
Trança	Para chapéu de 13 palhas. Pode ter 15 ou 17.	
Costura	Usa forma de madeira, faz primeiro o miolo do chapéu, com um palmo de trança, franze e faz o miolo, depois desce para a copa. Usa o ponto crescente para a copa, pega duas palhas de um lado e uma do outro, para fazer a curva do chapéu.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: Retirava da propriedade do pai (que tinha engenho de clina). e do sogro. Perto da tenda do Pelé. Toda região do Faxinal era área de plantio de butiá. Por baixo do butiazeiro costumavam plantar batata, aipim, mandioca, feijão. "Roubava" a palha da propriedade do sogro, João Manuel da Silveira. Tinha bastante terras ali, vendia palha pra quem tinha engenho de clina		

Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão, corda para fazer os fardos era feita de linho ou da própria palha, faca sem serra, pregos, forma, agulha feita de varão de sombrinha, forma.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

A propriedade. Retirava 2 a 3 vezes por ano.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? sim

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Complementação 2021:

Sim. Na segunda rodada de entrevistas em 2021, surgiu o tema das músicas e danças que acompanhavam o trabalho do artesanato em algumas casas. "Nós cantava música sertaneja, né... nós cantava o...a ciganinha, né? que era cigana, ciganinha, vamos todos cirandar...era mais que nós ainda dançava, né? E nós ainda dançava! Nós largava a trança e nós ia dançar aquela música. Ahan! Era muito divertido! A nossa vida, era uma vida assim, que nós tínhamos que trabalhar com isso, né? E que... nós...desde pequena com cinco anos de idade, trabalhava pra mãe e pro pai, além da trança, né? trabalhava na palhoça, na roça, então, mas a nossa hora de nós se divertir, nós se divertia muito! Muito, muito! Nós cantava muito! Nossa! Era muito bom! "

Ritos e orações?

Outros:

Complementação 2021:

No passado o artesanato esteve associado aos engenhos de clina e aos carros de boi que faziam parte da dinâmica econômica para o processamento da palha. "O transporte para recolher a palha era com carro de boi, depois pra ir para Porto Alegre era com caminhão."

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: 1 chapéu corresponde a 3 ½ braças. Se fosse pra sentar e trançar, fazia trança pra 6 chapéus por dia e podia costurar até 12 chapéus por dia. "Até pouco tempo eu ainda fazia, fazia 2 dúzias e meia de chapéus por semana". Um fardo continha 6 dúzias de chapéus.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Eram os armazéns que compravam. Iam 50 dúzias de chapéu no carro de boi. Vendiam no Mercado do Porto (onde é hoje a pecuária Porto – eram os pais do Gilberto Porto, dono da pecuária). Mais tarde o marido, Carlos, levava para Curralinho, em Santa Catarina, num armazém que ainda fazia a troca por mercadoria. "Hoje tá 20 reais a dúzia, imagina antes".

Complementação 2021:

Vendia em Santa Catarina, na cidade de Salinas.

Vendia no armazém dos Bauer. Na Beirada do rio da BR.

A venda na infância era ainda por carro de boi:

(34'02") Eram feito os fardos, assim tudo desse tamanho. Nesse fardo dava umas seis dúzias, depois a gente botava no carro de boi e trazia pro armazém. Um armazém que era loja e mercado, tudo junto... era... Mercado Porto

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

"Fazia a trança para se vestir." O marido também fazia. "nós ia longe, levava nas costas e trocava por roupa e comida."

Fazia nas horas vagas, fazia mais com a família. O chapéu levava no mercado para troca, ainda fazia troca até recentemente.

A irmã Elita era a que mais dependia do trabalho.

Para ela, a trança era um complemento pra renda, algo que fazia por gostar e também dava pra comprar roupa, calçado, comida, proporcionava autonomia pra mulher.

Complementação 2021:

Apesar da artesã se referir a essa como uma atividade complementar da família, fala da necessidade do artesanato para itens essenciais também da casa como a roupa e a comida que não era tirada na roça. Algumas pessoas, dependiam para comer como a irmã Elita, durante toda vida. Como ela explica:

"A gente não levava a vida ruim, sabe? a gente não reclamava daquela vida! Quando nós se criamo era uma vida muito ruim. Era uma Avida muito de ... Tinha fartura de uma coisa, mas não era assim... fartura de... como meu pai, matava boi em casa, fazia o charque, fazia aquela coisa toda, né? mas nós tinha dificuldade, por que tudo era pago. A palhoça nós tinha empregado também, pra certos serviços mais pesado, né? Que a gente não fazia. E era assim, trançava pra se vestir, trançava pra ajudar a mãe a comprar roupa, pra comprar comida, que o dinheiro do meu pai não chegava, e a roça a gente não vendia nada, só pra comer. Era difícil."

"muita gente vivia disso. Era muito pobre. Tinha muita pobreza."

"a gente se criou fazendo isso e dependia disso pra viver! (...) E uma coisa muito gostosa, que a gente gostava muito de fazer. "

(36'30") porque a gente comprava muita coisa com esse chapéu uma coisa que a gente fazia por gostar e realmente era o serviço que a gente tinha em casa antigamente principalmente era só isso não trabalhava fora. Comprava roupa, comprava calçado e comprava em comida.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

De onde surgiu e há quanto tempo?

A avó do marido, chamava-se Isabel, era de origem indígena e fazia a trança, mas não sabe ao certo de onde vem a origem.

Complementação 2021:

(04'00") Olha, pois eu acho que isso aí já veio de berço dos outros parente, né? Que foi continuado. Deve ser isso aí, porque se criavam fazendo isso. Como no caso nós se criamo fazendo isso com a minha mãe e a minha avó. Tanto que da minha vó já veio dos filhos dela, né?

Os engenhos de clina, na sua infância, são uma parte importante da história desse bem. O pai tinha um engenho no Faxinal e o tio (irmão do pai) que se chamava José Francisco Onofre (Chico Onofre- mesmo nome do pai) também tinha um engenho em Águas Claras. Havia também o engenho do Antônio Mota (era primo do pai) e ficava na BR 101. "Na palhoça do meu pai era só três funcionário, o resto era nós, todos os irmãos, todo mundo junto. "

Como ela explica da abundância da palha, se fazia o artesanato, ao perguntarmos se a família tinha engenho, ela responde:

"Nós tinha, nós tínhamos o engenho que trabalhava com essa palha e nós tirava da palha do pai, cortava da faxina dos outros, que o pai comprava aquilo ali e levava pro engenho. E dali, ali ele fabricava tudo aquilo ali, por nós e pros empregado, os três empregado, e ele vendia pra Porto Alegre em caminhão, os fardos de clina, eles faziam colchão, faziam sofá, faziam um monte de coisa lá, que eu nem sei o que era. E aí aquilo ali, nós tirava a palha vontade daquela carrada de palha vinha, sabe? Mas nós tinha uma terra muito grande e também tinha muita palha que nós também tirava. "

Ainda sobre o engenho e a palhoça:

"A palhoça é um engenho, agora acho que não existe mais, era um engenho que o meu pai comprava essa palha dos vizinhos, do terreno enorme que eles tinham, ali tudo era botado fora, mas nós comprava, né? O pai comprava, trazia pro engenho, do engenho a gente, eu, a mana, a minha irmã mais velha, a Elita, né? A Elita era a que mais enfrentava! E então nós raspava a palha do talo, que é um talo grande né? Nós raspava o talo com uma faca super afiada, né? até que eu me cortei um dedo aqui e até hoje não emendou. E ali nós fazia assim aquele manejo assim no chão, sabe?"

Dona Irma explica a seguir passo a passo do processo de manejo da palha no engenho, local onde muitas artesãs trabalhavam quando crianças, além da prática do artesanato:

"Daí nós raspava aquela palha toda no chão do engenho, sentadinha num banquinho baixinho, nós raspava tudo ali, fazia aquelas pilha de palha, depois nós fazia isso aqui no chão (mostrando o feixe de palha em pé) só que porém maior, o fardinho aqui e entregava ali, o cara que tava, como é que vou te dizer... que tava no manojo, ali na ... que era uma roda grandona, cheia de prego, aí ele rastilhava essa palha que a gente entregava pra ele ali, e saía ali em baixo, um carreiro assim saía, ela desfiadinha bem fina, bem fina, bem fina, aí depois nós tirava dali, aquela palha, nós estendia na rua, no pasto, secava aquela palha, não podia pegar sereno nem chuva. Nós tinha o trabalho de estender de manhã, aquele baita pátio, depois nós recolhia, botava dentro do engenho, depois no outro dia, não ficava bem seca, no outro dia nós colocava de volta... Depois nós tinha um negócio de... de fazer a corda. Então era um tabuleiro que tinha um gancho grande assim, uma coisa bem grandona aqui na ponta que enganchava a palha, daí eles fazia aquela palha fininha, eles botava debaixo do braço e faziam assim, iam fazendo, mas o boi ia tocando lá, pra ele fazer aquele trabalho ali, aí a gente tirava aquilo ali, a gente vinha com um pau, assim grande, que era feito o tal do encrespador, era tudo madeira bem trabalhada, sabe? Então nós ia fazendo aquilo ali em volta daquela palha, e ia encrespando ela, ia encrespando, aí quando chegava lá no final, a gente entregava

aquela ponta que a gente tava segurando, o que tava ali fazendo aquele trabalho, ele levava e emendava lá naquele gancho, a gente torcia toda a corda, e botava lá no canto do engenho, aonde não pegava umidade, aonde não pegava nada, e fazia pilhas. Aí depois era botado na prensa, que era feito uma prensa tipo... não sei se vocês conhecem, a prensa, né? Que tem também no engenho de farinha? nós botava dentro daquela prensa, arrumadinho, tudo arrumadinho assim, por tamanho, mais era a mana, aí ela fazia tudo aquilo ali assim dentro da prensa, até em cima, depois nós botava, tinha uma placa grandona, pesada que botava ali em cima, um madeirão, ali em cima, aí vinha aquele metrado, que é aquele que , ele é grande assim redondo e depois tem uma coisa que faz assim, aí aquilo vinha em cima daquela madeira e aí a gente pegava outro tronco grandão enfiava naquele buraco daquele coisa grande redondo que tava em cima daquela madeira daquelas corda e puxava, e puxava, e era aquilo ali que imprensava o fardo, aí como nós tínhamos botado, que era obrigado a botar, cada lado uma corda da mesma, a gente amarrava, só porém não crespa, só lisa, a gente amarrava aquela ali no fardo e tirava de dentro. "

"Na palhoça do meu pai era só três funcionário, o resto era nós, todos os irmãos, todo mundo junto."

Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[7]

Sim. Dizem que tinha em Santa Catarina, mas vinham buscar chapéu aqui de carro de boi.

Existem histórias associadas à atividade?

Os vizinhos se encontravam de tarde para trançar. Faziam junto.

Fez a festa de 15 anos que os bolos foram comprados com trança de chapéu. "É uma felicidade muito grande, aquilo ali é a coisa melhor do mundo". Comprei as coisas (ingredientes) com a trança e nós mesmos fizemos em casa.

Complementação 2021:

Dona Irma lembra da história quando encontraram um jacaré junto ao butiazal:

"E uma vez nós encontramo um jacaré! Que veio das Águas Claras, da Lagoa das Águas Claras pra ali, aí meu pai amarrou no carro, e botou os boi, e amarraram ele numa corda e levaram de volta. Aquilo foi muito divertido, sabe? Foi muito divertido! Tinha gente não conhecia, né? Mas nós conhecia muito! A gente tinha muito medo de entrar na faxina por causa desses bicho! Mas nós enfrentava! (..) Tinha medo mas a gente enfrentava, que a gente era mandado. Os pais mandavam a gente fazer, não tinha dizer não! Não podia responder, por que a gente tinha que trabalhar!

Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

Parou de produzir, principalmente por que foi proibida a retirada da palha. Os filhos e netos não tem mais interesse, e hoje em dia, teria que ter alguém que retirasse a palha para ela. Sobre a proibição: "Nossa, todo mundo sentiu muito quando parou essa tiração de palha, foi um baque, porque era uma tradição né, todo mundo foi aprendendo e foi indo, foi indo". 2002 ainda tiravam, não sabe quando foi proibido. 2005 já tava proibido, mas a gente tirava, a gente dava um jeitinho. Sobre voltar agora com a liberação, acha difícil, porque as novas gerações não têm mais interesse. Os filhos aprenderam só a trança, não sabem chapéu nem bolsa.

Complementação 2021:

contou que fez nove chapéus a pedido do irmão:

"Ele cortou a palha, secou, trançou e aí trouxe a trança pra mim, aí eu costurei pra e, mas pra ele e os filhos trabalharem, eu costurei nove chapéus."

[7] Descrição dos sítios onde se expandiu

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: sim Complementação 2021: Sobre a irmã Elita: “Ela mesma, necessitava de ter a trança pra comer, pra comida mesmo.” “Fiz a minha festa de quinze anos os bolo foi comprado com trança de chapéu. (...) Daí eu fiz a festa, minha irmã me deu o vestido de tecidinho, que agora é super caro aqueles tecidinho, né? E fez, ela mesmo fez. E a gente fez uma, na época era domingueira, né, de tarde. E olha dançamo até a meia noite, na casa nova que meu pai tinha construído. “ **(37’16”)** porque aí o meu pai tinha palhoça, né? Ele tinha a renda daquilo ali, que aquilo ele ganhava um pouco, mas nós ajudava que era muito filho, era nove, né? E nós se vestia com essas tranças nós comprava os tecidos a mãe mesmo fazia, a minha irmã fazia. Então aquilo ali dava uma renda muito boa, ajudava muito. Nossa, todo mundo sentiu muito quando pararam essa tiração de palha, nossa! (...) Era uma tradição né, todo mundo foi aprendendo e foi indo, foi indo, de pai pra filho e pra neto e de repente não corta mais palha. Social: sim Complementação 2021: Haviam parcerias que vinham desde o tempo dos engenhos de clina. “Eles trabalhavam os três mais ou menos, um comprava, quando um não tinha o outro emprestava, sabe? A palha, ia lá buscar de carro de boi, enorme, cortava os feixes.” No artesanato, os vizinhos e parentes se reuniam para trançar e algumas pessoas só faziam a trança, enquanto outras costuravam. Religioso: Cultural: sim Outros (lúdico, etc.): sim. Também fazia o jogo do nó na palha. Iam para a casa de um, enquanto os pais jogavam carta, as crianças e mulheres trançavam e faziam a brincadeira do nó. Era muito bom. “gosto por que a gente se criou fazendo isso.” Fazia por que gostava e para a ajudar a irmã. “fazer a trança é o melhor!” Diz que é um trabalho essencialmente feminino e que os homens só sabiam fazer a trança. Complementação 2021: Se reuniam nas casas dos vizinhos e amigos e parentes e cantavam, conversavam e dançavam enquanto trançavam. “Nós trançava junto em casa com a minha mãe, junto com ela, principalmente os dias de chuva, com as minhas primas, a gente se encontrava, fazia jogo de trança, assim de palha, fazia o nozinho, e aí a que emendava primeiro aquele nozinho, ganhava o jogo. é nos se divertia muito nisso, aí nós ia na casa de uma

amiga trançar um dia de chuva, por que aí a gente não trabalhava na roça, nem no engenho . nós ia na amiga trançar, a gente passava a tarde, trançando, conversando e assim. (...) a gente cantava, ah, nós fazia muita folia! era muito bom, muito bom, nossa! Mas nós desde criança, com cinco ano de idade, todo mundo...(...) o melhor era de tarde, que tinha mais espaço, o serão da noite também , que a gente fazia, 10 horas da noite, com uma luz de querosene, pixirica, e nós costurava também! Costurava chapéu, dali com 7, 8 anos, nós já costurava chapéu."

(05'20") Nós sentava, nós fazia assim uma roda de mulher, principalmente o serão, que a gente chamava de serão. Das sete da noite que era inverno, né? Até as dez. Ali nos tomava café, nós fazia jogo de palha, dava o nozinho na palha pra ver quem é que emendava primeiro aquela palha. Era uma coisa bem divertida! (...) terminava o serão cada um ia pra casa.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos (x)
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças
O que se manteve inalterado? "Mas tem uma diferença no modo de fazer, tudo tem que fazer com carinho. Tem gente que faz bem, tem gente que não sabe fazer."

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento ( ) Não sabe responder, não sabe como está. Diz que diminuiu muito, desde que a retirada da palha foi proibida.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Da fruta é feito licor, suco. "É uma atividade que tem relação com a natureza: da fruta a gente faz o licor, o suco, e come também". O licor faz desde sempre, mas o suco é novidade porque não existia liquidificador. Complementação 2021: Existiam também muitos animais associados ao ambiente do butiazal, a faxina. Como ela conta: "Ai, era cobra, era marimbondo, era um monte de coisa assim, era aranha, a gente tinha muito medo! Mas a gente era obrigada a ir, enfrentar, né? A cobra corria, né? E uma vez nós encontramo um jacaré! Que veio das Águas Claras, da Lagoa das Águas Claras pra ali, aí meu pai amarrou no carro, e botou os boi, e amarraram ele numa corda e levaram de volta. Aquilo foi muito divertido, sabe? Foi muito divertido! Tinha

gente não conhecia, né? Mas nós conhecia muito! A gente tinha muito medo de entrar na faxina por causa desses bicho! Mas nós enfrentava! (..) Tinha medo mas a gente enfrentava, que a gente era mandado. Os pais mandavam a gente fazer, não tinha dizer não! Não podia responder, por que a gente tinha que trabalhar!"

Descreva o ambiente natural e onde se localiza:

Clima seco, conhecido como Faxinal em Torres possuía muitas propriedades com plantações de butiá.

Como descreve, Dona Irma, no ambiente do butiazal, era importante tirar as folhas:

"E era tudo muito bem cuidado! O terreno não estragava, o butiá não estragava. O butiazeiro ficava normal. Por que claro, que tem que limpar ele, pra ele ficar sempre novo, né? Pra ele se fortalecer, mas a gente não tirava o miolo, do butiazeiro a gente não tirava, e ele continuava a dar butiá igual o ano todo. "

Complementação 2021:

Na faxina, havia a plantação de outros alimentos por baixo:

"Era muito, muito, assim um faxinão, assim de ... como é que eu vou dizer... tinha os butiazeiro dentro daquelas faxina, , daquelas capoeira, era vassoura, era tudo que tinha ali, sabe? então os butiazeiro era ali dentro, então eles entrava ali dentro, fazia o corredor assim, onde eles entrava, pisando em cima das coisa, não cortava, pisava em cima das coisa assim, e chegava no butiazeiro e cortava e carregava pra lá onde o carro pegava, aí quando eles viam que tava mais ou menos a carga pronta do carro de boi, que era puxado com carro de boi, eles vinham embora, eles amaravam aquela palha no carro e vinham embora , chegavam no engenho, descarregavam aquela carga, botavam pra dentro do engenho que não podia tá molhada, pra no outro dia, a gente raspar ela, raspar no broto, pra manejar, pra fazer as corda.(...)"

No faxinal se plantava tudo: mandioca, feijão, batata, milho. Não era bom tocar fogo porque ressecava muito a palha. "As nossas roças tinham muito butiazeiro."

Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.):

Roça de fumo foi a principal causa. Ameaças: engenhos terminaram, diminuiu com o faxinal, mas o que acabou de vez foi o fumo. "Aí isso pode, pra tirar, a gente que comia dali, não podia fazer". O fumo também já esteve mais forte, o pessoal viveu muito disso. Eles arrancavam os butiazeiros. Depois da safra do fumo, plantavam tomate e faziam a colheita do tomate. Acabou a roça que fazia dentro do butiazal.

Contexto social

Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou?

Participou do Clube de Mães , também com outros tipos de artesanato e crochê, mas nunca teve nada focado no butiá.

Contexto econômica

Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual?

Feira da P.L. , na praça da Delegacia, no verão.

Em Santa Maria foram este ano para levar o artesanato (levaram chapéu)

Contexto cultural e político

Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...)

A convidaram para participar de uma cooperativa (emater – Walma), Não tinham quem quisesse assumir a diretoria e não se consolidou. Depois disso, a emater procurou uma vez só elas, mas sem muito interesse.

Complementação 2021:

Ela lembra de uma oficina em que as artesãs ensinaram a fazer a trança e o chapéu, mas de um tempo mais remoto.

No mais responde que por parte da prefeitura ou de alguma organização social nunca foram chamadas:

"Não nunca chamaram, só chamaram pra proibir de tirar a palha, pra fazer pra trabalhar. Mas a gente fazia mesmo em casa, costurava, vendia, vendia a troco de comida, de coisa, não trazia dinheiro. (..) nunca fizeram nada assim. "

DOCUMENTAÇÃO:

Fotográfica

Entrevista em 2015

Entrevista em 2021

Fonográfica

Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=WXzaZeetTzc

Materiais impressos e outros registros localizados durante a entrevista:

Fontes documentais e bibliográficas

Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios: Aprendeu com a mãe, Elmerina Angelina da Silveira, avó, Angelina Jorge, e a bisavó, que aprenderam "de berço". Faziam tudo em casa. Os 9 irmãos aprenderam, mas hoje nem todos fazem. Durante o dia faziam serviço de casa e da roça e faziam serão até 10 da noite fazendo trança, os irmãos e às vezes as amigas, faziam o jogo do nó. Os meninos faziam a trança junto, mas não costuravam. Fez a festa de 15 anos que os bolos foram comprados com trança de chapéu. "É uma felicidade muito grande, aquilo ali é a coisa melhor do mundo". Comprei as coisas (ingredientes) com a trança e nós mesmos fizemos em casa. Roubava a palha da propriedade do sogro, João Manuel da Silveira, onde é a fruteira do Pelé. Tinha bastante terras ali. Vendia palha pra quem tinha engenho de clina. Hoje tá 20 reais a dúzia, imagina antes. Ensinou os dois filhos (Jarbas e Marcos), sobrinhas e netas. Orlita (irmã) e Clori (irmã) também faziam porque eram obrigadas, mas não gostavam. A partir de outubro não tira mais porque o butiazeiro tá botando fruto (quando fica com os cachos). A gente tinha uma pena. Tanto faz a época, mas chuva não gostava muito de cortar porque tinha que deixar dentro de casa amontoada. Nunca entendeu muito da lua. Entre os últimos 10 anos trabalhou uns 3 com a palha, mas veio a proibição e parou. Gente que se alimentava disso, como a irmã Elita. No faxinal plantava tudo: mandioca, feijão, batata, milho. Não era bom tocar fogo porque ressecava muito a palha. "As nossas roças tinham muito butiazeiro." Quanto mais velha a palha pior. Deixava um brotinho no pé, tirava todas as folhas (pra clina, palhoça). Pra fazer a trança é ruim as de baixo, deixava umas 4, 5 palhas verdes mais o broto. Usava as ruins pra fazer adubo. Secagem: 4 dias no sol, se é chuva "preteia". Não deixava murchar, corta e já bota no sol. Estalagem: retira talinho e pé. Quando é muito seco bota num pano molhado por 1 hora pra amaciar, e quando tá seco bota no saco plástico. Trançava a de 13 palhas. Nunca fez trança pros outros, sempre fazia o chapéu. Costura: tem que fazer o miolo. "Ah mas é muito bom, tenho muita saudade de fazer isso". Enilda, Terezinha, Elita, Irma, Orlita, Clori, Eli: irmãs que faziam a trança. Ferramentas: agulha, preguinho. Hoje tem gente que tá doando a palha pra elas. Pra trançar, tira duas ou 3 vezes por ano. Porque é bastante quantidade, e não tem muita gente tirando. Parou porque não podia tirar, os vizinhos não deixavam. Se fosse pra sentar e trançar, tranças mais de meia dúzia de chapéus por dia. Até pouco tempo eu ainda fazia, fazia duas dúzias e meia por semana. Num fardo dava umas 6 dúzias, botava no carro de boi e levava pros armazéns, que eram mercado e loja. Na época era o Armazém Porto (ainda tem o prédio ali com o nome). Trocava por comida e por tecido. Depois que os armazéns de Torres fecharam, levava pra SC, pro armazém no Curralinho, que fechou tem uns dois anos. A trança era um complemento pra renda, algo que fazia por gostar e também dava pra comprar roupa, calçado, comida, proporcionava autonomia pra mulher. Sobre a proibição: "Nossa, todo mundo sentiu muito quando parou essa tiração de palha, foi um baque, porque era uma tradição né, todo mundo foi aprendendo e foi indo, foi indo". Sobre voltar o artesanato depois da liberação, acha difícil, porque as novas gerações não têm mais interesse. Os filhos aprenderam só a trança, não sabem fazer chapéu nem bolsa. Acha que diminuiu muito o artesanato em função da proibição. É uma atividade que tem relação com a natureza: "da fruta a gente faz o licor, o suco, e come também. O licor faz desde sempre, mas o suco é novidade porque não existia liquidificador. "Quanto às ameaças à prática, refere os engenhos que terminaram o que diminuiu as áreas de faxinal, mas, segundo ela, o que acabou de vez foi o fumo. "Aí isso pode, pra tirar, a gente que comia dali, não podia fazer. Mas o fumo também já esteve mais forte, o pessoal viveu muito disso. Eles arrancavam os butiazeiros. Depois da safra do fumo, plantavam tomate e faziam a colheita do tomate." Já participou do Clube de Mães, com artesanatos variados, mas nunca teve nada focado no butiá. Participa de feira da PL no verão, diz que houve uma proposta de fazer uma cooperativa com a EMATER, mas não quiseram, porque não tinha quem assumisse a diretoria.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.8 Entrevista 8 - Maria Querino Teixeira

Identificação do questionário	
Data: 06/08/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 08
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Vila São João	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0619825 6757101

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Maria Querino Teixeira		Data de nascimento/ fundação	16/03/1935
Ocupação: Artesã, agricultora.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: São José Operário, sem nº, Vila São João	Telefone: não tem	E-mail:	
Local de nascimento: Torres	Desde quando mora na localidade: Sempre.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Chapéu, trança e bolsas. Fazia mais bolsa do que chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todas etapas. Buscava de carro de boi a palha. Comentou que os homens buscavam a palha também. Os homens que buscavam a palha na faxina, com carro de boi. As mulheres secavam e faziam as outras etapas em casa.
Onde executa a atividade? Na própria casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe Dona Maria Jacinta Pereira (Maricota- nasceu em 1906), quando criança. As 3 tias também faziam. Não conheceu a avó. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz (x) escolas ( ) grupos outros ( ) **(30'25")** Não a mãe também fazia. Um pouco na roça um pouco na palha. A palha era mais era de noite, fazia serão! Ia até tarde.
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Na família, em casa. Eram 5 filhos, os homens só faziam a trança, quando crianças. As irmãs foram para Porto Alegre e só ela continuou fazendo com a mãe. "Era o nosso serviço aqui". Gostava mais de fazer as bolsas, que aprendeu com a mãe também. Nunca participou de curso
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Sim. Teve dez filhos, os homens iam mais para a roça. As filhas aprenderam, algumas trabalharam com isso até a vida adulta, e também cuidavam da casa pra deixar a mãe livre pra trançar. Seus filhos são: Adelma, fazia bolsa- trabalhava junto., Helena, sabe fazer, mas ajudava mais a trançar, José, Vera, fazia bolsa e todas as etapas, Paulo, Ataíde, Eroni, Alteir , Altemir e a Célia que sempre ajudou a mãe e trabalhou também durante a idade adulta.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Celina (não faz mais)	Função:	Contato:
Nome: Dora (não faz mais)	Função:	Contato:
Nome: Benta (tia)	Função: fazia só a trança.	Contato:
Nome: Dona Eva (Do Alemão do Macã	Função:	Contato: mora perto da filha da Calmira. (Maria da Rosa Clezar) . Há uma quadra antes. No bairro São João, à esquerda do mercado.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Qualquer época. "Diz que a crescente era melhor" ela não cuidava a lua.
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Trabalhou muito, mas parou. Só faz sob encomenda. Com a doença os filhos não querem mais que a mãe faça trança. A fôrma uma moça levou e não trouxe de volta. Hoje em dia tem encomenda de chapéu pra trabalhar em obra, e pra roça também. Nos últimos dez anos produziu pouco, só sobre encomenda, e agora parou, mas sente falta.

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função

Colheita	Buscava a palha de carro de boi. Os homens iam junto, o marido acompanhou/ tirava pra ela.	Artesã, ajudantes.
Secagem	Coloca na rua para secar, todos os dias, pela manhã, com sol. Não precisa ficar na sombra para " murchar". Quando a palha branqueia, está pronta. È conforme o tempo, vai separando aos poucos e recolhendo.	
Estalagem	Retirada do talo. Usa faca e amacia com a mesma.	
Amaciamento da palha	Se o tempo estiver muito seco, amacia com pano úmido. Depois pinta (se vai fazer bolsa) ou trança direto (para o chapéu).	
Trança	De 13 palhas para fazer chapéu. De 17 para as bolsas, os cantos da bolsa com trança de 13 palhas.	
Costura	Costura na forma de madeira, primeiro prega o fundo na forma, depois faz a aba e usa o ponto crescente.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Nas propriedades dos vizinhos. No começo a mãe comprava a palha das faxinas.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para o corte, faquinha para retirada do talo, forma, pano para umedecer, agulha feita de varão de sombrinha, costura era feita com fio de saco de nylon (melhor do que de algodão, mais forte.)	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Fazia o jogo do nó, carreira em casa. Faziam serão quando tinham encomenda. Gostava de fazer as bolsas, aprendeu com a mãe. Complementação 2021: **(35'13")** Ah mas aquilo ali era uma carreira que a gente fazia, né? A gente emendava aquelas duas palhas, eu emendava uma, o meu amigo emendava outra, né? o nozinho pra ver quem trançava mais ligeiro.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Não soube dizer, 3 e ½ braças correspondem a um chapéu. Pra chapéu a trança é de 13 palhas; pra bolsa, 17 (os cantos com as de 13).
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Sob encomenda e nos armazéns para troca por mercadorias. Trocavam por roupa e por comida. Depois os armazéns não queriam mais, foram fechando. Não sabe informar para onde iam os chapéus, mas levavam de caminhão em grande quantidade. As bolsas trocava nas lojas de Torres. Vendia as bolsas ela mesma de carroça diretamente, por encomenda. Complementação 2021: **(14"34")** A gente levava pros armazéns e vendia, uma dúzia, duas dúzias. (...) Às vezes a gente pegava por mercadoria.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( ) Trabalhava na roça. Em casa era ela quem fazia o artesanato, as filhas cuidavam da casa.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não soube dizer. Não tem ideia de onde surgiu o artesanato, mas sempre esteve ligado à região. A mãe e as tias faziam. Não conheceu as avós, não sabe se faziam.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[8]

[8] Descrição dos sítios onde se expandiu

Sim
Existem histórias associadas à atividade? Faziam serão pra trançar, cada uma na sua casa, mas todo mundo fazia, toda a vizinhança. Não davam conta de fazer tanto chapéu que tinha pedido
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Pararam de pedir, diminuiu muito. "Acho que veio outro tipo de bolsa." Continuaria fazendo se tivesse que pedisse. Mas ao mesmo tempo fala que está doente e os filhos não deixam mais trabalhar. "O comércio foi parando, parando, parando". As bolsas as lojas pararam de pedir: "Eu acho que é porque veio outros tipos de bolsa, que vem de fora". "Parou né, eu acho que parou, principalmente o chapéu, que faz tempo que não vendo mais" ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim. Social: Sim. Haviam formas de cooperação, na família e entre os vizinhos. Religioso: Não Cultural: Outros (lúdico, etc.): Sim. Jogo do nó: "carreira que a gente fazia, pra ver quem trançava mais ligeiro"

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Nas bolsas criava os modelos e fazia uma mistura de palhas (bolsas com mistura de palha de butiá com taboa). Para o chapéu foi sempre feito da mesma maneira.
O que se manteve inalterado? O modo de fazer chapéu.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória (x) Em esquecimento ( ) Não sabe responder, não sabe como está.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Na entrada do Campo Bonito.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Hoje acabou a faxina na região, porque as pessoas foram roçando e destruindo os butiazeiros. “Ninguém mais quer.”
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não reconhece.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica Entrevista em 2015
Fonográfica
Audiovisual
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
Trabalhava com artesanato, na roça e lavando roupas para fora, nasceu em Torres, Vila São João. Trabalhou toda a vida com butiá, chapéu, trança e bolsa. Aprendeu com a mãe, Maria Jacinta Pereira. Tinha 4 irmãos, e só ela fazia com a mãe. Trança desde pequena: "Era o nosso serviço aqui". Fazia mais bolsa do que chapéu. Trazia a palha com carro de boi das faxinas, os homens que buscavam. As mulheres secavam e faziam as outras etapas em casa. Secagem: coloca pra fora todo dia de manhã e recolhe de noite, sem chuva. Não precisa deixar murchando em casa. Quando está seca, a palha branqueia, mas leva mais de 3 dias. Não deixava muito tempo guardado por que já usava logo. Diz ela que depois tem que estalar, tirar o talinho do meio e passar a faca pra amaciar. Depois pintava (se ia fazer as bolsas) ou trançava direto (para o chapéu). "Quando a palha tá muito dura, bota num pano úmido pra palha amolecer. Pra chapéu é 13 palhas; pra bolsa, 17 (os cantos com as de 13)". Com a doença os filhos não querem mais que a mãe trance com a palha de butiá. Hoje em dia tem encomenda de chapéu para trabalhar em obra, e para a roça também. Antigamente vendia pros armazéns e vendia por dúzia, ou trocava por mercadoria. Agora os armazéns não

querem mais. A renda do chapéu era um complemento para a família. Teve dez filhos, homens e mulheres aprenderam, mas quem fazia mais eram as mulheres. Hoje em dia nenhum dos filhos faz mais. As filhas cuidavam da casa para deixar a mãe livre pra trançar, e os filhos ajudavam na roça. Nos últimos dez anos produziu pouco, só sobre encomenda, e agora parou, mas sente falta. Gostava mais de fazer as bolsas, que aprendeu com a mãe também. Nunca participou de cursos. Levavam os chapéus de caminhão, mas não sabe pra onde iam. Celina, Dora, Calmira, Angelina são pessoas que conhecia do ofício. Comprava palha das faxinas. Segundo ela, hoje acabou a faxina na região, porque as pessoas foram roçando e destruindo os butiazeiros. Pra colheita, enchiam o carro de boi, porque trançavam bastante. O marido acompanhava nessa etapa. Ferramentas que ela utilizava eram : Facão, faca pra estalagem, fôrma, agulha feita com guarda chuva e fio de saco de nylon.

Diz que se ainda tivesse comprador faria o chapéu. Tem uma tia, Benta, que fazia só a trança. Na sua família, fazia cada uma na sua casa, faziam serão pra trançar, mas, conta, todo mundo fazia, toda a vizinhança. Ela diz que queria saber o que eles faziam com tanta bolsa, porque levavam “pra fora” de caminhão. “Não dava conta de fazer tanto chapéu que tinha no pedido”. Não tem ideia de onde surgiu o artesanato, mas sempre esteve ligado à região. A mãe e as tias faziam. “O comércio foi parando, parando, parando”. O chapéu trocava no armazém e as bolsas nas lojas de Torres, mas hoje pararam de pedir. “Eu acho que é porque veio outros tipos de bolsa, que vem de fora”. Sobre o Jogo do nó, ela lembra: “carreira que a gente fazia, pra ver quem trançava mais ligeiro”. Fez umas bolsas com mistura de palha de butiá com taboa. Perguntando como está hoje, ela responde: “Parou né, eu acho que parou, principalmente o chapéu, que faz tempo que não vendo mais”. Nunca participou de cooperativas nem feiras, só o Curicaca já procurou para falar sobre o artesanato.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.9 Entrevista 9 - Malvina Silveira Monteiro

Identificação do questionário	
Data: 13/09/2015 (atualizada em 4/9/2021)	**Nº do questionário:** 09
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Campo Bonito	Município: Torres	Estados	Coordenadas UTM – Datum: 0616164 6752424

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Malvina Silveira Monteiro		Data de nascimento/ fundação	01/05/1940
Ocupação: agricultora, Dona de casa, camareira, artesã		Gênero	x Feminino Masculino LGBT
Endereço: BR 101, Km7, Campo Bonito, Rua Teófilo Monteiro, 560	Telefone: 98276500	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – Campo Bonito	Desde quando mora na localidade: sempre morou		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança e chapéu. Gosta mais de trançar do que costurar o chapéu. “É uma terapia, ótima, ótima.”
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Executa todas as etapas.
Onde executa a atividade? Em casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a madrasta. " Todo mundo trançava, sustentavam os filhos com chapéu." O sogro trabalhava com engenho na clina. O pai se chamava Armando Monteiro, mas não tinha engenho, trabalhava na lavoura. Complementação 2021: **(05'15")** Ah isso foi desde nova! De certo com... a minha mãe não, que eu tinha 10 anos quando ela partiu... a minha madrasta fazia, a maioria fazia... todo mundo trançava. Antigamente quantas e quantas famílias sustentavam filho com dinheiro do chapéu. Faziam o chapéu de manhã, os filhos trançavam, costuravam e iam nos armazéns. Todos os armazéns compravam chapéu antigamente. A mãe faleceu quando tinha 10 anos, aprendeu a trançar com a mãe e a costurar com a madrasta. Trançava com os irmãos, eram 15 irmãos, mas não lembra o nome de todos. Os irmãos trançavam também, a irmã Joaquina era artesã. (Quina), ela criou os filhos com trança de chapéu. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Faziam na família. Eram 6 irmãs e 4 irmãos. Todos trançavam, só o pai não fazia. 6 irmãs e todas trançavam+4 irmãos+3 da madrasta. Os meninos também trançavam. Quando chovia, enchia os homens tudo, vinham com trança e palha e faziam. Mas costurar não, ninguém aprendeu. O pai não trançava, pois tinha muito trabalho na terra. Não lembra das avós se trançavam ou não. A mãe não trançava, mas colhia algodão e fazia a linha para cobertor. Das irmãs nenhuma faz mais. Complementação 2021: **(06'06")** Nós era de seis irmãs, todas trançavam... tinha quatro irmãos nós tinha, do dez... minha mãe morreu deixou dez. Depois eu tive mais três da minha madrasta. Maria – trançava; Joaquina (Quina) – trançava; Matilde (faleceu)- trançava; Miguel; Henrique; José; Fernando; Teresinha – trançava; Malvina (ela mesma); Célia- trançava; Emerência (morreu mais nova) – trançava; Carmen (irmã); Eurilda (irmã). Não lembra de todos os nomes.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Ensinou a filha (Ana Sofia) e para uma vizinha, Eorilda. Teve dois filhos: a filha Ana Sofia trançava bem e ligeiro; o filho não aprendeu. Teve 2 filhos, mas o filho já faleceu. A filha, Ana Sofia Monteiro de Mesquita, trançava quando criança, com 12, 13 anos, ela tem dois filhos a Manoela e o Lucas, mas não aprenderam. Uma amiga andou muito doente e melhorou com a "terapia da trança". "Se eu pudesse trançar, trançava toda a vida.".

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Carmem (irmã)	Função:	Contato:
Nome: Eurilda (irmã)	Função:	Contato:
Nome: Ana Sofia (filha)	Função:	Contato:
Nome: Joaquina	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Todo ano ("é sempre, sempre, período certo não tem"). Bom cortar na crescente que não mingua muito. Na minguante a palha enrosca mais, não é bom, mas fazem muito ainda assim. "Tem que tirar só três folhas das mais novas, deixa as mais velhas e os brotinhos, tira sempre do meio. Pra ela não murchar muito, a lua é a crescente. Pra colher é na crescente."		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Muito pouco. A falta da planta é o principal motivo.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Não pode ser muito velho nem muito novo. A parte do meio das folhas é que é retirada. Deixava 3, 4, 5 folhas no pé, as bem de cima. Deve-se limpar o butiazeiro (as de baixo se tira pra limpar, se não o butiazeiro morre. Fazendo assim sempre tinha, o butiá voltava): "É por isso que acaba os butiazeiros, precisa tirar porque se não eles secam tudo"	Os homens não ajudavam muito. Colhia sozinha. É bom quando tem alguém pra ajudar juntando os brotos e fazendo monte na hora da colheita, mas geralmente fazia sozinha.
Carregava os feixes de carroça.		
Secagem	No sol com tempo bom, recolhe para o galpão à noite para não pegar sereno. Se pega chuva, a palha fica preta. Quando não tem mais nada de verde na palha tá seca.	
Estalagem	Cortar o pé e tirar o talo. Quando era nova levava os brotos de palha pra roça pra enterrar na areia úmida enquanto trabalhavam, porque ficava mais macio, estalavam na hora do descanso do meio-dia pra poder trançar à noite.	
Umedecimento da palha	Costumava umedecer a palha no sereno para trançar no tempo seco. Ela gosta de umedecer no sereno à noite depois de estalar para amaciar, porque dura não dá pra trançar. Se o tempo tem bastante	

	chuva amacia sozinha, se é muito seco tem que botar no sereno.	
Trança	De 13, 15 e de 17 palhas. De 13 palhas a mais comum, para fazer chapéu. Tem trança de 13 com meia palha que fica mais fina. De 15 ou 17, pra fazer as cestas. Ela chegou a fazer, mas não faz mais.	
Costura para o chapéu	Usava forma de timbaúva. Prende com pregos na fôrma, e a volta vai morrendo. Não usa o ponto crescente. O fundo não é pregado. É importante fazer o acabamento (ponteio) por dentro. No chapéu mexicano vai bastante ponto crescente, que fica mais rápido de costurar. O acabamento dela é mais bonito, pois faz ponteio por dentro.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não, mas a qualidade da palha também influi na qualidade do chapéu.

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Tirava da propriedade do pai. O sogro tinha engenho e ela colhia no butiazal dele.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Forma de madeira, (não lembra a madeira, timbaúva?). Fazia a agulha de cobre ou com varão de sombrinha. Fio de algodão, não usava luvas ou botas.	
Forma de madeira – timbaúva	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não. Cada um tirava nas suas próprias propriedades, todo mundo tinha. Quem não tinha ganhava de alguém.

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Complementação 2021:

Dona Malvina fala da irmã Matilde que cantava durante o serão, quando se reuniam com os amigos e irmãos, entre 14 anos até se casarem por volta dos 20 anos.

Ela cantava! Cantava de peito aberto! Matilde, nós chamava de negra, não sei por que apelidaram de Negra. Para de cantar que nós temo vontade é de parar com a trança e ir dançar! E ela cantava, cantava, cantava... (...) Ela gostava muito de cantar "Menino da Porteira" E era um divertimento! Aí de noite a gente cozinhava pinhão no inverno, à meia noite parava tomava uma cafezada e voltava a trançar até de madrugada!

Ritos e orações?

Não.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: 3 ½ braças correspondem a um chapéu. Faziam uns 6 chapéus por dia. As pessoas com 2 ou 3 chapéus já trocavam por alguma coisa nos armazéns.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Através dos mercados. Vendeu para o caminhão que ia para Santa Catarina. Nunca trabalhou nas feiras. Vendia no armazém no Porto Colônia (Oscar Herzog). Vende agora para alguém de SC que vem buscar, mas nunca falou com ele (Lidia é a intermediária). "Tudo que é armazém comprava antigamente" Ainda hoje tem encomendas. (2015) Fazia bastante pra um CTG. Agora os caminhões buscam direto na casa da Lidia. Aí vendia tudo! Eu lembro assim que tinha o armazém bem no porto colônia, ainda tem, era armazém e loja. Tem a loja do falecido Oscar Hertzog.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( ) Fazia por gostar, por prazer. Na família a trança era um complemento da renda, pois tinham como se manter com outros trabalhos: "graças a Deus, eu não tenho precisão, eu faço por gostar". Complementação 2021: Dona Malvina, explica que desde pequena trançava, pois apesar do pai ter recursos, era uma exigência que ela trabalhasse para dar valor aos bens. "A gente trançava e como quem entra pra Colônia tinha u armazém ali, nós levava as pilha de chapéu lá, trocava por fazenda, por coisa pra fazer lençol e coisa, comprei os enxoval eu e a minha outra irmã que eu tenho, comprava tudo lá naquela loja, com chapéu! Meu pai graças a Deus nunca foi tão pobre, né? Morava

ali, aquela casa lá em baixo, tudo era dele. Ah pai! Nós queremo dinheiro pra comprar. Não, trancem. Aí a gente tinha que ir pra roça também, né? Chegava em casa aí dê-lhe trançar de noite, fazer serão."

Traçavam para comprar tecidos para os vestidos e outros itens:

(26'49") Aí quando era de noite, tinha a mãe da minha madrasta era bem velinha, e nós sentava no quarto trançar eu e essa minha irmã a outra - até casamo no mesmo dia, eu fiquei viúva, acabo num seis meses ela ficou, essa que mora em Torres estoura bolinha... aí ela ia na porta do quarto e chegava assim era bem corcunda: minhas filhinhas, vão dormir minhas filhinhas, vocês tão cansadas, trabalharam o dia inteiro na roça e agora tão trançando. Aí a minha madrasta lá do quarto gritava: vai deitar mamãe, deixa elas, elas querem ficar aí deixa! Aí ela ia e tornava aí: não, dindinha, nós temos que trançar pra comprar o nosso tecido pra ir pro baile!

(51'36") uma vez nós compramo um rádio a pilha... aí foi o comentário era grande que nós ia pra roça e levava o rádio.

Sobre a irmã:

(25'43") Essa minha irmã que mora no São Brás ela criou bendizer os filhos, o marido dela era caminhoneiro botava tudo fora o que tinham, tudo! herança dela e tudo botou, então ela trançava pra sustentar os filhos. (...) antigamente era todo mundo trançava!

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe identificar. Ela afirma que não tem origem indígena. Complementação 2021: Diz que o pai tinha terras da faixa até nas Águas Claras e ele tinha muito butiazal de onde ela tirava a palha que sobrava dos engenhos de clina. Dona Malvina também se refere a esse período onde havia muita fartura da palha. Ela cita alguns: "Lá do meu pai, tinha um que era mais pra lá, aqui assim mais embaixo tinha outro, que era do meu sogro que morava lá, (Domingos Souza Monteiro) " "Lá onde a Eracy morava, tinha o engenho do Mané Vergulino" "Ele fazia clina vendia para os caminhão. Eles faziam colchão de clina e faziam outras coisas também. " **(02'56")** Aquele tempo, até o meu sogro tinha engenho de fazer crina, aí eu colhia os butiá, comprava muito butiá, muita faxina. Nós fazia os colchão de crina, vendia tudo! caminhãos e caminhão... tinha palhoça... meu pai não, meu pai era na lavoura.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[9] Não soube responder.
Existem histórias associadas à atividade? Lembra que ela e a irmã foram lá uma vez trocar por fazenda (tecido), mas na hora de fazer as contas faltou um pouco, e o dono disse: "pras filhas do Armandinho eu vendo minha loja toda fiado".

[9] Descrição dos sítios onde se expandiu

Lembra de coisas da infância quando trança, que as irmãs não queriam trançar. Faziam serão de luz de pixirica, ela e as irmãs, pra trançar, muitas vezes até a meia noite. “Nós levava pinhão, cozinhava pinhão, tomava café, tempo bom”.

Nas reuniões não tinha radio, nem TV nem nada. Ela e a irmã compraram um rádio a pilha pra ouvir enquanto trabalhavam. Contavam história, dos namorados, dos bailes, jogavam jogo do nó, passavam fazendo brincadeiras, era divertido. “Tenho saudades daquele tempo”.

Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

“ Muito fracassada. Muita gente tem medo de cortar por causa do IBAMA. Se não tivesse continuariam vendendo. Antes do Passo de Torres, ainda vendem. “

A dinâmica do chapéu já foi mais forte, mas hoje em dia “está muito fracassada, porque muita gente tem medo de tirar palha. Muita gente parou, tem palha, mas tem medo de cortar.”. Acha que continuariam vendendo, porque ainda tem quem compre (um armazém antes do Passo de Torres, por exemplo).

“Tá morrendo porque o pessoal não tá mais produzindo e não tiram as plantas de volta, e o butiá vai morrendo, porque não pode ficar abafado.”

Complementação 2021:

“No ano passado eu fiz 10 chapéus pra ele.(funcionário do parque de Itapeva, que encomendou para trabalhar no parque). Aqueles grandes que tem ali. Aí ele levou e disse que ia vender. Como é que ele ia vender? Ah! Não sei! Você que vai botar o preço! Aí ele levou...Ah, a senhora faz mais...aí passou, passou. Ah não tô com vontade de fazer mais. Me dói muito as costas, costurar. Fazia muito, né? Levou e pediu mais, aí não tive vontade de fazer mais, por que dói muito as costas. “

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS

Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?

Econômico: Sim

Complementação 2021:

“A gente comprou muita coisa com o artesanato. A gente se vestia! Pai: nós queremo dinheiro pra comprar vestido, que sábado tem um baile. Nós queremo vestido novo. Não! Vocês tem bastante aí no roupeiro.”

Social: Sim. Fala muito das reuniões com as irmãs, primas e amigas na adolescência e mesmo depois de casada, os serões, os encontros para trançar.

“Acendia uma pixirica que não tinha luz elétrica, e botava-se uma caixa no meio, uma mesa, cadeira tudo ao redor, e juntava-se 4, 6, 8, guria pra trançar de noite ali, fazer o serão, trançando. (...) era tudo primas e irmã, tudo por aqui ao redor! Aqui era família Monteiro, era tudo aqui! De noite a gente trançava até madrugada!”

Em relação a irmã, depois de casada.

“ Eu fazia pacote de palha, botava numa bolsa, e ia pra casa dela conversar e trançar lá com ela. Aí ia uma pra casa da outra, uma casa da outra, toda vida assim. Tudo era divertido. A diversão da gente era aquilo, não é?”

(14’40”) Nós fazia serão de luz de pixirica. De noite (...) nós fazia serão, aí botava pilha de lata assim botava luz aquela de vidro em cima, nós levava pinhão, cozinhava pinhão e fazia, e a Célia, essa minha irmã muito boba, vez em quando atirava assim ai a minha trança não tá tendo rendidura eu vou parar eu vou é dormir! Ai mas era tempo bom!

Ela também explica que o serão era só das meninas:

“ era só guria. Mas de vez em quando algum batia lá pra inticar com nós, né? A Nega saía na porta, vão embora, que nós temo trabalhando!”

“ De tarde também, a gente se juntava 4, 5 guria numa casa pra trançar e conversar, aí conversava, botava a fofoca em dia, era muito bom. Agora, hoje em dia, eu passo aqui, semana inteira que não aparece uma pessoa.”

(53’30”) Aí contava coisa, contava outra, ihhh era as anedotas, ah! era muito bom... contava as histórias, os namorados... eu era muito doida... agora tal dia eu vou no baile e vou deixar daquele meu ,e não quero mais, e vou pegar outro não sei o quê....

Quando chovia os homens apareciam para ajudar a trançar, mas não sabiam costurar:

(06’007”) Quando chovia, que a minha casa do meu pai é ali embaixo, era grandona, enorme... eu lembro que quando tava fazendo a casa, chovia, enchia os homem tudo vinham com trança e palha trançavam, trançavam. Costurar não, ninguém aprendeu a costurar chapéu!

Religioso:

Social: Sim

Religioso:

Cultural: Sim

Outros (lúdico, etc.):

Contavam estórias, anedotas, faziam o jogo do nó. Depois de mais velhas não se reúnem mais e cada uma faz o seu trabalho em casa.

Malvina fala que além do jogo do nó, faziam um jogo que se chamava “ camada” escolhiam o tipo de trança que iam fazer, camada de 13, 15, 20 e quem fazia mais rápido ganhava.

“Pra ver quem trançava mais ligeiro, podia ser de 15, 13, 20 etc. camada é trançar pra ver quem trança mais ligeiro aquela camada, aí ganha.”

“Eu faço mesmo é por gostar de trançar. Eu tinha duas máquinas de costura! Eu aprendi corte e costura, mas eu não gostava. A trança eu adorava! trançava de olhos fechados, ali. Muito bom! Ah! Mas é uma terapia ótima! Ótima! Chega a dar um sono na gente!”

“ Era um tempo muito bom. Não tem tempo melhor do que ali da gente de doze, treze anos, até dezoito, dezenove, uma época muito boa!’

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Muda o tamanho da forma. Não teve quase mudanças no fazer do chapéu e da trança desde a infância. Mas tem duas fôrmas: uma que vende para o caminhão e a outra.
O que se manteve inalterado? O modo de fazer a trança.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento Para ela o artesanato não decaiu.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Explica que a retirada das folhas favorece o crescimento do butiazal: "Onde limpa, vem mais. Limpa e vem com força. Estão morrendo por que o pessoal não retira. Não pode ficar abafado. " Complementação 2021: " meu pai limpava pra plantar mandioca, mas não tirava o butiazeiro." Fala sobre o ambiente do butiazal: " Eles não podem também ficar em mata fechada que aí vão morrendo, né? E não pode botar gado dentro, que acaba com tudo."
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Terra muito seca. "muita cobra eu vi!" "Ali onde hoje é a Aldeia indígena tinha muito butiazeiro, eram lindos". Tirava dos butiazais do entorno. Complementação 2021: "E butiazeiro era tudo cheio, isso aqui desse lado, onde mora o Pedro ali, isso era só butiá, até lá em cima, lá em cima. Na época de butiá, tu pegava um balaio, não levava uma hora tu enchia um balaio de butiá.(...) Agora não tem mais nada! Por que aqui tinha faxina enorme,(...) começaram a botar o gado, o gado acabou com tudo."
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): "Tá acabando, o butiazeiro vai acabar. O butiá era tanto, mas vai acabar". Identifica o gado e as plantações como as principais ameaças. "Era trabalhoso plantar no meio do butiá, agora é tudo lavrado."

Diminuiu muito a faxina por causa da presença do gado na faxina, que “o gado acaba com tudo”, ou pelo crescimento do mato na faxina. As lavouras que antigamente faziam no meio do butiazal e hoje arrancam pra plantar.

“A maioria não trança porque tem medo. Mas muita gente ainda tira escondido, porque gosta de trançar, ou porque precisa mesmo, porque muita gente precisa disso”.

Contexto social

Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou?

Nunca participou. Diz que a Irma já participou o Clube de mães.

Contexto econômica

Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual?

Sabe que existe, mas não participa.

Dona Malvina se recorda mais do período de troca nos armazéns, como do Armazém do Gilberto Porto, seu amigo. “Era do seu Afonso e do seu Mário, que era pai do Gilberto. Seu Mário era pai do Gilberto. “

Contexto cultural e político

Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...)

Comenta que na Emater, “o Jânio acha que deveria ter reconhecimento”, mas desconhece qualquer iniciativa.

Não sabe de cooperativa, só do Clube de Mães. Feira do Artesanato no verão. Jaime da emater acha que deveria ter um reconhecimento, mas até agora não fizeram nada, não se preocupam.

DOCUMENTAÇÃO:

Fotográfica

Entrevista em 2015

Entrevista em 2021

Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=4vQJEF3VaRA
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
Trançava desde criança, e fazia o chapéu. Fazia todo o processo. O sogro tinha engenho e ela colhia no butiazal dele. O pai tinha engenho de farinha. Aprendeu com a madrasta, diz que todo mundo fazia isso antigamente, sustentavam os filhos com chapéu e que todos armazéns compravam antigamente. A irmã também fazia, mas hoje não quer mais. Disse que "quando chovia, enchia os homens tudo vinham com trança e palha e faziam. Mas costurar não, ninguém aprendeu." Vendia no armazém no Porto Colônia (Oscar Herzog). Lembra que ela e a irmã foram lá uma vez trocar por fazenda (tecido), mas na hora de fazer as contas faltou um pouco, e o dono disse: "pras filhas do Armandinho eu vendo minha loja toda fiado". O pai não trançava, pois tinha muito trabalho na terra. Não lembra das avós se trançavam ou não. A mãe não trançava, mas colhia algodão e fazia a linha para cobertor. Das irmãs nenhuma irmã faz mais. Teve dois filhos, o filho faleceu, a filha, Ana Sofia, trançava bem e ligeiro. O filho não aprendeu. "É uma terapia, ótima, ótima." Uma amiga andou muito doente e melhorou com a "terapia da trança". "Se eu pudesse trançar, trançava toda a vida.". Gosta mais de trançar do que costurar o chapéu. Lembra de coisas da infância quando trança. Faziam serão de luz de pixirica, ela e as irmãs, pra trançar, muitas vezes até a meia noite. "Nós levava pinhão, cozinhava pinhão, tomava café, tempo bom". Depois de mais velhas não se reúnem mais e cada uma faz o seu trabalho em casa. Não tinha época para colher (é sempre, sempre, período certo não tem), mas "é bom cortar na crescente porque aí ela não míngua muito". Na minguante a palha enrosca mais, não é bom, mas fazem muito ainda assim. A irmã mais velha que dizia que quando cortava na minguante. Diminuiu muito a faxina por causa da presença do gado "o gado acabou com tudo". "A maioria não trança porque tem medo. Mas muita gente ainda tira escondido, porque gosta de trançar, ou porque precisa mesmo, porque muita gente precisa disso". Quando era nova levava os brotos de palha pra roça pra enterrar na areia úmida enquanto trabalhavam, porque ficava mais macio, estalavam na hora do descanso do meio-dia pra poder trançar à noite. Na família a trança era um complemento da renda, pois tinham como se manter com outros trabalhos: "graças a Deus, eu não tenho precisão, eu faço por gostar". Conta que ainda hoje tem encomendas, inclusive um que deixou pago e nunca veio buscar o chapéu. Fazia bastante pra um CTG. Etapas: Retirada: "Não pode ser butiazeiro muito velho nem bem novinho. Aí tira a parte mais do meio. É por isso que acaba os butiazeiros, precisa tirar porque se não eles secam tudo. Tem que deixar umas folhas,

não pode tirar tudo. Deixa 4 ou 5 folhas, as bem de cima. As de baixo se tira pra limpar, se não o butiazeiro morre. Fazendo assim sempre tinha, o butiá voltava. Faz um feixe pra trazer de carroça. Secagem no sol com tempo bom, se pega chuva fica tudo preta. Coloca na rua e recolhe de noite do sereno. Quando não tem nada de verde na palha tá seca. Estalar: tirar o pé, tirar o talo." Faz sozinha, mas quando tem alguém pra ajudar juntando os brotos e fazendo monte na hora da colheita, mas geralmente fazia sozinha. Ela gosta de umedecer no sereno à noite depois de estalar para amaciar, porque dura não dá pra trançar. Se o tempo tem bastante chuva amacia sozinha, se é muito seco tem que botar no sereno. Ela faz a trança mais comum, de 13 palhas. De 15 ou 17, pra fazer as cestas que chegou a fazer, mas não faz mais. A costura: tem que prender na fôrma para costurar, depois dobra pra fazer a aba. Não gosta muito de chapéu com ponto crescente. No mexicano vai bastante ponto crescente, que fica mais rápido de costurar. Todo o fundo costura sem pregar, só prega quando começa a baixar. O acabamento dela é mais bonito, pois faz ponteio por dentro. A qualidade da palha também influi na qualidade do chapéu.

Materiais: fôrma, agulha de cobre feita em casa (o sobrinho faz pra ela), fio bom de algodão, não usa luva. Vende para alguém de SC que vem buscar, mas nunca falou com ele (Lidia é a intermediária). Tirava dos butiazais do entorno. "Tá acabando, o butiazeiro vai acabar. O butiá era tanto, mas vai acabar". Motivos para ela são : faxina muito fechada e o gado, e as lavouras que antigamente faziam no meio do butiazal e hoje arrancam pra plantar. IBAMA ainda atrás hoje.

Recursos: acesso ao butiazeiro. Cada um tirava na sua propriedade, todo mundo tinha. Quem não tinha ganhava de alguém.

Conta que quando se reuniam, "não tinha rádio, nem TV nem nada". Ela e a irmã compraram um rádio a pilha pra ouvir enquanto trabalhavam. Contavam história, dos namorados, dos bailes, jogavam jogo do nó, passavam fazendo brincadeiras, era divertido. "Tenho saudades daquele tempo". 3,5 braças é um chapéu. Ela fazia tranças pra 6 chapéus por dia. 2 ou 3 chapéus já dava pra trocar por alguma coisa no armazém, alguns kg de comida. Ela nunca precisou fazer isso. Agora os caminhões buscam direto na casa da Lidia. Nunca foi vender ou expor em feiras.

Não sabe a origem do artesanato. Não tem origens indígenas na família. A dinâmica do chapéu já foi mais forte, mas hoje em dia "está muito fracassada, porque muita gente tem medo de tirar palha. Muita gente parou, tem palha, mas tem medo de cortar.". Acha que continuariam vendendo, porque ainda tem quem compre. Não teve quase mudanças no fazer do chapéu e da trança desde a infância. Mas tem duas fôrmas de chapéu: uma que usa para os chapéus que vende para o caminhão e a outra para chapéus sob encomenda.

"Tá morrendo porque o pessoal não tá mais produzindo e não tiram as plantas de volta, e o butiá vai morrendo, porque não pode ficar abafado." Não sabe da existência de alguma cooperativa, só do Clube de Mães e da Feira do Artesanato no verão. " O Jaime da emater acha que deveria ter um reconhecimento, mas até agora não fizeram nada, não se preocupam."

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.10 Entrevista 10 - Maria dos Santos Magnus

Identificação do questionário	
Data: 15/09/2015	**Nº do questionário:** 10
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Faxinal	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0619338 6752750

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Maria dos Santos Magnus		Data de nascimento/ fundação	28/04/1955
Ocupação: roça, artesanato		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Faxinal – Estrada do Mar, s nº	Telefone:98-245353	E-mail:	
Local de nascimento: Faxinal	Desde quando mora na localidade: sempre		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? .
Onde executa a atividade? Sozinha, o marido, Neri, ajudava.

FORMAS DE TRANSMISSÃO		
Com quem aprendeu a atividade? Desde pequena, com os avós Inácia Carolina e a mãe Angelina Inácio dos Santos. Eram 9 filhos, Geni, Geli, Celina, Celi, Rosa Maria e os homens Olimpo, Manuel e todos faziam depois da escola (primeiro faziam as tarefas da escola, depois trançavam e por último brincar). "A gente trançava e as mais velhas costuravam". Gostavam muito de trançar, era um trabalho, mas podiam brincar. Sentavam juntos e cada um queria fazer mais ligeiro. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )		
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Aprendeu com a avó Inácia Carolina Jorge e a mãe, Angelina Inácio. Todo mundo sentava no chão, todo mundo trançava. Sempre em casa, cada um no seu cantinho trançando.		
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Só teve um filho, sabe fazer, mas não seguiu com o trabalho. Os sobrinhos aprenderam com as mães.		
Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Geni (irmã)	Função:	Contato: trabalha na padaria, na estrada do Campo Bonito)
Nome: Geli (irmã)	Função:	Contato:
Nome: Celina (irmã) parou há pouco	Função:	Contato: cunhada da Maricota, mora na Vila São João
Nome: Angelina (mãe)	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): o ano inteiro. Bom no verão.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Não produz mais, pois tem muito trabalho na roça.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Tiravam as de fora e deixavam as de dentro. As folhas de fora serviam para tingir. Deixa sempre 3 ou 4 folhas, deixa sempre as mais novinhas, de dentro. Ele vem (o butiá). Não podia pelar o butiazeiro porque a palha fica ruim, o butiazeiro enfraquece. Deixa 3 ou 4 palhas mais de dentro e tira as mais de fora. Se tava ruim tirava pra limpar o butiazeiro, as mais velhas. Se não tirar, acaba morrendo (vai	

	chupando). Chovendo não dá nem pra cortar. Se o sol é muito forte queima também	
Secagem	Estende e recolhe todo dia.	
Estalagem	Tirava do talo e armazenava numa caixa de papelão. Retira do talo, debulhava, armazenava em caixa de papelão, sem pegar umidade durava de um ano a outro. Às vezes botava num paninho molhado (antes de estalar, se estiver muito seca, ou antes de trançar), mas não pode deixar muito tempo também, porque fica roxa.	
Amaciamento da palha	Colocava no pano úmido por pouco tempo. Tanto faz se umedece antes ou depois de estalar. Se o tempo é seco, umedece antes. Pano com água quente é minutos.	
Trança	13 é a mais comum, para fazer chapéu. Trança de 13 palhas, mas se era muito fina botava 15. 17 é pra bolsa. Trança bem feitinha tem que ser bem apertadinha, não pode ser muito frouxa.	
Costura	Fazia no colo com forma de madeira de Timbaúva. Tem que fazer o ponto crescente.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não.

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Tinham pouca terra, no início não tinham na propriedade. Depois comprou um terreno que tinha butiazal.

Os vizinhos deixavam tirar por que era uma maneira de fazerem a limpeza do terreno. Acredita que por falta de cuidado, de poda, o butiazal terminou. “ Daqui a pouquinho não vai ter mais!”

Não tinha butiá na propriedade, mas pedia dos outros e ganhava, porque os vizinhos tiravam pra limpar, ou deixavam que elas tirassem. Por toda parte tinha.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão, forma, faquinha de estalagem, linha, agulha de varão de guarda-chuva, comprava o cordão de algodão.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Na casa.

Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Não.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

Fazia até 10 dúzias por noite. Costurava até meia dúzia de chapéus por noite. " Depois de casados, nós comemos muito com chapéu."

Vendia por dúzia: 5, 10, 15. "Um chapéu rendia muito pra nós, agora não vale nada.".

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Vendia no Campo Bonito para os donos dos armazéns. No Mercado Porto, Gilberto. No Campo Bonito, perto do porto. Era o comércio por escambo. Tinha o caminhão de Laguna, que comprava com dinheiro.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda (x) complemento ( ) não é fonte de renda ( )

Fez o enxoval e a festa de casamento todo com o chapéu. Pagou a aposentadoria da mãe com o chapéu. Foram R$ 5.000,00.

Era para todos que precisavam na época.

"Nós comíamos com o dinheiro do chapéu". O pai morreu cedo, a mãe e a vó criaram os nove filhos. Antigamente não tinha aposentadoria, então quando o pai morreu a mãe ficou sem nada e trabalhava muito.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe. A avó Ignácia Carolina era de origem alemã e fazia chapéu. Não sabe as origens do artesanato, mas sempre esteve ligado ao lugar.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[10] Sempre aqui, não se sabe se era muito ou pouco.
Existem histórias associadas à atividade? Quando Maria casou, decidiu que mãe deveria se aposentar, então juntou muitos chapéus, trançava e costurava de noite, pra pagar os atrasados e conseguir a aposentadoria da mãe "custei, mas consegui". A aposentadoria dela também foi paga com chapéu.. "Consegui pagar a aposentadoria com chapéu! Quando casei falei: chega da mãe passar trabalho! Paguei os atrasados que ela devia!" " O nosso sindicado, paguei com chapéu!" "" Se tivesse tempo, até hoje fazia!" " Fazia a trança bem feitinha, cuidava para levar bem feito."
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Parou de render o trabalho porque muita gente prefere estudar, fazer cursos ou ter outros tipos de trabalho. Maioria foi embora da região também. "Todo mundo trançava, mas a maioria já morreram! " " Os mais novos tinham interesse em estudar, pararam! Poucos que ficaram na região!" Também: " Por que não era para tirar mais palha, por que era proibido." ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Complementação 2021: **(00'40")** ... aí eu ia pra roça e de noite o serão era o artesanato pra poder... porque nós comia, comia com o dinheiro do chapéu. O dinheiro do chapéu é que valia tudo (...) ah isso aí a gente aprendeu com a vó, com a mãe... passou de geração em geração. [nome da avó - Inacia Carolina Jorge]. (...) a gente trançava e as mais velhas costuravam, porque era chapéu daí, a gente fazia chapéu pra vender em carregação assim que eles levavam. Social: Família era muito unida, cantavam sertanejo da época enquanto trançavam juntos.

[10] Descrição dos sítios onde se expandiu

Religioso:

Cultural:

Outros (lúdico, etc.): Não se lembra do joguinho do nó.

Estavam " sempre rindo, brincando, cantavam..., sertaneja. Fazia um anelzinho de palha e passava."

Complementação 2021:

(01'55") a gente ia pra escola, né, ia pra escola de manhã e de tarde trançava e tinha a tarefinha, enquanto não fizesse a tarefinha não ia brincar... a tarefinha fazia as coisas de escola e trançava pra depois ir brincar. Brincadeira era por último!

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos (x)
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Não teve grandes mudanças no artesanato.
O que se manteve inalterado? Tudo.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento (x)Não sabe responder, não sabe como está.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Explica que a limpeza que é feita na retirada da folha, auxilia para fortalecer o butiazal. " limpavam por que precisavam. (do recurso) Agora parou por que não foi mais usado." Conta também que a estrada do mar, modificou o ambiente do butiazal. " Antes da Estrada do Mar, a água não juntava." O butiá só dá nas áreas mais alta, aqui não presta mais. Na propriedade ela tem alguns butiazeiros. O fruto dá pras galinhas ou faz suco, dá pros vizinhos.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Área seca. " Onde entrou água da chuva, tá tudo morto!" Se pegar água e tomar sol, morre. Não gosta de água, quanto mais seco, melhor. Quanto mais seco melhor pro butiazeiro. Quando chove e enche de água morre tudo. Antes da estrada do mar era tudo chão batido, não juntava água, agora quando chove a água escorre toda pra dentro do butiazal e eles morrem tudo. Nas terras deles, fizeram um barranco pra proteger da água, mas mesmo assim

cavocam tudo. Além do butiazal, apodrece tudo na roça: mandioca, maracujá. Hoje em dia, butiá só nas áreas mais altas. “Onde junta água, pegou sol, tá morto, porque a água esquenta.”.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): O gado não come folha do butiá. Foi a mudança do ambiente.” “Como ninguém mais precisa do butiazeiro ninguém mais dá bola e tão morrendo”. “Por falta de cuidado, terminou. Não foi por tirar a palha”. A clina também favorecia a conservação do butiazal. Acha que a proibição fez com que acabasse o butiazal e aí o artesanato também foi morrendo.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não tinha. No Campo Bonito, começaram a fazer. Nunca participou. Não existia cooperativa que apoie o artesanato e ela também tinha a vida muito corrida e não podia participar.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não participa.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   Entrevista em 2015
Fonográfica

Audiovisual
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
"Nós comíamo com o dinheiro do chapéu". Aprendeu com a vó Inácia Carolina e a mãe, Angelina Inácia, passou de geração em geração. "A gente trançava e as mais velhas costuravam". Eram 9 irmãos e todos faziam depois da escola. A tarefa era fazer as coisas da escola, depois trançar e por último brincar. "Sempre em casa, cada um no seu cantinho trançando." Seu Gilberto Porto no Campo Bonito que comprava os chapéus. O pai morreu cedo, a mãe e a vó criaram os nove filhos. Tem um filho adotivo, que sabe fazer, mas não faz porque trabalha na roça. Fazia só o chapéu, não a bolsa. Antigamente não tinha aposentadoria, então quando o pai morreu a mãe ficou sem recursos. Quando Maria casou, decidiu que a mãe deveria se aposentar, então juntou muitos chapéus, trançava e costurava de noite, pra pagar os atrasados e conseguir a aposentadoria da mãe "custei, mas consegui". A aposentadoria dela também foi paga com chapéu. Vendia por dúzia: 5, 10, 15. Um chapéu rendia muito pra nós, agora não vale nada. Indicou a Geni, Celina e Geli (irmãs). Segundo ela, parou de render o trabalho porque "muita gente prefere estudar, fazer cursos ou ter outros tipos de trabalho. A maioria foi embora da região também." Não tinha época pra colheita, mas "não podia pelar o butiazeiro porque a palha fica ruim, o butiazeiro enfraquece. Deixa 3 ou 4 palhas mais de dentro e tira as mais de fora. Se tava ruim tirava pra limpar o butiazeiro, as mais velhas. Se não tirar, acaba morrendo (vai chupando). Como ninguém mais precisa do butiazeiro ninguém mais dá bola e tão morrendo." A clina também favorecia a conservação do butiazal. Ela não tinha butiá na propriedade, mas pedia dos outros e ganhava, porque os vizinhos tiravam para limpar, ou deixavam que ela tirasse. "Por toda parte tinha. Por falta de cuidado, terminou. Não foi por tirar a palha". E complementa: "Se pegar água e tomar sol, morre. Não gosta de água, quanto mais seco, melhor." Ela tem alguns pés de butiá na sua propriedade, usa o fruto para a criação ou para fazer suco. Sobre a secagem ela conta: "todo dia estende, recolhe, uma baita mão de obra. Chovendo não dá nem pra cortar. Se o sol é muito forte queima também. Aí retira do talo, debulha, armazena em caixa de papelão, se pegar umidade, dura de um ano a outro. Ás vezes eu botava num paninho molhado (antes de estalar se estiver muito seca ou antes de trançar), mas não pode deixar muito tempo também, porque fica roxa. O pano com água quente é minuto." Costuma fazer a trança de 13 palhas, mas se era muito fina usava 15. As tranças de 17 palhas são para as bolsas. Ferramentas: agulha de varão de guarda-chuva, fôrma e faquinha pra estalagem, linha com qualquer fio de cordão. Diz que a família era muito unida, cantavam sertanejo da época enquanto trançavam juntos. Não se lembra do joguinho do nó. Ela brincava de fazer um anel de palha e passar de mão em mão pra adivinhar com quem estava. Seu casamento foi patrocinado pelo artesanato, conta que fez o enxoval e a festa com o dinheiro do chapéu. Ela diz que costurava até meia dúzia de chapéus por noite. Vendia no Mercado Porto, no Campo Bonito. Não sabe as origens do artesanato, mas sempre esteve ligado ao lugar. Acha que a proibição fez com que acabasse o butiazal e aí o artesanato também foi morrendo. Não teve grandes

mudanças no artesanato. Diz que a “trança bem feitinha tem que ser bem apertadinha, não pode ser muito frouxa”. “Quanto mais seco melhor pro butiazeiro. Quando chove e enche de água morre tudo. Antes da estrada do mar era tudo chão batido, não juntava água, agora quando chove a água escorre toda pra dentro do butiazal e eles morrem tudo. Nas nossas terras, fizemo um barranco pra proteger da água, mas mesmo assim cavocam tudo. Além do butiazal, apodrece tudo na roça: mandioca, maracujá. Hoje em dia, butiá só nas áreas mais altas. Onde junta água, pegou sol, tá morto, porque a água esquenta.”. Fala que nunca houve uma cooperativa que apoiasse o artesanato.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.11 Entrevista 11 - Marli dos Santos Melo

Identificação do questionário	
Data: 15/09/2015	**Nº do questionário:** 11
Entrevistador: Patrícia Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Itapeva Norte	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0620338 6749871

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Marli dos Santos Melo		Data de nascimento/ fundação	25/06/1951
Ocupação: artesanato		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Estrada do camping, 805.	Telefone: 96-21-1620	E-mail:	
Local de nascimento: Águas Claras	Desde quando mora na localidade: 36 anos		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trançava e costurava chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todo processo. Quando nova, o pai buscava a palha. Depois de casada, ela tinha ajuda do marido, Seu João.
Onde executa a atividade? Na casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO

Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, Maria Alexandre da Silva, que trabalhou nisso a vida toda. È a filha mais velha. Teve 4 irmãos, 2 homens e 2 mulheres. Todos trançavam. A irmã Marliza até pouco tempo atrás fazia, junto com a mãe. A avó por parte de mãe e a bisavó por parte do avô, também trançavam. Avó era Joaquina e a bisavó Bertolina. Todas eram daqui. "A gente faz de tudo um pouco, mas eu comecei bem pequeninha fazendo essas tranças de chapéu."

Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )

Como foi o aprendizado? Iam para a escola de manhã. O pai trabalhava em palhoça, o engenho de palha, e nós fazia a trança de chapéu. A gente não tinha descanso, tinha que render aquela quantia. Às vezes trançava de noite.

O pai cortava a palha, a mãe secava e estalava e os filhos trançavam, depois da escola.

Quando pequena faziam toda a lida da casa e depois trançavam. Faziam até serão de noite pra poder comprar as coisas pra casa. Depois de casada ainda trançou um pouco.

Complementação 2021:

(00'57") Mas eu comecei fazendo bem pequenininha fazendo essas tranças de chapéu aí. A minha mãe e meu pai, ele tirava, cortava as palha, a mãe secava, né? E a gente já desde pequenininha já tinha aquela tarefa de fazer, né? Tinha que fazer uma quantia de chapéu que tinha que fazer no dia, né?. Até a mãe dava a palha o pra nós, estalava a palha, como a gente diz, arrumava a palha, né, e a gente trançava. Então era assim, a gente ia pra escola de manhã e a tarde tinha que fazer um chapéu, ou dois chapéu, era a tarefa que ele dava. Era um, dois, de repente a gente ia ficando maior e já ia aumentando. Às vezes eu costumo dizer que eu acho que eu não tive infância.

(25'53") meus irmãos trançaram, mas quando eram rapazote assim, depois que ficaram mocinhos (...) era fácil depois ficavam maiorzinho já partiam pra outro lado.

Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Não ensinou pros filhos. Trançou com eles mas nunca exigiu que fizessem.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:

Nome: Marlisa Alexandre da Silva(irmã)	Função:	Contato: Águas Claras, fone 81- 20 90 45
Nome: Áurea Nunes (cunhada) faz trança para a D. Bautia	Função:	Contato: frente ao campo no Parque de Itapeva – camping, uma casa verde.
Nome	Função:	Contato:
Nome: : Carlota	Função:	Contato: subida da Bela Vista, à direita. Fone: 92-191481

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)

Periodicidade: (data e época em que ocorre): Sempre que precisava. Tempo de chuva não tirava a palha porque é ruim de secar, fica preta. Quando tem flor também não: no verão floresce e tá com butiá.

Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Não faz há 43 anos.

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Não tira a bem de baixo, não tira o broto. A ponteira. Deixa 3 a 4 folhas no pé. Bom butiazeiro é o que tá bem forrado, bem bonito. Não tira a palha bem debaixo porque é mais velha, pra trançar quebra muito. Não tira o broto de cima pra não enfraquecer o butiá. Tiram as do meio. "Se cortar o broto termina ele morrendo". Deixa 2 ou 3 folhas pra proteger o broto.	O pai ia sozinho. Depois, o marido a ajudava.
Secagem	Uma semana ou mais, com tempo bom. Coloca pra fora e recolhe de noite pra não pegar sereno	
Estalagem	Tirar o pé e o talo do meio.	
Umedecer	Quando tempo de chuva a palha era bem macia, se não enrolava num pano úmido.	
Trança	O de 13 palhas é o chapéu de trocar no mercado. 17 com palha pela metade é mais pra cesta ou o chapéu usado na roça. De 13 o caminhão pegava nos armazéns. Trança mais grosseira.	
Costura	Usa forma para fazer a copa. A aba é só o crescente que faz a curva do chapéu. Usava agulha de alumínio e fio de algodão. A forma é pra copa do chapéu e pra aba não precisa fôrma, só o crescente da trança: dá uma ajeitadinha pra palha fazer a curva. Se não fizer o crescente não fica abertinho, fica pra cima.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: O pai tinha terreno grande em Águas Claras. O sogro tinha engenho em Campo Bonito. A palha era tirada da propriedade do pai em Aguas Claras e depois do sogro, no Campo Bonito. Precisa de acesso a um butiazal, ou comprar a palha de alguém.		
Ferramentas de trabalho:		

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Faca para estalagem, facão, forma e agulha feita em casa com fio de alumínio.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

não

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

Em um serão fazia uns 3 chapéus por noite. 3 ½ braças.

Só a trança era 13 reais, mas normalmente vendia o chapéu todo

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Para troca nos mercados.

Levava 3 ou 4 dúzias de chapéu pra trocar no armazém. Se precisasse muito levava o que tinha (1 dúzia, 2), mas era bom levar mais. Vestidos, roupas, “comprou” tudo com chapéu. Era bem difícil ir lá levar o chapéu, ganhar o dinheiro e não comprar nada. Aqueles que não precisavam pra comer acabavam comprando o tecido pra fazer a roupa. Ali na porteira do Faxinal era o armazém do Euclides. O caminhão pegava no armazém e não sabe pra onde ia.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

Ajudava. Como o pai trabalhava na palhoça, trazia mantimentos, a mãe comprava outras coisas, tecido, material para a escola. Ela adorava ganhar tamancas novas.

Complementação 2021:

(01'35") Antigamente as pessoas eram tudo muito pobre, né? Muito, como se diz assim... com dificuldade, meu pai trabalhava em palhoça, que se chamava palhoça eram os engenhos de palha, que se faziam clina pra colchão. Não sei se tu te alembra do colchão de clina? Então meu pai trabalhava na palha e nós fazia a trança de chapéu. Aí a gente foi crescendo, aí depois eu já comecei a ficar maior e a gente já começou a trabalhar em outros ramos, né?

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe dizer.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[11] A esta região, tinha bastante gente que fazia. A mãe aprendeu com a dinda(vó), e a bisavó também trançava. Não sabe de onde vem a tradição.
Existem histórias associadas à atividade? Não.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Acho que agora tá bem parado. È difícil encontrar pessoas que façam. O chapéu, muito pouco o pessoal tem comprado. Tem pessoas que fazem o artesanato em variedade. "eu acho que agora tá bem parado". Não sabe se é esquecimento ou se hoje aparece tanta tecnologia que causa desinteresse. ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico:. Sim Complementação 2021: **(27'05")** ... sim, ajudava... até porque assim oh, como o meu pai trabalhava na palhoça, a mãe tinha nós tudo pequeno, então o que que ela fazia, pra ajudar o pai comprar roupa pra nós, no caso o pai comprava com o dinheiro dele trazia mantimento pra casa, e a gente...o dela comprava tecido pra fazer as roupas pra nós, entende? Então não deixava de não ser uma ajuda, né? Ela trançava, levava, vendia, já comprava o tecido pra trazer, né? ..até roupa pra ele ela comprava também porque aí o dinheiro dele não dava pra tudo, né. Aí ele ficava com a parte da comida e ela ficava com a parte da roupa. (...) Quando ela ia levar chapéu a gente ficava louca de faceira. Social: sim

[11] Descrição dos sítios onde se expandiu

Gostava de juntar a turminha pra trançar junto. Faziam um jogo pra ver quem trançava mais ligeiro. Mesmo depois de casadas, os homens às vezes iam pra praia de noite colocar rede e as mulheres ficavam trançando juntas. “O tempo passava e a gente nem via, sentava e conversava, era a coisa mais boa”. Complementação 2021: **(23’35”)** Até depois de moça nós já gostava de se ajuntar de noite, como eu te falei do serão, o serão a gente se juntava duas, três, quatro, tomava um cafezinho quente de noite ali aí a gente fazia serão até tarde da noite trançando e conversando, contando história (...) Religioso: Cultural: Outros (lúdico, etc.): Não cansa! É uma beleza! E pagavam bem.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Pessoas que sabem fazer não fazem só o chapéu, fazem bolsa e outros pra conseguir se manter, porque daí tem mais saída.
O que se manteve inalterado? Tudo

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? O butiazal nascia por conta própria, ninguém plantava, dava em partes mais secas. A vassoura atrapalha o butiazeiro.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Nas partes mais secas, pode ter vassoura ou só o faxinal. Conheceu terrenos só de butiazeiros.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): “ Foi parando por que muita gente parou de comprar.”” Fazer potreiro e plantio. Antigamente deixavam butiazal porque tinha engenho e chapéu. Quando foi parando, porque as pessoas não compravam mais, foram arrancando pra fazer roça e potreiro. “Hoje eu penso assim, se tivesse alguém que comprasse era bom até pra proteger o faxinal”.

Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não teve pessoa que incentivasse, mas ela gostaria de um incentivo: *"Eu acho que pra voltar a fazer chapéu, a gente teria que ter um curso pra aprender a trabalhar melhor o chapéu, pra aprender a fazer outras coisas".*
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não conhece.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não há. Complementação 2021: Não sabe se é esquecimento ou se hoje aparece tanta tecnologia que causa desinteresse. O butiazal nascia por conta própria, ninguém plantava, dava em partes mais secas, Vassoura, que atrapalha o butiazeiro. Conheceu terrenos só de butiazeiros. Emater, prefeitura nunca deram estímulo, nunca teve uma pessoa que estimulasse as outras. "Eu acho que pra voltar a fazer chapéu, a gente teria que ter um curso pra aprender a trabalhar melhor o chapéu, pra aprender a fazer outras coisas.".

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   **Entrevista em 2015**
Fonográfica
Audiovisual

Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios: “A gente faz de tudo um pouco, mas eu comecei bem pequeninha fazendo essas tranças de chapéu.”. O pai cortava a palha, a mãe secava e estalava e os filhos trançavam, depois da escola. O pai trabalhava em Engenhos de palha que fazia clina para colchão (palhoça). Mãe Maria Alexandre da Silva trabalhou sempre nisso, até bem velhinha. Todos os irmãos trançavam, a irmã Marliza até pouco tempo atrás, junto com a mãe. A cunhada Áurea Menezes ainda trança em Itapeva, em frente ao parque, uma casa verde. A Bautia compra da Áurea. Ela trançava e costurava o chapéu. Quando pequena o pai buscava as palhas, depois ela mesma tirava, quando o marido ia pra roça. Faz todas as etapas. Colheita: bom butiazeiro é o que tá bem forrado, bem bonito. Não tira a palha bem debaixo porque é mais velha, pra trançar quebra muito. Não tira o broto de cima pra não enfraquecer o butiá. Tiram as do meio. “Se cortar o broto termina ele morrendo”. Deixa 2 ou 3 folhas pra proteger o broto. O ano inteiro pode cortar. Tempo de chuva não tira porque é ruim pra secar, fica preta. No verão não tira porque floresce e tá com butiá. O homem ajudava na colheita. Nos últimos dez anos não trabalhou mais. Não ensinou pros filhos. Trançou com eles mas nunca exigiu que fizessem. Quando pequena faziam toda a lida da casa e depois trançavam. Faziam até serão de noite pra poder comprar as coisas pra casa. Depois de casada ainda trançou um pouco. Levava 3 ou 4 dúzias de chapéu pra trocar no armazém. Se precisasse muito levava o que tinha (1 dúzia, 2), mas era bom levar mais. Vestidos, roupas, “comprou” tudo com chapéu. Era bem difícil ir lá levar o chapéu, ganhar o dinheiro e não comprar nada. Aqueles que não precisavam pra comer acabavam comprando o tecido pra fazer a roupa. Ali na porteira do Faxinal era o armazém do Euclides. Seca a palha, depois prepara a palha: estalagem, tira o pé e o talinho do meio. Tempo de chuva a palha era macia, e quando muito seco tinha que umedecer enrolando num paninho pra ficar bom de trançar. Secagem: uma semana ou mais, com tempo bom. Coloca pra fora e recolhe de noite pra não pegar sereno. Depois trançar: 13 palhas, mais fácil de fazer, é o de trocar no mercado. 17 com palha pela metade é mais pra cesta ou o chapéu usado na roça. O caminhão pegava no armazém e não sabe pra onde ia. A forma é pra copa do chapéu e pra aba não precisa fôrma, só o crescente da trança: dá uma ajeitadinha pra palha fazer a curva. Se não fizer o crescente não fica abertinho, fica pra cima. Agulha de arame de alumínio, feita em casa. Fio de algodão comprado. Não tinha preparação. A mãe aprendeu com a dinda(vó), e a bisavó também trançava. Não sabe de onde vem a tradição. A palha era tirada da propriedade do pai em Aguas Claras e depois do sogro, no Campo Bonito. Agulha, faca e fôrma são as ferramentas. Precisa de acesso a um butiazal, ou comprar a palha de alguém. Antigamente deixavam butiazal porque tinha engenho e chapéu. Quando foi parando, porque as pessoas não compravam mais, foram arrancando pra fazer roça e potreiro. “Hoje eu penso assim, se tivesse alguém que comprasse era bom até pra proteger o faxinal”. Gostava de juntar “a turminha pra trançar junto”. Faziam um jogo pra ver quem trançava mais ligeiro. Mesmo depois de casadas, os homens às vezes iam pra praia de noite colocar rede e as mulheres ficavam trançando juntas. Depois logo engravidou e não se reuniu

mais. Trançava uns 3 chapéus por noite (3,5 braças). “O tempo passava e a gente nem via, sentava e conversava, era a coisa mais boa”. O chapéu era um complemento na renda. A vizinha Carlota fazia serão com ela e até pouco tempo ainda trançava, mora na Bela Vista. (foi procurada por nós, mas não quis ceder entrevista)

“eu acho que agora tá bem parado. Pessoas que sabem fazer não fazem só o chapéu, fazem bolsa e outros pra conseguir se manter, porque daí te dá mais saída. Só a trança era 13 reais, mas normalmente vendia o chapéu todo.” Não teve mudanças na forma de fazer.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.12 Entrevista 12 - João Salvador de Melo

Identificação do questionário	
Data: 15/09/2015	**Nº do questionário:** 12
Entrevistador: Alexandre Krob	**Revisor:** Patrícia Vianna Bohrer

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Itapeva Norte	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0620338 6749871

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: João Salvador de Melo		Data de nascimento/ fundação	12/04/1942
Ocupação: mestre de obras, aposentado, pescador, agricultor		Gênero	Feminino Masculino x LGBT
Endereço: Estrada do camping, 805.	Telefone: 96-21-1620	E-mail:	
Local de nascimento: perto de onde mora	Desde quando mora na localidade: desde nascimento		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança do chapéu
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Buscava a palha, estalava e fazia a trança.
Onde executa a atividade? Cada um fazia na sua casa, *"cada um pra si"*.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, que se chamava Donata. Os irmãos buscavam a palha e estalavam. Ele só fazia a trança. A avó também trançava. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? O pai só estalava. A mãe fazia o chapéu. Complementação 2021: **(08'28)** Eu não me lembro se a minha vó fazia, eu conheci uma. Uma fazia! (...) **(09'32")** Nós se alevantava de manhã, um ia tirar leite, outro tinha que tratar duma criação com meu pai, nós já tomava café e já arrumava a mochila e ia trabalhar lá no Campo Bonito com o carro de boi. (...) Aí quando vinha de lá, muitas vezes o pai já vinha com o carro cheio de palha. Trazia lá dos mato lá tinha terra, né? O pai vinha de lá e, oh vou cortar essas palha pra velha nona lá. Palha bonita, né? Era Donata o nome dela. Da minha mãe. Aí só sei que chegava em casa, depois o pai tirava do carro e botava a secar, nós deixava a murchar ali uns dois ou três dias e depois botava a secar e depois quando nós tinha tempo a mãe: oh meu filho, estala umas palha pra nós!
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. "É um troço sem futuro e sem lógica, eu não ensinei a ninguém."
Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:

Nome: Áurinha (irmã)	Função:	Contato: em frente ao camping
Nome: Carlota (cunhada)	Função:	Contato:
Nome: Finoca e filhas	Função:	Contato: rua em frente à D. Bautia
Nome: Neuza	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Tempo todo.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Não faz há 43 anos.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colher a palha	Primeiros não são bons por que não enrolam. Tira-se mais do miolo. As mais antigas, dispensa. Tira as do meio que vão dar palha de uns 20 cm.	
Secagem	Dia com vento sul é ótimo. 2 – 3 dias na sombra e depois no sol para ficar branca. Não pode pegar chuva ou muita	

	umidade por que caruncha. Tem que saber secar se não enrosca ou resseca.	
Estalagem e Amaciamento	Tirar o talo com o pé quando puxa a palha, para não ficar aparecendo o nó.	
Umedecer	Quando está muito seca, envolve em um pano molhado e deixa durante o dia para trançar a noite.	
Trança	A mãe ensinou a fazer uma trança bem fininha de 21 palhas.	
Costura (de vez em quando)	Pregava o miolinho na forma de cedro verdadeiro que é levezinho. Para fazer a copa, prega-se com taxa na forma. Tem que dar o crescente na copa e na aba e a quantidade de pontos que pega, depende da palha.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Tira-se na capoeira, bem perto de casa, nas suas próprias terras.

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Faquinha de ponta para tirar o talo, facão para o broto. Não usava botas.	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Não

Jogos e brincadeiras:

Complementação 2021:

(13'23") [Jogo do nó] O cara costurando aqui ela descendo no meio das pernas aqui. Tinha mulher que costurava nas árvores de pendurada nas árvores pra ver que tamanho fazia depois. Aquilo era coisa de vadio, entende?

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Compravam por dúzia. Vendia por dúzias no armazém.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Vendia com a mãe de carro de boi nos Porto (secos e molhados) no Campo Bonito. Recebia em dinheiro ou trocava por tecido.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( ) Usavam pra comprar roupa, já que o pai trabalhava na roça (e os filhos ajudavam) pra pagar a comida. Complementação 2021: **(07'45")** A minha mãe costurava chapéu. Nós trançava e a minha mãe costurava pra nós comprar roupa pra nós, que o meu pai não podia comprar. E o meu pai trabalhava pra dar o pão e nós também trabalhava com ele pra agricultura. Nós vivia da agricultura.

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Todo mundo fazia chapéu na região. Não lembra se a avó fazia, mas uma avó costurava.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[12] .Todos faziam.
Existem histórias associadas à atividade? O Pai voltava com o carro cheio de palha para a mãe Donata. Tinha mulher que costurava nós para ver quanto de trança fazia.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

[12] Descrição dos sítios onde se expandiu

Diminuiu muito, depois que entrou o camping diminuiu muito, por que as mulheres se empregaram. “O chapéu não caiu um terço, caiu de um tudo” ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Complementação 2021: **(16’15”)** É o tal de quebra galho, né? O cara tá desempregado, quer dizer, é só trançar tinha dinheiro. Nós trançava, costurava. As minhas irmãs todas elas trançavam, todas elas costuravam chapéu. A minha mãe também costurava mais que trançava, porque nós já trançava pra ela, né? A minha mãe mandava uma dúzia de chapéu ali no armazém e nós já tinha o que comer. Social: Religioso: Cultural: Fazem para não ficar parada, é um “espairecer” Outros (lúdico, etc.): não tinham brincadeiras.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças
O que se manteve inalterado? Tudo

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual?

Depois que proibiram de cortar, as pessoas cercaram as capoeiras e colocaram o gado dentro. “Hoje tu quer comer um butiá e não tem um butiazeiro.” *“Na butiatuba era só butiazeiro, agora acabou tudo porque soltaram o gado”.*
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Da estrada do mar até o camping era cheio de butiazeiro. A agricultura acontecia no meio. O pai tirava a palha da capoeira, nas terras dele mesmo
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.):
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não. Cada um por si.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não há/ nunca houve. “ Nunca houve incentivo da EMATER nem de ninguém.”

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   **Entrevista em 2015**
Fonográfica

Audiovisual
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
.

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.13 Entrevista 13 - Maria da Rosa Clezar (Mariquinha)

Identificação do questionário	
Data: 13/09/2015	**Nº do questionário:** 13
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Vila São João	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0619519 6756725

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO		
Nome: Maria da Rosa Clezar (Mariquinha)	Data de nascimento/ fundação	22/05/1947
Ocupação: artesã	Gênero	Feminino Masculino LGBT
Endereço: Rua Sinphrônio Clezar, 286, Vila São João.	Telefone: 36052916	E-mail:
Local de nascimento: Torres	Desde quando mora na localidade: desde 1964.	

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Fazia artesanato com palha de butiá e outras fibras como cipó Imbé, tiririca, taboa. Fazia chapéus, bolsas, cestos, tapetes, etc. Com o butiá: chapéu e cestinho (usava cipó imbé pra varão e trançava com a palha).
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Executa todas as etapas.
Onde executa a atividade? Em casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Aprendeu com a mãe, Dona Calmira, que por sua vez, aprendeu com o padrasto Seu João Filisbino. Conta que na época todos faziam e que o padrasto da mãe, era " tipo índio" e ensinou Calmira a fazer o balaio grande pra carregar as coisas da roça,. Teve 12 irmãos, sendo 2 adotivos. Todos foram criados com o artesanato. Todos os irmãos faziam, mas só ela seguiu fazendo. As irmãs não gostavam muito de fazer. Dos irmãos, só ela seguiu fazendo, e o irmão, Manuel Honório da Rosa, hoje falecido. "Desde o primeiro calçado que botei no pé trabalhei com cestinho". Complementação 2021: **(01'03")** a minha mãe aprendeu com o padrasto dela que ele era tipo um índio... a mãe dela ficou viúva bem nova, então depois se juntou-se com esse senhor e daí ele ensinou ela a fazer balaio grande, balaio de carregar coisa da roça, e depois dali ela disse que foi se infruindo a fazer as coisinhas miudinhas, pequeninhas [nome do avô – João Filisbino]. **(57'31")** eu tenho pouca lembrança dele, mas era um índio mesmo (...) até quando eu conheci ele, que eu me lembro dele, eu acho que se eu tinha um seis, sete anos , eu acho que nem isso eu tinha. Eu me lembro que ele sentava perto do fogo assim, aqueles pés bem rachado, bem sujo... ai meu deus do céu! mas ele não vivia muito com a mãe ele vivia muito com a... daí ele teve com a minha avó mais filhos, então ele vivia com os filhos legítimos dele e com nós, então, ele viveu pouco tempo. Mas nunca conversemo com ele a respeito disso, mas a mãe disse que foi ele que ensinou. Que ela começou a trabalhar que foi o padrasto dela que ensinou.. que eles já faziam os balaios grandes, daí ela disse que às vezes até ia com ele no mato. Ia ela e as irmãs dela e ela disse que daí traziam aquele cipozinho mais fininho e ela disse que ela mesma inventava, ele dizia a quantia dos varãozinho que era pra colocar e como é que era feito e ela disse que ali começou foi a mãe que começou mesmo a fazer, mas por intermédio desse avô, desse padrasto.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Teve 4 filhos, 2 meninos e 2 meninas, ensinou a todos: Alguns vizinhos também aprenderam com eles. Complementação 2021: **(15'25")** A gente nem ensinava, eles aprendiam! (...) Todos eles aprenderam, tanto a minha mãe ensinou os filhos dela, quanto eu os meus. Não é ensinar... é que a gente ta vivendo junto e eles faz, né?

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Maria Quirino	Função:	Contato:
Nome: Manuel Onório (irmão)	Função:	Contato:
Nome:	Função:	Contato:
Nome:	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Não tinha época do ano, não tinham cuidado com a lua para colher.

Ali por julho e agosto começavam a fazer as coisas miúdas, bolsas, tapetes, conjuntos e outros para o verão.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Não tem trabalhado, parou no período do " plano real". A família trabalha hoje com plantação de maracujá.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Retirava as plantas do meio, limpava o butiazeiro tirando também as folhas secas. Deixavam o miolo e mais umas 4 ou 5 folhas em cima, as mais novas, que ele cresce ligeiro. " Mais bonito vem". Para colheita aquelas palhas enferrujadas, mais amareladas não servem.	Os homens que colhiam na sua família, que trançavam para eles comprarem pra fazer as bolsas.
Secagem	Bom no verão. Enquanto não pegar sol pode ficar uns dois o 3 dias na chuva, depois bota no sol. Depois isso, coloca todo dia no sol e retira de noite, e se pegar chuva preteia. No sol muito forte não dá pra secar porque torra.	
Estalagem	Tira o vinco grosso do meio da folha da palha, ficam duas palhinhas da folha.	
Umedecimento da palha	Usava pano úmido, não é preciso molhar em tempo de chuva. Quando fica muito seca coloca um pano úmido e ela vai amolecendo (depois de estalar, vai botando e vai dobrando).	
Trança	De 17 palhas era boa para fazer tapete, bolsas. De 13 palhas para fazer chapéu.	
Costura para o chapéu	Usava forma de timbaúva, costura o fundo, prega as taxas e vai costurando. " tem que fazer o ponto crescente para abrir a volta, para dar o redondo da aba." Usava agulha feita de arame pelo pai. Costura com a agulha e esconde o fio. Tem que fazer o ponto crescente na aba (pega duas ou 3 palhas) pra arredondar. Agulha era feita de arame (a mesma	

	usada para costurar os sacos de maracujá). Antigamente era costurado com embira, porque não tinha fio de algodão.	
Costura para bolsa	Comprou máquina industrial para costurar as bolsas. Para as bolsas, comprava a trança de palha pronta. Depois pintavam as bolsas de colorido e dava até briga pra ver quem ia comprar.	A filha ajudava a costurar, faziam até 150 bolsas por dia.

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não.

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Tinha muito. Eles tiravam dos vizinhos que cediam a palha sem problema. No arredor de Curralinhos: pegavam das propriedades dos vizinhos, pediam licença e todo mundo deixava. “Nossa terra é barro e o butiazeiro ele dá mais na areia.”

Ferramentas de trabalho:

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão para cortar a palha, faquinha para a estalagem e amaciar, fio feito das “ estufas de fumo”, agulha. Não usavam bota: “pé no chão ou tênis”.	Passavam trabalho pra carregar os feixes pesados. E ainda era de carroça, “depois nós compramos um jipe”.
Forma de madeira – timbaúva	

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Não.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: 3 1//2 braças correspondem a um chapéu. Na família eles " trançavam tudo e depois tirava para costurar."
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Mercados próximos. Mercado Bauer na cabeceira da ponte. Depois surgiu o Roni, em Curralinhos. Trocavam no Arraial em Santa Catarina. Seu Otacílio, comprador de Tramandaí. Menciona a troca direta pela mercadoria no armazém no arraial, em SC, perto da ponte. O chapéu do butiá (os mais grosseiros) fazia pra trocar no mercado do Bauer, que revendia para o caminhão. Conta que os depósitos eram cheinhos de chapéu e que o dono do armazém disse que usavam pra fazer papel.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Principal fonte de renda (x) complemento ( ) não é fonte de renda ( ) Foi a principal fonte de renda para a família de origem e para a família atual. "Naquele tempo se vivia muito bem com o artesanato". Todos ajudavam a mãe no artesanato e se revezavam nas tarefas domésticas. "Tivemos uma vida muito boa". De dia trabalhava pra pagar as coisas da casa e, quando mocinha, faziam serão até uma hora ou duas da madrugada, "pra comprar roupa pra nós e pra vestir o resto da família, porque era muito bem vendida as nossas coisas". Depois de casada, decidiu trabalhar com o cipó, avisou o marido, que aprendeu com o pai dela a tirar a palha pra ela e "foi o maior dinheiro que ele já viu na vida dele, e eu também". Os compradores da mãe começaram a comprar dela. O marido desistiu da roça e ficaram trabalhando com o artesanato. Complementação 2021: **(02'48)** Nós tinha uma vida muito boa... muito pobre, pobre mesmo que a gente era, mas a gente nunca passou fome. A gente tinha casa porque a gente tinha aquilo ali que a gente fazia e vendia, né? E tinha pessoa que não tinha nada o que fazer pra vender, era só roça. E nós não, o pai e os meus irmãos no tempo da lavoura eles faziam lavoura e nós ficava em casa com a mãe trabalhando no artesanato. Quando chegava no inverno, daí tudo mundo trabalhava. Quando não tinha lavoura daí todo mundo trabalhava no artesanato. Era artesanato de palha, era de cipó, era de... a palha tinha duas qualidades era taboa e o butiá... taquara. **03'30")** Os que ficavam em casa, a mãe já dizia, ela se levantava e arrumava os cabelos, tomava o café, já sentava no serviço dela e já dizia: óh, quem é que vai pra cozinha? Era quatro filha, tudo se paremo moça num tempo só, era só um ano de diferença da outra, então uma já ficava na cozinha, às vezes a outra já ia

lavar a roupa e o resto já ia sentava junto com ela. Já se sentava, desde pequenininho e ela sempre deu mamá pros filhos. Então ela já deixava os filhos ali do lado, e ela trabalhou muito... trabalhadeira que sempre foi. Então ali dava aquele mamá ou então quando pra mudar... oh vocês vão mudar, oh, fulano tem que mudar... Olha nós desde ali, dez, onze anos nós era umas mulher pra fazer qualquer coisa, fazer pão, ir no forno, qualquer coisa nós fazia. Se criemo tudo em casa, tudo mesmo! Só saía quando casava, saía, casava, saía e nunca trabalhemo de empregada. E tivemo uma vida muito boa de comida, de... as casinhas eram muito ruim, mas de alimento, meu pai era caçador, era pescador, e a gente plantava, e trabalhava... e de dia ainda era assim, de dia nós trabalhava pro monte da casa pra vender pra pagar os alimentos, e a gente até comprava fiado no mercado. E depois quando nós paremo mocinha, daí então nós fazia serão ás vezes até uma hora, duas hora da madrugada, nós ficava trabalhando pra comprar. Dava que comprava roupa pra nós e comecemo a vestir todo o resto da família. (...) chapéu, era cestinho, empalhava vidrinho... chapéu de Imbé, peneira...

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? O padrasto da mãe era de origem indígena. Quando questionada se achava que tinha origem indígena do artesanato com palha, respondeu: "- Ah, tem! " A mãe disse que foi ele que ensinou a ela. As origens do artesanato são indígenas, porque tem índio até hoje que trabalha e vive disso.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[13] Sim, diz que tinha um povoadinho que faziam esteira de junco. Não conhece outro povoado que faça esse artesanato, só a esteira de junco.
Existem histórias associadas à atividade? Conta que na sua rotina, todos levantavam de manhã e iam para o colégio, estudaram até 5º série. Quando não tinham lavoura, todos trabalhavam no artesanato. Fazia serão quando mocinha. Contou ao final da entrevista que a Dona Calmira, quando ficou doente estava muito nervosa e brigava com as filhas e netos que cuidavam dela, então teve a ideia de dar umas tiras de pano para ela manter as mãos ocupadas e que isso deixou-a mais tranquila: "Enrolava as tiras de pano. Precisava ficar enrolando, aí se acalmou, não teve mais a "tremura" (nas mãos). Foi um remédio!" Ela e o marido se dedicaram ao artesanato durante anos. Montaram barraquinha em Torres. Resolveram ir pra SC, Arroio do Silva, pra vender o artesanato porque disseram que lá tinha muito veranista e ninguém que vendesse coisas. Foram de ônibus até Araranguá e de lá, 12 km a pé até a praia. Ganharam um pedaço de terra pra fazer a tendinha e vender nos verões. No inverno produzia e no verão vendia. Tudo que faziam vendia, nunca sobrou uma peça. Ficaram 18 anos lá vendendo. Conseguiram comprar terreno, construir casa na avenida principal, tudo com o dinheiro do artesanato. Compravam também esteira de um baiano pra revender. Quando os sogros estavam envelhecendo, eles desistiram de vender em Arroio do Silva (e também pela chegada de artesanato da Bahia) e compraram um carro e passaram a vender artesanato nas praias. O marido saía de carro e nem ia muito longe porque vendia tudo e ainda voltava com um papelzinho

[13] Descrição dos sítios onde se expandiu

cheio de encomendas. “Quando mais serviço eu tinha, mais eu queria. Eu nunca fui gananciosa por dinheiro, mas por serviço sim.” “Com o artesanato se vive muito bem, é só querer trabalhar.”.

Depois de uns 3 anos do real já não tava mais dando lucro porque começaram a chegar muitos produtos da China, “bolsas mais bonitas que as nossas, e muito barato”. Aí resolveram voltar pra lavoura, que vem rendendo até hoje.

Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

Acha que o artesanato de modo geral está mais forte agora. “Começam a vender de novo.”

Acha que agora começa a vender de novo, porque Torres já tem artesanato de vime, alguma bolsa e algumas outras coisas. Ela ainda tem vontade de fazer e acha que se colocasse nas lojas ainda vendia. O que ela mais gostava era de fazer com imbé. Se propõe a ensinar as outras. Eu tenho cisma que vai voltar o artesanato.

( ) permanente/ininterrupto ( ) já foi mais forte (x) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS

Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?

Econômico: sim. “ Se vivia muito bem com o artesanato.” “ rendia mais fazer as bolsas, o chapéu de butiá ia para o mercado.”

Social: sim

Religioso:

Cultural:

Outros (lúdico, etc.):

Não conhecia o jogo do nó. Para a família o artesanato era trabalho.

Sobre o significado terapêutico do artesanato:

Conta que a mãe Dona Calmira, quando estava muito idosa, ficava nervosa e brigava com os filhos, só se acalmava quando tinha como ocupar as mãos trançando.

Complementação 2021:

(00’33”) ... ela não conseguia ficar sem fazer nada... daí ela vivia enrolando a roupa... pra ela, ela tava trabalhando. A gente trouxe palha não deu, as mão dela não deu mais, trouxemo palha de todo jeito não deu, até que um dia a minha filha disse: mãe, mas eu vou trazer lá da Deti uma sacola de tira. Nossa senhora! Ela até não queria dormir... mas também acalmou, nem aquela tremura não teve mais...

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? não Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças. Ela inventou um cesto de botar neném de trança de butiá e um cipó. Começou a fazer joguinho de bandejinha porque os hotéis pediam muito. Moldura de espelho ela também fazia
O que se manteve inalterado? Sim, tudo.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
(x) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento Para ela o artesanato não decaiu.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? A matéria-prima se encontra na natureza. Fala: “nós gostemo de ficar no mato.”
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Em terras mais secas. Diz que não retiravam das próprias terras, por que eram “barro” e o butiá dá na parte seca.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Afirma que a principal causa de decréscimo foi a concorrência com o artesanato de fora, primeiro com o artesanato que vinha da Bahia e depois a concorrência da China.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não. “ uma vez era pra sair, mas nunca fizeram.” Gostaria de participar de cooperativa, EMATER tentou fazer uma de imbé, mas nunca saiu.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? “A gente ia. A mãe ia, muitas vezes em Capão da Canoa, Tramandaí. Deu aula no Rio Verde, Pirataba, Areia Grande, Morro Azul.” Era convidada pelas prefeituras desses lugares.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Comenta que a Emater uma vez a procurou para fazer leques de embira.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica

Entrevista em 2015

Entrevista em 2021

Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=brhxNw5R9Rw
Materiais impressos e outros registros localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Complementações de informações em campos não constantes nas fichas, a partir dos áudios:
Estudou até a 5ª série, que conta “era o que dava pra ser professor ou professora”. Artesanato de palha de taboa e butiá, cipó, taquara. Todos ajudavam a mãe no artesanato e se revezavam nas tarefas domésticas. Menciona a troca direta pela mercadoria no armazém no arraial, em SC, perto da ponte. “Naquele tempo se vivia muito bem com o artesanato.” Quando casou ela decidiu trabalhar com o cipó, avisou o marido, que aprendeu com o pai dela a tirar a palha e “foi o maior dinheiro que ele já viu na vida dele, e eu também. Fiz umas fruteiras de pé, fiz umas 70 e poucas peças.” Os compradores da mãe começaram a comprar dela. Seu Otacílio, o comprador de Tramandaí era quem comprava. O marido desistiu da roça e ficaram trabalhando com o artesanato, montaram uma “barraquinha em Torres”. Resolveram ir pra SC, Arroio do

Silva, para vender o artesanato "porque disseram que lá tinha muito veranista e ninguém que vendesse coisas". Foram de ônibus até Araranguá e de lá, 12 km a pé até a praia. "Ganhamos um pedaço de terra pra fazer a tenda e vender nos verões. No inverno produzia e no verão vendia." Conta que tudo que faziam vendia, nunca sobrou uma peça. Ficaram 18 anos lá vendendo. Conseguiram comprar um terreno, construir casa na avenida principal, "tudo com o dinheiro do artesanato". Compravam também esteiras de um "baiano" pra revender. Quando os sogros estavam envelhecendo, eles desistiram de vender em Arroio do Silva (e também pela chegada de artesanato da Bahia), compraram um carro e passaram a vender artesanato nas praias. As filhas faziam junto. Os 4 filhos se criavam em casa e todos aprenderam. Começou a fazer jogo americano porque os hotéis pediam muito, moldura de espelhos e outras peças. "Quando mais serviço eu tinha, mais eu queria. Eu nunca fui gananciosa por dinheiro, mas por serviço sim. Com o artesanato se vive muito bem, é só querer trabalhar."

Ela fazia todas as etapas, e tudo em casa. "O marido até fez um galpão grande pros materiais dele." Indicou a Maria Quirino. Dos irmãos, só ela seguiu fazendo, e o irmão, Manuel Honório da Rosa, hoje falecido. Conta que inventou "um cesto de botar neném" de trança de butiá e um cipó. Trabalhou uns 3 anos fazendo os cestos, o que ajudou na construção da casa. Uma irmã no MT trabalhou bastante no artesanato por lá. Mariquinha trabalhou até a troca do real, comprou máquina industrial para costurar as bolsas. A filha ajudava a costurar, faziam até 150 bolsas por dia. Para as bolsas, compravam a trança de palha pronta. "Pintava as bolsas de colorido e dava até briga pra ver quem ia comprar as bolsas. Depois de uns 3 anos, depois do real, já não tava mais dando lucro porque começaram a chegar muitos produtos da China, bolsas mais bonitas que as nossas, e muito barato. Aí resolvemo voltar pra lavoura, que vem rendendo até hoje". O chapéu (do imbé) fazia só sob encomenda porque demorava muito, tinha que ser "mais fininho", e preferiam fazer as coisas mais "grosseiras". Faziam 3 chapéus no mesmo tempo do que umas 15 ou 20 bolsas. O do butiá fazia pra trocar no mercado. Conta que os depósitos "eram cheinhos de chapéu" e que o dono do armazém disse que usavam pra fazer papel.

Sobre a colheita ela diz que pode ser feita durante o ano inteiro. "Enquanto não pegar sol pode ficar uns dois ou 3 dias na chuva, depois bota no sol". Depois isso, coloca todo dia no sol e retira de noite, e se pegar chuva "preteia". Para a estalagem, explica: "tira o biquinho grosso no meio, ficam duas palhinhas da folha". Trabalhavam também com taboa e com piri. Parou de trabalhar dois anos depois do real. (o plano econômico do real). Depois, conta, ainda fez esteira pra forração dos quiosques, de junco. Para colheita, "aquelas palhas enferrujadas, mais amareladas não servem". Só tira as do "miolo". Cortar as folhas mais velhas ajuda a "limpar". Na parte de cima da planta, ela deixa o "miolo" e mais umas 4 ou 5 palhas. "Ele cresce ligeiro. Quanto mais tira, mais vem".

"No sol muito forte não dá pra secar porque torra. A gente coloca no sol e recolhe de noite. Quando fica muito seca, coloca um pano úmido e ela vai amolecendo, depois de estalar, vai botando e vai dobrando. Depois costura com a agulha e esconde o fio. Tem que fazer o ponto crescente na aba, pega duas ou três palhas, pra arredondar". Agulha era feita de arame (a mesma usada para costurar os sacos de maracujá). Os homens faziam a colheita, inclusive para outras pessoas, que faziam somente a trança para serem usadas nas bolsas. Nos arredores de Curralinhos, pegavam das propriedades dos vizinhos, "Pediam licença e todo mundo deixava. Nossa terra é barro e o butiazeiro ele dá mais na areia." Diz que passavam muito trabalho para carregar os feixes pesados. Não usavam bota: "pé no chão ou tênis". "E ainda era de carroça, depois nós compramos um jipe. O imbé tirava na sanga danta." Ferramentas: facão pra cortar, faquinha pra estalar e amaciar, fio das estufas de fumo, agulha. Não sabe de nenhum ritual. Não conhecia o joguinho do nó.

São 3,5 braças por chapéu. Os mais grosseiros vendiam pros mercados (Bauer) que revendia para o caminhão. Antigamente era costurado com o fio de embira, porque não tinham o fio de algodão. Ela acha

que agora começaria a vender de novo, porque Torres já tem artesanato de “vime” e de outras fibras. O chapéu sempre foi feito do mesmo jeito, nunca mudou. Ela ainda tem vontade de fazer e acha que se colocasse nas lojas venderia. Gostaria de participar de alguma cooperativa. A mãe deu aulas de artesanato no Rio Verde, Pirataba, Areia Grande, Morro Azul, pelas prefeituras e participou de feiras no litoral. Se propõe a ensinar as outras pessoas.” Eu tenho cisma que vai voltar o artesanato.”

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.14 Entrevista 14 - Bautia Martins da Silva

Identificação do questionário	
Data: 24/10/2015	**Nº do questionário:** 14
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Itapeva Norte	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0620429 6749736

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Bautia Martins da Silva		Data de nascimento/ fundação	19/08/1941
Ocupação: Dona de casa e artesã. Foi camareira de Hotel.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Estrada Geral do Camping Itapeva, 984	Telefone: 82244971	E-mail:	
Local de nascimento: Itapeva – Torres	Desde quando mora na localidade: Desde que nasceu.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Só o chapéu.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Sozinha. Às vezes compra a trança de outras artesãs. Faz pouco que ela começou a comprar. Gosta mais de trançar do que costurar, mas dá mais trabalho.
Onde executa a atividade? Na casa. Na sala, na cozinha, dentro de casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Ela conta que era um costume desde menina, “a gente se criou fazendo isso”. Desde os 10 anos, aprendeu com o pai, Manuel Lúcio Martins, e a mãe, Manuela dos Santos Martins. Lembra principalmente do pai como a pessoa que lhe ensinou.” Ele trançava, assim como a mãe”. “Aprendi com o pai, meu pai que ensinou”. Suas avós também trançavam, a Avó Afra dos Santos, por parte de mãe e a bisavó Clarinda que além de trançar e fazia fio, fiava. Complementação 2021: Com ela, eram 12 irmãos. 6 homens e 6 mulheres. As mulheres todas sabem fazer. Na entrevista ela comenta que: “Não tinha família que os homens não trançassem”, mas que na família dela, embora o pai trançasse, os filhos homens não faziam essa parte do serviço. “Eram só as irmãs, os homem não. Irmãos eram entre 12, mas só as mulher que trançavam. O pai trançava, ele ajudava a mãe. Os guri não, os guri eram pescar, trabalhar na roça. Não sei se porque eles eram homem.” Quanto aos filhos, nenhum se interessou. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa, trabalhavam na roça. Quando terminava a tarefa, sentava a trançar com a mãe. Era a filha mais velha, das mulheres. Para trançar eram só elas, a família era muito unida. A rotina era ajudar a mãe a trançar e ajudar o pai com os animais. O artesanato fazia durante todo o dia, as mulheres da família, mas o pai também ajudava. Complementação 2021: **(04’39”)** Nossa rotina era trançar e ajudar nossa mãe, né? E cuidar dos terneiros, prender, cuidar, tratar... porque no outro dia meu pai de madrugada levantava pra tirar o leite pra ir vender em Torres.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Teve cinco filhos, mas não ensinou a nenhum. Eles acharam melhor trabalhar fora.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Seu João Maria	Função:	Contato: casa amarela na estrada, próxima a entrada do Parque, perto dos eucaliptos, um pouco antes do pardal da estrada do mar.
Nome: Dona Angelina (D. Anjinha), mãe da Geli, Geni, Gelica.	Função:	Contato:
Nome: Dona Áurea,	Função: não sabe costurar, de quem ela compra as tranças.	Contato: casa verde no canto, próxima à dela.
Nome: Neuza (irmã)	Função: só trança, não gosta de costurar. De quem compra a trança.	Contato: no Faxinal, perto da Dona Angelina, casa na curva.

Nome: Eny	Função: Recolhia os chapéus todos e vendia pro caminhão.	Mora no São Brás, uma casa com dois pastores alemães.
Nome: Lídia	Função: recolhe chapéus e vende pro caminhão.	Mora no São Brás.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): O ano inteiro, pode colher com tempo úmido, mas não é bom para secar. "Adoro trançar, principalmente dia de chuva que elas tão bem macias." Pra colheita: o ano todo, qualquer tempo. Secagem: tempo bom, não pode em tempo úmido. Se demorar muito estraga, fica preta. Ela nunca cuidou a lua, mas a mãe cuidava pra tirar na minguante.		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Parou durante um período por que não tinha quem comprasse, mas a partir do ano passado surgiu novamente um comprado e voltou a produzir. Em julho vendeu 30 dúzias e em agosto mais 20 dúzias de chapéus. Hoje em dia segue trançando, termina o serviço e trança.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Tira as folhas mais de baixo e deixa 4 palhas e uma abrindo, "pra não estragar o butiazeiro, porque o butiazeiro não pode tirar tudo". Faz um feixe grande e carrega nas costas. Em qualquer pé, só tem que escolher a palha dos brotos bem bonitos, tem que tirar palha fina, do broto fino e broto mais grosso. Quando colhe tá bem verde, depois coloca na sombra pra murchar e depois secagem.	Pode fazer sozinha, mas hoje o filho ajuda. Usa bota ou tênis, não usa luva.
Secagem	Abrir o feixe da palha, uma ao lado da outra para secar. Recolher no final do dia. Em 4 dias está pronto (se tiver bem murchinha). Bom com o vento Minuano. Faz o processo até ficar branquinha. Antes de ir para o sol a palha fica na sombra para murchar.	

	“Tem que abrir o feixe o colocar tudo emparelhadinho no sol, quanto mais pertinho fica, melhor pra secar”.	
Estalagem	Tirar o talo do broto. Estala com faca ou canivete, não pode ser muito afiado. Passa a faca para amaciar. Tirar do broto, limpar bem limpinha. “Depois pega o broto e vai puxando” (tira do broto pra começar a estalar). A Estalagem: é com a faquinha, tem que ter pontinha pra tirar o talo e tem que deixar bem macia.	
Amaciamento da palha	Para deixar mais macia, enrola no pano úmido, ou deixa no sereno um pouco, fica mais fácil para tecer. Quando pra trançar ta muito dura, tem que enrolar em um pano úmido.	
Trança	Tem de 13, 15, 17 e 21. Chapéu é de 13, se não fica ruim para costurar. O chapéu usa trança de 13, que é a melhor pra costurar.	
Despicagem	Tirar as pontas que sobram da trança. “Tem que despicar bem despicadinho, que é tirar as pontinhas.”	
Costura	Usa forma de Timbaúva. Fio de algodão agulha de varão de sombrinha. Depois que a parte de cima do chapéu está pronta, prega na forma, usa o ponto crescente para fazer a curva, é pegar 2 palhas juntas de cada vez, isso é feito conforme a necessidade da curva. Prega na forma depois e costura. Pra ficar bem abertinho tem ponto crescente, senão não fica. Alguns clientes querem tudo fechadinho, outros pode cortar a trança. Agora eles compram qualquer chapéu, mas antigamente escolhiam os melhores, e pagavam mais daí (os mais branquinhos e mais bem costurados). O fio fica escondido. Diz que vai pra um processo, uma máquina.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.	
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: As palhas boas, antigamente eram para a clina. Tira no terreno da sogra do filho, porque ele ajuda a tirar a palha e a carregar pra ela. Houve época em que compravam a palha para trançar, em Capão da Farinha.	
Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Fio de algodão, Facão pra colheita, agulha de varão de sombrinha (ou de fio de cobre, antigamente), tesoura para despicagem e canivete ou faquinha (pouco afiado para amaciar e estalar). Fôrma de timbaúva. Fio que sobra do fumo. Tesoura pra cortar.	
Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)? Não.	
Existem outros bens e práticas associados à atividade? Não, não tem nenhuma preparação nem ritos associados, músicas, danças.	
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Jogos e brincadeiras e a função terapêutica: “É uma terapia. Minhas mãos começaram a ficar torta, aí melhorou, trançando.” “o pai contava causos para nós enquanto trançavam.” Complementação 2021:	

(49'17") Ah, tinha que fazer o tal de cotejo. Era amarrar um nozinho na trança pra ver quem é que trançava mais, mais ligeiro. Depois quando terminava um molho de palha aí ia medir pra ver quem é que tinha trançado mais.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

Para a última encomenda fez 4 chapéus por dia, depende do tempo que tem disponível entre outras necessidades da casa.

Em julho levou 30 dúzias pro caminhão, agora tem mais 20. Agora pagam 20,00 a dúzia, o comprador vem de SC.

Hoje ela demora pra costurar, costura 4 por dia, talvez 2.

Já foi mais forte. Ela parou porque pararam de comprar, mas agora voltou, "eu acho que o pessoal vai começar tudo a trançar de novo".

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Continua fazendo chapéu. Ela levava pra casa da Lídia, mas agora o caminhão pega direto na sua casa porque ela não tinha como levar lá. Vende para uma pessoa que manda para fora do Estado. Acha que colocam numa fôrma térmica para revenda. Mas nunca soube para onde levavam o chapéu. O Sr. que está comprando seus chapéus mais recentemente vem de Santa Catarina, não sabe para onde leva. Antigamente, diziam que iam para o Nordeste.

Não sabe o que fazem com o chapéu, mas uma senhora disse que uma vez trouxeram pra ela e mostraram e fica "outro chapéu", colocam numa fôrma e muda muito. Pediam que não costurasse com o fio do saco de milho porque desmancha na forma quente.

No infância, lembra dos portos.

Complementação 2021:

(39'00") Ficava longe daqui pra nós levar. Tinha um porto ali, que meu pai trabalhava, carregava os frete.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda (x) complemento ( ) não é fonte de renda ( )

No tempo da infância era usado para troca por roupas e comida nos armazéns. Tinha o armazém do Seu Euclides antes de descer para a Lagoa, onde hoje mora o Sr. Raul, no meio do São Brás. Hoje faz por que gosta e por que ajuda, como por exemplo para a compra dos remédios. Estão pagando R$ 20,00 a dúzia. O chapéu ajuda no orçamento doméstico.

Era uma fonte de renda, compravam comida e roupa naquela época, sistema de trocas. Hoje em dia, faz porque gosta, mas ajuda no sustento, compra os remédios, já pagou até conta. "Eles devem vender muito bem...".

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA

De onde surgiu e há quanto tempo?

Não sabe.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[14] Por aqui todos faziam. Complementação 2021: **(45'10")** Todas família aqui desse lugar, aonde eu conheço por aqui. Era a Praia da Cal ali ...Tem a Praia da Cai ainda, né? Então ali onde é a Guarita, ali era cheinha de casa de morador. Elas vinham comprar palha aqui na Itapeva pra elas trançar. **(20'21")** Aonde tinha engenho era lá nas Águas Claras, era só lá que tinha. Só tinha um. Eu conheci um, né?
Existem histórias associadas à atividade? . Fazia cestas quando era menina, para as meninas do colégio.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Teve um tempo que parou, o pessoal não comprou mais. Está novamente vendendo. ( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras: Acha que começou de novo.

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Sim Complementação 2021: **(37'24")** Era como nós ajudava a comprar comida e era pra nós se vestir. Ali fora tinha um armazém. Social: Os vizinhos se juntavam para fazer serão. Complementação 2021: **(48'39")** Se juntava assim os que eram vizinho mais perto, se juntava de noite pra fazer serão, como a gente chamava. Mas assim, de gurias, né? De moças... Religioso: Não Cultural:

[14] Descrição dos sítios onde se expandiu

Outros (lúdico, etc.): Aos 13, 14 anos, faziam o Cotejo – Jogo do nó. Amarravam um nozinho na trança para ver quem trançava mais rápido. Quando trançavam em família "o pai trançava junto e contava causos pra nós". "Tinha o tal de Cotejo, amarrar um nó na trança pra ver quem trançava mais rápido"

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Modos de fazer (X) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos (x)
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Uma vez mudou, teve tempo que pediram o chapéu com 2 voltas e até com 4 voltas. Chapéu feito com palha bem fininha tem até 8 braças, fica um chapéu bem fechado, sempre fizeram para usar na roça. A costura mudou, uma época mudou pra 4 voltas, outra vez de 2 voltas (pequeninho) mas agora é de 3 voltas (mas são os mesmos compradores). O chapéu da trança fina era pros homens irem pra roça, "chapéu fino", ela fez muito antigamente. Daí eram 8 braças e meia por chapéu, com trança de 13 palhas, mas palha menor (meia palha). "Ficava muito bonito."
O que se manteve inalterado? "Foi sempre o mesmo jeito de trançar". A trança. Um chapéu bem feito é com a palha bem branquinha, bem costurado a trança deve ser feita de modo a esconder o fio.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento. Não sabe responder, não sabe como está. "Não tá em esquecimento."
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Cuidado para poder ter. Se tirar muita palha o butiá enfraquece. A mãe tirava na lua minguante. "A palha quanto mais tira, mais ela vai crescendo". Precisa ter cuidado com a natureza pra poder ter. Porque se tirar muita, ele enfraquece. O pai tinha o trabalho de replantar o butiazeiro se precisava tirar pra botar roça. Se vem com máquina estraga tudo.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: O butiá tem que ficar no sol, se não a palha fica enrolada. Se dá bem em qualquer lugar mais seco. O ambiente: "Qualquer lugar se dá bem, mas mais seco. Se tira palha da sombra não presta pra trançar, fica toda enrolada. Butiá no sol é melhor. Quanto mais no limpo, mais melhor pra dar. "
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.):

O gado. Um bicho cascudo que rói a palha. Aqui tem muita palha. Esses dias um senhor me chamou e disse que ia cercar e soltar o gado, então chamou ela pra tirar a palha antes porque ia destruir, mas ela não foi. O gado rói a palha. Tem um cascudo que também estraga muito a palha e fica ruim pra trançar.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não Não tem incentivo nem feira, só o Clube de Mães.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Não

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   Entrevista em 2015   Entrevista em 2022
Fonográfica
Audiovisual: Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=4hzgJME_k2Q
Materiais impressos e outros registros localizados durante a entrevista:

Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.15 Entrevista 15 - Lídia Ramos de Oliveira

Identificação do questionário	
Data: 16/01/2016	**Nº do questionário:**15
Entrevistador: Patrícia Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : divisa entre Campo Bonito e São Brás	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0616079 6754722

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Lídia Ramos de Oliveira		Data de nascimento/ fundação	03/02/1954
Ocupação: artesanato, lida do campo e da casa.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Rua Oliveira, 8070.	Telefone: 97-96-5116	E-mail:	
Local de nascimento: Santa Catarina, Município Jacinto Machado.	Desde quando mora na localidade: há 50 anos, mora desde os 10 anos em Torres.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Trança e o chapéu. Ela trança a de 13 palhas para o chapéu. Tem vontade de aprender as outras tranças.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Sabe todo processo. Faz sozinha, para retirar a palha algum dos 3 filhos ajuda.
Onde executa a atividade? Na casa. Não tem local específico, faz dentro de casa mas guarda no galpão porque é bastante coisa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com o padrasto, Alcino Juvêncio da Silva. A mãe, Maria, e os irmãos, a irmã Rosa e o irmão também aprenderam com o padrasto, mas depois de muito tempo. Complementação 2021: **(05'05")** (...) daí meu padrasto me ensinou, daí eu aprendia costurar chapéu, meio trancos e barrancos, né? **(40'50")** Eu sozinha, trançava sozinha... a mãe foi aprender depois quando eu casei. (...) meu padrasto não deixava sair de casa, daí tinha que fazer sozinha em casa. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa, na família.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Ensinou para os 3 filhos homens, mas nenhum deles seguiu fazendo.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Eny Teresinha Monteiro(sobrinha da Malvina)	Função:	Contato: 96-982026 – antes da lateral, uma das 3 casas.
Nome: Bautia	Função:	Contato: casa próxima ao Parque de Itapeva
Nome Rejane (trabalha como diarista e faz como outra ocupação)	Função:	Contato: Rua do Brasão – São Brás
Nome: Marta (geração mais nova, assim como a Rejane)	Função:	Contato: mora em São .Brás.
Nome: Luiza Dias (parou de trabalhar)	Função:	Contato: em frente ao restaurante, na faixa, próximo da casa dela cerca de uma parada.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Faz a atividade durante todo o ano, nas horas vagas.
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Nos últimos dez anos diminuiu a produção, mas não tanto. Do ano passado pra cá voltou a ter procura, um rapaz de SC que apareceu pra comprar.

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função

Colheita	Tira 3 ou 4 folhas (se o butiazeiro está bem carregado tira 4). Do meio pra cima, que são as palhas mais novas, que são melhores de trançar, fica mais macia e mais clarinha.	Vai algum ajudante, geralmente um dos filhos. Usa facão e botas, por causa das cobras.
Murchar	Depois vai pra casa, deixa 2 ou 3 dias no galpão pra murchar, fica verde mas murcha.	
Secagem	Vai pro sol pra secar e clarear. Se não chover, nuns 4 ou 5 dias, seca tudo. Recolhe de tardezinha e de manhã espera o sereno secar pra colocar de novo.	
Despencar do talo	Depois de pronta, despenca e guarda tudo numa caixa com tampa pra ir tirando aos poucos pra trançar.	
Umedecer	Esse processo depende da condição da palha. Se estiver muito seca na hora de fazer a trança, enrola-se em um pano molhado por volta de 30 minutos (água fria) depois tira-se o pano e a palha está macia para ser trançada.	
Destalagem	Tirar o talo do meio. Usa uma faquinha que amacia a palha enquanto vai tirando o talo.	
Trança	Faz a trança de 13 palhas para chapéu que é vendido a dúzias.	
Costura	Usa agulha industrial de costurar saco e o fio dos sacos de fumo, forma (acha que é de timbaúva). Prende na forma com tachinhas e vai botando o crescente. Bota 2 palhas, depois bota 1, depois mais 2. Assim na primeira volta, depois vai controlando para fazer as voltas.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: Retira na vizinha da frente, a Luiza Dias que antes trançava, mas parou. Mora perto do Guilherme Raupp, na outra parada de ônibus. Tem cerca de 82, 83 anos.		

A vizinha Luísa deu as palhas porque tem butiazeiro mas não trança mais.	
Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão, forma e agulha de costurar saco, botas, porque tem medo das cobras, faquinha para estalar.	
Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)? Não.	
Existem outros bens e práticas associados à atividade?	
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Não. Ela sempre trançou sozinha. A irmã aprendeu depois.	

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Pode fazer até 12 chapéus em uma tarde, se não levantar para nada. Em uma hora faz trança para 1 chapéu. 1 chapéu corresponde a umas 3 braças. Diz que quando pega de 300 a 400 brotos tem palha para 4 a 5 meses, “ se sentar valendo”. Costuma buscar a palha de trator. Costura meia dúzia de chapéus em uma tarde. 1 chapéu é 3 braças de trança.
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) O Sr. Pingo busca quando tiver umas 50 dúzias de chapéus, então ela junta a produção das vizinhas, a Malvina, Eracy, Rejane e Marta. Ele liga para avisar que precisa de chapéus, tem vindo mais de duas vezes por ano.

A mãe vendia no Mercado do Gilberto Porto. Trocava por comida. Depois que ela, Lídia, casou-se, trocava no São Brás, no Mercado do falecido Beto e na loja da Maria Herzog. A troca dos chapéus servia para comprar roupas para os guris.

Depois que os mercados pararam de comprar, apareceu o comprador da Serra e mais tarde, quando esse comprador ficou doente, o Pingo, de Santa Catarina passou a buscar os chapéus com ela e outra artesã que reuniam a produção da vizinhança. Acha que o Pingo de Passo de Torres recolhe os chapéus para o comprador da Serra. "*Tem um gringo que vem buscar de Garibaldi que pega com o Pingo*". Daí eles reformam, "*fica a coisa mais linda o chapéu*". Uma vez ela vendeu uma dúzia do chapéu reformado, que ele trouxe pra ela, em troca. A troca foi 1 dúzia e meia pra ganhar 1 dúzia, que ela vendeu a 8 reais.

Quando ela era pequena, a mãe vendia no mercado (Gilberto Porto) e ela ganhava um dinheirinho.

Depois de casada, na loja da Maria e no mercado do São Brás, Mercadinho do Beto, e ela comprava roupas para as crianças. "Agora os mercados já não compram mais, agora só no dinheiro. Depois que os mercados pararam de comprar, apareceram as pessoas que vem da serra e compram." Segundo ela vende 29, 20, 15 dúzias, dependendo de quantas faz.

Esta atividade é importante para a renda de sua família? O marido trabalhava na roça.

Complementação 2021:

(44'26") Pra mim era, por que daí ele (o marido) trabalhava, ganhava pouco, o que eu fazia ajudava, né? ele trabalhava na roça, né, depois começou a trabalhar fora, né? Sempre trabalhei com chapéu, ou muito ou pouco sempre fazia... quando ele trabalhava fora eu assumia tudo na roça.

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

Ajudava. É importante por que é um dinheiro extra na família.

"Me ajudou muita coisa, pra comprar material pras crianças e o uniforme".

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe dizer.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[15] Aprendeu aqui, não em Santa Catarina. O Pingo deve saber se tem produção por lá também. .
Existem histórias associadas à atividade? Não.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? "Melhorou bastante a valorização do artesanato, antes vendia a troco de nada e agora dá pra juntar dinheiro. Faziam muito quando criança mas o valor era baixinho: os dela ela vendia por 15 reais a dúzia, agora tá 21."

[15] Descrição dos sítios onde se expandiu

( ) permanente/ininterrupto ( ) já foi mais forte (x) está mais forte agora (x) sofre flutuações de intensidade ( ) outras: entre estar mais forte e sofrer flutuações.

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico:. Sim Social: sim. As cunhadas também faziam. Religioso: Cultural: Outros (lúdico, etc.):

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não. Uma vez tamanho da forma com papelão para fazer uma copa mais larga. Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças Aumento da forma com papelão para fazer a copa do chapéu mais larga..
O que se manteve inalterado? A trança.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento - São poucas as trançadeiras.
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? É a mesma coisa.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: É campo, macega, vassouras, o butiá tem que pegar sol. Ás vezes as plantas ficam mais juntas, às vezes mais separadas.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.):

Acha que tinha mais, mesmo nas terras dos índios, São Roque, o proprietário dava a palha. Acha que a expansão imobiliária prejudicou o ambiente. "As pessoas tiram o butiazeiro pra construir casa. Antigamente tinha bastante butiazeiro, agora já tá menos."
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Participa do Clube de Mães em São Brás, uma vez por mês. Não tem cooperativa.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não, mas é ela quem recolhe o chapéu das outras artesãs e faz a divisão do dinheiro entre as artesãs, porque recebiam um cheque só.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Muitas pessoas reconhecem e outras não. Seria importante a Emater, prefeitura reconhecerem.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   **Entrevista em 2015**
Fonográfica
Audiovisual: Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=Mxv_toTBrbE

Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.16 Entrevista 16 - Áurea de Melos Nunes

Identificação do questionário	
Data: 16/01/2016	**Nº do questionário:** 16
Entrevistador: Patrícia Bohrer	**Revisor:** Alexandre Krob

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : Itapeva	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum: 0620126 6749658

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Áurea de Melos Nunes		Data de nascimento/ fundação	03/09/1945
Ocupação: Dona de casa, o tempo que sobrava, trançava.		Gênero	Feminino x Masculino LGBT
Endereço: Estrada do Camping, 921	Telefone: da filha, Viviane- 96879354	E-mail:	
Local de nascimento: Torres	Desde quando mora na localidade: desde que nasceu.		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Só a trança, não sabe fazer o chapéu. A mãe costurava o chapéu. A trança dela é de 13 palhas.
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Para cortar a palha e trazê-la as filhas, ou a cunhada e o irmão ajudam, as outras etapas do processo, ela faz.
Onde executa a atividade? Na casa.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, Dona Donata, só as mulheres trançavam, ela e mais as 5 irmãs, tinha mais 4 irmãos. (Olga é irmã e a filha da Áurea é casada com o filho da Dona Bautia) Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa, na família. Trançava só de dia antigamente porque à noite só com vela e não enxergavam bem. Na família, não costumavam se reunir para trançar, "*cada um trançava pra si".* Complementação 2021: **(04'07")** Era mais era de dia, porque de noite quando não era aquelas pixirica, era à vela. Aí não clareava, né? Não valia a pena trançar, tinha que fazer só de dia.
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Teve 3 filhos, mas ninguém quis aprender, dá muito trabalho.

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:		
Nome: Marli (cunhada) não trança mais.	Função:	Contato: esposa do S. João, mora em Itapeva.
Nome: Carlota (cunhada) seu nome é Mariza, mas chamam de Carlota – não trança mais.	Função:	Contato: casa na Bela Vista, mais acima.
Nome: Olga (irmã)	Função:	Contato: mora em Torres (era muito trançadeira)
Nome: Geni (irmã)	Função:	Contato: . Tem loja na estrada, em Torres.
Nome:	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)
Periodicidade: (data e época em que ocorre): Todo ano. . "*Se quiser trançar inverno e verão dá pra trançar", "a palha na capoeira toda vida é boa*".
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Antes lavava roupa com a mãe. Depois que casou, trabalhou no camping. Passou a produzir desde que a Dona Bautia começou a fazer as encomendas de trança, recentemente. *(não sabe bem quanto tempo faz, mas disse "o ano passado")*

Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Usa a palha do broto que é mais larga. As palhas de cima, as mais novas, não são boas. Tira as que agrada e as outras ficam. (outro motivo para deixar as folhas mais	O cunhado ou o irmão ajudam.

	novas no pé). A palha muito fininha não presta. O miolo não tira porque aí mata o butiazeiro (e essas palhas muito novas não são boas pra trançar).	
Murchar	Fica uns 3 dias murchando na sombra.	
Secagem	Põe no sol para secar. Recolhe sempre à noite para não pegar sereno. Depende do dia, o verão é melhor para secar, 3 a 4 dias de bom sol, seca tudo.Com o tempo ruim a palha fica roxa, tem vezes que perde a palha toda se está chovendo.	
Despencar do broto do talo	Puxa com a mão.	
Destalagem	Tirar o talo. Usa uma faquinha de cozinha, junto corta o pezinho. Depois amarra numa corda para guardar, pode durar de um ano para o outro.	
Trança	Fazia de 15 palhas. Fica uma trança bem bonita. Agora faz de 13 para as encomendas da Bautia. A mãe fazia chapéu com palha de 15. Uns trançam mais apertado, outros mais frouxo. “Dia de chuva é melhor por que dá vontade de trançar, a palha fica bem macia”	
Umedecer	Umedece se precisa, então, é preciso trançar logo, se não a palha fica roxa. É bom umedecer só a quantidade que vai trançar na hora.	
Despicagem	A última etapa da trança é a despicagem, retirada das palhas que ficam saindo para fora da trança. Desenrola, despica e depois enrola novamente. “Dia de vento forte não dá nem pra despicar a palha, ela racha toda”	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: Retira nas terras do irmão, Adair. Tem nas próprias terras, mas prefere a palha do irmão. Fica para cá da Estrada do Mar.		

" Fica lá longe, lá na capoeira". Da última vez tirou do irmão porque ele fez um acerto de colocar o gado e ia perder as palhas, então chamou ela pra tirar as palhas. Além disso, disse que as palhas dele estão mais bonitas porque na terra dela às vezes entra gado também.	
Ferramentas de trabalho:	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário
Facão, faca de cozinha, pano úmido.	
Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)? Não	
Existem outros bens e práticas associados à atividade?	
Comidas e bebidas próprias: Instrumentos e objetos rituais: Trajes e adereços: Danças, músicas? Ritos e orações? Não. Trabalhava quando criança de dia por que à noite não tinha luz. Quando tinham tempo, trançavam e a mãe costurava o chapéu. Mais tarde trançava, à noite, junto com a novela.	

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade: Cada dois chapéus são 7 braças. Uma trança dá 12 chapéus. Vende por trança, uma trança pagavam R$ 7,00, hoje vende por R$ 12,00. Quando criança fazia 3 dúzias de chapéu e comprava 3 metros de fazenda para fazer vestido. A mãe e a irmã costuravam. Quando queria ir a uma festa pensava: *"tenho que fazer 3 dúzias de chapéu pra comprar tecido pro vestido".*
Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado) Hoje vende para a Dona Bautia. Mas a muito tempo fazia para a Dona Geni (casada com um primo que já faleceu). Ela também só costurava.
Esta atividade é importante para a renda de sua família? Só complemento, "*era pouca coisa, não é dizer que a gente vivia com aquele chapéu"* Trabalhava com a família na roça, vendia mandioca e "*comprava roupas com os chapeuzinhos que fazia*". Complementação 2021:

(06’32”) O pai trabalhava na roça, foi sempre na roça, vendendo mandioca. Já eu fui menos pra roça porque eu era mais nova, né? Mas a gente sempre lidou no pesado.

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe dizer. A origem da mãe era “ brasileira”.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[16] Não sabe informar.
Existem histórias associadas à atividade? Não.
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Não sabe dizer. ( ) permanente/ininterrupto ( ) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras: entre estar mais forte e sofrer flutuações.

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico:. Sim. “só para comprar roupa.” (05’24”) A mãe costurava o chapéu. Eu fazia três dúzias de chapéu, a mãe costurava, eu levava numa loja que era lá na beira da faixa, e aí eu comprava 3 metros de fazenda aí a minha irmã fazia um vestido pra mim bonito pra eu ir na festa nas Águas Claras. Social: Religioso: Cultural: Outros (lúdico, etc.): Conta que ela , uma amiga e a sobrinha trançavam em cima das laranjeiras. “ Faziam folia!” Complementação 2021: **(35’16”)** Eu tinha uma amiga, que até era gente ali da Bautia, era a...me esqueci o nome dela... me esqueci o nome da guria agora! ... eu me ajuntava com ela e com a minha sobrinha que também já faleceu, as duas

[16] Descrição dos sítios onde se expandiu

iam lá pra casa. E as duas com trança também, né? E nós ia pras laranjeira, e subia nas laranjeira, e uma pegava palha da outra e a trança. Nós ia lá pra cima da laranjeira comer laranja e trançar em cima da laranjeira e a trança ia caindo pra baixo. Aí a mãe dizia: Ah agora vai dar baixa a trança de vocês! Vocês subindo nas laranjeira!! A gente era rapariga nova, né? Nós ia pra lá pra cima com as trança pra trançar, mas nos comia laranja e não trançava. Nunca que a trança caía aqui cá em baixo.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não. . Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças:
O que se manteve inalterado? A trança.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro (x) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória ( ) Em esquecimento - Não soube responder. Não sabe quem está fazendo atualmente. “Mudou o preço, hoje em dia é mais valorizado e dá até pra viver disso se a pessoa trança e costura.”
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Não soube dizer.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: É capoeira.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Acha que tiraram muito para o plantio.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não conhece.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...)

Desconhece.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica Entrevista em 2015 Entrevista em 2022
Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=j673NicKVhU
Materiais impressos e outros registros localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES

FICHA TÉCNICA: Fotografia: Alexandre Krob Vídeos: Alexandre Krob Áudio: Patrícia Bohrer Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova Levantamento Bibliográfico: Elaboração: Patrícia Bohrer Revisão: Alexandre Krob

1.1.17 Entrevista 17 – Eni Teresinha Monteiro

Identificação do questionário	
Data: 27 de março de 2022	**Nº do questionário:**
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:**

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : São Braz	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum:

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Modo de fazer artesanato com a palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Eni Teresinha Monteiro		Data de nascimento/ fundação	12/09/1958
Ocupação: aposentada, artesã.		Gênero F	Feminino Masculino LGBT
Endereço: Estrada dos Cunha, 503 – São Braz	Telefone: +5551 996982026	E-mail:	
Local de nascimento: Torres – São Braz	Desde quando mora na localidade: desde “sempre”		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? A trança e o chapéu
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? No começo fazia todo o processo da retirada até a trança, mais tarde, adulta aprendeu a costurar chapéu.
Onde executa a atividade? Fazia junto com outros afazeres de trabalho, à noite.

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe, Dona Luíza Silveira Monteiro. Aprendeu a costurar com a tia Joaquina (irmã da Malvina). A avó Graciana Martins Silveira também trançava. O pai Miguel não trançava. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa na família. Ela é filha única. As irmãs do pai faziam chapéu: As tias, Joaquina (Quina) , Malvina, Maria, Teresinha, Matilde, Célia. A irmã da mãe , tia Teresa também trançava. “ Eles sobreviviam de chapéu.” Ela conta que até os 12 anos trabalhava em casa com o chapéu, depois o pai a levou para trabalhar fora (como empregada na casa de uma família)
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. O filho Joel Monteiro da Cunha ele via ela fazer, mas não aprendeu a trançar, formou-se em Educação Física, trabalha na ULBRA. Ensinou para as primas Rosa e Vera Monteiro.
Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:

Nome: Malvina (tia)	Função:	Contato:
Nome: Rejane	Função:	Contato: BR101, perto da madeireira São Braz
Nome: Martinha	Função:	Contato: no Matadouro, na rua da Maderocha São Braz
Nome: as primas Rosa e Vera Monteiro (pararam cedo de fazer, voltaram-se para outras atividades)	Função:	Contato:
Falecidas: Fiti, Benta, Ernesta,		

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)		
Periodicidade: (data e época em que ocorre): ano todo. No verão é bom pra venda. De outubro a janeiro era muito procurado para venda. Para colheita da palha, qualquer dia, não pode cortar em dia de chuva, por que ela mofa, "encaruncha".		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Fez até uns 5 anos atrás.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Corta e deixa numa peça, "murchando", não pode molhar. Uns 8 dias. Segundo ela, "o máximo que pode tirar é 2 brotos, se tira tudo enfraquece o butiazeiro". " não adianta ir lá na capoeira, tirar 5 broto de palha, tem que ir de meio cento acima" ou seja, mais de 50 folhas pelo menos. Carrega no ombro. O cento é 100 folhas.	
Secagem	Coloca no sol, " pra ela ficar bem branquinha, tem que saber secar!" "Não pode deixar molhar, chover em cima, não pode pegar sereno em cima. Se não a palha fica preta!" "De preferência não é grama, areia. Pra ficar bem branquinha." " se pegar um tempo bom, assim, ó. Ela tendo bem murcha, dois dias já pode começar a recolher".	
Despenca	Despenca do broto	
Estalagem	Tirar o talinho de cada folha .	
Amaciar	"Se o tempo estiver úmido não precisa amaciar. Amaciar é colocar num pano úmido, estende e bota ela assim, enrola ela toda naquele pano. Mas tem outra, não pode deixar muito tempo. Se deixou muito tempo, arrocha toda a palha! Fica preta!" A palha fica macia, se não no trançar ela se quebra.	

Trançar	Ela fazia a trança de 12. Tem de 12, de 7. Segundo a Eni, a trança pode ser de número ímpar e de número par.	

Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando?

Não.

Matérias-primas utilizadas e locais de extração:

Tirava do terreno do irmão (Pelé – José Fernando Monteiro), bem próximo da tenda do Pelé, ainda tem butiazal.

Da roça do pai e na aldeia indígena, o cacique permitia a retirada.

Segundo Eni, os indígenas não fazem artesanato com a palha de butiá, eles usam somente a taquara.

Ferramentas de trabalho: facão para cortar os brotos, faquinha de cozinha para estalar, agulha própria para costurar saco ou eram feitas de guarda chuva ou sombrinha, forma de madeira, " tem que ser uma madeira boa."

Denominação e função	Descrição ou foto se necessário

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias: tomavam café de noite para seguir trançando.

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Não tinha.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE
Descrever itens e quantidade:

Vendiam por dúzias de chapéus, arrecadavam entre as artesãs até 180 dúzias para entregar para os caminhões que levavam para as indústrias de chapéus de Garibaldi e de Santa Catarina.

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Dona Eni esclarece parcialmente a situação da compra dos chapéus. Ela se refere a um comprador que vinha buscá-los e que hoje em dia, já não vem mais e lamenta que o comércio parou. Em relação ao passado, diz que os caminhões recolhiam os chapéus em quantidade:

Na época, assim que eu casei, que eu fui morar, não nessa casa que eu tô, lá bem no centro de São Braz, teve um dia que parou oito caminhão na minha porta, pra comprar chapéu!

18:12 - 18:17 MVI 6385.MP4

Diz que chegaram a recolher 180 dúzias de chapéus de uma só vez.

Ela conta que uma parte dos compradores vinha de Santa Catarina e outra de Caxias/Garibaldi. Ela mesma recolhia os chapéus de outras artesãs para entregar, da Dona Malvina, do Campo Bonito, do São Braz. Buscava de bicicleta muitos dos chapéus, incluindo os seus e aguardava a busca desse comprador da Serra, chamado Roberto.

Comenta também que o Pingo, do Armazém de Passo de Torres, entregava os chapéus tanto para esse comprador de Garibaldi, quanto para outro que vinha de Santa Catarina, mas não soube informar o nome.

Eu fazia pra mim e eu saía, às vez de bicicleta e às vez, quando o caminhão vinha, aí se lá naquela lá, por exemplo, lá na minha tia, na tia Vina," ah, aqui eu tenho 30 dúzia", aí eu não tinha como ir de bicicleta, né? por que daí não... aí eu deixava, marcava num caderno, "a tia Vina: 30 dúzia". Aí o caminhão, vinha, ele me ligava, o caminhão, " olha, tal dia eu tô indo na tua casa, espera" aí marcava o caminhão e lá se ia, sabe? Dali, já indicava outra pessoa, " ah, fulana, tem" e como eu conheço todo mundo, né? nós ia lá. "Dá mais 10 dúzia", e assim nós ia... Teve uma época, que nós arrumemo, 180 dúzia! Bah! Ele ficou muito contente!

18:47 - 19:41 MVI 6385.MP4

Quanto aos valores, ela informa:

A senhora lembra como era o preço?

No começo, era 5 real a dúzia, aí depois foi aumentando, né? aí depois passou pra 8, depois passou pra 12 e depois passou pra 18, sempre aumentava 1, 2 real, 12, foi 15, depois aí sempre ia aumentando um pouquinho, mas não muito. Aí os último, eu vendi por 25. (por dúzia?) Por dúzia.

21:43 - 22:17

A transformação do chapéu para revenda nas indústrias

O que faziam com os chapéus? MVI 6386.MP4

Ah, eu um dia eu perguntei para o Roberto. Aí ele disse que assim, ó. Ah! por que andou uma época que nós não tinha fio. Que vinha aqueles novelo, né? aí depois a gente descobriu a estufa, o fio da estufa aí a gente, que vinha tudo enrolado, né? aí a gente fazia o rolinho, que nem de armazém, e aí a gente começou a fazer, a costurar com aquele dali, sabe? muito bom! bem melhor que esse de armazém, né? aí, mas tinha muita gente que costurava com nylon, aí o Roberto começou a me reclamar. Aí eu comecei a olhar os chapéu, a abrir assim um pouquinho, era nylon, aí eu sabia, por que eu botava o nome. Por exemplo a Fiti - vamo dizer, 30 dúzia, eu ia lá examinava. Nylon! Aí eu chegava nela e dizia: " Não pode costurar com nylon!" Por que? Por que o nosso aqui, é um chapéu bem forte que vai para Nordeste. Vai até o Nordeste! e aí, lá o Roberto pega, bota numa forma, numa , como é que eu vou dizer? Ele tem um negócio lá, uma máquina que emprensa ele alí pra ficar bem abertinho, por que tem uns, uns chapeuzinho que são assim, as costureira fazem assim. Então os nosso, aqui do Rio Grande do Sul, tem alguns também, não é todos, que é bem abertinho, sabe? Aí aqueles ali ele adora. Aí ele bota naquela prensa, se for com nylon, (faz o gesto de unir as mãos) aí não presta o chapéu. rebenta tudo , né? Aí estraga tudo. Por isso que ele pedia, né? Pra não costurar com nylon. Ih, quantas vezes esses sacos de batata, de cebola, nossa! o povo fica doido, né? aí depois o Roberto. Era o Roberto, era o Beal, nem me lembro mais os nome dos caminhão que tinha nas firma. Esse meu era Beal, lá de Garibaldi. Aí ele pedia, sabe, pra não botá o nylon. Foi onde nós descobrimo a estufa! Foi melhor pra nós, que aí nós ganhava, né? Sim eles botavam fogo nos silo das estufa. (Estufas de fumo)

2:56 - 5:39

Ela confirma que colocavam um acabamento na borda da aba e que as indústrias preferiam os chapéus de butiá por que são mais resistentes.

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não sabe informar. " era difícil a casa que não fazia isso aí". " todo mundo era trança" MVI 6389 MP4 30"- 1''2"
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[17] Sim. Sempre, todas as pessoas faziam.
Existem histórias associadas à atividade?
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo?

[17] Descrição dos sítios onde se expandiu

( ) permanente/ininterrupto (x) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade ( ) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: sim “ Eu me vestia com isso ai. Quando chegava final de semana, eu queria uma calça, uma blusa, uma coisa, eu dizia pra mãe, “ mãe eu quero comprar aquela calça.” Aí a mãe me deixava mais eu por casa, pra eu poder dar conta do chapéu, da trança.. Aí eu ia na tia Quina, a Quina costurava pra mim. Mas eu tinha crédito, lá na loja , depois eu fazia, eu queria a calça no final de semana. Depois eu levava o chapéu pra ela.” 22:29 – 23:46 MVI 6386.MP4 Eram quatro ou cinco dúzias para comprar uma calça, por exemplo. Social: sim (…) o patrão me dava uma folga, aí eu vinha pra casa, né? aí eu me grudava, né? a minha vontade era de ficar ali, toda a vida trançando, trançando, estalando palha, sabe|? pra estalar a palha, tem que ser um dia bem, o bom é dia de chuva. A palha tá bem maciazinha, ah, uma delícia, né? por que se a palha tá seca, entra “falpa” na mão da gente, no dedo, e aí a palha se racha todinha, aí fica ruim da gente trançar, né? Mas é muito bom! Ah, eu amo! Eu se eu pegar agora eu… e assim, ó, eu me sentava ali, e às vezes , nós fazia os grupinho assim, a colega ou a prima olhava assim ; “bah! Eni, olha ali tu já empilhou!” eu digo: “ Ah, mas eu tô ali, dê-lhe que te dê-lhe! (ri) Eu gostava muito! E tenho ainda saudade! Vejo aqui meu mano, tem aqui pra trás uns butiazeiro, a coisa mais linda, sabe? Eu se tivesse tempo, trançava ainda! mas pena que agora, o nosso, o comprador, parou, né? não sei o que que houve, por que eu ligo pra lá , ligo e ele não me atende, sabe? 16:33- 18:06 - MVI 6385.MP4 Fazia com as primas, né? com a tia também. De noite, nós fazia serão. Serão era, por exemplo, a gente ia, pegava o rolo da trança , um pacote de palha e ia lá pra tia, a gente dizia pra mãe: “ Mãe, ó, hoje eu vou fazer serão lá na tia”, e aí a nós chegava lá e se grudava na trança, né? e aí nós ia até dez, dez e meia da noite, ás vez até meia noite, nós ficava lá, trançando. E aí uma dizia pra outra, uma controlava a pilha embaixo, né? Ah, mas tu trançou bastante, tu é ligeira, né? 20:16 - 21:32 MVI 6386.MP4 Religioso: Cultural: sim Outros (lúdico, etc.): sim Fazia o jogo do nó.

Às vezes a gente pegava a trança e o pacote de palha e nós ia com a tia, com a prima e aí nós jogava também, jogava o nozinho. O nozinho é assim ó, a gente tá trançando ali, né? aí a gente pega as duas palha, eu e a outra prima ou colega, sei lá a gente fazia um grupinho ali, e aí a gente media aquela palha ali, tinha que ser as duas do mesmo tamanho, fazia um nozinho na ponta, aí aquele, aquela palha daquele nozinho, aquele nozinho que terminasse lá, era o tal do piquicho que a gente chamava, pra emendar, aí quando a gente emandava a gente gritava: emendei! a primeira , é a que ganhava. Uma competição, bem legal aquilo ali, sabe?

14:00 - 15:02 - MVI 6385.MP4

Dona Eni foi a primeira artesã que falou do uso da trança vinculado a festa de São João, um significado lúdico e cultural como ela explica:

Isso aí nós fazia, como é que eu vou dizer? não é exposição…nós fazia fantasia! (ah é mesmo?) O chapéu, o chapéu de palha, nós fazia, como é? Festa de São João! Festinha de São João! Nós enfeitava, né? E aí a gente ia pra festinha de São João! É, huhum, era muito bom, sabe? Aí enfeitava bem o chapéu e às vez pegava trança também e botava na roupa, sabe? Bem, bem legal, sabe? É…

(e o chapéu, enfeitava com o quê?) Ah, com tecido. Botava um monte de tecido, às vez, flor. A gente inventava sabe? (e usava um vestido, como é que era a roupa?)

Era, dependendo do que a gente queria ir, né? Ah, tinha de tudo, era de mendingo, eu fui uma vez de mendingo, outra vez eu fui de caipira, outra vez eu fui de …ah vestida de gaúcho também! (E vocês usavam a trança na roupa?) Na roupa, nós costurava, sabe? costurava ali e inventava, sabe? (e ia pra festa…) Ia pra festa, né? E eu sou fã de uma festinha, né? (ela ri) É…

1’34”- 3’04” MVI 6389 MP4

Autonomia para as mulheres:

Dava, por que aí a gente levantava com aquela, eu pelo menos eu, né? às vezes eu deixava de limpar a casa da mãe, por que eu queria ficar ali ó, sabe? Humhum. Às vezes a mãe dizia, hoje tem que torcer, hoje tem que fazer isso e aquilo. “ Mãe eu quero trançar, mãe, eu quero trançar!” Não tem que ser mais tarde, então era o tal do serão, de noite, sabe? Aí em vez da gente dormir, a gente ia para o serão, pra poder render , né?

5’26” - 6’00” MVI 6389 MP4

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÕMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS

Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Sim. Essa artesã, conta que como esses chapéus eram vendidos para as indústrias que os colocavam em uma prensa para dar um melhor acabamento e revendê-los, elas passaram a usar o fio de fumo que era de algodão e não derretia no calor da prensa. Houve também uma modificação no arremate da trança no final da aba, pois antes elas faziam uma pequena dobra na trança no final, depois passaram a deixar solta, por que as indústrias colocavam um arremate na aba com um viés em toda volta e não precisavam mais dar esse acabamento.

Modos de fazer (x) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças No mais, o modo de preparo e a base do chapéu que é a trança se manteve inalterado.
O que se manteve inalterado? Todo processo é o mesmo, a alteração surgiu para atender a indústria mais tarde.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável (X) Memória ( ) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. A prática se relaciona com a planta e as condições da natureza. “ tem que ser uma terra bem forte, uma terra adubada, se for uma terra meia fraca, o butiazeirinho não se desenvolve. “ A terra com areia não desenvolve o butiazal. Para a poda: Não pode cortar a palha em dia de chuva, ela encaruncha (...) tem que ser um tempo seco, hoje tá lindo! daí a gente corta (…)
Descreva o ambiente natural e onde se localiza:
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Fala da proibição da retirada da palha, que todas as artesãs ficaram revoltadas.
Contexto social
Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Participou do Clube de Mães, mas não trabalhavam com o artesanato com a palha de butiá.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Ela sabe que outras artesãs participaram em algum tempo com chapéus em algumas feiras em Torres, mas ela nunca participou.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Participou com convite da Emater em Dom Pedro, quando presidiu o clube de mães, mas nunca com a palha de butiá.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica

Entrevista em 2022

Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=M6U4GnQcEfY
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES
Dona Eni fala da importância do artesanato como fonte de renda e da falta que sentiu desde que o comércio parou: Bah, nossa agora a gente tem um pesar, né? (….) Era bom, sabe? Eu , olha, eu amava, mesmo, fazer! E é uma coisa assim que eu sinto falta, é uma pena, de não continuar, né? 3”19” - 4’49” MVI 6389.MP4 Se tivesse um preço bom, ah, eu ia fazer! 8’02 – 8’10 MVI 6389.MP4

Pergunto se gostaria de ensinar a outras pessoas e ela responde que sim:

Ah, eu gostaria! No caso, a trança, pra gente fazer a trança, é fácil de ensinar, sabe? Depois dela começadinha ali, é dois por baixo, dois por cima, e pra emendar é três, bota a palinha ali, e emenda, sabe? Emenda é o tal de piquicho como a gente fala, né? por que se a gente não emenda, daí ela, a trança se termina, né? aí ela dá o fim, né? mas o costurar é mais complicado, tem que saber pra não ficar todo fofo, todo pra cima, tem que ficar bem direitinho.

Eu pergunto: Tu poderias ensinar a costurar também?

Responde que sim

8'14" – 9'17" MVI 6389.MP4

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

1.1.18 Entrevista 18 – Martinha Santos da Cunha

Identificação do questionário	
Data: 27 de março de 2022	**Nº do questionário:**
Entrevistador: Patrícia Vianna Bohrer	**Revisor:**

LOCALIZAÇÃO			
Localidade : São Braz	Município: Torres	Estado: RS	Coordenadas UTM – Datum:

IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL	
Denominação:	Artesanato com a palha de butiá
Outros Nomes:	

ENTREVISTADO			
Nome: Martinha Santos da Cunha		Data de nascimento/ fundação	17/12/1949
Ocupação: artesã, dona de casa		Gênero F	Feminino Masculino LGBT
Endereço: Rua do Matadouro, nº 20	Telefone: 996698250	E-mail:	
Local de nascimento: Dom Pedro de Alcântara	Desde quando mora na localidade: desde muitos anos (desde sempre)		

RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO
O que faz? Chapéus com palha de butiá
Executa uma etapa específica ou realiza o processo sozinho? Todas
Onde executa a atividade? Em casa

FORMAS DE TRANSMISSÃO
Com quem aprendeu a atividade? Com a mãe. Ensinou a ela com 8 anos a fazer a trança e com 15 anos a costurar o chapéu. A mãe se chamava Maria Martinha Bitencourt. Pais – filhos (x) mestre- aprendiz ( ) escolas ( ) grupos outros ( )
Como foi o aprendizado? Quando e onde ocorreu? Em casa com a mãe. Teve 2 irmãos, a Benta e o João, mas só ela gostava de trançar, a Benta era muito "lenta". Segundo ela, era uma atividade que passava de mãe pra filha: "No começo, como te falei, com 8 ano, eu comecei, eu ia emendar, caía a palha, o filhote ali, mas eu arrumava, a minha mãe me ensinava e eu botava, aí quando peguei, né? aí quando não tinha emenda, entende? aí era bom de trançar. Mas quando tem os filhote, pra botar a palha em cima ... (ela ri) aí eu me atrapalhava um pouco, mas com nove ano eu já trançava! Sete, oito ano eu aprendi, com nove ano eu trançava" 00:53 - 1:25
Ensina ou ensinou a outros? Indique o nome e grau de relacionamento / parentesco. Teve 2 filhos, a Fabiana e o Alexandre, mas não aprenderam com ela. Ela comenta que não ensinou a mais ninguém, por que era uma prática que todos sabiam fazer: "Não! por que todo mundo sabia, né? aqui era o Faxinal, entende? aqui era o lugar disso! Os butiazeiro que tem ali... De janeiro a fevereiro, butiá rolava nessa estrada! Mas cachos e cachos de butiá! E é a palha do butiá." 4:4"4- 5:12

Indique outras pessoas que também exercem a atividade ou que podem fornecer informações sobre ela:

Nome: Eraci	Função:	Contato:
Nome: : Lídia	Função:	Contato:
Nome: Rejane	Função:	Contato: mora na faixa (não soube indicar o endereço com precisão)
Nome: Dona Fifi (Nilza Silveira da Cunha) era a sogra já falecida. O marido se chama Orildo Silveira da Cunha, ele tinha 5 irmãs que todas trançavam.	Função:	Contato:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE (Processos de produção)

Periodicidade: (data e época em que ocorre): Todo o ano. Como outras artesãs, fala que é bom trabalhar em dia de chuva. " a palha fica bem macia! Já o tempo seco tu tem que enrolar no paninho úmido, sabe? Ela fica dura. (...) aí é ruim, se quebra. A gente enrola no paninho úmido pra tecer."		
Como tem sido sua dedicação à atividade nos últimos 10 anos? Estava produzindo até 3 ou 4 anos atrás quando pararam de buscar os chapéus de uma empresa da Serra. Ela explica que a "firma" fechou depois que ficou nas mãos de um filho do comprador da Serra que havia falecido.		
Quais as principais etapas e quem participa das atividades?		
Denominação e objetivos da atividade	Descrição da atividade	Participantes / Função
Colheita	Corta verde no pé, tira as folhas do meio. O trabalho maior para ela é cortar a folha verde e depois secar. Deixa uns 8 dias em casa para murchar.	
Secagem	Com tempo bom, são 8 ou 9 dias, no sol, sem pegar sereno. No verão é mais fácil. Recolhe toda noite. Espalha "direitinho", depois tem que recolher.	
Estalagem	Depois de seca, ia " gastando aos pouquinhos pra trabalhar". Tira o talinho e o pezinho.	
Trança	Fazia a trança. "trançar é bom". Fala da trança pequena de 07 palhas.	
Costurar	Tem que ter manejo para firmar nas pernas a forma e vai costurando a copa na forma, depois passa para a aba.	
Existe uma preparação? Como é, quem faz o quê e quando? Não.		
Matérias-primas utilizadas e locais de extração: Dona Martinha retirava do local onde sempre morou, no São Braz. Quando pergunto se a região do Faxinal tem relação com o butiazal, ela responde: "Pois de certo tem, né? por que agora não tem.... mas ali onde tem essas casas, que tu desceu ali, sabe? aqui nessa reta, ali era só butiazeiro! Era um terreno inteiro, que o cara vendeu agora, loteou, era só butiazeiro! (...) e tinha os mato, né? as árvores, mas era só butiazeiro mesmo. Eu tirava dali, ali de dentro também tinha." 5:36 - 6:12		

Ferramentas de trabalho: Usa a agulha para costurar chapéu, a linha de algodão, a forma de madeira, tachinhas, usa uma pedra em vez de martelo. Uma pedra redonda de rio.	
Denominação e função	Descrição ou foto se necessário

Existem outros recursos necessários para a atividade (instalações, propriedades, financeiros)?

Não.

Existem outros bens e práticas associados à atividade?

Comidas e bebidas próprias:

Instrumentos e objetos rituais:

Trajes e adereços:

Danças, músicas?

Ritos e orações?

Ela teve o hábito de trançar sozinha em casa, depois dos afazeres domésticos até o final da tarde, não teve o hábito de trançar com outras amigas ou com a família. Fala da família do marido, Orildo cuja família toda trançava por que eram muitos pobres.

Tinha o hábito de trançar depois do serviço da casa, de tarde enquanto tinha luz.

DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS RESULTANTES DA ATIVIDADE

Descrever itens e quantidade:

A cada 3 braças e meia fazia um chapéu.

Costurava de 2 a 3 por dia, se estivesse trabalhando bastante com aquilo.

Destinação do produto: (quem e onde compra/ adquire/recebe tais produtos? Número aproximado)

Diz que chegou a passar os seus chapéus para outra artesã, a Rejane, com a qual não conseguimos contato.

Conta também que estava produzindo enquanto havia alguém que comprava. Como ela explica, vinham de caminhão buscar os chapéus, ela acha que de Garibaldi, elas chama de “gringo”. Diz que ele adoeceu,

depois faleceu e passou para um filho que ficou no controle do comércio do chapéu, mas depois esse filho também parou, pois fechou a firma. Segundo Dona Martinha ele avisou que não ia trabalhar mais e elas ficaram com algumas dúzias de chapéus sem poder comercializar. Assim como ela, a Dona Lídia ficou com várias dúzias de chapéus feitos. Muitos estavam concentrados na casa da Rejane e elas queimaram os chapéus, quando viram que não iriam mais buscá-los. Não conseguimos obter nome ou contato desse comprador da Serra.

Ver gravação – vídeo 1 , entre 7'41 – 9' 31

Esta atividade é importante para a renda de sua família?

Principal fonte de renda ( ) complemento (x) não é fonte de renda ( )

SURGIMENTO, HISTÓRIA E TRAJETÓRIA
De onde surgiu e há quanto tempo? Não soube informar.
Sempre esteve associado a esse local ou também a outros?[18] Sim, na região onde mora tinham muitos butiazais.
Existem histórias associadas à atividade? Não soube mencionar
Como tem sido a dinâmica ao longo do tempo? Segundo ela parou depois que não vieram mais buscar os chapéus há cerca de 3 anos atrás. ( ) permanente/ininterrupto ( ) já foi mais forte ( ) está mais forte agora ( ) sofre flutuações de intensidade (x) outras:

FUNÇÕES E SIGNIFICADOS
Que significados teve e tem para a sua família e para a sociedade?
Econômico: Social: Religioso: Cultural:

[18] Descrição dos sítios onde se expandiu

Outros (lúdico, etc.): Fala do significado terapêutico quando questionada se gostava de trançar: “Gostava! Não! Era uma terapia guria! Uma terapia! Eu não posso tá parada! Não posso tá parada! Nossa… é uma terapia pra mim que vou te contar!” 11:40 - 12:02 MVI-6422.MP4 Fala que não faria mais o chapéu por que já é difícil para ela costurar, mas a trança, ela faria. Fala do significado econômico para a comunidade, pois todos faziam, por exemplo, para a família do marido era uma forma importante de sobrevivência.

TRANSFORMAÇÕES OU ADAPTAÇÕES PROMOVIDAS PELO TEMPO, PROCESSOS ECONÔMICOS, CULTURAIS OU SOCIAIS
Houve mudanças na atividade ao longo dos anos? Não houve nenhuma transformação. Modos de fazer ( ) Matérias primas ( ) Resultados ( ) Usos ( )
Descrever tipo, quando e motivos das mudanças
O que se manteve inalterado? Todo o processo até a confecção do chapéu.

SUSTENTABILIDADE
CONDIÇÕES DO BEM CULTURAL
( ) Vigente/ íntegro ( ) Vigente/ frágil / instável ( ) Memória (x) Em esquecimento
Contexto ambiental
Existe alguma relação do bem com a natureza? Qual? Sim. Pois a planta faz parte da região, todo o ambiente era formado por muitos butiazais.
Descreva o ambiente natural e onde se localiza: Ela descreve que havia butiazais por toda parte, junto com outras árvores, junto com o “mato”, mas os butiás predominavam na paisagem.
Ameaças conhecida ao ambiente (expansão imobiliária, desmatamento, caça, extração de recursos vegetais, etc.): Cita os loteamentos de terras para venda, próximo a casa onde vive havia uma área grande de butiazal que foi loteada e vendida aos poucos.
Contexto social

Existe alguma cooperativa ou associação relacionada ao bem atuante na área? Participa ou já participou? Não, nunca participou.
Contexto econômica
Integra algum evento, feira, festa, roteiro turístico ou outra atividade com resultado econômico? Qual? Não.
Contexto cultural e político
Que tipo de valorização e reconhecimento a sociedade dá para esse trabalho? (emater, prefeitura, turistas, ...) Nunca houve qualquer reconhecimento ou valorização.

DOCUMENTAÇÃO:
Fotográfica   Entrevista em 2022
Fonográfica
Audiovisual: pode ser acessado no Canal do Youtube do Instituto Curicaca pelo link https://www.youtube.com/watch?v=9zzCMqwYps4
Materiais impressos e outros registro localizados durante a entrevista:
Fontes documentais e bibliográficas
Interesses

CONSIDERAÇÕES

FICHA TÉCNICA:

Fotografia: Alexandre Krob

Vídeos: Alexandre Krob

Áudio: Patrícia Bohrer

Transcrição: Patrícia Bohrer e Magda Villanova

Levantamento Bibliográfico:

Elaboração: Patrícia Bohrer

Revisão: Alexandre Krob

Anexo II

Entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres

Este formulário busca identificar pessoas que tiveram no passado relação com o artesanato com a palha de butiá no litoral norte do Rio Grande do Sul e que possam ajudar a reativar essa manifestação cultural. Ao responder as perguntas a seguir, você estará ajudando imensamente a pesquisa de reconhecimento e registro do Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

SOBRE O ENTREVISTADO

*

Célia Marta Teixeira da Silva

*

Do Lar (balconista)

*

1974

*

Rua Antônio Magnus, 104 - Vila São João - Torres - RS

259

*

51991669943

e-mail

Local de Nascimento

- (●) Torres - RS
- ( ) Outro

Marque uma ou mais etapas que você realizava ou acompanhava no artesanato com a palha de butiá

- [x] Retirada e o transporte das folhas
- [x] Secagem das folhas
- [x] Despenca das folhas
- [x] Destalagem e amacimento das palhas
- [x] Confecção da trança
- [x] Despicagem das tranças
- [x] Costura de chapéus, bolsas ou outras peças

Com quem você aprendeu a atividade? Indique entre parenteses o grau de parentesco e o nome (avó, mãe, irmãos) *

Maria Querino (mãe)

260

Em que período da sua vida você teve mais envolvimento com a atividade?

- ( ) Apenas na infância e adolescência
- (•) Até uma parte da idade adulta
- ( ) Faz mais de 10 anos que parei
- ( ) Sempre
- ( ) Outro: _____

Marque um ou mais significados que essa atividade teve para sua família de origem?

- [x] Econômico - fonte de renda principal ou complementar para a família
- [x] Social - propiciava encontros entre familiares e/ou vizinhos e amigos
- [ ] Cultural - oportunidade de trocar conhecimentos sobre o modo de fazer, a natureza, as histórias de vida
- [ ] Lúdico - oportunidade de brincar com jogos associados à palha
- [ ] Terapeutico - atividade que ajuda a manter a mente saudável e tranquilizar
- [x] Memória - lembranças importantes que se vinculam à identidade pessoal e coletiva
- [x] Autonomia - opção de renda para as mulheres criando uma certa independência
- [ ] Outro: _____

Caso queira, conte pra gente mais detalhes dos significados que o artesanato teve ou ainda tem para você.

_____

Que dificuldades você identifica para a continuidade dessa prática?

- [ ] Dificuldade de transmissão entre gerações
- [x] Novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas
- [ ] Falta de reconhecimento da importância dessa prática cultural
- [ ] Concorrência com produtos sintéticos ou artesanatos vindos de outras regiões
- [ ] Fiscalização ambiental impedindo a retirada das folhas
- [x] Desaparecimento dos butiazeiros
- [ ] Mudança das pessoas da área rural para a área urbana
- [ ] Outro: _____

Você acha importante o reconhecimento da importância cultural desse saber e dessa prática na sociedade?

- (o) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

Caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com escolas ou a comunidade, você se disporia a trasmitir seus conhecimentos?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- (o) Talvez

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

262

Entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres

Este formulário busca identificar pessoas que tiveram no passado relação com o artesanato com a palha de butiá no litoral norte do Rio Grande do Sul e que possam ajudar a reativar essa manifestação cultural. Ao responder as perguntas a seguir, você estará ajudando imensamente a pesquisa de reconhecimento e registro do Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

SOBRE O ENTREVISTADO

*

ROSANI DAITX DA ROCHA

*

ADMINISTRADORA DE EMPRESA

*

1959

*

RUA GUADALUPE, 200 AP 302 - PORTO ALEGRE/RS

263

*

51980274560

e-mail

rosanidaitx@hotmail.com

Local de Nascimento

- (●) Torres - RS
- ( ) Outro

Marque uma ou mais etapas que você realizava ou acompanhava no artesanato com a palha de butiá

- [x] Retirada e o transporte das folhas
- [x] Secagem das folhas
- [x] Despenca das folhas
- [x] Destalagem e amacimento das palhas
- [x] Confecção da trança
- [x] Despicagem das tranças
- [x] Costura de chapéus, bolsas ou outras peças

Com quem você aprendeu a atividade? Indique entre parenteses o grau de parentesco e o nome (avó, mãe, irmãos) *

MÃE - ERACY JOAQUINA DAITX DA ROCHA

264

Em que período da sua vida você teve mais envolvimento com a atividade?

- ( ) Apenas na infância e adolescência
- (•) Até uma parte da idade adulta
- ( ) Faz mais de 10 anos que parei
- ( ) Sempre
- ( ) Outro: _____

Marque um ou mais significados que essa atividade teve para sua família de origem?

- [x] Econômico - fonte de renda principal ou complementar para a família
- [ ] Social - propiciava encontros entre familiares e/ou vizinhos e amigos
- [ ] Cultural - oportunidade de trocar conhecimentos sobre o modo de fazer, a natureza, as histórias de vida
- [x] Lúdico - oportunidade de brincar com jogos associados à palha
- [ ] Terapeutico - atividade que ajuda a manter a mente saudável e tranquilizar
- [ ] Memória - lembranças importantes que se vinculam à identidade pessoal e coletiva
- [x] Autonomia - opção de renda para as mulheres criando uma certa independência
- [ ] Outro: _____

Caso queira, conte pra gente mais detalhes dos significados que o artesanato teve ou ainda tem para você.

DURANTE A INFANCIA E ADOLESCENCIA, ERA A UNICA OPÇÃO DE RENDA QUE TINHAMOS, A GENTE PODIA TROCAR OS CHAPEUS, POR ALIMENTOS OU ROUPAS, NÃO LEMBRO DIREITO, MAS ACREDITO QUE NA ÉPOCA NÃO ERA POSSIVEL VENDER OS CHAPEUS.

265

Que dificuldades você identifica para a continuidade dessa prática?

- [x] Dificuldade de transmissão entre gerações
- [x] Novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas
- [ ] Falta de reconhecimento da importância dessa prática cultural
- [x] Concorrência com produtos sintéticos ou artesanatos vindos de outras regiões
- [x] Fiscalização ambiental impedindo a retirada das folhas
- [x] Desaparecimento dos butiazeiros
- [x] Mudança das pessoas da área rural para a área urbana
- [ ] Outro: _____

Você acha importante o reconhecimento da importância cultural desse saber e dessa prática na sociedade?

- (●) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

Caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com escolas ou a comunidade, você se disporia a trasmitir seus conhecimentos?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- (●) Talvez

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

266

Entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres

Este formulário busca identificar pessoas que tiveram no passado relação com o artesanato com a palha de butiá no litoral norte do Rio Grande do Sul e que possam ajudar a reativar essa manifestação cultural. Ao responder as perguntas a seguir, você estará ajudando imensamente a pesquisa de reconhecimento e registro do Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

SOBRE O ENTREVISTADO

*

Elenir Pacheco Daixt

*

Auxiliar de serviços gerais

*

1976

*

Rua Bento Serafim Machado, 2200, Bairro Campo Bonito - Torres

267

*

51-997560868 Whatts

e-mail

Local de Nascimento

- (●) Torres - RS
- ( ) Outro

Marque uma ou mais etapas que você realizava ou acompanhava no artesanato com a palha de butiá

- [x] Retirada e o transporte das folhas
- [x] Secagem das folhas
- [x] Despenca das folhas
- [x] Destalagem e amacimento das palhas
- [x] Confecção da trança
- [x] Despicagem das tranças
- [x] Costura de chapéus, bolsas ou outras peças

Com quem você aprendeu a atividade? Indique entre parenteses o grau de parentesco e o nome (avó, mãe, irmãos) *

com mãe - Dona Elita

268

Em que período da sua vida você teve mais envolvimento com a atividade?

- ○ Apenas na infância e adolescência
- ○ Até uma parte da idade adulta
- ○ Faz mais de 10 anos que parei
- ○ Sempre
- ◉ Outro: até a mãe morrer que foi há três anos atrás.

Marque um ou mais significados que essa atividade teve para sua família de origem?

- [x] Econômico - fonte de renda principal ou complementar para a família
- [x] Social - propiciava encontros entre familiares e/ou vizinhos e amigos
- [x] Cultural - oportunidade de trocar conhecimentos sobre o modo de fazer, a natureza, as histórias de vida
- [x] Lúdico - oportunidade de brincar com jogos associados à palha
- [x] Terapeutico - atividade que ajuda a manter a mente saudável e tranquilizar
- [x] Memória - lembranças importantes que se vinculam à identidade pessoal e coletiva
- [x] Autonomia - opção de renda para as mulheres criando uma certa independência
- [x] Outro: Teve significado terapêutico pra mim, mais do que pra mãe, pra mãe tinha um signficado mais econômico.

269

Caso queira, conte pra gente mais detalhes dos significados que o artesanato teve ou ainda tem para você.

Para mim ainda tem, por que eu sinto falta, eu passo nas estradas e gosto da natureza, e acho errado por que a gente não pode tirar a palha de butiá e por que as outras pessoas podem tirar pra potreiro? hoje em dia dá pra fazer muita coisa com artesanato, poderia, e dói muito, por que a gente podia estar fazendo, e esse ensinamento vem da mãe e do pai. A gente quer fazer as coisas e não pode. Eu agora quero ver se consigo ensinar a minha neta, vou ver se consigo. Com a mãe eu trançava e ela costurava pra vender. A mãe ensinou para os meus filhos todos, as palhas que a gente não podia trançar por que ficava feia, eles trançavam para aprender. Ela tinha paciência pra ensinar e fazia o chapeuzinhos pra eles. Meus filhos são o Bruno Daixt dos Santos - 26 anos, Felipe Daixt dos Santos, 24 anos, Gabriel Daixt dos Santos , 22 anos e o Leonardo tem 21. Todos eles aprenderam com a avó. A minha neta tem 7 meses. Eu ainda vou passar pra ela. Pelo menos para o ensinamento, por que ela é muito esperta, é igual a minha mãe. Meus irmãos também todos sabem trançar, costurar não, que os homens não costuravam, mas trançar sim.
Eu sempre gostei de natureza, o meu primeiro chapéu foi feito com palha verde, uma trança de 15 palhas, difícil de fazer, e eu botei em cima da porta da mãe, aí deu um sol e secou o chapéu, eu chorava tanto que meu chapéu tinha estragado! e a mãe dizia que não chora, ficou bonito, ficou mais bonito assim todo furadinho, acho que tinha 7 anos quando eu fiz aquilo, depois ela vendeu aquele chapéu. As coisas que a gente lembra!

Que dificuldades você identifica para a continuidade dessa prática?

- [x] Dificuldade de transmissão entre gerações
- [ ] Novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas
- [x] Falta de reconhecimento da importância dessa prática cultural
- [x] Concorrência com produtos sintéticos ou artesanatos vindos de outras regiões
- [x] Fiscalização ambiental impedindo a retirada das folhas
- [x] Desaparecimento dos butiazeiros
- [x] Mudança das pessoas da área rural para a área urbana
- [x] Outro:

Acho que mais do que oportunidades de trabalho acho que é boa vontade das pessoas das gerações mais novas, ter vontade de aprender e a venda que é difícil. Hoje em dia as pessoas querem tudo fácil e o que vem fácil, também vai fácil.

270

Você acha importante o reconhecimento da importância cultural desse saber e dessa prática na sociedade?

- (●) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

Caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com escolas ou a comunidade, você se disporia a trasmitir seus conhecimentos?

- (●) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres

Este formulário busca identificar pessoas que tiveram no passado relação com o artesanato com a palha de butiá no litoral norte do Rio Grande do Sul e que possam ajudar a reativar essa manifestação cultural. Ao responder as perguntas a seguir, você estará ajudando imensamente a pesquisa de reconhecimento e registro do Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

SOBRE O ENTREVISTADO

*

Jussara Bernardes Monteiro

*

Terapeuta capilar e cabeleireira

*

1970

*

Rua Juscelino Kubitscheck 371 centenário

272

*

51 997214377

e-mail

flordelotusdistribuidora@outlook.com

Local de Nascimento

- (●) Torres - RS
- ( ) Outro

Marque uma ou mais etapas que você realizava ou acompanhava no artesanato com a palha de butiá

- [x] Retirada e o transporte das folhas
- [x] Secagem das folhas
- [x] Despenca das folhas
- [x] Destalagem e amacimento das palhas
- [x] Confecção da trança
- [x] Despicagem das tranças
- [x] Costura de chapéus, bolsas ou outras peças

Com quem você aprendeu a atividade? Indique entre parenteses o grau de parentesco e o nome (avó, mãe, irmãos) *

Almeri Bernardes Monteiro (mãe)

273

Em que período da sua vida você teve mais envolvimento com a atividade?

- (●) Apenas na infância e adolescência
- ( ) Até uma parte da idade adulta
- ( ) Faz mais de 10 anos que parei
- ( ) Sempre
- ( ) Outro: _____

Marque um ou mais significados que essa atividade teve para sua família de origem?

- [x] Econômico - fonte de renda principal ou complementar para a família
- [ ] Social - propiciava encontros entre familiares e/ou vizinhos e amigos
- [ ] Cultural - oportunidade de trocar conhecimentos sobre o modo de fazer, a natureza, as histórias de vida
- [ ] Lúdico - oportunidade de brincar com jogos associados à palha
- [ ] Terapeutico - atividade que ajuda a manter a mente saudável e tranquilizar
- [ ] Memória - lembranças importantes que se vinculam à identidade pessoal e coletiva
- [x] Autonomia - opção de renda para as mulheres criando uma certa independência
- [ ] Outro: _____

Caso queira, conte pra gente mais detalhes dos significados que o artesanato teve ou ainda tem para você.

Ao responder este lembrei com saudade e orgulho da minha mãe da minha infância e da importância da autonomia da mulher 🙏🏽

274

Que dificuldades você identifica para a continuidade dessa prática?

- [x] Dificuldade de transmissão entre gerações
- [ ] Novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas
- [ ] Falta de reconhecimento da importância dessa prática cultural
- [x] Concorrência com produtos sintéticos ou artesanatos vindos de outras regiões
- [x] Fiscalização ambiental impedindo a retirada das folhas
- [ ] Desaparecimento dos butiazeiros
- [x] Mudança das pessoas da área rural para a área urbana
- [ ] Outro: _____

Você acha importante o reconhecimento da importância cultural desse saber e dessa prática na sociedade?

- (●) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

Caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com escolas ou a comunidade, você se disporia a trasmitir seus conhecimentos?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- (●) Talvez

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

275

276

Entrevista com potenciais ativadores do modo de fazer artesanato com palha de butiá da Região de Torres

Este formulário busca identificar pessoas que tiveram no passado relação com o artesanato com a palha de butiá no litoral norte do Rio Grande do Sul e que possam ajudar a reativar essa manifestação cultural. Ao responder as perguntas a seguir, você estará ajudando imensamente a pesquisa de reconhecimento e registro do Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul.

SOBRE O ENTREVISTADO

*

Luzmari Gonçalves da Silveira

*

dona de casa, agricultora

*

1952

*

Estrada sem nome, do camping, 1037 (ao lado da casa da Dona Áurea)

277

*

+55 51 92761256

e-mail

Local de Nascimento

- (●) Torres - RS
- ( ) Outro

Marque uma ou mais etapas que você realizava ou acompanhava no artesanato com a palha de butiá

- [x] Retirada e o transporte das folhas
- [x] Secagem das folhas
- [x] Despenca das folhas
- [x] Destalagem e amacimento das palhas
- [x] Confecção da trança
- [x] Despicagem das tranças
- [x] Costura de chapéus, bolsas ou outras peças

Com quem você aprendeu a atividade? Indique entre parenteses o grau de parentesco e o nome (avó, mãe, irmãos) *

com a mãe Maria da Silva Gonçalves que aprendeu com a mãe dela Donata de Melo

278

Em que período da sua vida você teve mais envolvimento com a atividade?

- ○ Apenas na infância e adolescência
- ◉ Até uma parte da idade adulta
- ○ Faz mais de 10 anos que parei
- ○ Sempre
- ○ Outro: _____

Marque um ou mais significados que essa atividade teve para sua família de origem?

- [x] Econômico - fonte de renda principal ou complementar para a família
- [x] Social - propiciava encontros entre familiares e/ou vizinhos e amigos
- [x] Cultural - oportunidade de trocar conhecimentos sobre o modo de fazer, a natureza, as histórias de vida
- [x] Lúdico - oportunidade de brincar com jogos associados à palha
- [x] Terapeutico - atividade que ajuda a manter a mente saudável e tranquilizar
- [x] Memória - lembranças importantes que se vinculam à identidade pessoal e coletiva
- [x] Autonomia - opção de renda para as mulheres criando uma certa independência
- [ ] Outro: _____

Caso queira, conte pra gente mais detalhes dos significados que o artesanato teve ou ainda tem para você.

gravação 1

A gente tinha dificuldade... mas era uma dificuldade gostosa! Boa, boa mesmo. Tem vezes que, a gente tá parado assim, a gente vai caminhar até a praia e quando a gente volta, que saudade aqui, que bagunçada era aqui!

1’35” – 1’54”

Eu via gente, muitas gurias, elas subiam nas árvores e ficavam lá em cima, cantando e trançando. (Dona Luzmari não tinha essa prática, por que sempre teve muito medo de altura)

4’30”

Ah! Dia de chuva era tão bom de costurar chapéu... que era bem, bem molezinha, né? Aí a gente costurava rápido. A mãe costurava assim que... a mãe gostava muito de trançar e costurava um chapéu que... aí tinha vez que ela dizia assim, tem meia dúzia de chapéu, tem uma dúzia de cahpéu, agora vão lá no armazém , que era armazém, né? vão lá no armazém para comprar tal coisa pra fazer almoço! Então era assim, que hoje em dia a gurizada não sabe o que é passar trabalho.

11’00 – 11’28”

Sobre as comidas que acompanhavam o trançar:

Naquele tempo era laranja, quando era tempo de laranja, era café, tomava café, e tava ali, as rosquinhas, tudo feito em casa. Dia de chuva e quando tinha uma vaguinha que tava parado, a gente não ficava, tava lá, a gente já chegava e começava a trançar, e aí aquilo ia rendendo, né? que a gente naquele tempo, a gente não tinha luz elétrica, era lampião, assim mesmo a gente trançava, tinha os liquinho. E de dia, de dia a gente nunca tava parada, tava sempre trançando, um dia como hoje assim, o pessoal tava sentado ali, sempre trançando.

14’24” – 15’28”

Agora acho que caiu bastante por que o povo acho que pegou outras atividades ou serviços bem mais fácil, né? por que naquele tempo, nessa palha de butiá, essas trança, a gente ganhava pouco, não era fácil. Então uma coisa que a gente já não tinha muito recurso pra ter só trançando e só naquilo ali vendendo, não dava.

18’38” 18’58”

Sobre a importância como patrimônio imaterial

Sim, claro. Por que é uma coisa que a gente, se a gente não é... fica uma coisa esquecida, não é?. E assim é uma coisa que ... Era dificultoso? Era. Mas era gostoso! Era gostoso também, era gostoso por que era aquilo que era a vida da gente. O Viver era aquele. Então, não tinha outro....agora, não , mas naquele tempo era aquele ali. Viver era aquele ali (....) Aquilo ali era toda a ajuda, praticamente a gente trançava e aquilo tudo ali, pra o sustento da gente já, por que a gente não se apresentava em nada, assim de...nada... era para o sustento da gente. (...) É das mulheres. Eu vi muito pouco homem trançar,

e eles assim, que eu via, uns trançavam rápido e costuravam o chapéu, sabiam, mas eles era mais na roça, na rua. 280

28’47” – 30’15”

Que dificuldades você identifica para a continuidade dessa prática?

- [x] Dificuldade de transmissão entre gerações
- [x] Novas oportunidades de trabalho mais rentáveis e menos trabalhosas
- [x] Falta de reconhecimento da importância dessa prática cultural
- [x] Concorrência com produtos sintéticos ou artesanatos vindos de outras regiões
- [ ] Fiscalização ambiental impedindo a retirada das folhas
- [x] Desaparecimento dos butiazeiros
- [x] Mudança das pessoas da área rural para a área urbana
- [ ] Outro:

Você acha importante o reconhecimento da importância cultural desse saber e dessa prática na sociedade?

- (●) Sim
- ( ) Não
- ( ) Talvez

281

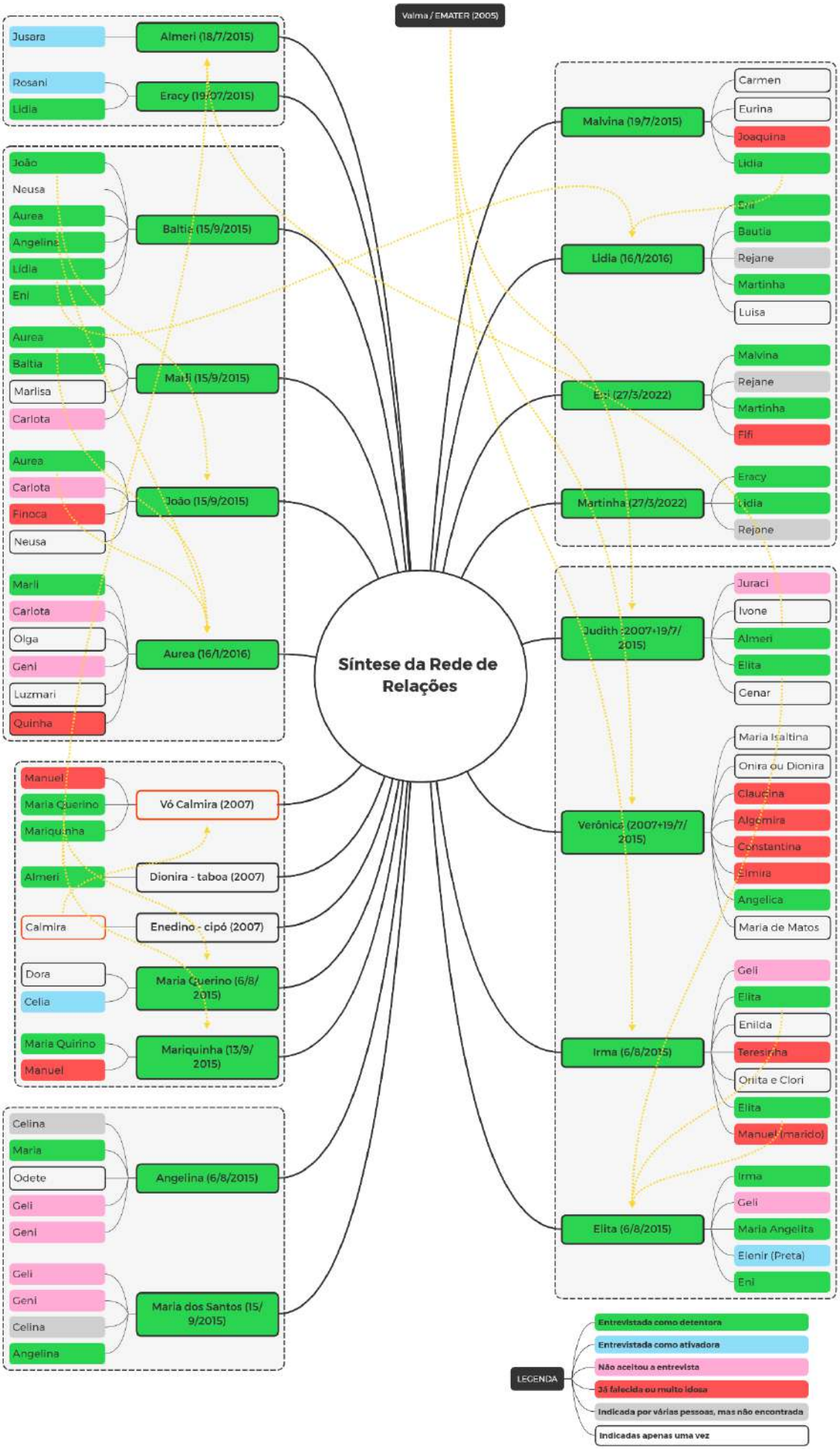
Caso organizássemos uma oficina, curso ou atividade com escolas ou a comunidade, você se disporia a trasmitir seus conhecimentos?

- ○ Sim
- ○ Não
- ◉ Talvez

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Anexo III - Rede de Relações das Detentoras



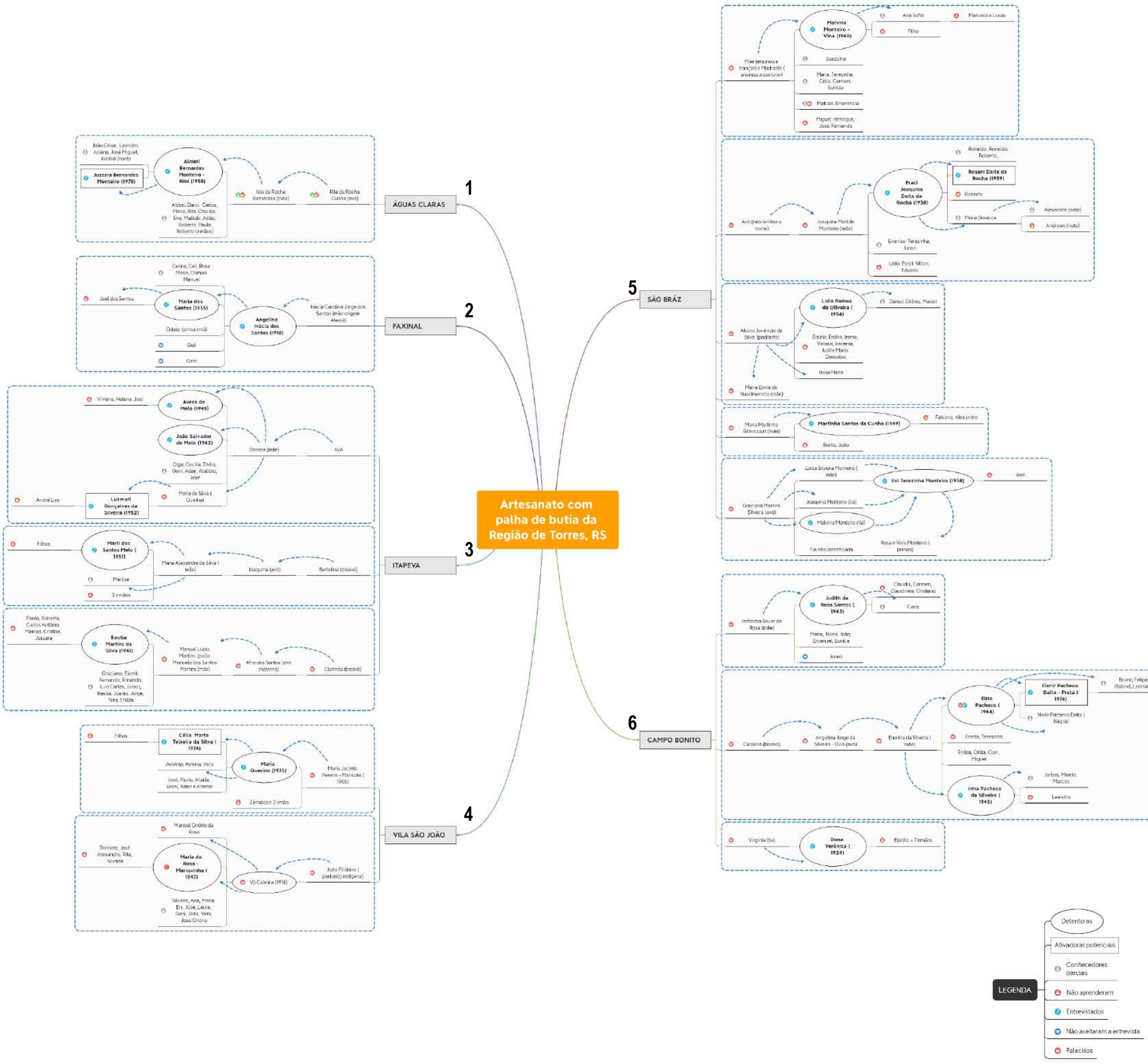
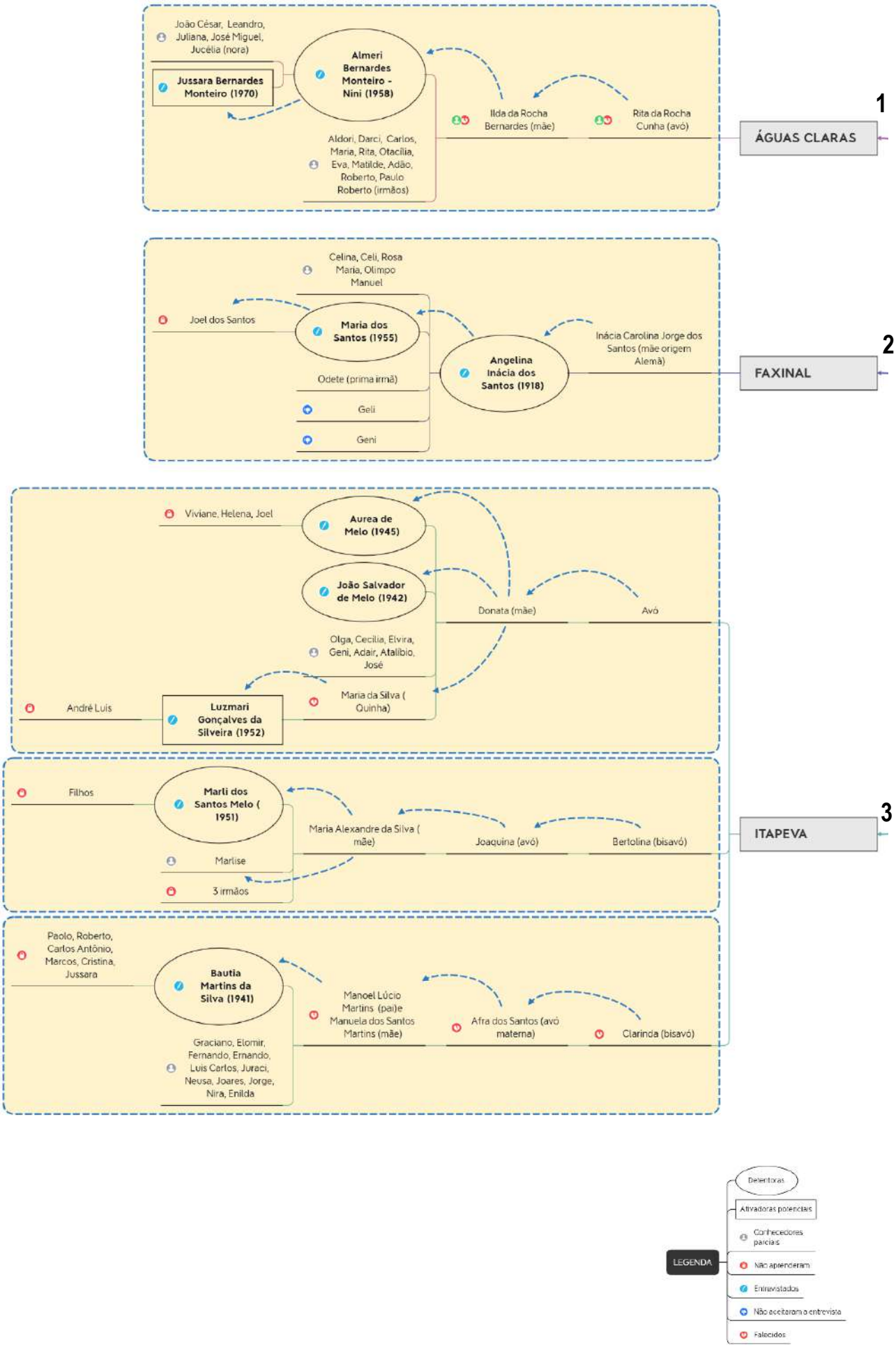
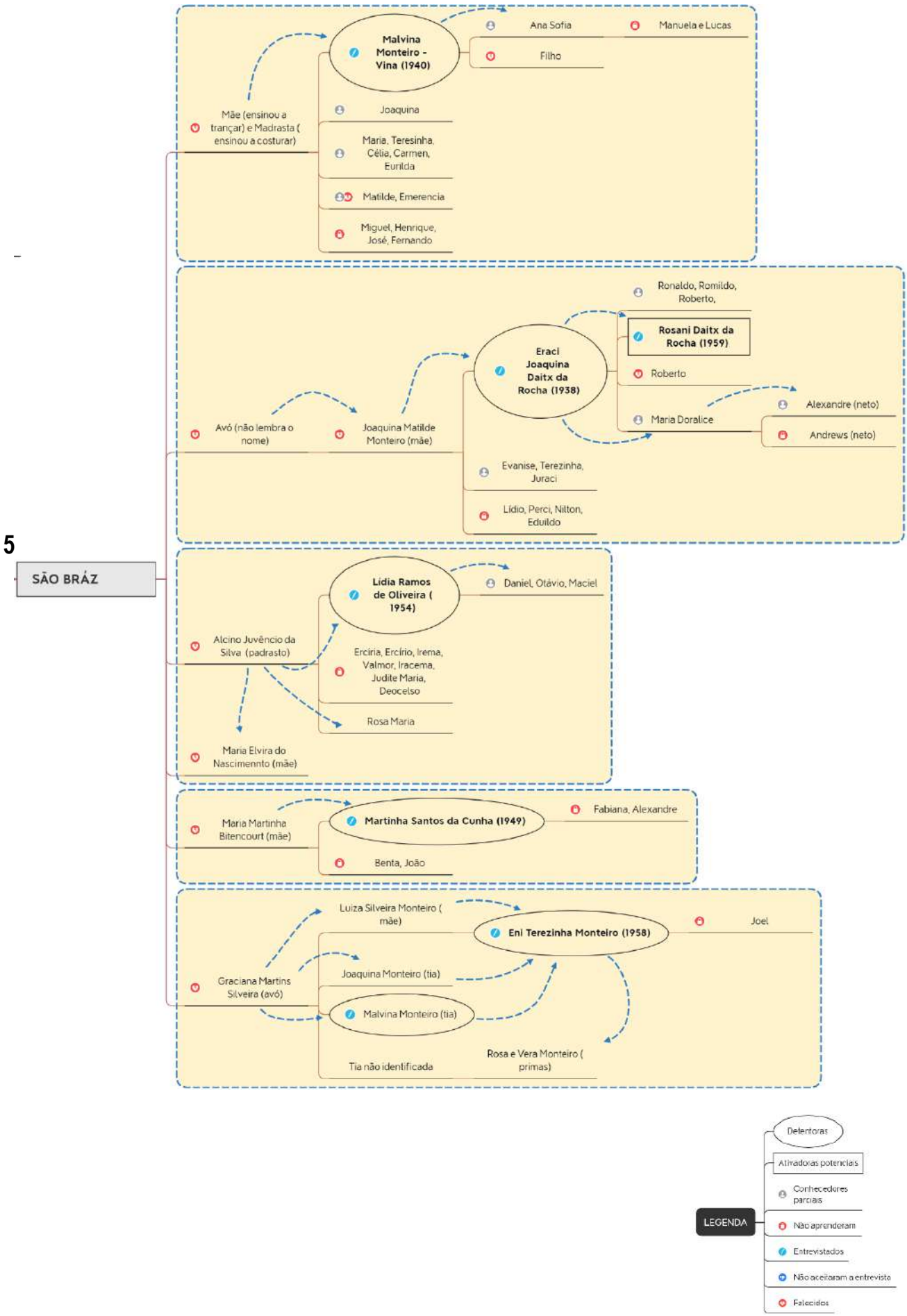
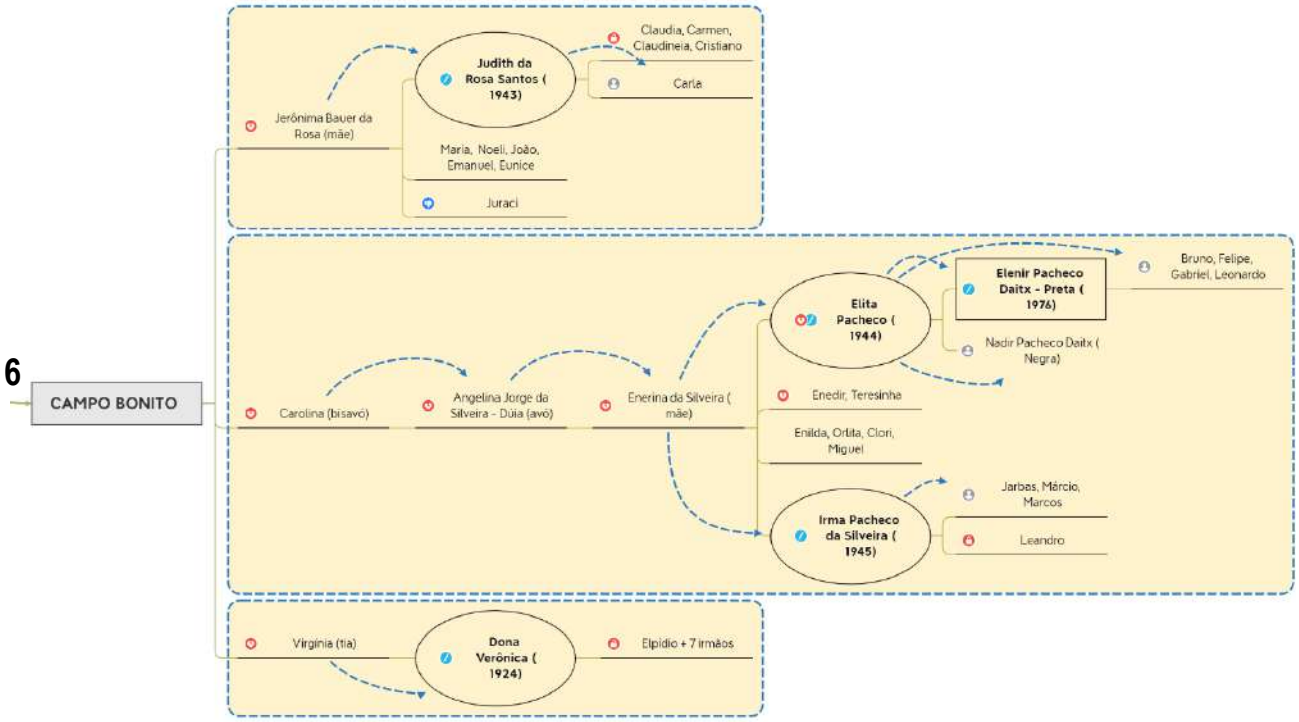


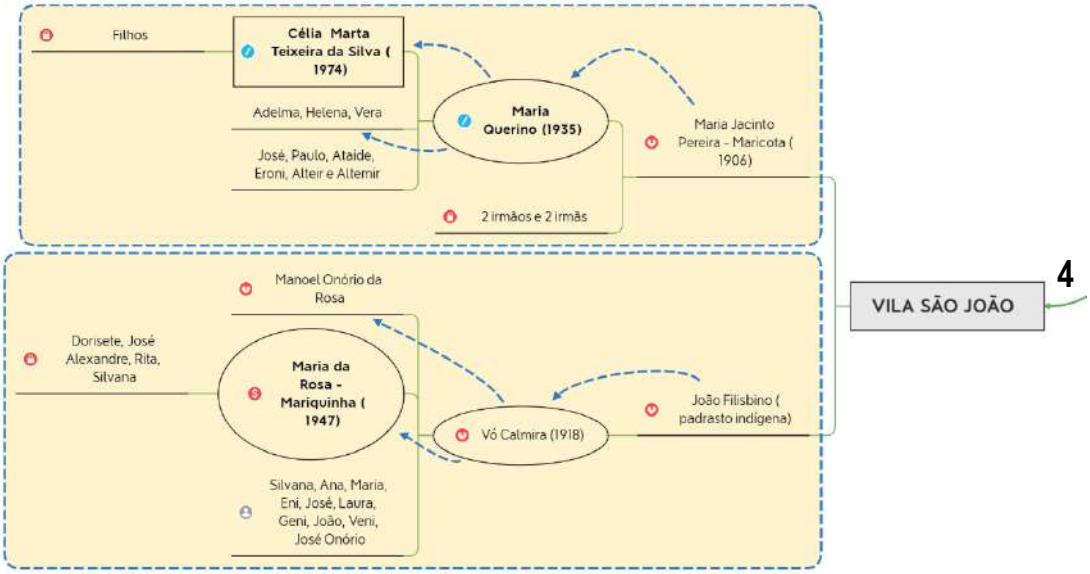
figura representativa com campos abertos e detalhados a seguir


1
ÁGUAS CLARAS
Almeri Bernardes Monteiro - Nini (1958)
Jussara Bernardes Monteiro (1970)
João César, Leandro, Juliana, José Miguel, Jucélia (nora)
Aldori, Darci, Carlos, Maria, Rita, Otacília, Eva, Matilde, Adão, Roberto, Paulo Roberto (irmãos)
Ilda da Rocha Bernardes (mãe)
Rita da Rocha Cunha (avó)
2
FAXINAL
Angelina Inácia dos Santos (1918)
Inácia Carolina Jorge dos Santos (mãe origem Alemã)
Maria dos Santos (1955)
Joel dos Santos
Celina, Celi, Rosa Maria, Olimpo Manuel
Odete (prima irmã)
Geli
Geni
3
ITAPEVA
Aurea de Melo (1945)
Viviane, Helena, Joel
João Salvador de Melo (1942)
Donata (mãe)
Avó
Olga, Cecília, Elvira, Geni, Adair, Atalíbio, José
Maria da Silva (Quinha)
Luzmari Gonçalves da Silveira (1952)
André Luis
Marli dos Santos Melo (1951)
Filhos
Maria Alexandre da Silva (mãe)
Joaquina (avó)
Bertolina (bisavó)
Marlise
3 irmãos
Bautia Martins da Silva (1941)
Paolo, Roberto, Carlos Antônio, Marcos, Cristina, Jussara
Manoel Lúcio Martins (pai)e Manuela dos Santos Martins (mãe)
Afra dos Santos (avó materna)
Clarinda (bisavó)
Graciano, Elomir, Fernando, Ernando, Luis Carlos, Juraci, Neusa, Joares, Jorge, Nira, Enilda
LEGENDA
Detentoras
Ativadoras potenciais
Conhecedores parciais
Não aprenderam
Entrevistados
Não aceitaram a entrevista
Falecidos

Anexo IV – Rede Geracional de Transmissão

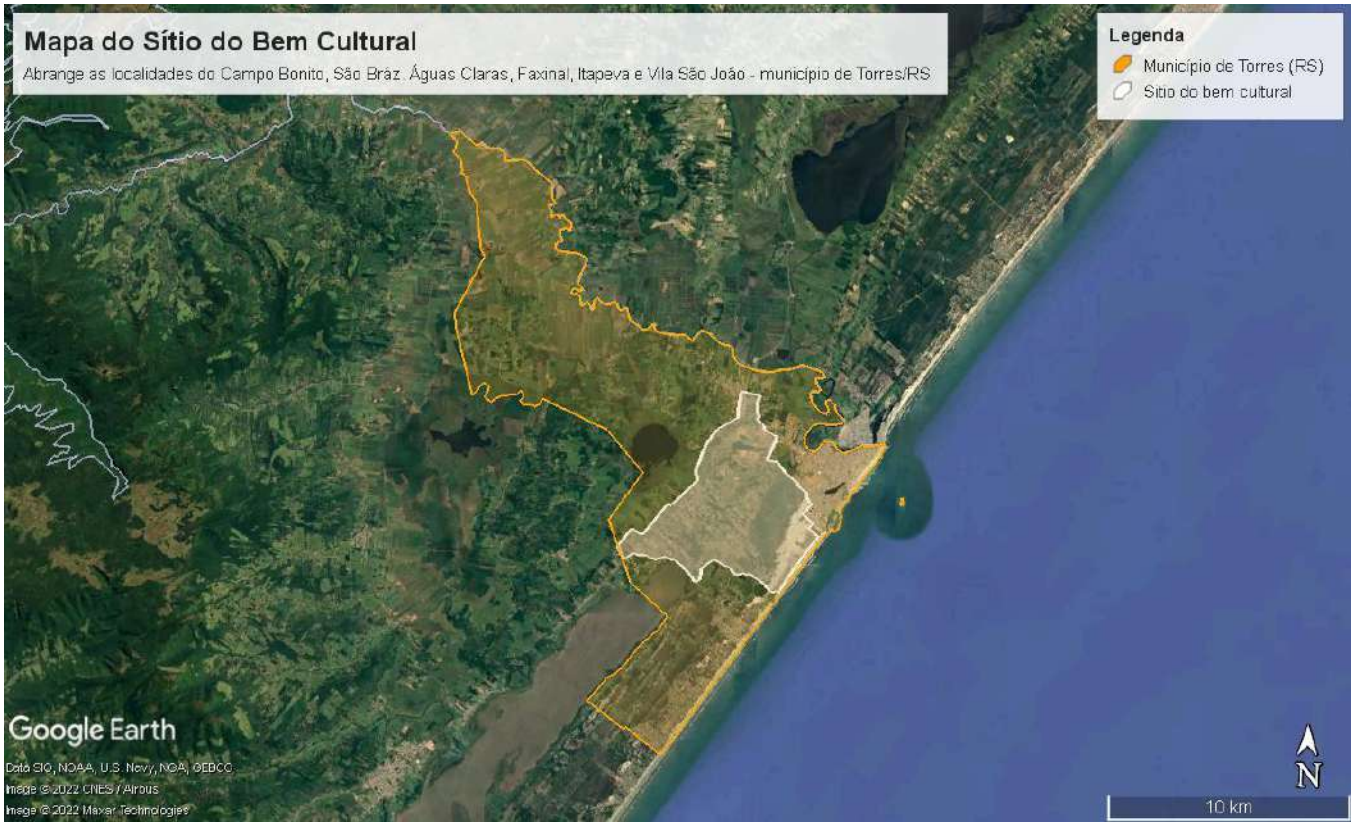


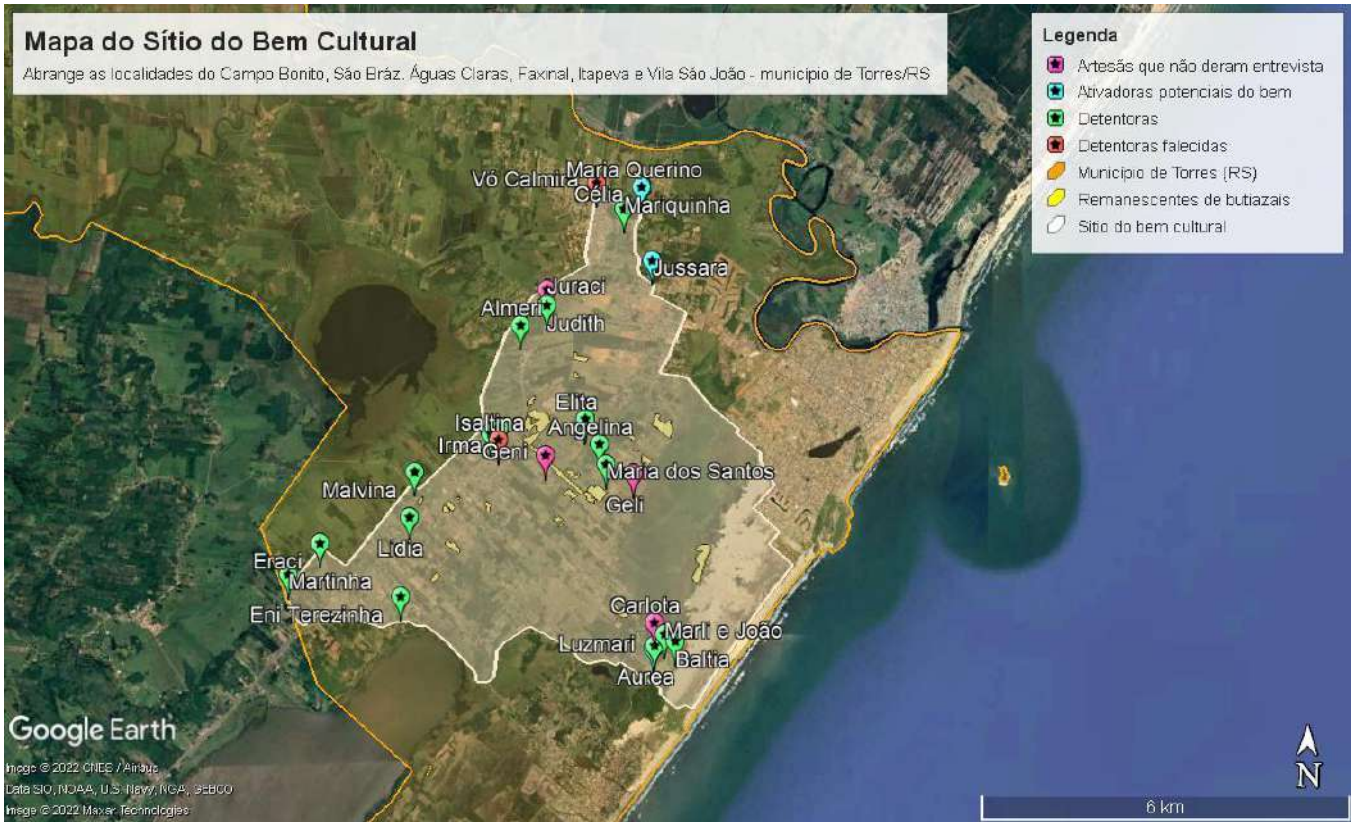

6
CAMPO BONITO
Jerônima Bauer da Rosa (mãe)
Judith da Rosa Santos (1943)
Claudia, Carmen, Claudineia, Cristiano
Carla
Maria, Noeli, João, Emanuel, Eunice
Juraci
Carolina (bisavó)
Angelina Jorge da Silveira - Dúia (avó)
Enerina da Silveira (mãe)
Elita Pacheco (1944)
Elenir Pacheco Daitx - Preta (1976)
Bruno, Felipe, Gabriel, Leonardo
Nadir Pacheco Daitx (Negra)
Enedir, Teresinha
Enilda, Orlita, Clori, Miguel
Irma Pacheco da Silveira (1945)
Jarbas, Márcio, Marcos
Leandro
Virgínia (tia)
Dona Verônica (1924)
Elpídio + 7 irmãos


Filhos
Célia Marta Teixeira da Silva (1974)
Adelma, Helena, Vera
José, Paulo, Ataide, Eroni, Alteir e Altemir
Maria Querino (1935)
Maria Jacinto Pereira - Maricota (1906)
2 irmãos e 2 irmãs
Manoel Onório da Rosa
Dorisete, José Alexandre, Rita, Silvana
Maria da Rosa - Mariquinha (1947)
Silvana, Ana, Maria, Eni, José, Laura, Geni, João, Veni, José Onório
Vó Calmira (1918)
João Filisbino (padrasto indígena)
VILA SÃO JOÃO
4

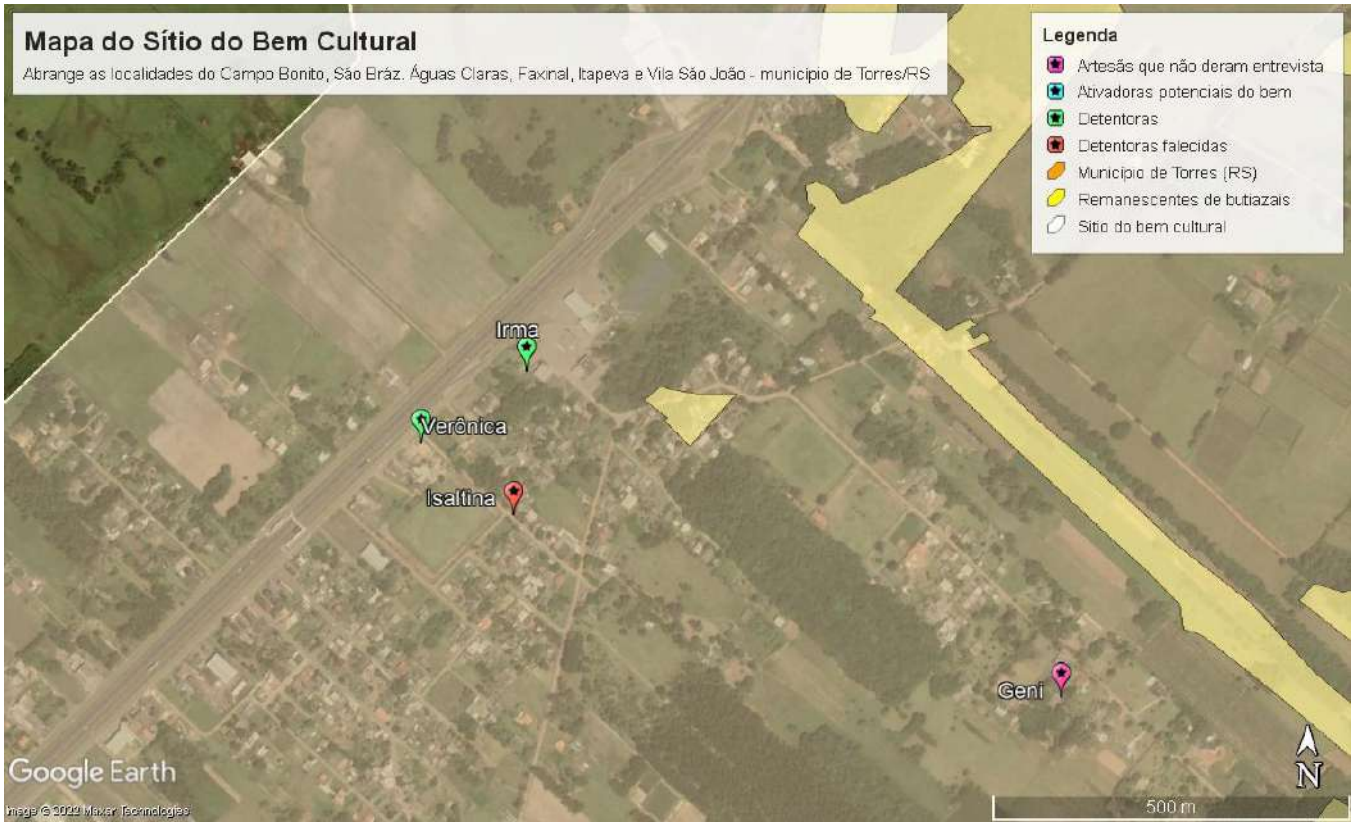
LEGENDA
Detentoras
Ativadoras potenciais
Conhecedores parciais
Não aprenderam
Entrevistados
Não aceitaram a entrevista
Falecidos

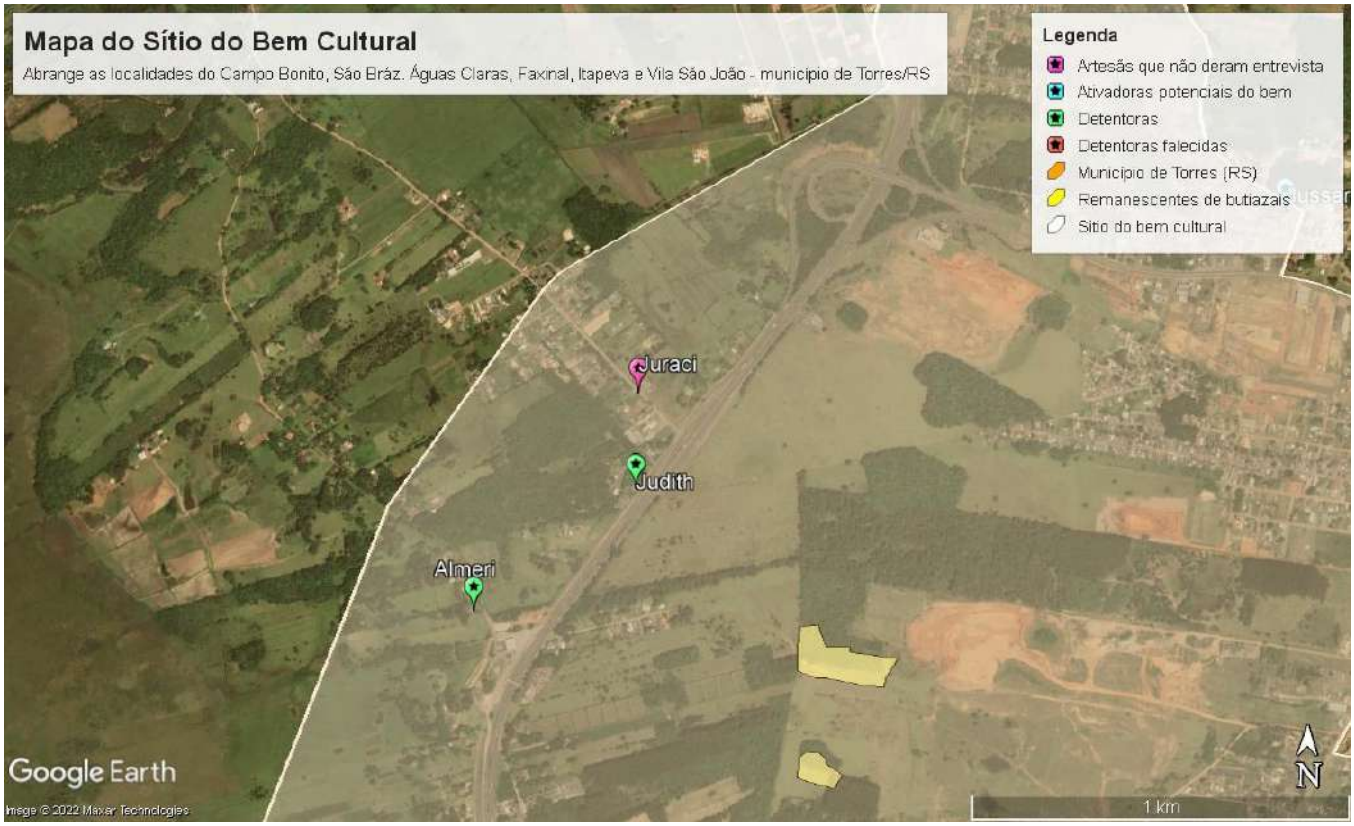
Anexo V – Mapa do Sítio Cultural



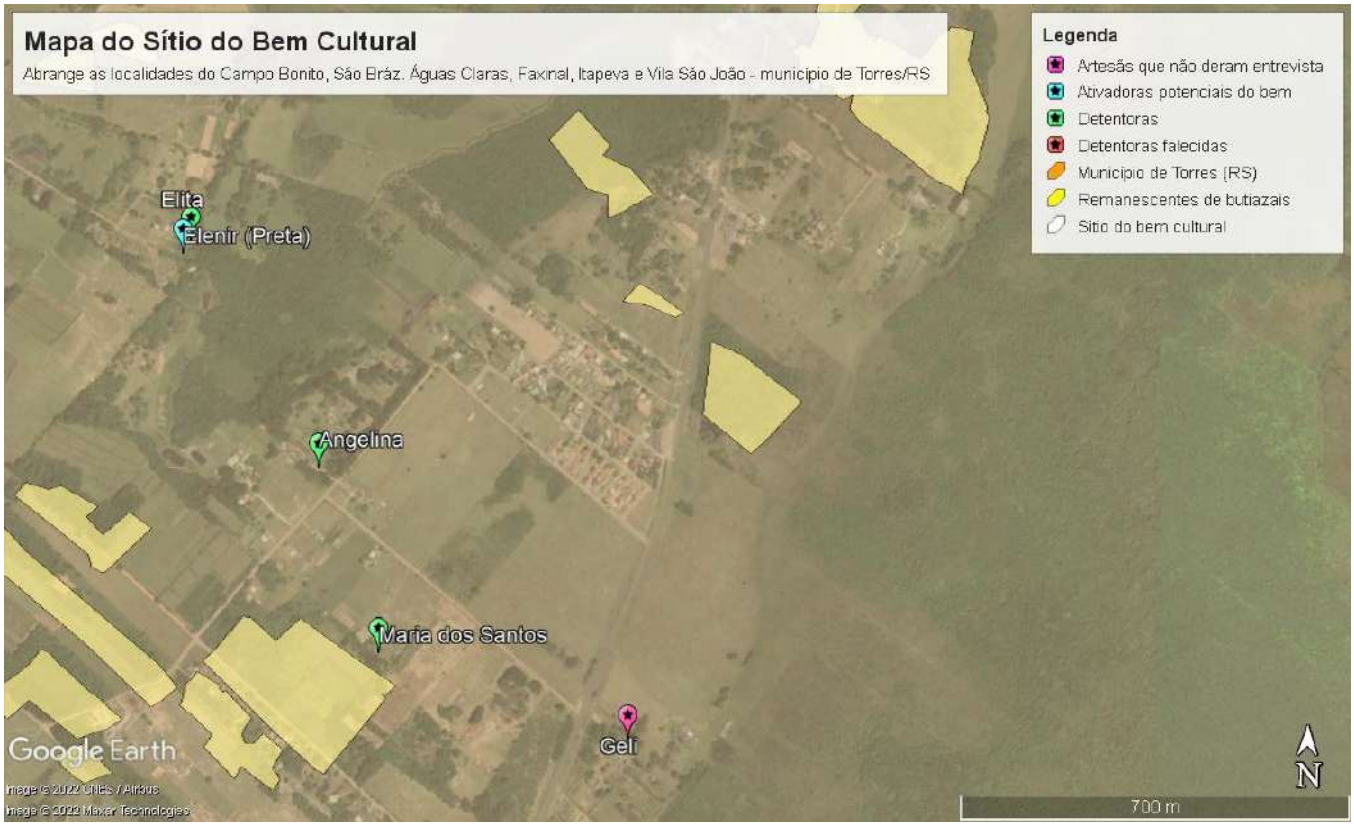


Anexo V – Mapa do Sítio Cultural



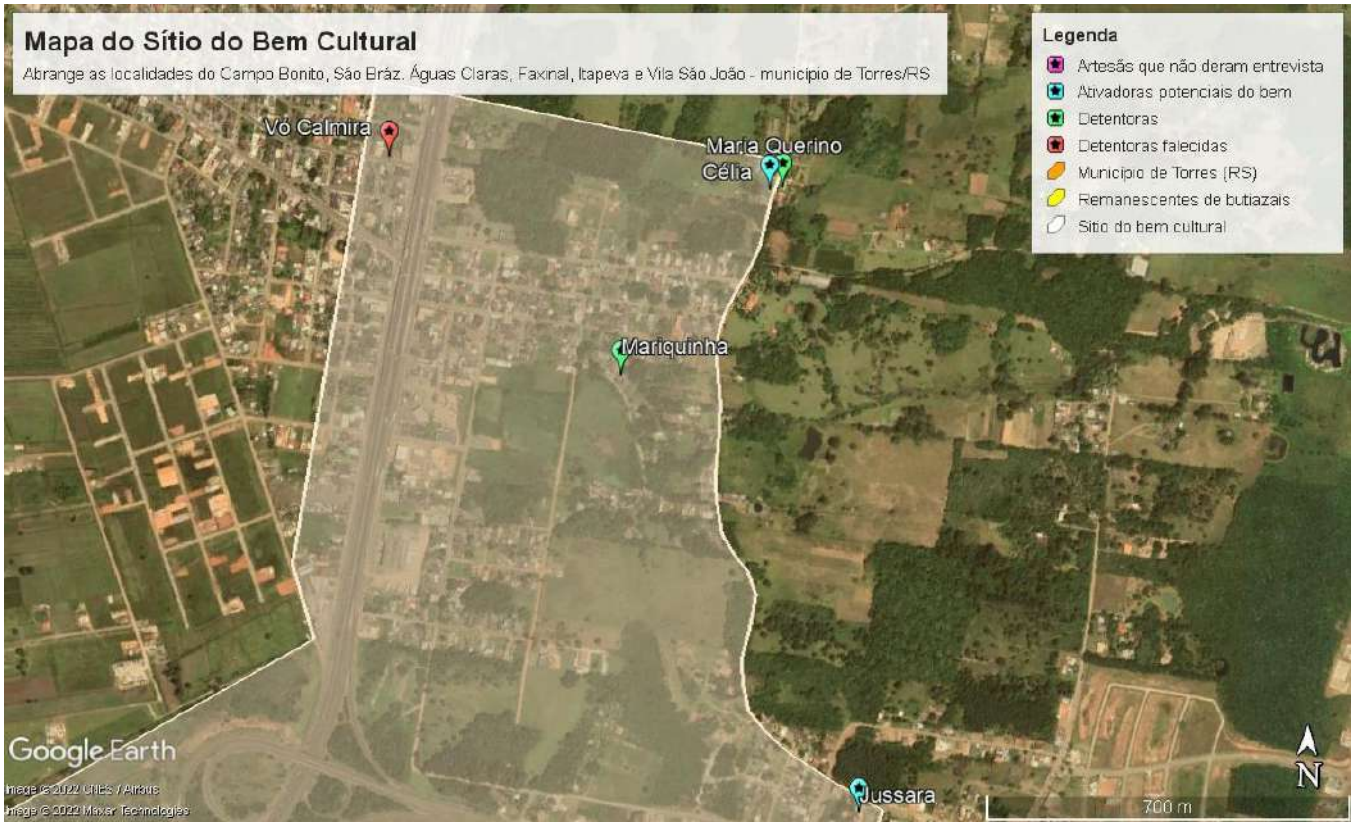


Anexo V – Mapa do Sítio Cultural



Anexo V – Mapa do Sítio Cultural

Anexo V – Mapa do Sítio Cultural



Anexo VI - **Manifestação de Interesse**

Nós abaixo listado e assinado, na condição de detentoras do modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres, saber que vem sendo transmitido de geração em geração no âmbito de nossas famílias, manifestamos nosso interesse e anuência que esse bem seja reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul pela Secretaria Estadual de Cultura, tendo como base a proposta técnica de registro elaborada pelo Instituto Curicaca, apoiada nas entrevistas que foram realizadas conosco, e entregue por esse interlocutor ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual em 2016. Será de imenso valor para cada uma de nós, nossas famílias, a comunidade local onde moramos e a população do Torres e do Rio Grande do Sul se esse reconhecimento alcançar a formalidade permitida pelo registro dando um importante passo nas ações de salvaguarda já realizadas.

Torres, 4 de setembro de 2021.

Elenir Pacheco Daitx
ELENIR PACHECO DAITX
009.674.900-81
P/ ELITA PACHECO DAITX

Veronica M. dos Santos
VERÔNICA MONTEIRO DOS SANTOS
718977200 68

MARIA QUERINO TEIXEIRA
683.112.140-34

Malvina Silveira Monteiro
MALVINA SILVEIRA MONTEIRO
718.981.900-20

Irma Pacheco da Silveira
IRMA PACHECO DA SILVEIRA
958.762.430-00

Luzmari J. da Silveira
LUZMARI GONÇALVES DA SILVEIRA
004 420 080-31

Judith da Rosa Santos
JUDITH DA ROSA SANTOS
704.833.450.91

Almeri B. Monteiro
ALMERI BERNARDES MONTEIRO
002.123.440-05

Eracy Joaquina D Rocha
ERACY JOAQUINA DAIXT DA ROCHA
713.903.400-15

CÉLIA MARTA TEIXEIRA DA SILVA
Celia Marta T. da Silva
704.400.260-91

Lidia Ramos de Oliveira
LÍDIA RAMOS DE OLIVEIRA
600.379.890-49

ÁUREA DE MELO NUNES
557.168.140-34

Manifestação de Interesse

Nós abaixo listado e assinado, na condição de detentoras do modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres, saber que vem sendo transmitido de geração em geração no âmbito de nossas famílias, manifestamos nosso interesse e anuência que esse bem seja reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul pela Secretaria Estadual de Cultura, tendo como base a proposta técnica de registro elaborada pelo Instituto Curicaca, apoiada nas entrevistas que foram realizadas conosco, e entregue por esse interlocutor ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual em 2016. Será de imenso valor para cada uma de nós, nossas famílias, a comunidade local onde moramos e a população do Torres e do Rio Grande do Sul se esse reconhecimento alcançar a formalidade permitida pelo registro dando um importante passo nas ações de salvaguarda já realizadas.

Torres, 4 de setembro de 2021.

Maria da Rosa Clezar

MARIA CALMIRA DA ROSA CLEZAR
960 709 780-72

Bautia Martins da Silva

BAUTIA MARTINS DA SILVA
403 515 130-00

Eni Terezinha Monteiro

ENI TEREZINHA MONTEIRO
540 510 610-00

Martinha Santos da Cunha

MARTINHA SANTOS DA CUNHA
906 369 700-78

Anexo VII – Programa de Conservação do Uso Sustentável dos Butiazais (tabela síntese das ações)

Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
Ajudar na constatação de irregularidades em relação aos remanescentes.		X							Artesãos, Curicaca	1
Atualizar o anexo XII do Plano de Manejo do Parque Estadual de Itapeva explicitando o especial cuidado com os butiazais.	X							X	Defap	1
Avaliar a possibilidade de inclusão de todos os remanescentes mapeados como zona núcleo ou zona de amortecimento da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica – UNESCO. Diretriz: Iniciativa deve ser apoiada na valorização das áreas.					X			X	RBMA	1
Buscar meios (articulação e apoio financeiro) para que os mesmos estudos para o Butia catarinensis ocorram também no sul de Santa Catarina, consolidando noção do estado da espécie na sua área de distribuição.						X			Ufrgs, Ufsc, MMA	1
Cadastrar artesãos/extrativistas que assumem responsabilidade de seguir a normativa de manejo sustentável.		X		X				X	Defap, Artesãos, Emater	1
Cadastrar os proprietários das áreas com remanescentes mapeados.		X							Sind.Rural, Pref., Defap. Rede Contatos, Com. Amb.	1
Cadastrar propriedades que possuem remanescentes e que pretendem entrar na oferta de produtos conforme normativa de manejo sustentável.		X		X				X	Defap, Artesãos, Emater	1
Criar um grupo permanente de artesãos/extrativistas que tenham interesse em dar continuidade às ações propostas aqui.				X	X		X	X	Artesãos, Curicaca,	1
Criar um GT de implantação do Plano de Conservação e Uso Sustentável dos Butiazais.							X	X	Curicaca	1
Dar continuidade às pesquisas de manejo sustentável dos butiazais para aproveitamento de folha e fruto.				X		X			Ufrgs, Fepagro, Embrapa, Fzb	1
Disponibilizar aos órgãos de controle e fiscalização federais, estaduais e municipais o mapa dos remanescentes.		X					X		Curicaca	1
Disseminar informações sobre a aplicação da Lei da Mata Atlântica e sua regulamentação nos casos que envolvem butiazais.						X			Emater, Defap, Com. Amb, RBMA	1
Elaborar e implantar projeto de caracterização genética das populações, incluindo o Litoral Norte do RS e a região sul de SC..						X			Ufrgs, Curicaca	1
Elaborar e implantar projeto de restauração para a área dos microcorredores ecológicos de Itapeva.			X					X	Curicaca, Defap, MPE, FZB, Fepagro	1
Elaborar e publicar normativa para o manejo sustentável e comercialização do artesanato com			X	X				X	Curicaca, Defap	1

Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
folhas. Diretriz: Cuidados com os frutos tem que ser considerado no processo pelo seu papel ecológico - reposição, período de frutificação ...										
Estudar junto à Sema-RS, especialmente com Fepam e Defap, diretrizes para o licenciamento de empreendimentos de utilidade pública sobre butiazais.	X							X	Fepam	1
Fortalecer os Microcorredores Ecológicos de Itapeva e as ações propostas no seu plano de implantação que contribuem para a conservação e uso sustentável dos butiazais.								X	Todos	1
Incluir nos planos ambientais dos municípios as áreas de concentração de remanescentes como zona especial para conservação.	X							X	Pref.Torres, Arroio do Sal, Maquiné, Osório ...	1
Iniciar a produção de mudas para abastecimento regional a partir de matrizes locais.			X						Fepagro, FZB, Pref., Horto Florestal de Tramandaí	1
Planejar uma rotina de sobrevôos trimestrais sobre a área de ocorrência para monitorar desmatamentos e regenerações.		X					X		Com. Amb.	1
Produzir folheto informativo sobre a APA Municipal Lagoa de Itapeva e distribuir para proprietários privados localizados nela.	X					X			Smam Torres	1
Promover junto ao Ministério do Meio Ambiente a abertura de um edital para a cadeia produtiva do butiazeiro, atendendo ao Plano Nacional para Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (PNPSB).				X				X	Sema, Curicaca, Ufrgs	1
Propor e construir disposição política da Sema-RS, especialmente do DEFAP e da FEPAM, para uma portaria da Secretária estabelecendo moratória ao licenciamento ambiental em áreas de butiazais.	X							X	Curicaca, CERBMA, Defap, Fepam	1
Propor uma moratória à supressão (imunidade ao corte) por um período de 8 anos, acompanhada de monitoramento da recuperação para definir necessidade de renovação ou finalização do estado.	X							X	Consema	1
Publicar e distribuir o plano de uso e conservação dos butiazais.						X		X	Curicaca, Ufrgs	1
Publicar material informativo – folheto, jornal – sobre a situação dos butiazais para ser distribuído na comunidade.						X			Emater, Curicaca, Ufrgs, Pref. Mun.	1
Realizar a edição de um livro sobre o artesanato com palha de butiá ou com fibras naturais incluindo esta espécie.					X	X			Curicaca, SEDAC/Prócultura	1

Anexo VII – Programa de Conservação do Uso Sustentável dos Butiazais (tabela síntese das ações)

Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
Realizar ações conjuntas de sensibilização de proprietários rurais e periurbanos para importância de conservação e uso sustentável dos remanescentes.						X			Todos, Emater, Pref., Sindicatos	1
Realizar registro videográfico dos saberes da produção do artesanato.					X	X			Curicaca, SEDAC/Prócultura	1
Verificar como o Plano de Manejo do PEVA trata a questão dos butiazais na zona de amortecimento e se precisa anuência.		X							Defap	1
Verificar conflitos de interpretação da legislação quanto ao licenciamento de corte de butiazais, uma vez caracterizados por espécie ameaçada de extinção, e estabelecer posição definitiva.		X				X			Defap, Fepam, CERBMA	1
Aprofundar a compreensão do conflito da fumicultura com as áreas de butiazais.		X				X			Sindicato Rural, Ibama, CERBMA, Defap	2
Atualizar a normativa para o manejo sustentável e comercialização do artesanato com folhas, incluindo o manejo e comercialização do fruto e seus produtos.			X	X				X	Curicaca, Fepagro, Defap	2
Avaliar a viabilidade econômica e o interesse social e iniciar capacitação de agricultores familiares para produção de mudas.			X	X			X		Emater	2
Avaliar junto ao IPHAN a potencialidade de registro do artesanato com palha de butiá como patrimônio cultural imaterial.					X	X			Curicaca, IPHAE	2
Buscar a utilização da Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental do Estado (TCFS-RS) e do Fundo Estadual de Meio Ambiente (FEMA), como fonte para pagamento por serviços ambientais decorrentes da conservação e recuperação dos butiazais – projeto piloto.	X		X	X			X	X	Curicaca, Defap, Emater	2
Cadastrar vendedores do fruto de butiá que atuam da BR290, entre Osório e Santo Antônio, e na Estrada do Mar no entroncamento com a Estrada do Palmital, para qualificação para beneficiamento dos frutos.		X		X			X		Emater, Sind. Trab. Rurais, Pref. Osório	2
Criar condições de transmissão dos saberes sobre o artesanato com palha de butiá, entre artesãos e entre gerações.					X	X			Curicaca, Pref. Torres, IPHAN, IPHAE	2
Criar uma UC para proteger os remanescentes da região de Osório a partir de inventário rápido para indicar localização, limites e categoria.	X					X			Pref.Mun. Osório	2
Demandar para os proprietários dos remanescentes mapeados a averbação de Reserva Legal numa estratégia de conservação, uso sustentável e conectividade.	X			X				X	Defap	2

Anexo VII – Programa de Conservação do Uso Sustentável dos Butiazais (tabela síntese das ações)

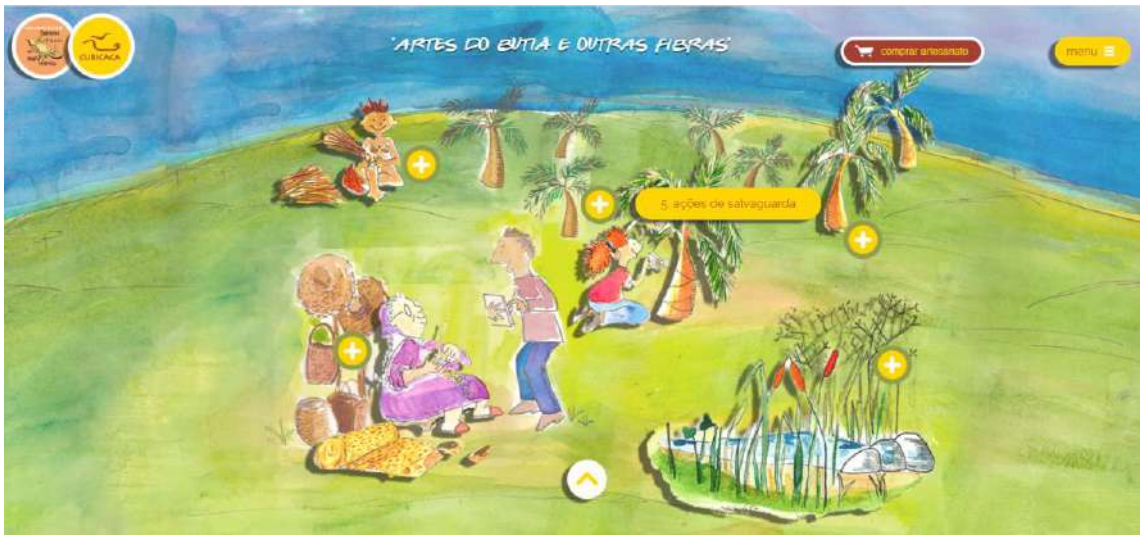
Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
Direcionar recursos de medidas compensatórias de licenciamentos ambientais da região visando à recuperação ou a aquisição de áreas com remanescentes.	X		X					X	Fepam	2
Elaborar e implantar projeto de agregação de valor ao artesanato – design e novos mercados. Diretriz: Garantir a inclusão de princípios da economia solidária nesse processo, garantindo relação justa entre empresas compradoras e artesãos.				X			X		Curicaca, Senar, Senai, TokStok	2
Elaborar ou atualizar o plano de manejo da APA Municipal Lagoa de Itapeva.	X		X					X	Smam Torres	2
Elaborar projeto piloto para inclusão de artesãos, extrativistas e proprietários de remanescentes nas práticas normatizadas de manejo sustentável de folhas e frutos, garantindo monitoramento com métricas ecológicas e socioeconômicas e reavaliação.				X		X	X		Curicaca, Defap, Emater, Ufrgs	2
Enviar solicitação ao MMA e a SEMA para emissão de portaria incluindo o Butia catarinensis na lista de espécies ameaçadas de extinção da flora brasileira e do RS.	X							X	Curicaca, FZB, Ufrgs	2
Estudar e experimentar alternativas de Sistemas Agroflorestais – SAFs - com butiazeiros. Considerar aptidões com eucalipto e mandioca.			X	X		X			Emater, Curicaca, Cent.Ecol.	2
Explorar a alternativa de compensação ambiental de empreendimentos conforme prevê a Lei da mata Atlântica, como servidão florestal nos microcorredores ecológicos.	X							X	Fepam, Defap	2
Incluir na revisão do Gerenciamento Costeiro as áreas de concentração de remanescentes como zona especial para conservação (ex. dunas),		X						X	FEPAM	2
Inserir nas condicionantes de licenciamento que seja observada a origem das matrizes das mudas.	X		X						Defap	2
Levantar e analisar de forma integrada todos os processo na Câmara Recursal da Sema, em 1ª e 2ª instâncias, que envolvem conflitos com áreas de butiazais.		X	X			X		X	Defap, Fepam, Com. Amb.	2
Levantar e analisar de forma integrada todos os processos no Ministério Público que envolvem áreas de butiazais.		X	X			X			MPE, Defap	2
Mapear a cadeia produtiva do artesanato com folha e fruto para subsidiar futuras estratégias econômicas sustentáveis.				X		X			Sebrae	2

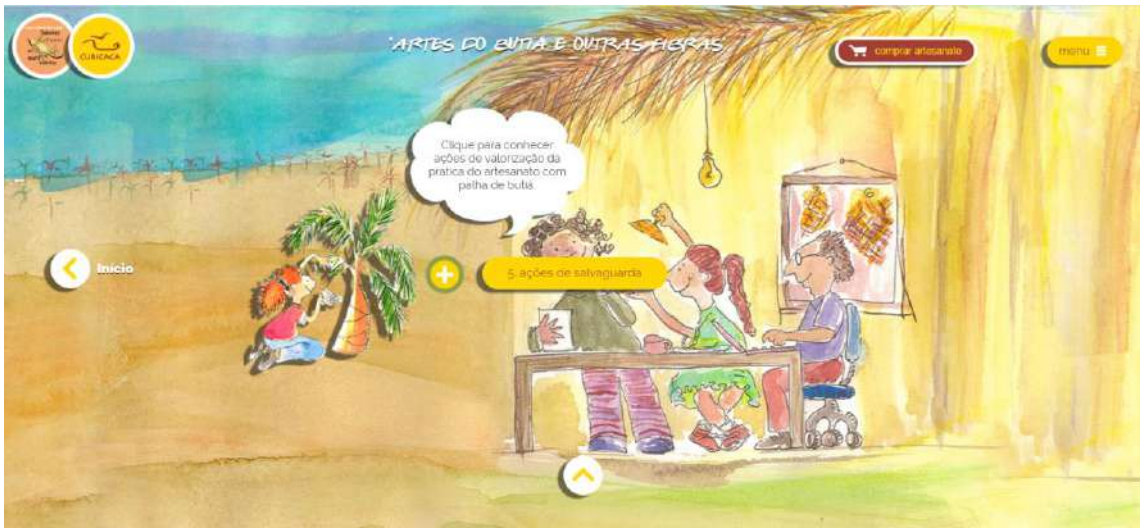
Anexo VII – Programa de Conservação do Uso Sustentável dos Butiazais (tabela síntese das ações)

Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
Motivar as escolas de Torres, Arroio do Sal, Osório e Maquiné para abordarem o tema nas atividades de educação ambiental.					X	X			Todos	2
Parecer conclusivo quanto à viabilidade legal de autorização de transplante de indivíduos – espécie ameaçada x taxa de sobrevivência. Diretriz: Tratar de forma diferente o que são butiazais e o que são indivíduos isolados.		X				X		X	Defap, Curicaca	2
Promover a averbação de butiazais como reserva legal de propriedades, individual ou em condomínio, se for de interesse dos proprietários.				X					Emater, Curicaca	2
Promover processos de beneficiamento do fruto do butiazeiro de forma semelhante ao que vem ocorrendo na região com o fruto do palmiteiro.				X			X		Agricultor interessado, Cent.Ecol., Curicaca, NEA (Ufrgs)	2
Propor e implementar mecanismos de pagamentos de serviços ambientais capazes de abranger a situação dos butiazais.								X	Defap, Curicaca, Emater	2
Realizar um seminário sulamericano sobre butiazais – conhecimentos e estratégias de conservação e uso sustentável.						X	X	X	Curicaca, Ufrgs, FZB, Fepagro, EMBRAPA, UFSC, EPAGRI	2
Verificar possibilidade de criação de RPPN em remanescente do município de Osório.	X								Pref. Osório	2
Avaliar junto ao IPHAN a viabilidade de instrução de chancela da paisagem para o conjunto de butiazais.					X			X	Iphae	3
Buscar a retomada da discussão e encaminhamento do substituto ao Decreto 38.355/98 para compatibilizar a legislação estadual com a Lei da Mata Atlântica e qualificar a atuação do Estado no manejo sustentável de folhas e frutos.							X	X	Defap, Cerbma	3
Criar um selo de certificação de origem do artesanato com palha de butiá que seja oriundo de projeto piloto de uso sustentável.				X					Curicaca	3
Definir métricas para o monitoramento das populações e formação vegetal.		X				X	X		Ufrgs	3
Elaborar e implantar projeto de apoio a pecuaristas no cercamento de parte das áreas de butiazais que estão sendo pastejados – áreas fontes.	X		X						Emater, Pref. Mun.	3
Elaborar e implantar projeto de restauração de butiazais no município de Maquiné apoiado em matrizes locais.			X					X	Pref. Mun. Maquine, Comitê Tramandaí	3
Estudar a área de distribuição geográfica no RS e SC para saber limites das espécies (genética).	X					X			Ufrgs	3

Anexo VII – Programa de Conservação do Uso Sustentável dos Butiazais (tabela síntese das ações)

Eixos >> / Ações (ordenadas pela prioridade, seguida pela ordem alfabética)	Proteção	Controle	Recuperação	Uso & socioecon.	Patrimônio Cult.	Educ. & Conhec.	Capacidades	Polít. Pública	Quem	Prioridade (1>3)
Fortalecer a necessidade de elaboração de uma resolução do Consema com fins de regulamentação da restinga no RS.								X	Defap, Curicaca, Fepam	3
Incluir a área dos butiazais dentro do PEVA como prioritárias à regularização fundiária no Parque Estadual de Itapeva.	X								Sema / Defap	3
Incluir áreas lindeiras ao remanescente do PEVA na beira da Estrada do Mar como prioritárias à regularização fundiária.			X					X	Defap	3
Mapear a rede atual de comércio de indivíduos para o paisagismo e apontar irregularidades de coleta sem licença.		X				X			Com. Amb., Defap	3
Pesquisar o valor de mercado do butiazeiro no paisagismo – Litoral, Região Metropolitana – para subsidiar alternativa econômica de plantio e manejo sustentável.			X	X					Curicaca, Artesãos	3
Realizar campanha de repovoamento intensivo para a região. Diretriz: Nossa preocupação são os butiazais e não os butiazeiros, por isso uma campanha precisaria ter estratégias para o ecossistema e também ter muito cuidado com a contaminação genética.			X	X					Defap	3
Realizar curso de beneficiamento artesanal do fruto de butiá na região de Torres e de Osório.				X		X	X		Emater, Pref. Torres e Osório	3


'ARTES DO BUTIÁ E OUTRAS FIBRAS'
comprar artesanato
menu
5. ações de salvaguarda


'ARTES DO BUTIÁ E OUTRAS FIBRAS'
comprar artesanato
menu
Clique para conhecer ações de valorização da prática do artesanato com palha de butiá
Início
5. ações de salvaguarda

5. ações de salvaguarda
Início
A
B
C
D
d) Atividades para educação patrimonial

5. ações de salvaguarda

O artesanato com a palha do butiá é um bem cultural que tem desaparecido lentamente. A falta de retorno financeiro da atividade, resultado da carência de valorização da cultura local e do fechamento dos estabelecimentos onde era possível fazer o escambo, além do estado de degradação dos butiazais e da idade avançada de algumas artesãs, são parte dos fatores que colaboram com a situação

d) atividades para educação patrimonial

Estas sugestões de atividades são uma opção para alunos e professores sensibilizarem-se para com o patrimônio imaterial, em especial o Modo de Fazer Artesanato com a Palha de Butiá na região de Torres. Ocorre no âmbito da Ação Cultural de Criação Saberes e Fazeres, metodologia própria do Instituto Curicaca que apoia-se no respeito a todas as formas de vida, à diversidade cultural e a interconexão entre natureza e cultura, estimulando o diálogo, a sensibilização, a criatividade e a participação crítica e coletiva. Ela ocorre de forma transversal, vinculada aos projetos de desenvolvimento sustentável ou de conservação de espécies e de habitat levados pela ONG.

A educação patrimonial, através da experimentação e do contato direto, busca identificar, reconhecer, apropriar e valorizar nossa herança cultural. Esse processo leva a compreensão do nosso lugar no mundo, inserido em um contexto histórico, social, territorial e temporal. Promove a auto-estima, a identidade e a cidadania de pessoas e de grupos e leva à valorização de nossa cultura brasileira, que é múltipla e plural. O envolvimento dos mais jovens nesta perspectiva provoca neles a reflexão crítica e as atitudes necessárias para que se sintam parte da cultura e responsáveis pela sua salvaguarda e continuidade como processo vivo, dinâmico e enriquecedor.

Outras instituições com atuação mais especializada na salvaguarda do patrimônio cultural também têm recomendações de atividades educativas para serem realizadas pelos professores com seus alunos, e que podem ser outras fontes de inspiração. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN -, por exemplo, tem uma série de publicações para fundamentar e orientar a educação patrimonial produzidas para diferentes níveis de aprofundamento, que podem ser buscadas no site do Instituto.

1. Nós somos nosso maior patrimônio!

Esta atividade busca explorar a ideia de que o patrimônio imaterial é fonte de identificação e reside na capacidade criativa das pessoas e suas formas de expressão. Tem como objetivo a compreensão de que nós somos nosso maior patrimônio, por isso a importância do autoconhecimento e do respeito a si mesmo e ao outro. O quê, o como e o porquê preservamos tem a ver com quem somos e onde estamos. Para isso sugerimos um exercício de autoretrato que busque explorar além dos aspectos físicos, as qualidades, gostos, características psicológicas e curiosidades.

Sugerimos que o professor busque analisar os resultados com o grupo, explore cores e formas da pele, dos cabelos e olhos, as proporções do corpo, esteja atento aos conceitos de autoestima e pertencimento, quebrando os estereótipos de feio ou bonito, de aceitação ou de rejeição, e estimule a prática da alteridade e da empatia. Provoque reflexões: Como eu me vejo? Eu me aceito como sou? Como vejo os outros? Como é a diversidade do nosso grupo? Qual a força desse grupo, suas qualidades e potenciais?

Há muitas possibilidades de exploração desse tema. Utilizando-se de referências de autoretratos de artistas, através da confecção de máscaras de gesso, desenhos em duplas do rosto ou do corpo inteiro, trabalhos de colagens, uso de espelhos, fotografias antigas ou selfs atuais, que podem ser adaptadas para todas as faixas etárias. Explore também as diferenças de técnicas - fotografia, desenho ou pintura - levando os alunos a compreenderem as várias possibilidades de representação da realidade, o uso da imaginação e a liberdade de expressão.

Sugestão de atividade

Material - Preparar para esta aula: pedaços de papel craft de aproximadamente 1,20 m de altura, fitas adesivas, carvão, giz de cera ou lápis 6B, tesoura, materiais diversos para colagem, papéis coloridos de embalagens, fitas, folhas vegetais secas, inclua as fibras naturais como a palha de butiá, revistas e outros materias que sua imaginação mandar. Abrir o espaço no chão da sala afastando mesas e cadeiras.

Condução - Pedir aos alunos para se dividirem em duplas. Estender as folhas de papel craft no chão, duas por dupla. Um dos alunos deverá deitar sobre a folha de papel posicionando-se de forma a ocupar todo o espaço da folha, criar uma pose e ficar imóvel. O outro aluno da dupla acompanhará com o lápis 6B, giz de cera ou carvão, por meio da linha, a silhueta do colega projetada no papel. Repetir esta ação até que todos os alunos tenham sua própria silhueta delimitada pela linha de contorno do colega; Dizer aos alunos que, de posse de suas silhuetas, preencham livremente a parte interna do contorno, representando a si mesmos através da pintura e de outros materiais e colagens, explorando aspectos físicos e psicológicos, gostos e qualidades livremente. Recortar os contornos das figuras e criar em grupo uma instalação com os "autoretratos de corpo inteiro". Pedir aos alunos que observem e transitem entre os autorretratos e, por fim, desenvolver a apresentação de cada um e o debate sobre o tema.

Desdobramentos

Transforme isto num projeto. Promova uma exposição com os resultados dos trabalhos em sala de aula e gere debates sobre a diversidade e a inclusão, os padrões de beleza e estereótipos da nossa sociedade.

2. Objetos de significado cultural

O objetivo dessa atividade é trabalhar o conceito de patrimônio pessoal, da família, da comunidade a partir da identificação de objetos significativos. Você pode iniciar mostrando, em sala de aula, objetos significativos da escola e o quanto cada objeto tem valores materiais e imateriais associados a ele. Explore que o valor vai muito além da sua materialidade, corresponde a sua importância afetiva, das histórias que carrega, usos e a forma como chegou até aqui. Peça que cada aluno identifique e traga para apresentar aos colegas, um objeto pessoal ou da família que tenha um significado especial e valor afetivo. Aproveite para destacar que a cultura é um conceito amplo, que todos os povos produzem, cada qual a seu modo e que não existem culturas superiores a outras. No Brasil, por exemplo, essa diversidade cultural é a nossa maior riqueza. Da mesma forma, os objetos que chegarem em sala de aula, terão cada um a sua própria riqueza e valor.

Sugestão de atividade

Material - Preparar para essa aula um lençol ou tecido grande e um espaço para colocar os objetos.

Condução - Recolha com cuidado os objetos de todos os alunos e organize em uma mesa. Peça que os alunos visualizem rapidamente todos os objetos e depois coloque um lençol sobre todos eles para criar um clima de mistério. Depois dessa primeira observação, escolha quem vai começar e oriente a turma para fazer-lhe perguntas buscando adivinhar qual é o seu objeto, sem que a pessoa escolhida diga diretamente o que é, como por exemplo: Que lembranças que esse objeto lhe trás?

coloque um lençol sobre todos eles para criar um clima de mistério. Depois dessa primeira observação, escolha quem vai começar e oriente a turma para fazer-lhe perguntas buscando adivinhar qual é o seu objeto, sem que a pessoa escolhida diga diretamente o que é, como por exemplo: Que lembranças que esse objeto lhe trás? Foi dado por alguém? Para que serve? A quem pertence/ia? Quem o fez? É feito de que materiais? Tem cheiro? Faz barulho?

Quando os alunos advinharem o objeto, aquele que estava respondendo as perguntas retira-o de baixo do lençol de mostra para todos. Assim os objetos com significado pessoal serão conhecidos de forma divertida e associada a sua importância. Depois dessa etapa, cada aluno pode fazer um registro do objeto que mais lhe interessou com fotografia ou desenho, além de sua descrição.

Desdobramentos

Transforme isso num projeto. A partir dessas descobertas pode ser incentivada a pesquisa com os familiares, entrevistas e a identificação de histórias orais relacionadas aos objetos trazidos. Poderá também ser montada uma exposição ou museu dos objetos com seus registros. Pode-se ainda convidar algum familiar para falar sobre o objeto e seu significado nas outras gerações.

Entre os bens levantados pelos alunos podem surgir objetos feitos com a palha de butiá e outras fibras, aproveite a oportunidade para destacar a importância desse bem e para conhecer melhor sobre ele através do site www.artesdobutia.com.br.

3. Quem faz arte da palha de butiá?

Esta proposta permite compreender como o patrimônio imaterial está diretamente vinculado aos seus detentores, valorizá-los e entender como se dá a transmissão oral e a sua continuidade de geração em geração. Aborda também a importância do registro de informações nos tempos atuais para que estas não se percam, o que estimula a pesquisa sobre saberes e fazeres locais. A partir das atividades dos objetos significativos você pode explorar a importância do artesanato com a palha de butiá do município de Torres e ampliar a abordagem para a noção de patrimônio coletivo. Explore com os alunos a aba "Portadores e Produtos" no site www.artesdobutia.com.br para conhecer como um bem de natureza imaterial está relacionado àqueles que detem esse conhecimento. São pessoas da comunidade, grupos e coletividades que possuem relação direta com a dinâmica de produção e reprodução de determinado bem cultural imaterial. Para elas, o bem cultural expressa um modo de vida, uma visão de mundo, valores e afetos, ou seja, constitui memória e identidade. Os detentores possuem conhecimentos sobre esses bens culturais e são os principais responsáveis pela sua transmissão para as próximas gerações, pela continuidade da prática e dos valores simbólicos a ela associados.

Sugestão de Atividade

gerações, pela continuidade da prática e dos valores simbólicos a ela associados.

Sugestão de Atividade

Material - Papel e caneta ou gravação no celular.

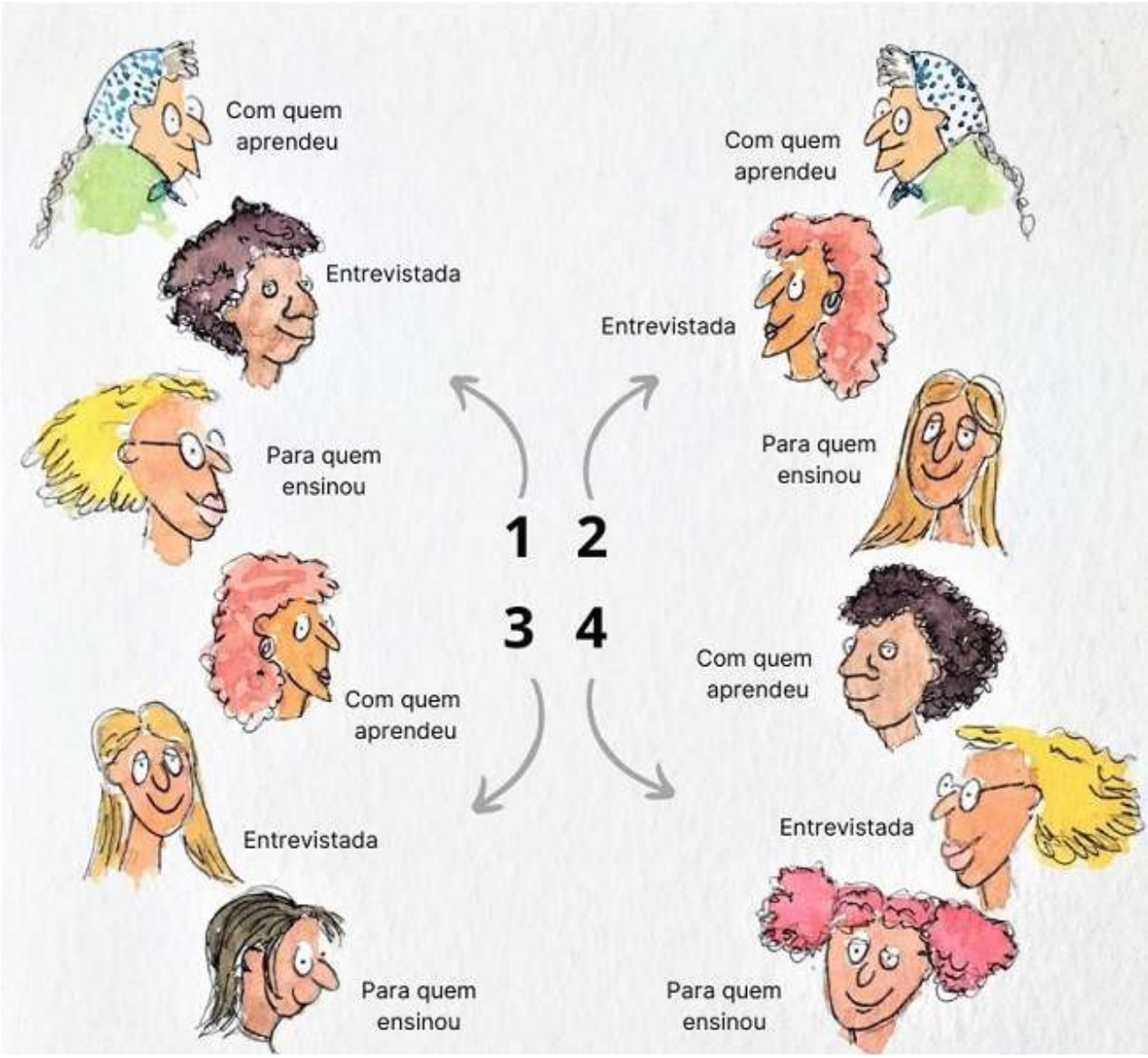
Condução - Depois de conhecer as pessoas que estão vinculadas ao modo de fazer artesanato com a palha de butiá através do site, peça que os alunos perguntem em casa se algum familiar ou morador da vizinhança pratica ou praticava este tipo de artesanato. Identifique se essa pessoa está viva ou já faleceu, seu nome e onde vivia, qual o vínculo do aluno com ela (avó, bisavó, vizinha) e uma forrma de contato com ela. Se possível peça para os alunos fazerem uma entrevista com esta pessoa, perguntando: Com quem aprendeu a fazer o artesanato com a palha de butiá? O que produz? Como é feito? Desde quando essa prática está na família? Ensinou para alguém? Quem? O que mais gosta nesse fazer e por que? Que dificuldades encontra hoje com sua produção?

Plano B: Para os alunos que não encontrarem nos seus vínculos nenhum detentor do artesanato com a palha de butiá, pode ser feito o mesmo com outra manifestação cultural que esteja presente nos seus parentes ou conhecidos, como por exemplo, alguma comida, brincadeiras antigas, cantigas, dentre outras. As perguntas podem ser adaptadas para cada situação. Por exemplo: Com quem aprendeu a fazer a pamonha? Como é preparada? Existem variações culinárias? Desde quando essa culinária está na família? Ensinou para alguém? Quem? Existe alguma parte de todo o preparo da qual gosta mais?

Desdobramentos

Transforme isso num projeto. Proponha para a turma de alunos construir uma rede de relações entre as pessoas que aparecem nas entrevistas, a partir do nome de quem foi entrevistado, com quem aprendeu e para quem ensinou. Inclua os alunos na rede. Explore se aparecem pessoas em comum, ou seja, que foram identicadas nas entrevistas de diferentes alunos. Expresse essa rede em um grande painel sobre papel pardo ou no quadro escolar ou com o apoio de um programa gratuito para elaborar mapas mentais. Organize um seminário para apresentação das entrevistas na sala de aula. Pode usar cartazes com imagens e o destaque de algum

para elaborar mapas mentais. Organize um seminário para apresentação das entrevistas na sala de aula. Pode usar cartazes com imagens e o destaque de algum relato ou frase que chamou atenção, ou fazer de forma oral, dentre outras. Também pode ser organizado um salão ou exposição para ampliar a difusão da experiência para toda a escola e os familiares.



4. Vamos aprender a trançar?

Essa atividade permite a apropriação pelos alunos de uma etapa importante do processo de confecção das peças artesanais com a palha de butiá, que é o entrelaçamento das fibras, o trançar. A trança é a estrutura básica para a confecção do chapéu e das bolsas e pode ser feita com 9, 13, 17 palhas conforme a vontade do artesão e os objetivos do trabalho. O ato de trançar ocorre em várias culturas e pode ser realizado com vários tipos de fibras naturais (veja a aba "Outras plantas" no site Artes do Butiá). Internamente, ele organiza o pensamento e as emoções, desenvolve a concentração, a coordenação motora e fortalece a vontade, de modo que o resultado de uma trança está sempre impregnado das mãos de quem a trançou.

Sugestão de Atividade

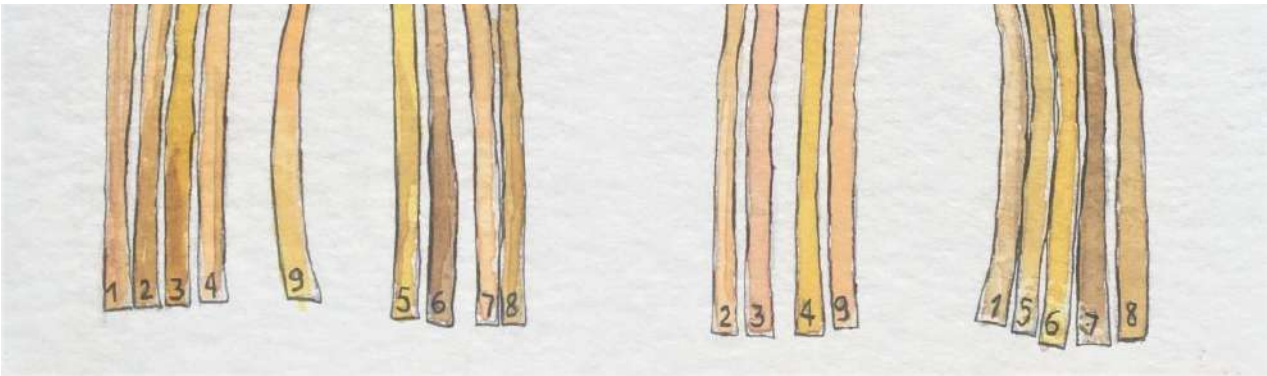
Materiais - Adquira de uma aretesã alguns feixes de palha já preparadas para trançar. Elas podem ser localizadas através da aba "Comprar artesanato" no site Artes do Butiá.

Condução - Inicie explorando com os alunos o item A da aba "Processo" no site Artes do Butiá e conheça a complexidade do trabalho em todas as suas etapas, os conhecimentos, a dedicação e o tempo necessários a cada parte do processo. Detenha-se na "confecção da trança", passo 6, e realize uma oficina de trançar. Quanto maior o número de palhas a serem trançadas, mais difícil, inicie com 3 palhas e vá aumentando o número conforme a habilidade se desenvolva podendo chegar até 9 palhas, a quantidade mais comum. Para ajudar, veja o esquema abaixo, ou se tiver oportunidade, convide uma das detentoras apresentadas no ítem B da aba "Processo" do site Artes do Butiá ou uma pessoa que tenha surgido durante a realização da atividade 3, acima.

Plano B - Caso não seja possível proporcionar a experiência com a palha de butiá, utilize o material disponível, tiras de tecido, fios de lã, cordões.

Plano B - Caso não seja possível proporcionar a experiência com a palha de butiá, utilize o material disponível, tiras de tecido, fios de lã, cordões.

Passo a passo: 1. Faça um feixe com as nove palhas; 2. Separe quatro palhas para um lado e cinco para o outro e inicie o movimento pelo lado que tem mais palhas; 3. Pegue a palha mais externa e passe por cima das duas ao lado e por baixo das outras duas e ela agora passou a ser a quinta palha do outro lado; 4. Então, repita o movimento de trançar começando novamente com a palha mais externa do outro lado; 5. Segue sempre começando do lado que tem cinco palhas.



Desdobramentos

O desdobramento não precisa necessariamento ser na confecção de uma peça artesanal, mas pode ser parte de um projeto de artes mais livre com a criatividade própria de cada aluno. Você pode propor um trabalho artístico que inclua as tranças confeccionadas junto com outros materiais e suportes diversos, tipo madeira, jornal, papéis coloridos, montando composições abstratas ou figurativas. Explore os limites entre a pintura e a escultura. Dentro do tema, você pode buscar a referência de artistas do cenário brasileiro, como Carlos Scliar, Piza, Guignard, Jorge de Lima, Athos Bulcão, Hélio Oiticica e Lygia Clark. Pode também discutir como a cultura é dinâmica e os processos se transformam, mas mesmo assim é importante referenciar suas inspirações e seu vínculo com a história local, estadual e brasileira.

5. Rede de relações e interdependência com o butiá

Algumas espécies de plantas dependem da ajuda de animais dispersores para se reproduzirem ou ampliarem a sua área de ocupação no território e essa fauna depende dos frutos para se alimentar. Existe também a interdependência sociocultural entre a natureza e a cultura. As artesãs dependem dos butiazais para coletarem as folhas, manterem viva sua cultura e terem uma renda complementar. Outros agricultores que coletam os frutos, produzem sucos e doces, dependem disso para um ganho extra. Já os butiazeiros dependem também dessas pessoas para serem valorizados e protegidos contra o desmatamento.

sociocultural entre a natureza e a cultura. As artesãs dependem dos butiazais para coletarem as folhas, manterem viva sua cultura e terem uma renda complementar. Outros agricultores que coletam os frutos, produzem sucos e doces, dependem disso para um ganho extra. Já os butiazeiros dependem também dessas pessoas para serem valorizados e protegidos contra o desmatamento.

Sugestão de Atividade

Materiais - Cartolina ou papel mais grosso, lápis, hidrocor e giz de cera, e barbante a confecção para confecção de crachás.

Condução - Organize grupos de até 6 alunos. Em cada grupo, uma pessoa será o butiazeiro e as demais serão um animal ou pessoa de cada uma das cinco categorias abaixo. Peça que cada um faça um crachá com o desenho do seu personagem. Apresente um modelo, por exemplo, em meia folha de papel A4, mostrando como perfurar e passar o barbante do tamanho certo. No encontro seguinte os grupos devem formar rodas tendo o butiazeiro ao centro. É ele que vai iniciar a troca de perguntas. A cada resposta certa, o personagem dá um passo a frente em direção ao butiazeiro.

1ª Rodada

- Butiazeiro: Aponta para qualquer um na roda, por exemplo, a cutia.
- Cutia afirma: Eu dependo de você!
- Butiazeiro pergunta: Por quê?
- Cutia responde: Porque me alimento dos seus frutos! (se respondeu certo dá um passo pra frente, se errar permanece no lugar)

2ª Rodada

- Butiazeiro: Aponta novamente para qualquer um na roda, por exemplo, a cutia
- Cutia afirma agora: Você depende de mim!

sociocultural entre a natureza e a cultura. As artesãs dependem dos butiazais para coletarem as folhas, manterem viva sua cultura e terem uma renda complementar. Outros agricultores que coletam os frutos, produzem sucos e doces, dependem disso para um ganho extra. Já os butiazeiros dependem também dessas pessoas para serem valorizados e protegidos contra o desmatamento.

Sugestão de Atividade

Materiais - Cartolina ou papel mais grosso, lápis, hidrocor e giz de cera, e barbante a confecção para confecção de crachás.

Condução - Organize grupos de até 6 alunos. Em cada grupo, uma pessoa será o butiazeiro e as demais serão um animal ou pessoa de cada uma das cinco categorias abaixo. Peça que cada um faça um crachá com o desenho do seu personagem. Apresente um modelo, por exemplo, em meia folha de papel A4, mostrando como perfurar e passar o barbante do tamanho certo. No encontro seguinte os grupos devem formar rodas tendo o butiazeiro ao centro. É ele que vai iniciar a troca de perguntas. A cada resposta certa, o personagem dá um passo a frente em direção ao butiazeiro.

1ª Rodada

- Butiazeiro: Aponta para qualquer um na roda, por exemplo, a cutia.
- Cutia afirma: Eu dependo de você!
- Butiazeiro pergunta: Por quê?
- Cutia responde: Porque me alimento dos seus frutos! (se respondeu certo dá um passo pra frente, se errar permanece no lugar)

2ª Rodada

- Butiazeiro: Aponta novamente para qualquer um na roda, por exemplo, a cutia
- Cutia afirma agora: Você depende de mim!

- Butiazeiro pergunta: Por quê?
- Cutia responde: Porque me alimento dos seus frutos! (se respondeu certo dá um passo pra frente, se errar permanece no lugar)

2ª Rodada

- Butiazeiro: Aponta novamente para qualquer um na roda, por exemplo, a cutia
- Cutia afirma agora: Você depende de mim!
- Butiazeiro pergunta: Por quê?
- Cutia: Porque eu espalho as sementes quando como seus frutos! (novamente avança um passo se acertou ou permanece no lugar se errou)

A brincadeira termina após a 2ª rodada de perguntas e quem tiver ficado mais próximo do butiazeiro compreendeu bem as interependências. Na época de frutificação dos butiás, pode ser animada com a inclusão desse alimento delicioso na brincadeira. Tipo, o butiazeiro fica com uma cestinha de frutos junto a si e quem tiver dado dois passos, ganha dois frutos para se deliciar, quem tiver dado um ou nenhum passo, ganha um fruto. Se isso acontecer, as sementes ainda podem ser plantadas no pátio da escola.

Relações de interdependência:

- Animais que se alimentam dos frutos e que dispersam as sementes - tucano, cutia, preá, papagaio, mão-pelada, cervo-do-mato, sabiá-laranjeira, macaco-prego, gambá, graxaim, saracura, jacu, gralha-azul, lagarto-teiu, paca, morcegos frugívoros, formiga
- Animais que se alimentam do nectar e pólem e que polinizam as flores - abelha jataí, abelha mirim, mariposas, borboletas, morcegos nectarífero, cambacica, beija-flor-de-fronte-violeta
- Animais que se alimentam de insetos sobre e sob a casca e que fazem a limpeza da planta - pica-pau, corruíra, tamanduá-mirim, alma-de-gato)
- Pessoas que usam a palha pra fazerem produtos e que valorizam e protegem os butiazeiros - artesãs

butiazeiros - artesãs

- Pessoas que usam o fruto fazer e vender suco, sorvete, geleia e que valorizam e protegem os butiazeiros - agricultor familiar

317

Desdobramentos

Há uma relação bem complexa com os tipos de dispersão feitas pelos animais que se alimentam dos frutos. Esse conteúdo pode ser explorado de forma complementar. Veja a seguir os tipos de dispersores:

- Derrubadores: Alimentam-se de uma parte da polpa dos frutos ainda no cacho derrubando-os no chão (periquitos, papagaios, cambacicas, sanhaços, saíras, tiés, sabiás e gralhas).
- Regurgitadores: Engolem o fruto inteiro e regurgitam as sementes (tucanos e veados).
- Mastigadores: Mastigam a polpa do fruto e liberam as sementes (morcegos e cuícas).
- Engolidores: Engolem o fruto inteiro e eliminam as sementes pelas fezes (macacos, jacus, lagartos, graxains e mãos-peladas).
- Estocadores: Carregam os frutos para outros lugares onde possam comê-los com tranqüilidade ou armazená-los (cutias, pacas e ratinhos-do-mato).

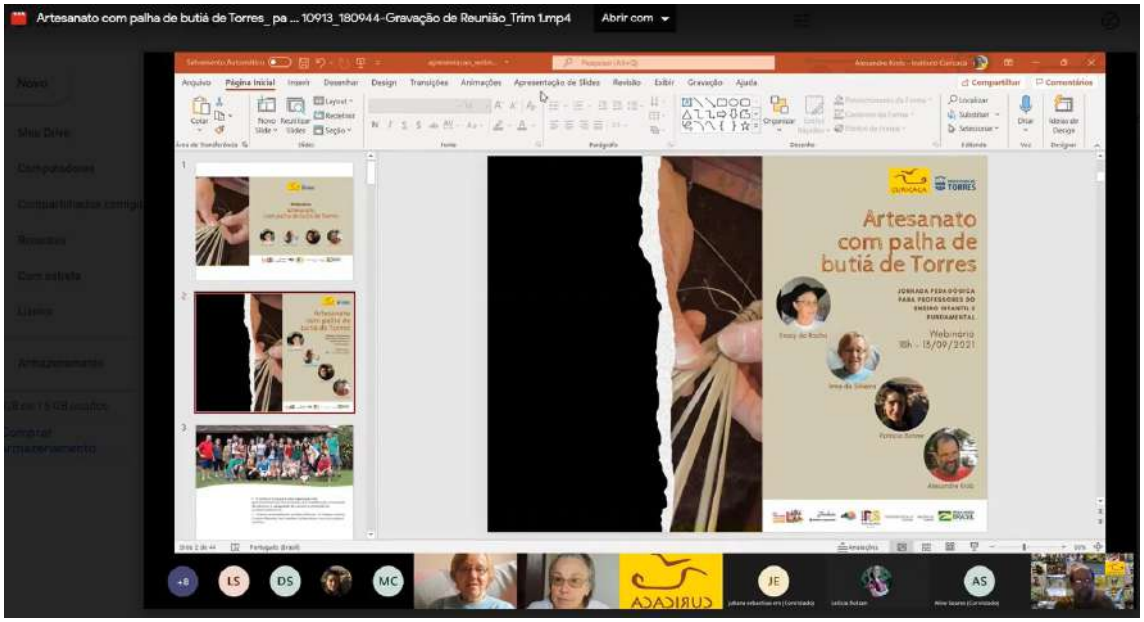
Essa aba com "atividades para educação patrimonial" dentro do site Artes do Butiá, criado em 2013 pelo Instituto Curicaca, foi desenvolvida em 2021 com apoio do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20.

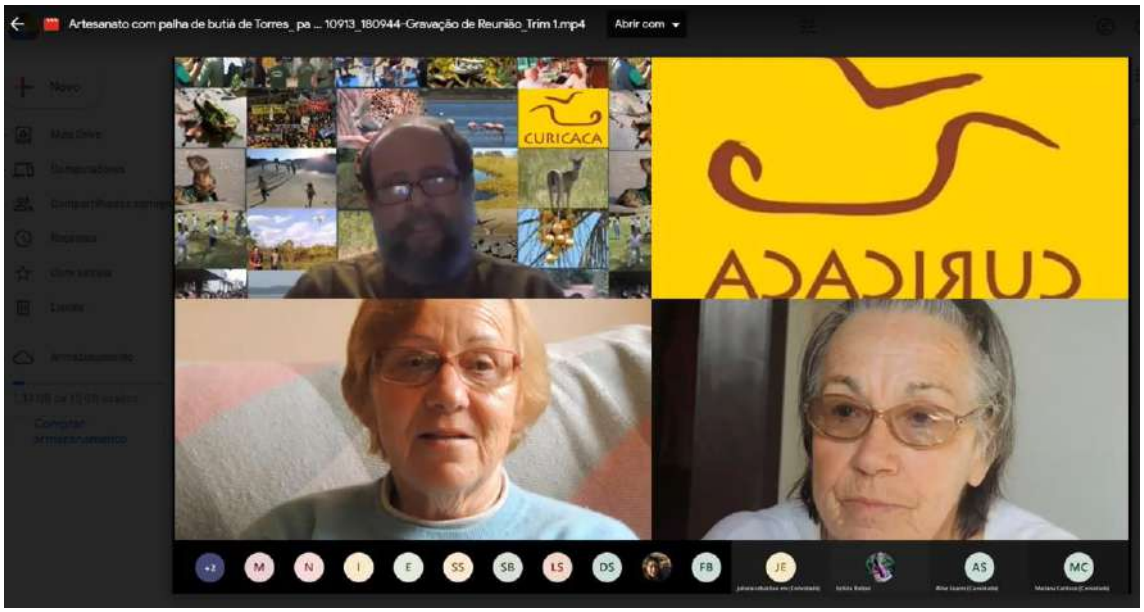
Sequência de prints capturados da tela durante a realização do Webinário na plataforma Microsoft Teams e transmissão na plataforma Facebook, com interações em ambas as ferramentas. A transmissão no facebook poi interrompida duas vezes por problemas na comunicação pela internet e pode ser assistida pelo somatório dos três links abaixo:

Parte 1 - https://fb.watch/8knUKYCxnD/

Parte 2 - https://fb.watch/8knVZn1DD6/

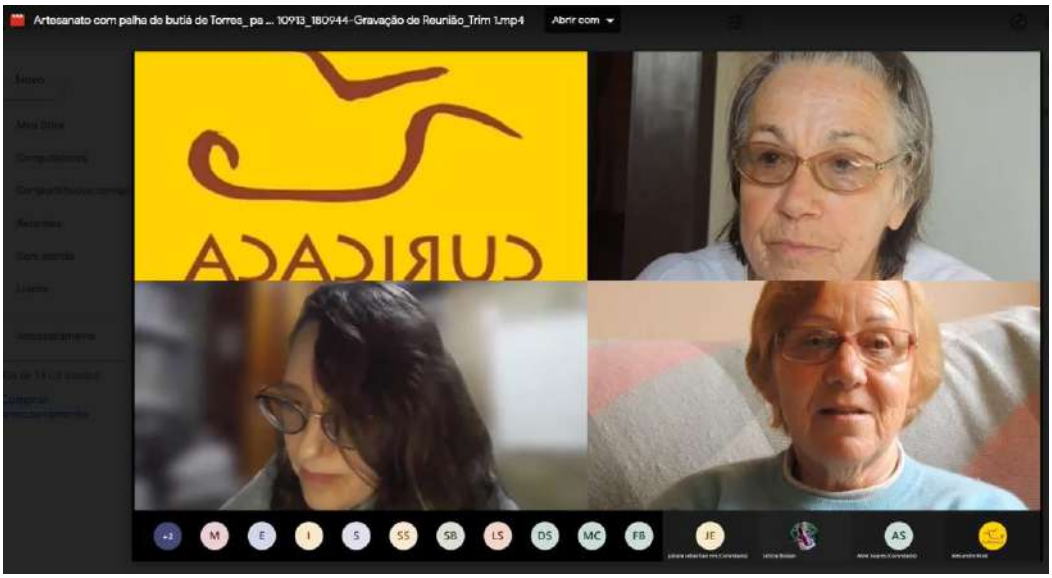
Parte 3 - https://fb.watch/8knWTEJCQy/

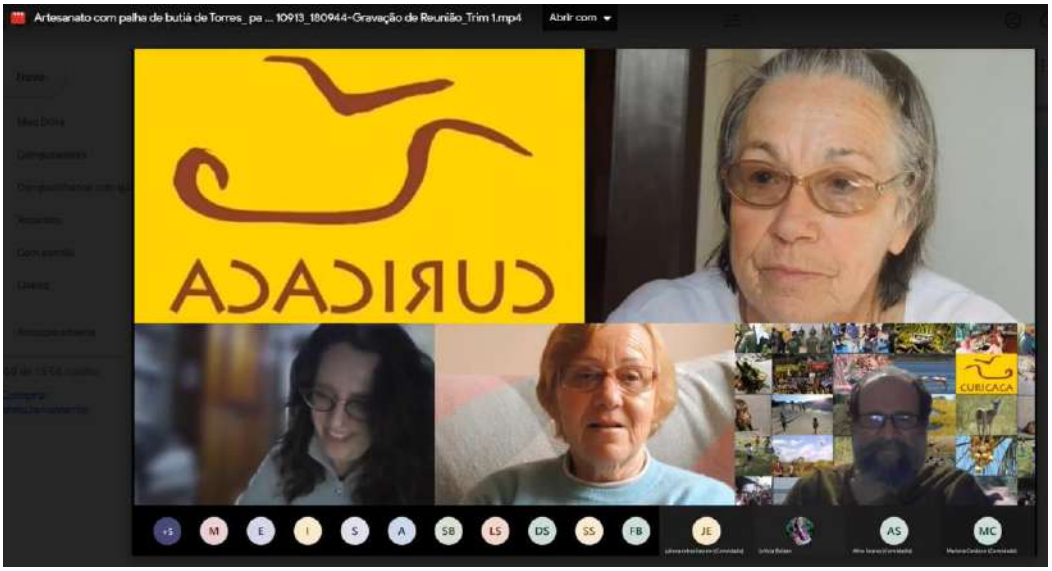




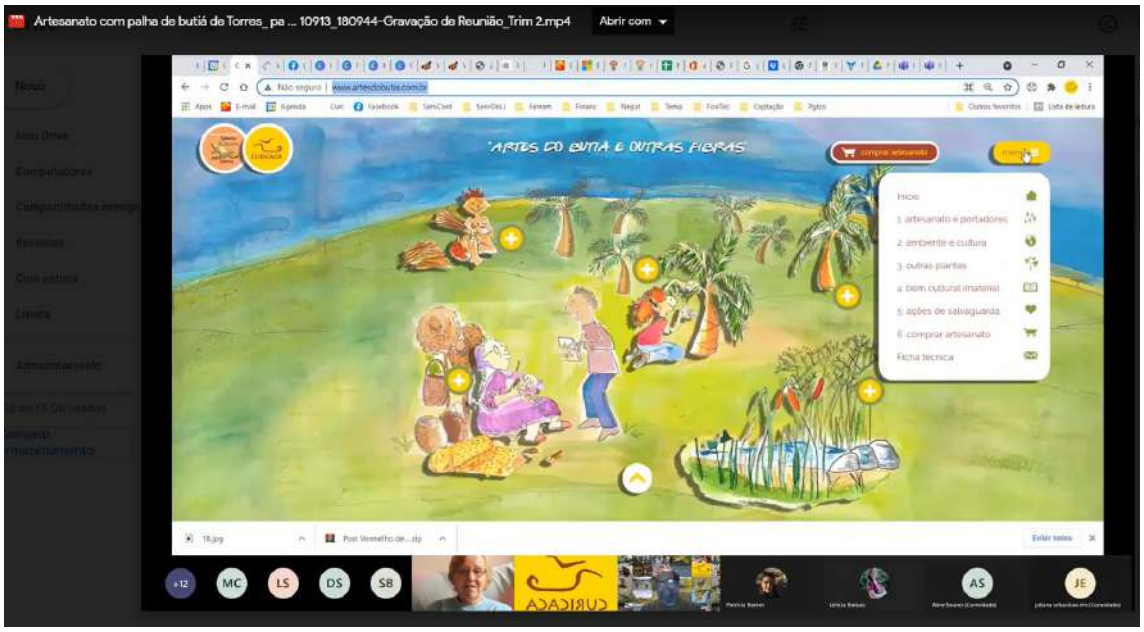
Anexo B

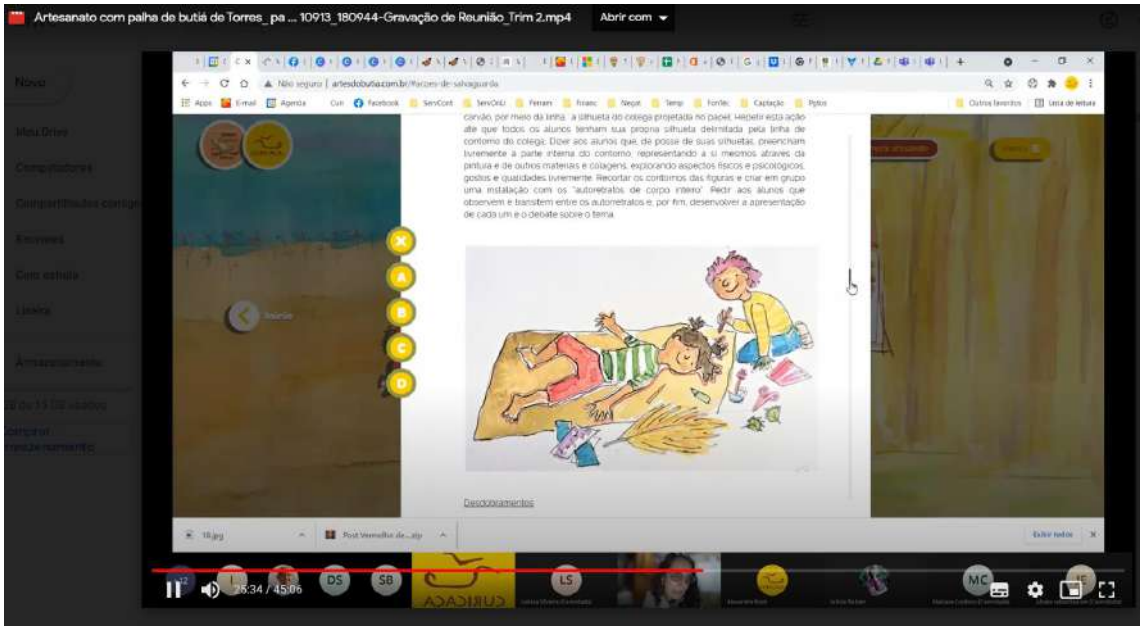
Webinário Artesanato com Palha de Butiá de Torrres - 13/9/2021





Webinário Artesanato com Palha de Butiá de Torrres - 13/9/2021





Quanto à política cultural

Para atualizarmos essas informações da política cultural, foi elaborado um questionário (Anexo A) e enviado para as secretarias de Cultura, de Turismo, de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural e de Educação do município de Torres, para a EMATER, o COMPCULT (Conselho Municipal de Políticas Culturais de Torres) e o COMPHAC (Conselho de Patrimônio Histórico e Cultural). As perguntas procuraram caracterizar o respondente, obter informações sobre iniciativas relacionadas ao artesanato tradicional com a palha de butiá e/ou com os detentores do saber no presente e no passado, identificar iniciativas de planejamento ou políticas de incentivo para a continuidade do bem, verificar o significado do seu reconhecimento como patrimônio imaterial do estado para o órgão ou secretaria e o que poderia ser feito concretamente para apoiar a sua salvaguarda.

Recebemos respostas da Diretora da Secretaria de Cultura, Maria do Carmo Conforti Rodrigues, da Diretora da Secretaria de Turismo, Edinéia Maria Pallú, do ex-presidente e representante do patrimônio histórico do COMPCULT (Conselho Municipal de Políticas Culturais de Torres), Rafael Frizzo e do presidente do IAB núcleo Torres e do COMPHAC, Efreu Brignol Quintana. As Secretarias de Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural e a EMATER do município não responderam ao questionário e a Secretaria de Educação repassou o mesmo para a Secretaria de Cultura.

Os resultados da pesquisa entre os órgãos e secretarias do município de Torres corrobora nosso entendimento da falta ou insuficiência de políticas públicas ou de programas de incentivo para esse bem.

A Secretaria de Cultura afirma que tem interesse no reconhecimento do bem como patrimônio imaterial, no entanto, que desde a década de 90 não realizou iniciativas significativas sobre ele. A última que envolveu setores responsáveis pela cultura foi uma oficina de transmissão do conhecimento do artesanato com a palha de butiá e de bananeira na Casa de Cultura.

As Secretarias de Turismo e de Educação indicaram, uma por resposta ao questionário e outra por resposta ao e-mail respectivamente, que era responsabilidade da Secretaria de Cultura, demonstrando desconhecimento ou descompromisso em relação ao tema e suas interfaces nas suas áreas de atuação. A Secretaria de Turismo, poderia ter se referido a participação das artesãs nos Festivais de Balonismo organizados por ela. Ao não fazer, corrobora a informação das artesãs de que esse tipo

de artesanato nunca teve um reconhecimento diferenciado em meio à panos de prato, bordados, crochês, almofadas e diversos outros objetos decorativos e utilitários produzidos pelo Clube de Mães e presentes no evento.

Como as próprias artesãs comentam em entrevistas, a participação delas no Festival de Balonismo a convite da Secretaria de Turismo de Torres sempre foi vinculada ao Clube de Mães e as artesãs que dele fazem parte, sem nunca ter havido um destaque de distinção ao artesanato com palha de butiá, embora alguns produtos fossem levados para a venda. Essa participação, segundo elas, não foi mais requerida ou viabilizada nos últimos anos. Ao contrário, o valor de aluguel dos estandes tornou-se muito elevado para que elas continuassem participando do evento.

Numa associação entre turismo, artesanato e economia, ao longo dos anos houve algumas iniciativas de estabelecer a Casa do Artesanato, onde estaria a disposição um conjunto de peças comercializadas diretamente por artesãs vinculadas ao Clube de Mães. Ela teve diversos endereços no centro da cidade, inicialmente na Av. Barão do Rio Branco e depois na Av. José Bonifácio. Da mesma forma, ali o artesanato com palha de butiá nunca teve um destaque em meio a diversidade de outros produtos. Em novembro de 2020, por meio da iniciativa da Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, nessa sequencias de cria, descria e muda pra lá e pra cá, foi criada a Casa da Terra e do Artesanato (TORES, 2020[1]; FOLHA DE TORRES, 2020[2]), no mesmo endereço na Av. Barão do Rio Branco. Lá está ocorrendo a venda, pelos artesãos cadastrados, de diversos tipos de produtos, inclusive o artesanato guarani produzido em Torres. Ali, até o momento não é reconhecido e comercializado o artesanato com palha de butiá.

Em relação à Secretaria de Educação, o desconhecimento do tema, que já foi tratado pelo Curicaca como objeto das atividades de educação ambiental com as escolas municipais há anos atrás e o repasse que fez para responsabilidade da Cultura poderia ser fruto de um esquecimento. Entretanto, depois do questionário, organizamos um evento sobre o artesanato com palha de butiá direcionado para 250 professores municipais na forma de Jornada Pedagógica. A iniciativa foi acertada com a assessoria

---

[1] TORRES, 2020. Casa da Terra e do Artesanato. In https://torres.rs.gov.br/casa-da-terra/ Acesso em 20/9/2021.

[2] FOLHA DE TORRES, 2020. Casa da Terra e do Artesanato funcionará em novo ponto do Centro de Torres. In https://afolhatorres.com.br/casa-da-terra-e-do-artesanato-funcionara-em-novo-ponto-no-centro-de-torres/ Acesso em 20/9/2021.

de comunicação e a assessoria pedagógica do Ensino Fundamental e Ensino Infantil. Da nossa parte, organizamos o evento, preparamos material de divulgação, convidamos duas artesãs para serem entrevistadas, numa programação de três horas para atender a carga horária da jornada. A Secretaria não cumpriu com a sua parte, não convocou os professores e o evento teve baixa participação destes, sendo acompanhado pelo público externo com nossa divulgação.

O não retorno do questionário por parte do Escritório da EMATER de Torres, mesmo tendo sido requerido pela coordenação geral de Porto Alegre, também demonstra um atual desinteresse pelo tema, o que é uma pena em relação à história de seu envolvimento. Em 2003 a assistente social da Emater, Sra. Valma, desenvolvia um apoio ao funcionamento do Clube de Mães e reconhecia o papel desse artesanato como uma parte do conjunto. Foi ela que nos apresentou às primeiras artesãs que conhecemos naquele tempo, a Judith e a Irma. Da mesma forma, pode-se depreender esse desinteresse por parte da Secretaria Municipal de Agricultura, que também não respondeu, a qual desconhecemos qualquer iniciativa de envolvimento com essas agricultoras familiares detentoras do saber.

Figura 1 - Assistente social da EMATER apresentado o Instituto Curicaca à artesã Judith Teixeira em junho de 2004.

Em relação aos órgãos de apoio à cultura do município, COMPCULT e COMPACH, verifica-se maior compreensão em relação ao reconhecimento do bem cultural, no entanto, esses órgãos carecem de articulação e de recursos.

O ex-presidente do COMPCULT informou que em 2015 houve um esforço para a elaboração do Plano Municipal de Cultura de Torres e para levantar recursos para ações locais envolvendo pescadores, lavadeiras e artesãs, mas que o edital (001/2015) com recursos limitados não atingiu a questão da palha de butiá. Logo mais houve a desarticulação do colegiado, em 2016. No entanto, o ex-presidente reconhece o tema como relevante e em perfeita consonância com a Lei Municipal Nº 4714, 11 de setembro de 2014, que institui o Sistema Municipal de Cultura (SIMCULT) e estabelece diretrizes para as Políticas Municipais de Cultura do Município de Torres.

O presidente do COMPHAC, por sua vez, desconhece iniciativas de valorização do bem realizadas no passado, mas colocou-se à disposição para o reconhecimento e registro do saber, bem como, para estimular políticas de valorização dele.

Embora o tema permita uma articulação entre cultura, turismo, agricultura, economia e educação, pelo menos, percebe-se que essa abordagem integrada não existe no âmbito das políticas públicas municipais. Deve, portanto, ser estimulada no âmbito das ações de salvaguarda.

Quanto à política ambiental

Para atualizarmos essas informações da política ambiental, foi elaborado um questionário (Anexo A) e enviado para a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, o Conselho Municipal de Meio Ambiente, o Parque Estadual de Itapeva e a Divisão de Licenciamento Florestal da Sema/RS. Recebemos respostas do gestor Paulo Grubler, do Parque de Itapeva, do Biólogo Rivaldo da Silva, integrante da Secretaria Municipal de Meio Ambiente até seis meses atrás, da conselheira municipal de meio ambiente Ivana Freitas e do Biólogo Leonado Urruth, da Sema/RS. A Secretarias Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo não respondeu institucionalmente.

Por parte do município, não há uma política específica que vise a conservação dos butiazais, mas a espécie é incluída entre um conjunto de espécies que são recomendadas pela Secretaria de Meio Ambiente no caso de ações de reflorestamento de Áreas de Preservação Permanente. O Conselho Municipal de Meio Ambiente não

considera esse ecossistema como algo diferenciado no município, embora esteja fortemente ameaçado.

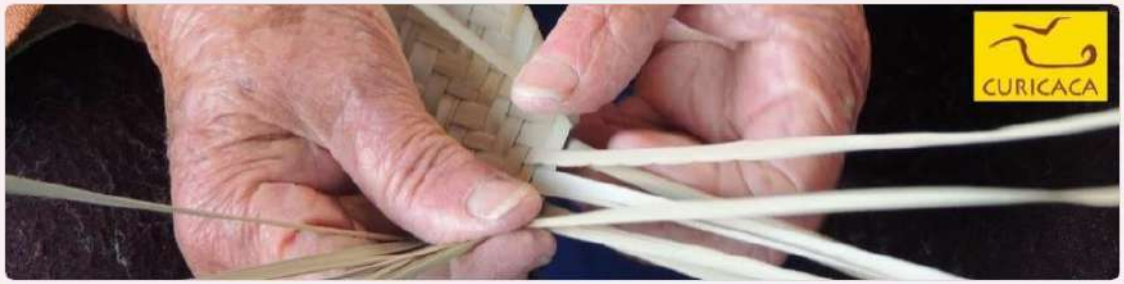
Por parte do Estado, as informações da Secretaria Estadual de Meio Ambiente ainda se referem à Portaria SEMA Nº 46 de 10/07/2014, que foi editada com a parceria do Instituto Curicaca orientando o manejo do fruto e da folha e proibindo a supressão e o transplante de espécies. Entretanto, a aplicação da lei está sendo enviesada, possivelmente pela compreensão inadequada no nível de campo, quando o órgão que aplica no licenciamento das solicitações de proprietários, parece ainda estar autorizando o transplante. Há uma disposição de buscar maiores informações sobre o que está sendo licenciado pela Prefeitura desde que essa atribuição foi repassada pela Sema para o município por meio do Convênio Mata Atlântica.

Ainda no âmbito do planejamento, os butiazeiros foram definidos como um dos alvos de conservação na atualização do Plano de Manejo do Parque Estadual de Itapeva, o que fortaleceu a relação entre o que está protegido dentro da Unidades de Conservação e o que está em seu entorno. A estratégia fortaleceu o significado dos microcorredores ecológicos que interconectam o Parque com outras UC e áreas ambientalmente relevantes em seu entorno, dentro dos quais estão parte dos remanescentes desses ecossistemas, bem como o desenho e as ações de implantação da Zona de Amortecimento, onde a proteção e recuperação dos butiazais tem destaque. Tanto a definição como alvo de conservação como o zoneamento tiveram forte contribuição do Instituto Curicaca enquanto instituição membro do Conselho da UC e como executora técnica do zoneamento, respectivamente. Entretanto, os avanços acontecidos no âmbito do Plano de Manejo ainda não se tornaram sequer oficiais, pois o documento está recebendo oposição política pelos setores desenvolvimentistas locais que não querem se submeter a limitações ambientais e encontra-se engavetado no Gabinete do Secretário Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura.

Em relação ao que pode ser feito no futuro, os entrevistados da área ambiental têm bem mais clareza do que os da área cultural. Sugerem a definição de políticas mais claras e objetivas para a sua conservação e recuperação, intensificação da fiscalização, do controle e do monitoramento, ações de educação ambiental e orientação de procedimentos, certificação de proprietários para o manejo de folha e fruto conforme as orientações da Portaria SEMA Nº 46 de 10/07/2014, direcionamento de recursos de projetos de Reposição Florestal Obrigatória para serem aplicados na recuperação.

Também em relação à importância do reconhecimento como modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres como patrimônio cultural imaterial, os entrevistados veem com entusiasmo. Entendem como uma importante estratégia de conservação do ecossistema por meio de usos sustentáveis e de valorização daquelas pessoas que usam de forma adequada e querem que este ecossistema permaneça presente na região.

Anexo A – Formulário com perguntas à prefeitura e conselhos da área de cultura e ambiental de Torres e aos órgãos ambientais estaduais com atuação na região



Diagnóstico da relação da municipalidade de Torres com o artesanato com palha de butia

Esse questionário, que pode ser respondido em 10 minutos, busca compreender as interações das instituições e políticas públicas do município de Torres para com o artesanato com palha de butiá e os portadores desse bem cultural. Ele está sendo enviado para diversas instituições desse município para podermos receber percepções e informações diversas.

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. Alterar configurações

Nome e sobrenome de quem responde o questionário *

Texto de resposta curta

Cargo de quem responde o questionário *

Texto de resposta curta

Instituição ou órgão *

Texto de resposta curta

Anexo C

Relatório de atualização de informações sobre a política cultural e ambiental do município de Torres e a atuação do Conselho Municipal de Cultura - item 12 da Diligência IPHAE

Data do preenchimento *

Mês, dia, ano

Perguntas relacionadas à cultura

Pensando no passado e no presente, essa secretaria, órgão ou colegiado tem ou já teve alguma iniciativa relacionada ao artesanato tradicional com a palha de butiá e/ou com os portadores desse saber? Caso afirmativo, por favor, nos informe qual(is). *

Texto de resposta longa

Pensando no futuro e nos alicerces de continuidade, esse tema do artesanato tradicional com a palha de butiá está inserido em algum planejamento ou política de sua secretaria, órgão ou colegiado? *

Texto de resposta curta

O que significaria para essa secretaria, órgão ou colegiado, o reconhecimento do "modo de fazer artesanato com palha de butia da região de Torres" como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul? *

Texto de resposta longa

O que poderia ser feito por essa secretaria, órgão ou colegiado para apoiar a salvaguarda do "modo de fazer artesanato com palha de butia da região de Torres" enquanto um bem cultural imaterial?

Texto de resposta longa

Perguntas relacionadas à meio ambiente

Caso queira fornecer informações e considerações complementares, use aqui.

Texto de resposta longa

Pergunta

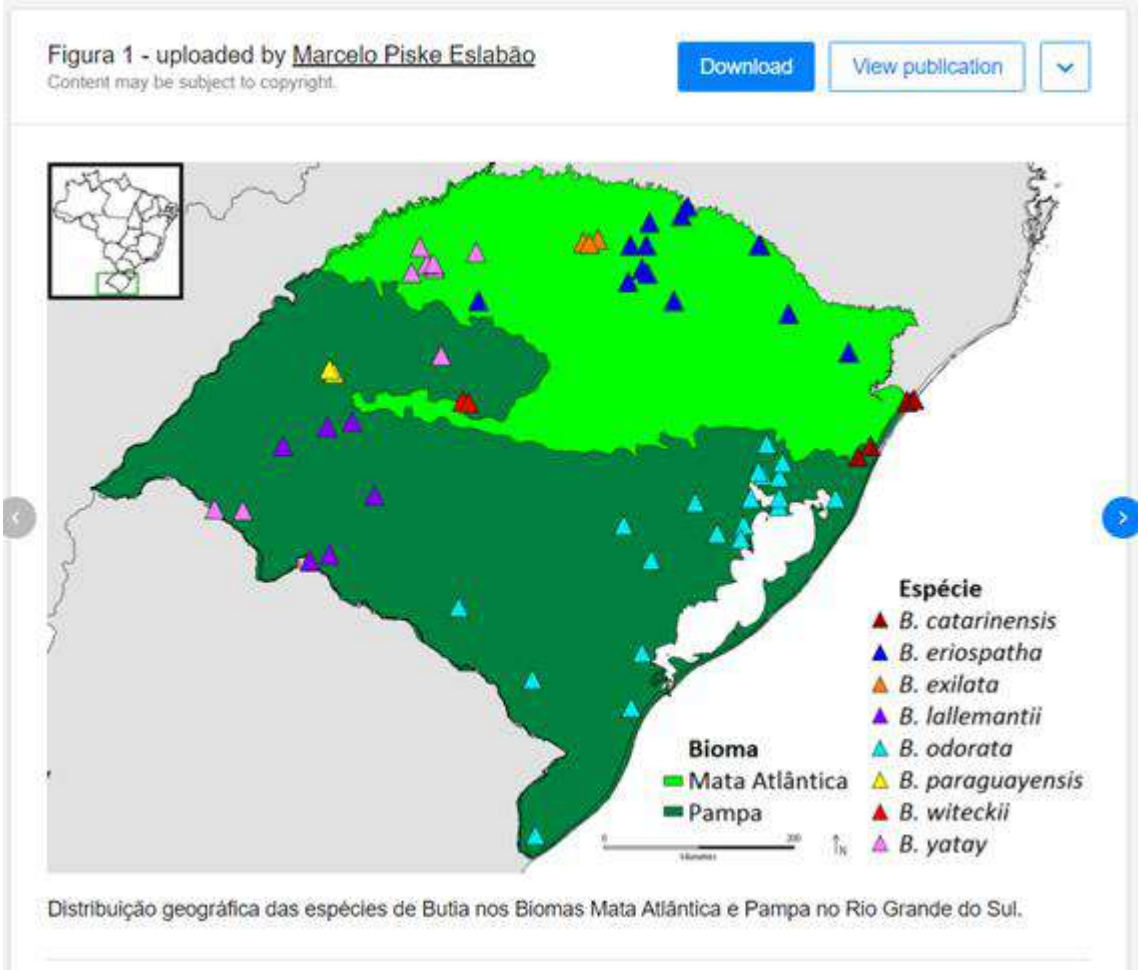
Opção 1

Nosso agradecimento por essa contribuição que nos ajudará a melhor entender as relações de políticas e atuações públicas no município de Torres em relação ao artesanato tradicional com palha de butiá e pensar em cooperações futuras para a salvaguarda desse bem cultural imaterial. Caso queira entrar em contato conosco, use o e-mail curicaca@curicaca.org.br.

Descrição (opcional)

Outras ocorrências de artesanato com palha de butiá com caráter tradicional e interações com a Rota dos Butiás

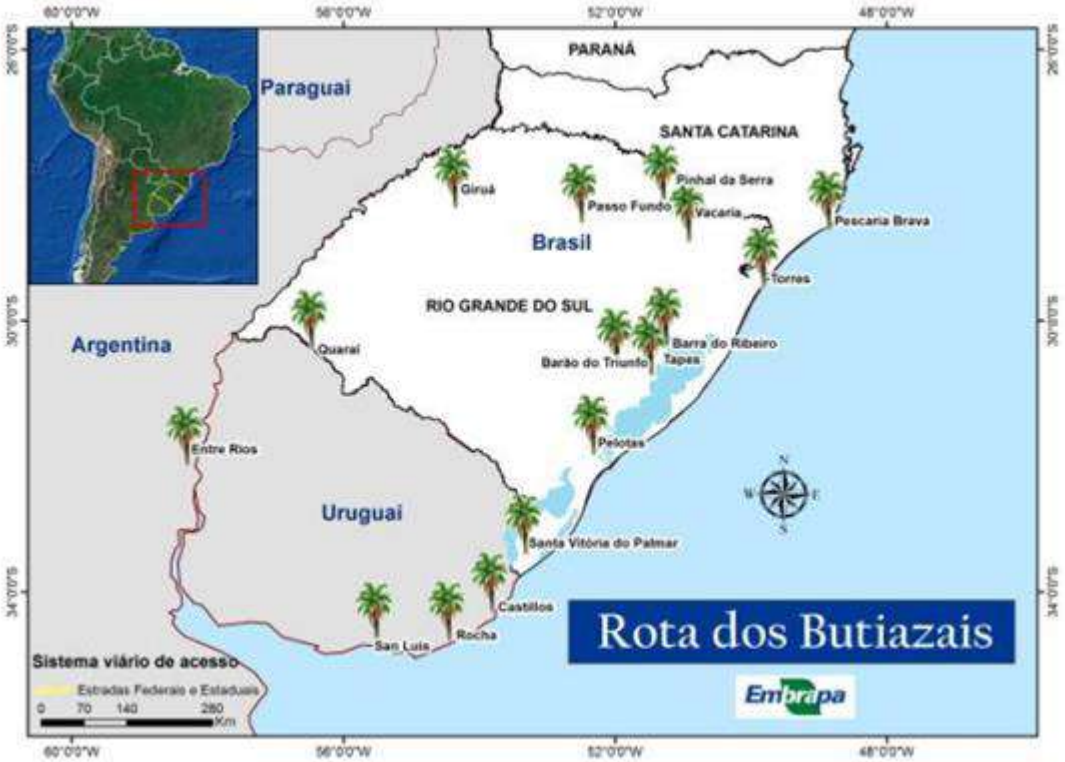
No âmbito dessa proposta, buscamos compreender melhor o universo da prática artesanal com fibras de butiá em outras regiões de ocorrência dessa palmeira no Rio Grande do Sul. O ponto de partida são as áreas de ocorrência do gênero Butia e, para tal, consideramos o mapa de compilação de registros do gênero Butia para o RS (ESLABÃO et al., 2014[1]).



Entretanto, o fato de haver butiás numa região, não necessariamente implica na existência de artesanato associado. Uma pesquisa tão abrangente para essa verificação não cabe no escopo dessa proposta, pois se trataria de um pré-inventário de larga escala, cuja viabilidade técnica e financeira encontram-se apenas num órgão estadual de competência cultural, como o IPHAE. Dessa forma, optamos por fazer um recorte para esse levantamento considerando o mapa da

[1] ESLABÃO, M.P.; PEREIRA, P.E.E; BARBIERI, R.L.; HEIDEN, G. 2014. *Distribuição geográfica de Butia (Arecaceae) nos Biomas Mata Atlântica e Pampa no Rio Grande do Sul*. In https://www.researchgate.net/publication/308787223_DISTRIBUICAO_GEOGRAFICA_DE_BUTIA_ARECACEAE_NOS_BIOMAS_MATA_ATLANTICA_E_PAMPA_NO_RIO_GRANDE_DO_SUL. Acesso em 29/4/2021.

Rota dos Butiazais apresentado no evento Rota dos Butiazais: seminário técnico para valorização cultural e ambiental (EMBRAPA, 2015[2]). Descartamos o mapa ampliado que está agregando todos os locais de registros de ocorrência do gênero Butia (Rota dos Butiazais. 2021[3]), uma vez que ao consultar as informações de consistência junto às comunicações da Rota, detectamos o princípio de que "onde cada palmeira é um local da Rota". Portanto, buscamos compreender a possível ocorrência de pratica artesanal tradicional e de interações com a Rota dos Butiazais nos municípios de Torres, Vacaria, Pinhal da Serra, Passo Fundo, Giruá, Quaraí, Barra do Ribeiro, Barão do Triunfo, Tapes, Pelotas, Santa Vitória do Palmar.



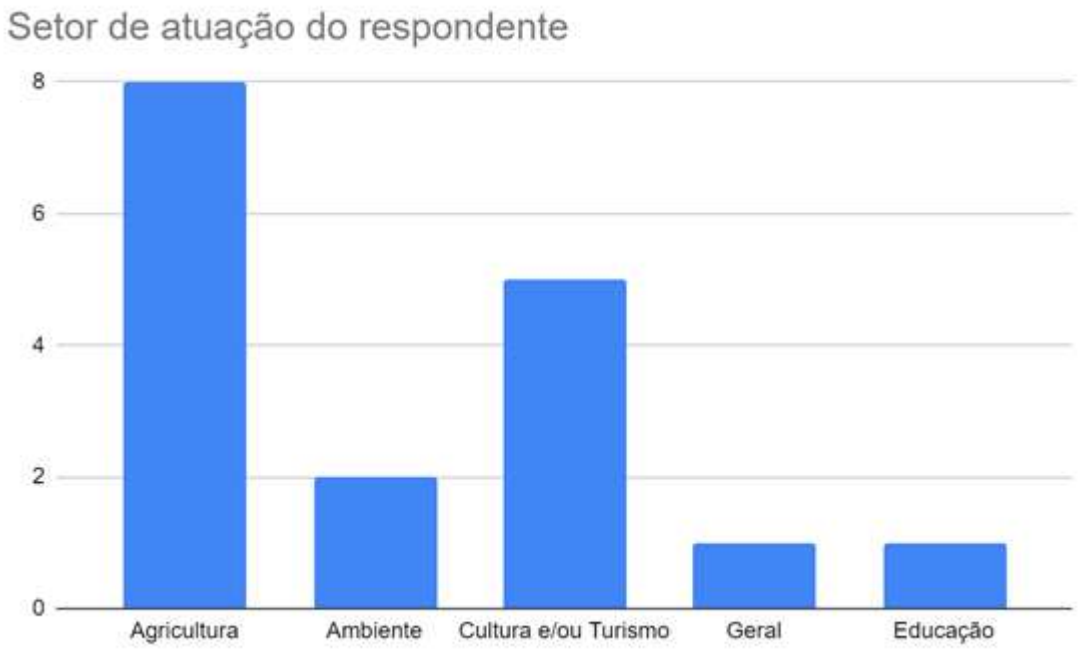
Dentre os 11 municípios listados, Torres está na região dessa proposta, então não foi tratado junto com os demais. Para esses outros 10 municípios, elaboramos e enviamos um questionário buscando entender a relação destes municípios com o artesanato com a palha de butiá. Usamos para isso o Google Forms e contatos por e-mail e telefone. O questionário foi enviado para os escritórios municipais da EMATER e para as secretarias municipais de agricultura,

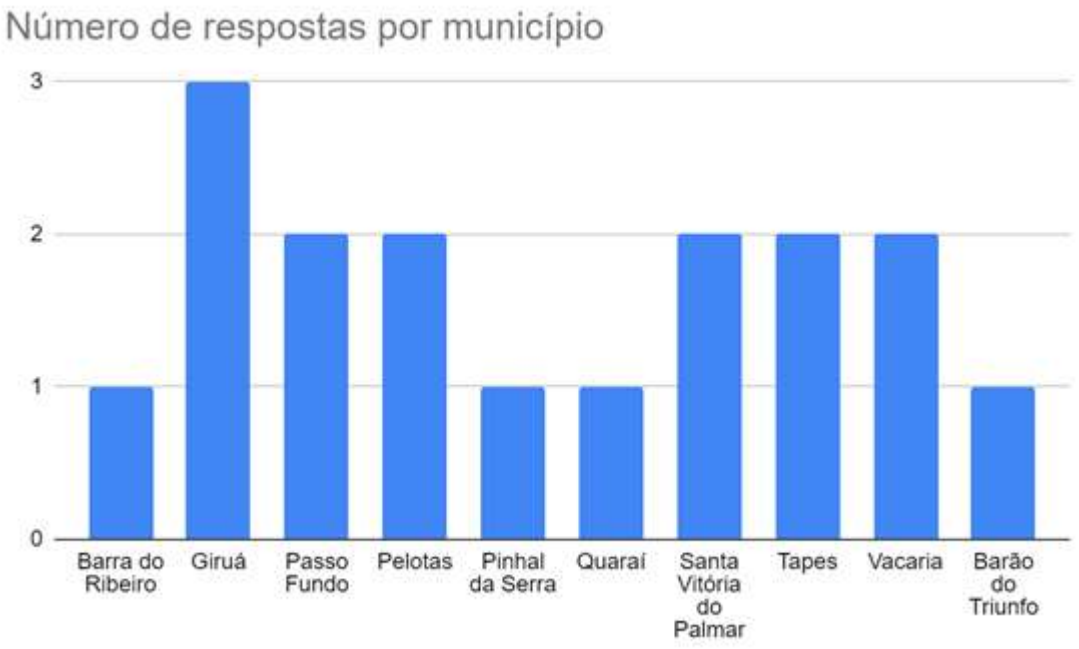
[2] EMBRAPA, 2015. *Mapa da Rota dos Butiazais*. In https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/14097801/rota-dos-butiazais-faz-seminario-tecnico--para-valorizacao-cultural-e-ambiental Acesso em 29/4/2021.

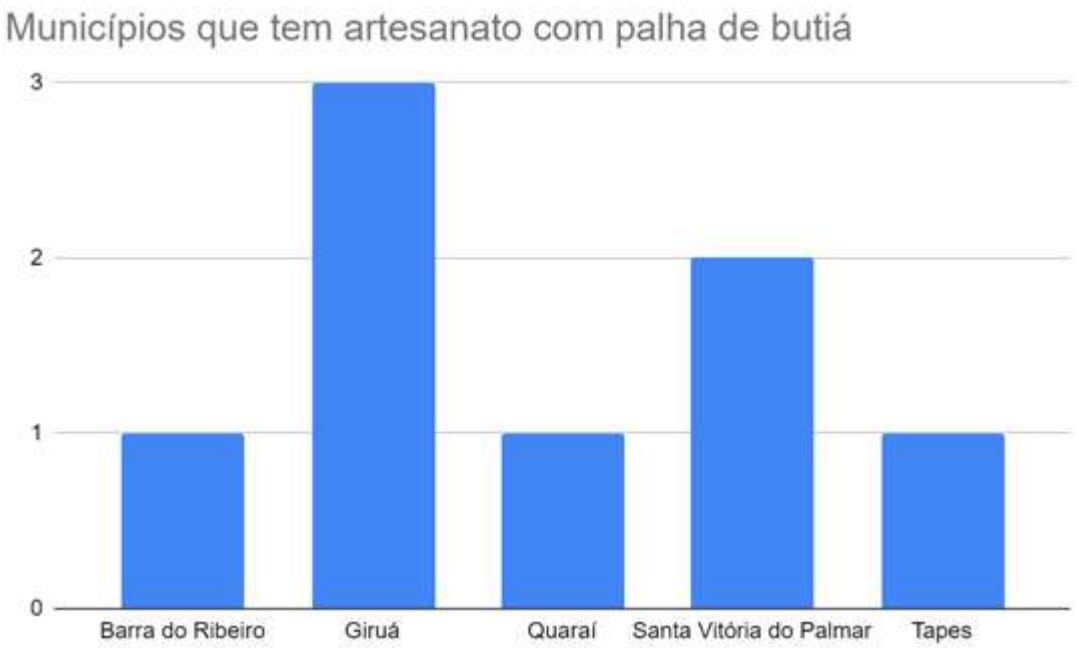
[3] EMBRAPA, 2021. *Mapa da Rota dos Butiazais*. In https://www.facebook.com/rotadosbutiazais/photos/a.1430999360528587/2518652315096614/ Acesso em 29/4/2021.

educação, cultura e/ou turismo. As perguntas procuraram caracterizar o respondente, a dimensão dos remanescentes de butiazais existentes, a existência de artesanato com palha de butiá, a provável origem entre introduzido e tradicional, os produtos existentes e, caso houvesse, outras informações complementares.

Os resultados obtidos estão expressos a seguir, por meio de gráficos e textos interpretativos:







Municípios onde foi reconhecido que a prática foi introduzida por meio de curso(s) ou programa(s) social(is) de órgãos públicos ou entidades

Santa Vitória do Palmar

Tapes
Barra do Ribeiro

Municípios onde foi informado que a prática é de origem tradicional, identitária, transmitido de geração em geração:

Giruá
Quaraí

Esses dois municípios serão analisados com mais detalhes a seguir, tendo como base as respostas do questionário e outras fontes de informações disponíveis em blogs, notícias e sites.

Contexto do município de Quaraí

O Instituto Curicaca trabalha em parceria com a Fundação Luterana de Diaconia e o Instituto de Biociências da UFRGS na conservação e uso sustentável dos butiazais de Quaraí, que mais precisamente ocorrem exclusivamente na localidade do Coatepe. O trabalho realizado é bastante aprofundado e, dentre as atividades realizadas foi identificada a produção de artesanato com palha de butiá – chapéu e bolsa – pela família Aristimunho. A prática foi introduzida pela EMATER em um curso oferecido para as mulheres dessa localidade, organizado pela assistente social da EMATER/RS, conhecida como Betinha. Apenas uma das mulheres, pertencente a essa família, continuou com a atividade. Numa investigação sobre outras iniciativas de uso da palha realizada pelo Instituto Curicaca na região, identificou-se a prática tradicional da confecção de chincha – cobertura ou telhado de galpões e casas. Esse saber também está sob risco, uma vez que não tem mais sido transmitido de geração em geração, os dois detentores identificados já têm idade avançada e outros materiais, como as telhas de fibrocimento, substituíram esse tipo de uso e necessidade. Conclui-se que a pessoa que respondeu a pesquisa não estava devidamente atualizada sobre esse contexto, uma vez que o conhecemos bem por termos recebido relato diretamente da assistente social Betinha, que tempos atrás trabalhou com a comunidade do Coatepe na condição de técnica da EMATER. Portanto, o que acontece em Quaraí nada tem a ver com o que está sendo aqui proposto para registro como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul.

Contexto do Município de Giruá

Esse município vem desde algum tempo se dedicando a organização do uso dos produtos não madeireiros do butiazeiro e acumula um conjunto de eventos realizados. Uma das realizações regulares é a Feira do Butiá, onde desde 2003, diversos microempreendedores expõem seus produtos à base de butiá.

Das três pessoas entrevistadas, duas responderam que a prática é de origem tradicional, identitária, transmitido de geração em geração. Outra não soube informar.

A associação Guerreiros do Yatay, a Sra. Iolanda Mroginski Stasiak e a loja Apoena Bolsas[4], de produtos artesanais com design foram indicadas para contato. Observa-se que estas duas iniciativas estão voltadas para o desenvolvimento de novos produtos, com técnicas elaboradas com foco na inovação e no mercado.

No caso de Iolanda Stasiak, costureira de alta costura da empresa Eco Arte, em entrevista no Programa Rio Grande Rural (RIO GRANDE RURAL, 2013[5]) ela afirma que começou por conta própria a experimentar técnicas e misturas com outros materiais. Depois de receber apoio do Programa Gaúcho de Microcrédito (O NACIONAL, 2014[6]), hoje elabora uma variedade de produtos como almofadas, bancos, puffs, baús, espelhos, aparadores, chapeleiros, mesas, cadeiras, bolsas, luminárias, relógios e bandejas, além de doces, licores e pratos salgados. Nas buscas que fizemos não encontramos nenhuma afirmação das relações dessa produção de artesanato que usa a fibra natural com uma origem mais antiga, de tradição local. Trata-se sim, de um trabalho autoral indicando que é um processo que vem de fora, com seu conhecimento técnico e sua própria experiência, associado à busca de sustentabilidade no uso de matéria prima existente na região.

Na mesma entrevista referida, um técnico da prefeitura confirma essa percepção, dizendo que os artesãos estão utilizando uma matéria prima abundante do município e dando uma "utilidade pra ela" na geração de renda, ele também não se refere à tradição, mas a produtos novos feitos com os butiazais.

---

[4] APOENA, 2021. Site da loja APOENA. In https://www.apoenabolsas.com/loja Acesso em 16/9/2021.
[5] RIO GRANDE RURAL, 2013. *Artesanato em butiá - Programa Rio Grande Rural*. In https://www.youtube.com/watch?v=DY_TmPagWg0 Acesso em 16/09/2021.
[6] O NACIONAL, 2014. Artesanato sustentável utiliza fibra de butiazeiro. In https://www.onacional.com.br/politica,8/2014/03/24/artesanato-sustentavel-utiliza-f,47978 Acesso em 16/09/2021.

Ainda nessa perspectiva, também identificamos o blog dos produtos de Giruá (ARTESANATO GIRUÁ, 2012[7]), no qual estão apresentados outros artesãos e seus produtos, um amplo conjunto de artesanatos relacionados ao butiazeiro e ao butiá, feitos com a palha, a castanha, o talo da folha, o cacho, a corola, a ráquis e a espata, até a gastronomia.

No caso da empresa Apoena, verificamos que foi criada em 2015 pela designer estilista Maiara Bonfanti (APOENA, 2021[8]). A empresa lança a cada ano, cinco modelos de bolsas a um preço que varia entre R$184,00 e R$254,00 e produz cerca de 100 bolsas por mês. Comercializa pela internet, em feiras, eventos e para as lojas Renner, com a qual tem dois modelos exclusivos que vende em todo o Brasil.

A Apoena se apresenta como uma marca "slow fashion de bolsas artesanais que foi buscar na cultura indígena e na folha do butiá inspiração e matéria-prima para seus produtos" (ESTILISTAS BRASILEIROS, 2017[9]). No blog da loja uma matéria sobre a história (TONIOLO, 2021[10]) destacam a antiga presença indígena Guarani e, mais tarde, a colonização por povos europeus principalmente, da Alemanha, Suécia, Letônia, Polônia, Rússia, Suíça e Itália.

Percebe-se claramente que em Giruá a estrutura das peças é uma trama feita com as palhas, como se fosse num tear, enquanto na Região de Torres, é o entrecruzamento das palhas formando uma trança. Mais recentemente, essa diferença pode ser claramente compreendida por meio de vídeos que registraram os dois processos artesanais (ROSA DO DESERTO ARTESANIA, 2021[11]; 2021[12]).

Ainda analisando os dados do Blog do Artesanato de Giruá, não identificamos vínculos com os saberes tradicionais e seus processos inerentes de criação. Consta que os investimentos da Prefeitura com o artesanato iniciaram em 2011 com a 5ª Festa do Butiá.

Até esse momento, as evidências apontam que o artesanato com palha de butiá praticado em Giruá, da forma como é realizado, foi introduzido mais recentemente por pessoas, cuja qualificação profissional e intenção empreendedora, exploraram a existência de uma matéria

---

[7] ARTESANATO GIRUÁ, 2012. *Coleção giruaense de artesanato Giruá – RS*. In http://artesanatogirua.blogspot.com/p/fotos-artesanato-alem-da-colecao.html Acesso em 16/9/2021
[8] APOENA, 2021. Coleção 21: reflexos. In https://www.apoenabolsas.com/ Acesso 19/09/2021
[9] ESTILISTAS BRASILEIROS, 2017. *Apoena*. In https://estilistasbrasileiros.com.br/apoena-bolsas-artesanais-slow-fashion-feitas-de-folha-de-butia/ Acesso em 19/09/2021
[10] TONIOLO, 2021. *Butiazeiro e Giruá: uma história de ancestralidade, cultura e inovação.* In https://www.apoenabolsas.com/post/butiazeiro-e-giru%C3%A1-uma-hist%C3%B3ria-de-ancestralidade-cultura-e-inova%C3%A7%C3%A3o Acesso em 19/09/2021
[11] ROSA DO DESERTO ARTESANIA, 2021. *Trançando Palha de Butiá*. In https://www.youtube.com/watch?v=hGadANvYY4g Acesso em 19/09/2021
[12] ROSA DO DESERTO ARTESANIA, 2021. *Chapéu de Palha de Butiá* In https://www.youtube.com/watch?v=Nln35KSwICY Acesso em 19/09/2021

prima natural e sua potencialidade para confecção de objetos diversos. Do ponto de vista da singularidade que procuramos evidenciar para o Modo de fazer artesanato com a palha de butiá da Região de Torres, algumas diferenças entre as duas localidades, devem ser enfatizadas:

- O passo a passo para a produção do artesanato difere na forma da estrutura básica que dá suporte à elaboração dos produtos. Na região de Torres a base é uma trança, em Giruá a base é uma trama.
- A colonização da Região de Torres é portuguesa e alemã, enquanto a colonização de Giruá é de europeus vindos principalmente da Alemanha, Suécia, Letônia, Polônia, Rússia, Suíça e Itália.
- Segundo o Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju (IBGE, 1981[13]), a região de Giruá teve ocupação por tribo Tupi = Kaingang = Guananá descrita no século XVII e tribo Guarani descrita em 1828, enquanto a região de Torres teve ocupação por tribo Carijó, descrita entre 1558 e 1587.
- A espécie de butiazeiro é o Butia catarinenses na Região de Torres, e o Butia yatai na Região de Giruá. Essas espécies possuem diferenças morfológicas que caracterizam folhas com tamanho, espessura, densidade e fibrosidade também diferentes. O Butia yatai é a mesma espécie que encontramos na Região de Quaraí, onde como uso artesanal tradicional foi identificada apenas a produção de quincha, enquanto a produção de chapéus, bolsas e outras peças, também foi introduzida.

Se lá atrás, esse artesanato tem alguma origem tradicional e possa ser representativo de uma identidade local, o âmbito dessa pesquisa não alcançou esse entendimento e necessitaria uma pesquisa de campo mais aprofundada, tendo como base a metodologia do INRC do IPHAN ou aquela que o IPHAE está construindo, de maneira a corroborar ou desfazer esse entendimento.

Nesse sentido, em relação à iniciativa Rota do Butiá não foi possível encontra uma oportunidade de interação em nível patrimonial, embora a iniciativa ofereça uma ótima interfece para fortalecer o reconhecimento e valorização de produtos artesanais feitos a partir de espécies de butiazeiros.

Possível interlocução com municípios de Imbituba em Santa Catarina

[13] IBGE, 1981. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes, adaptado do mapa de Curt Nimuendaju, 1944*. In https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=214278&view=detalhes Acesso em 20/9/2021.

Num levantamento em informações existentes nas redes virtuais e plataformas de busca, identificamos uma iniciativa em Imbituba (SC), que se refere ao artesanato com palha de butiá na confecção de chapéus pela comunidade daquela região. Trata-se do Projeto Costa Butiá[14], mantido pela empresa SCPar Porto de Imbituba. As informações acessíveis sobre a iniciativa têm caráter de divulgação e não apresentam conteúdo e fundamentação técnica para o entendimento de significado cultural e consistência regional do bem.

Pelo que se pode entender, houve uma busca de detentores do saber e foi identificada uma "única imbitubense que lembrava de todas as etapas para a produção de peças com a palha do Butiá", Sra. Cacilda Custódia da Silva. O projeto produziu uma cartilha, intitulada "Butia catarinenses: Informações para a conservação da Mata Atlântica e da sociodiversidade cultural[15]". Nesse material há uma referência ao artesanato como bem cultural:

> "*O artesanato com a palha do butiá pode ser visto como um bem cultural imaterial presente na região de Imbituba há mais de um século, transmitida de geração em geração. Atualmente, poucas pessoas, a maioria de idade avançada, ainda detêm o conhecimento de trançar a palha do butiá, pois o processo é complexo e antes do Projeto Costa Butiá não havia um bom retorno financeiro.*"

A cartilha ainda apresenta os passos do processo conforme figura a seguir:

[14] SCPar. *Projeto Costa Butiá*. In https://portodeimbituba.com.br/projeto-costa-butia/ Acesso em 23/7/2021

[15] https://www.portodeimbituba.com.br/downloads/ambiental/Cartilha_Costa_Butia.pdf Acesso em 23/7/2021

Butia catarinensis

6. O artesanato tradicional com a palha de Butiá

O elemento básico e tradicional para a confecção do artesanato com a palha do butiá é a trança. A costura da mesma dá origem ao chapéu. No século passado, as mulheres trançavam chapéus para os seus familiares se protegerem do sol nos trabalhos da roça. Alguns chapéus eram vendidos para complementar a renda. Acompanhe o passo a passo para fazer o chapéu:

1) Colher as folhas grandes e saudáveis e secar durante 3 dias no sol. Não pode pegar chuva ou sereno.

2) Estalar, ou seja, passar as costas da faca na palha para amaciar. Retirar o talo do meio e dividir em 4 palhas mais estreitas.

3) Amarrar 17 palhas para iniciar a trança. Uma palha passa por baixo de outras duas e depois por cima de outras duas palhas. E assim por diante.

4) A trança está pronta para fazer o chapéu quando atingir 4 a 5 braças (5 metros).

5) Dobra-se a trança sobre ela mesma para dar início à costura com linha e agulha.

6) O início do chapéu é fixado com pregos no molde de madeira para dar o formato e tamanho. Então inicia-se a costura da trança seguindo o formato do molde.

7) Para as abas, segue-se a costura unindo as laterais da trança.

8) Ao final, a peça pode ser customizada. O chapéu produzido tem boa durabilidade e pode ser customizado da forma como a pessoa preferir.

Assista ao vídeo tutorial escaneando este QR-CODE

9

Na bibliografia da cartilha não há referência a algum artigo ou trabalho publicado que ofereça informações mais detalhadas sobre o método e o processo de caracterização como bem cultural. As informações síntese acessadas demonstram similaridade com a situação de Torres (RS), embora a condição de sustentabilidade do bem possa ser mais crítica, pelo reconhecimento de apenas uma detentora original. Entretanto, a situação pode estar sendo minimizada pelos cursos de qualificação de outras pessoas nesse processo artesanal e associação de benefício econômico.

As ações descritas pelo projeto apontam, nesse momento, para uma estratégia mais socioeconômica do que cultural. Essa abordagem inseriu uma marca comercial, alterou um pouco o chapéu, criou novos produtos como chinelos e bolsas, associou outros materiais como tecidos de algodão e sintéticos, tendo como orientação inovações de design que buscam novos mercados. Algumas modificações podem ser consideradas interferências nas transformações e dinâmicas naturais que acontecem com os bens culturais oriundas do interior do grupo de detentores. Todo o cuidado deve ser tomado para não descaracterizar o bem e para reconhecer e manter a propriedade intelectual, é o que recomendam os especialistas.

Apesar de reconhecermos a cultura como um processo vivo, na qual a continuidade não pode se confundir com imobilidade, pois algumas mudanças podem até mesmo representar a sustentabilidade e permanência do bem, é importante lembrar que a mudança deve ocorrer como processo interno relacionado às dinâmicas da vida dos grupos detentores do saber, ou seja, a mudança deve fazer sentido primeiro para os sujeitos sociais que produzem ou mantém esses bens. Por isso, é necessário um acompanhamento constante que verifique, nesse binômio permanência e transformação, o que existe de continuidade do processo e de respeito às pessoas detentoras dos saberes tradicionais e seus significados, como afirma Marisa Veloso (VELOSO, 2004[16]):

> "*o que importa ressaltar é que a memória coletiva permite entrelaçar experiências diversas no tempo e no espaço, transformando a tradição em fonte de reprodução de sentido, e imprimindo vida e historicidade às práticas culturais. Estas, por sua vez, transformam o bem cultural em matéria viva, e mais do que isso, passa a considerar o bem cultural não como produto, mas como processo construído a partir de uma criação permanente, onde os indivíduos são chamados a participar do conhecimento e reconhecer sua própria cultura.*"

Uma vez que não há na equipe apresentada para o projeto algum técnico com formação na área de cultura, sendo essa formada por oceanógrafos, biólogos e engenheiros ambientais, seria muito importante o envolvimento de uma instituição pública ou organização social com histórico de atuação cultural, melhor ainda, se com patrimônio cultural imaterial, tema cheio de peculiaridades.

Buscamos então informações com a Fundação Catarinense de Cultura, com o historiador Rodrigo Rosa, Gerente de Patrimônio Imaterial. Ele nos respondeu que a instituição tem procedimentos para o reconhecimento do patrimônio cultural imateria de Santa Catarina. É aplicado o inventário em um modelo simplificado criado de modo a possibilitar a uniformização dos processos. Desde 2017 a Fundação optou por tratar os pedidos de reconhecimento de patrimônio cultural imaterial de forma menos tecnicista, dando vez e voz para as comunidades e detentores de manifestações culturais. Não nos foi informado da existência de qualquer processo

[16] VELOSO, 2004. Patrimônio imaterial, memória coletiva e espaço público. *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização*. Brasília: ISC-UNB, pg. 33.

de reconhecimento do artesanato com palha de butiá da região de Imbituba como patrimônio cultural de Santa Catarina e nem que haja interações entre a Fundação e o Projeto Costa Butiá.

Há similaridades entre a Região de Torres e a Região de Imbituba. Ambas são de ocorrência da espécie *Butia catarinenses*, tem parte de seu ambiente natural formado por dunas costeiras holocênicas e pleistocênicas favoráveis a ocupação pela espécie da palmeira, há similaridade no processo de ocupação por populações indígenas, colonizadores europeus e presença de tropeiros, portanto, há possibilidade de que no passado esse modo de fazer artesanato com palha de butiá ocorresse em ambas as áreas.

Há, no entanto uma grande lacuna de ocorrência do Butia catarinense entre essas duas áreas e nos estudos realizados para a região de Torres não aparece algum vínculo concreto nas relações de transmissão do saber. Dentre as cinco gerações nas quais foi possível estabelecer conexões de transmissão em Torres, apenas uma entrevistada detentora do saber informou ser nascida em Santa Catarina, mas relatou ter aprendido o ofício quando veio morar em Torres.

Uma vez que no Rio Grande do Sul há uma proposta técnica de registro em fase final de avaliação e que em Santa Catarina não há processo iniciado, mas as condições para a demanda e o reconhecimento junto a Fundação Catarinense de Cultura estão presentes e ativas, entende-se o seguinte cenário:

- Primeiramente, finalizar o reconhecimento como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul.
- Em seguida, inclusive tendo como base a experiência aqui conduzida, motivar o grupo de detentores e seus apoiadores em Imbituba a buscarem junto à Fundação Catarinense de Cultura o registro desse patrimônio para o estado vizinho.
- Daqui há alguns anos, depois que tenha sido também reconhecido para Santa Catarina, integrar as duas iniciativas na formulação de um plano de salvaguardas mais abrangente, incluindo os dois sítios e os atores sociais neles atuantes.

Desde já, procuraremos manter o diálogo de troca com a Fundação Catarinense de Cultura e com o Projeto Costa Butiá.

História de Torres e do sítio cultural do modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres[1/]

[1/] Historiadora Magda Villanova Nunes – Instituto Curicaca

Nesse documento buscamos uma revisão da história que cerca o sítio do bem imaterial "modo de fazer artesanato com palha de butiá da região de Torres, RS", que está sendo proposto para reconhecimento como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE. Esse sítio está localizado no município de Torres, mais especificamente nas localidades de Campo Bonito, São Braz, Faxinal, Itapeva, Águas Claras e Vila São João. O levantamento não consegue se ater apenas às localidades, que são mais representadas nas histórias orais das artesãs entrevistadas, mas abrange, por motivo da documentação histórica disponível, a totalidade do município de Torres e, em alguns momentos, acrescenta informações sobre o que hoje são os municípios de Mampituba, Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul, Três Cachoeiras, Arroio do Sal e Três Forquilhas, que outrora também pertenceram à Torres.

A partir das memórias de um grupo de mulheres artesãs – são raros os casos de homens que se definem como artesãos da palha de butiá – observado pelo Instituto Curicaca, com diálogos iniciados em 2003, são evocadas paisagens dos faxinais, das capoeiras, daquele espaço povoado por animais peçonhentos, entre outros temas. Através dessas narrativas apresentam-se imagens que descrevem o ritmo de tempo marcado pela natureza, as noites ainda sem a iluminação pública, as atividades à luz de pixirica, o fogo de chão e os carros puxados por bois. Essa pesquisa pretende compreender esse processo histórico, a evolução demográfica, as principais atividades econômicas praticadas naquela região. Através dessas informações e contextualização, o objetivo é aproximar um pouco mais da prática que essas artesãs vêm desenvolvendo no último século e meio, e qual o papel dessa atividade para esse grupo.

Essas artesãs trabalhavam durante o dia na roça e nos afazeres em casa. À noite, trançavam como uma forma de complementar a economia familiar. Quando crianças, a jornada diária incluía os deveres da escola. Mesmo assim, não faltava tempo para diversão, e o "jogo do nó", ou o "cotejo" como prefere chamar Dona Bautia é citado várias vezes. Era uma espécie de competição divertida, que no final servia para incentivar o aumento da produção das tranças que se destinavam à confecção de chapéus. Os meninos então também ajudavam a trançar.

Chama a atenção que, ao lembrar desses momentos alegres, dona Almeri exclama: “Tudo termina nesse mundo, né?”. É também sobre esse sentimento de fugacidade, sobre como encontrar meios de segurar o tempo que passa, o antropólogo CANDAU (2011, p 15) diz que “A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”.

Reviver é reconstruir o passado, que não se reconstitui. Quando refletimos sobre essas narrativas e relacionamos com dados que já foram descritos por historiadores locais e cronistas da cidade, percebemos que as memórias dessas artesãs reelaboram a história do município de Torres. Essas memórias criam outros elementos e emprestam à história da cidade outros significados.

Janaína Amado, em seu artigo “O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral", observa a narrativa do seu entrevistado: “das lembranças, brotou uma outra história (...). Não a lógica histórica tradicional, colada aos eventos, mas a lógica simbólica”. (AMADO, 1995, p.134).

Diferentes atividades econômicas praticadas nessa região permeiam as conversas com as artesãs: a roça, o cultivo do fumo, a pecuária, os engenhos de crina vegetal, o crescimento urbano, o turismo e os “caminhões” de negociantes intermediários. São diversos temas, e cada um com potencial para desdobramentos em tantos outros, sob um ponto de vista histórico.

O artesanato do chapéu com a palha do butiá, através dessas memórias, nos oferece acesso a um universo de elementos de sociabilidades, gênero, infância, vizinhança, encontros, namoros, casamentos e envelhecimento. Festas, roupas novas, e até mesmo bolo de quinze anos, muitas vezes proporcionados pela renda oriunda da troca dos chapéus por mercadorias. Está aí, presente, esse tipo de economia de troca, uma prática muito antiga, também conhecida por escambo.

Realizando um levantamento de fontes, pode-se inferir que a grande parte dos textos sobre a história do município é de cronistas e historiadores amadores[1], que utilizam o exercício da história factual. Os relatos das artesãs colaboram com um ponto de vista não tradicional da história do município, ampliando a documentação e as fontes. Portanto, a importância desses relatos, também é a extrapolação histórica da forma como os eventos são conhecidos até então, eles trazem à luz outros aspectos da formação da identidade da população local, ainda pouco explorados.

[1] Sobre esses autores, os “historiadores locais”, importante destacar a tese de Sandra Cristina Doner (2015) na qual fez uma análise dessas produções, em particular os anais dos eventos Raízes e Marcas do tempo, que ocorreram entre 1990 e 2010 no Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Janaína Amado sustenta o deslocamento de visão e interpretação de mundo que as memórias são capazes de estabelecer, quando nos possibilitam:

> (...) concepções de história que relacionam a vivência e as memórias de um ser humano com o tempo em que viveu, com os tempos anteriores a ele e com o futuro; concepções que associam, em vários níveis e de vários modos, real e simbólico, história e memória, memória e imaginação, tradição e invenção, ficção e história (AMADO, 1995, p. 135).

As origens culturais das tranças com palha de butiá e a confecção dos chapéus a partir dessa matéria prima não são claras, se confundem com a diversidade cultural resultante das diferentes ocupações e das especificidades da região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, na qual a cidade de Torres está situada.

De acordo com a UNESCO em 1992 e IPHAN, o conceito de paisagem cultural existe a partir da relação do homem com a natureza, e define-se assim:

> (...) a ocorrência, em determinada fração territorial, do convívio entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais, numa relação complementar capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um desses elementos isoladamente. Este conceito, como instrumento de preservação, também é utilizado em outras partes do mundo como, por exemplo, Espanha, França e México, onde viabiliza a qualidade de vida da população e a motivação responsável pela preservação do patrimônio cultural. (IPHAN, s/d)

Observando o grupo dessas artesãs, foi possível identificar os elementos que constituem esse conceito. Esse espaço, como bem observado pelo viajante francês, é bastante específico e suas características funcionaram como uma espécie de corredor, determinando um tipo de ocupação desde os primórdios. As narrativas da paisagem se referem aos faxinais, formações naturais de butiazais associados à mata mais fechada, em meio aos quais estavam as ocupações rurais, com seus galpões e engenhos de madeira, roças de milho e feijão, a criação com vacas, porcos, cavalos e galinhas, sem faltar diversas espécies de animais silvestres. As relações socioeconômicas e culturais foram forjadas de maneira específica, passíveis de observação num espaço e tempo.

A ocupação Guarani na região pertence a uma segunda onda migratória que ocorreu por volta de 2000 anos AP, quando dois grupos de horticultores, um oriundo da Amazônia e falante da língua Tupi Guarani entrando pelo noroeste do estado, seguiram o curso de rios e afluentes até chegar ao Litoral Norte; o outro grupo, oriundo do planalto central brasileiro, do ramo Macro Jê, se estabelece no planalto meridional – os Kaingang, também conhecidos por coroados (UFRGS, 2013, p.17).

O arqueólogo Arno Kern infere como teria sido o encontro desses grupos no Litoral Norte do RS:

> Na planície litorânea, pescadores e coletores marinhos estavam estabelecidos junto às praias, às lagoas e aos rios. Seus restos de alimentação deram origem às montanhas de conchas e osso de peixe, que denominamos Sambaquis. Conheciam a pedra polida. Faziam anzóis, agulhas e pontas em osso. Foram conquistados pelos Guarani, quando estes invadiram as planícies litorâneas. Miscigenados aos Guarani, provavelmente estão na origem dos grupos de Carijós que habitavam o litoral norte do Estado. (KERN, 1993, p. 48)

Uma explicação acerca da escolha dos Guarani pela região litorânea para povoamento seria a diversificação dos recursos[2]:

> Enquanto no sul, ainda que existam solos apropriados no planalto, o clima de altitude é muito frio para o cultivo da mandioca em larga escala. No entanto, o solo rico das várzeas constituía um nicho ecológico altamente desejável, e sua posse deve ter sido ferozmente contestada pelos habitantes da região. Os interesses eram além das áreas de plantio: as oportunidades de pesca nas lagoas e a abundante caça existente nas matas ciliares e nos limites da Mata Atlântica" (WAGNER, 2004, p. 63).

Os Carijó - ou horticultores Guarani - habitavam o trecho entre Laguna e norte do rio Tramandaí, ao sul desse rio viveram os Arachanes. As sociedades que o europeu encontrou nessa região eram muito complexas. A densidade populacional das aldeias Carijó, há 600 anos AP, estava em torno de duzentos habitantes, no máximo mil habitantes. Os maiores povoamentos estavam ao

[2] Os recursos costeiros provavelmente exerceram um fator de atração para as populações caçadoras coletoras que ocuparam o alto vale do Rio dos Sinos. Evidências de uma exploração ocasional recuada no tempo podem ser observadas pela presença de dentes de tubarão e conchas marinhas associadas às coleções dos sítios RS-S-358: Toca Grande e RS-S-327: Sangão. Possivelmente, estas excursões à costa foram frequentes ao longo da ocupação dos sítios estudados, afirma Dias, apresentando-se mais aberta e próxima ao alto vale do Rio dos Sinos até pelo menos 5.000 A.P. (WAGNER, 2004, 75)

longo dos cursos de água e os menores nas encostas mais afastadas e se ligavam por caminhos largos que iam do interior ao litoral (SCHMITZ, 2017). Portanto, as aldeias não estavam isoladas, constituíam uma rede de aldeias.

> (...) estendem-se desde a desembocadura da Lagoa dos Patos até o extremo norte do Estado, no Município de Torres. Nestes locais os sítios [arqueológicos] geralmente estão relacionados aos ambientes das lagoas costeiras, explorando os recursos da pesca e da caça nos limites orientais da Mata Atlântica, ou mesmo nas matas de restinga (WAGNER, 2004, p. 66).

De acordo com Nelson Adams Filho (2014), o número de nativos Carijó, na região entre Tramandaí e Laguna, seria aproximadamente cem mil pessoas vivendo no Litoral Norte, conforme relato da expedição de Hernando Arias Saavedra realizada na costa do Uruguai e sul do Brasil, entre 1602 e 1609. Outra fonte que nos permite estimar a população nessa região, trata-se da Bandeira Aracambi, que tinha o objetivo de capturar doze mil indígenas naquela área. Isso nos dá uma dimensão do número de nativos que viviam nos arredores de Torres: "Com bases nesses arquivos de Laguna é possível fazer as projeções e conjecturas com relação a Torres" (ADAMS, 2014, p.35).

O momento de contato entre os Carijó e lusos-brasileiros no período colonial brasileiro se deu quando o comércio e a produção do açúcar ocorriam por todo o litoral. O sistema produtivo era baseado na mão-de-obra escrava, tanto dos nativos quanto dos africanos trazidos à força do seu continente. Foi com esse intuito, que as incursões, por mar e terra, dos escravocratas paulistas desceram pelo litoral. Quando esses bandeirantes paulistas chegaram no Sul, os Carijó das regiões de Laguna, Imbituba, Araranguá, Mampituba e Tramandaí já haviam sido cristianizados pelos jesuítas e viviam aldeados (WAGNER, 2004, p. 71[3]).

Um dos primeiros e importantes registros europeu foi deixado em diários, por volta de 1605-1607, escritos pelo jesuíta Jerônimo Rodrigues que esteve no litoral sul do Brasil, entre Imbituba e Tramandaí. Acompanhado do padre João Lobato em missão catequizadora, descreveu a chegada deles a uma aldeia localizada próxima à foz do Mampituba, área de domínio dos Carijó. O jesuíta relata que nessa aldeia Boipetiba - Mampituba - aproximaram-se deles cerca de 3 a 4 mil Carijó. O jesuíta descreve no diário, a existência de roças de milho e mandioca no entorno das cabanas, como também

[3] Numa abordagem geopolítica, as bandeiras também implicavam no domínio português que deveria estender-se até a margem norte do rio da Prata.

de uma bebida: “E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cuia, e um índio anda com uma cuiaba cheia de vinho...” (RODRIGUES APUD WAGNER, 2004, p. 191).

Os relatos desse jesuíta são anotações em forma de missivas, sobre lideranças, aldeias, moradias, relações sociais, vestuário, ornamentos e objetos: “os Padres estiveram com certeza no Rio Grande do Sul, no itinerário sempre em direção austral até Mampituba, que foi [a partir de] Laguna, Tubarão, Araranguá, Boipetiba (atual Mampituba) e Arachane, que ficavam ao Sul de Tramandaí” (SCHMITZ; ROGGE, 2017, p.254):

> Alguns líderes são citados pelos missionários, entre eles Anjo (Ara Abaetê) e Papagaio (Marunaguaçu). ‘Papagaio’ é descrito pelos laços de colaboração com os portugueses, estando em terras limítrofes ao comércio dos portugueses. O jesuíta afirma que a colaboração se dava, sobretudo, por meio do comércio de pessoas: “por seu meio tiraram os mesmos Portugueses - segundo eles confessam - acima de cento e vinte mil Carijós” (SCHMITZ; ROGGE, 2017, p.255).

Ainda sobre esses laços de colaboração e, mais especificamente, sobre o líder indígena Papagaio:

> (...) ele foi o que em tudo os sustentava e lhes dava de graça a seus mantimentos por espaço de vinte anos, mantendo-lhes mesa todos os dias. A causa disto foi que enquanto o Papagaio teve junto a si muitas povoações e aldeias de sua gente, fazia algumas entradas, levando consigo bons guerreiros, nas terras dos Guaianás, e com ciladas que lhes armavam trazia alguns deles cativos, para conforme a sua brutal fereza matarem em terreiro, armando-se cavaleiros, e depois desta solenidade os comiam em ódio e vingança, por serem inimicíssimos seus (RODRIGUES APUD SCHMITZ; ROGGE, 2017, p 255).

São relatos que, além de nos proporcionarem a ideia da população numerosa, também nos levam a conhecer aspectos como os materiais construtivos das casas indígenas, por exemplo: “como não haja terra [para fazer taipa], são todas de jeçara [yuçara = uma palmeira] a pique” (RODRIGUES APUD SCHMITZ; ROGGE, 2017, p 258).

Quanto ao vestuário e ornamentação, são descritos pelos jesuítas da seguinte forma:

> (...) andam cobertos com pelejos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via de honestidade, senão por causa dos muitos frios, e dos grandíssimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-nos às costas, e a dianteira descoberta. Quando não faz tanto frio andam nus. As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipoias; e ainda que algumas vezes andam nuas, contudo, diante de nós, nem à igreja, vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos. (...) têm muita contaria, e, assim, em suas festas andam carregados delas (RODRIGUES *APUD* SCHMITZ; ROGGE, 2017, p. 259).

A produção de alimentos da população nativa, nessa aldeia localizada próxima ao rio Mampituba, aparece na narrativa do padre Jerônimo Rodrigues:

> E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabando de a queimarem, logo prantam (sic), sem fazerem coivara nem fazem covas para a mandiiba; mas com o cabo de cunha com que derribaram (sic) a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera (sic) uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e assim machucado e ferido, o mete (RODRIGUES APUD SCHMITZ; ROGGE, 2017, p. 260).

De acordo com o historiador Nelson Adams, referindo-se às pesquisas de Adílcio e Lucas Cadorin, os Carijó desenvolveram técnicas de trançar com o objetivo de confeccionar suas redes de pescas, denominadas “jereré”. Técnica que posteriormente foi assimilada e adaptada pelos portugueses (ADAMS, 2014, p 11).

Após esse intenso e duro contato entre portugueses, lusos-brasileiros e populações nativas, na região de Torres em meados do século XVII os nativos já haviam sido totalmente dizimados. As próximas décadas se caracterizaram por um esvaziamento populacional. Seja por doenças ou pela escravização da mão de obra indígena[4]. Os poucos que sobreviveram aos bandeirantes foram acometidos pelo sarampo em 1635.

[4] Em 1640 a região do litoral norte do atual estado do Rio Grande do Sul tornou-se despovoada. Não mais eram vistas as populações que outrora percorriam o litoral e as encostas da serra em busca de caça.

O contato, convívio e sucessão dessas culturas é evidenciado pelos vestígios arqueológicos, conforme descrito a seguir:

> A população Guarani foi intensamente preada no fim do século XVI e começo do século XVII por bandeirantes paulistas, não deixando sobreviventes. Nesse espaço, considerado vazio, foram colocadas famílias de pequenos proprietários de origem portuguesa e alemã, que praticavam cultivos e criação de animais para sustento de suas famílias. Hoje coexistem no vale restos de cultivos familiares, indústria de calçado e de armas e pequenas aldeias de Guarani-Mbyá, Kaingang e Xokleng. Com a mecanização da lavoura, mesmo dos pequenos agricultores familiares, quase nada sobreviveu dos antigos sítios a céu aberto. (SCHIMTZ et Al., 2017b, p.237)

No final do século XVII e início do século XVIII, o tropeirismo, permitido e incentivado a partir de 1680 após o estabelecimento da Colônia do Sacramento, e sua dinâmica de passagens e caminhos, imprimiu o aparecimento de uma nova paisagem nesta região. A grande quantidade de gado criado no Sul chamou a atenção.

> Inúmeras estradas e picadas foram abertas para o escoamento do gado e outros produtos que abasteciam o mercado local e de diferentes regiões. Rotas assumiram funções históricas que transcenderam o simples transporte de gado. Com o passar do tempo e a intensificação das atividades dos tropeiros, essas antigas estradas foram também importantes para a ocupação colonial das regiões do tráfego tropeirístico. Colonização que, para a Coroa Portuguesa, foi sinônimo de posse do território. (SILVA, 2009, p.36)

A planície litorânea integrava o chamado "Caminho da Praia" (1703)[5], que ligava Laguna até Colônia do Sacramento. Aproveitando o antigo caminho indígena[6], esses tropeiros sorocabanos e lagunistas transitavam pela região de Torres. Nesse tempo, começam a se fixar os primeiros

---

[5] Eram três caminhos utilizados pelos tropeiros: Caminho da Praia (pelo litoral, da Colônia do Sacramento à Laguna), Caminho dos Conventos (de Araranguá, pelos Campos de Cima da Serra à Curitiba) e Caminho das Tropas (saía de Viamão,por Santo Antônio da Patrulha, Vacaria,Lages, Curitiba e por fim Sorocaba). (SILVA, 2009, p.36).

[6] Sobre a antiga trilha indígena, RUSCHEL e RUSCHEL escreveram: "Àquele tempo o hoje morro do Farol era coberto de matagal em todas suas encostas. Para o lado do mar, o labirinto de grandes rochedos e de intrincadas moitas tornava difícil a passagem. Para o oeste sobrava apenas uma picada arenosa entre o morro e os banhados da lagoa do Violão, onde apareciam muitas cobras a esquentar-se ao sol. Daí o nome "Mboipe", o caminho das cobras, e o da região "Mboipetiba", ou seja, o sítio em que se encontra o caminho das cobras". (1984, p 14)

moradores ao longo da parte Leste da Lagoa da Itapeva até o rio Mampituba. Começaram a surgir aí, alguns pontos de abastecimento das tropas que passavam.

A circulação desses homens, transportando mercadorias, objetos e suprimentos, cruzavam a região sobre o lombo de cavalos e mulas, conduzindo bovinos e muares pelos caminhos já conhecidos pelos Carijó, com novas estruturas de apoio às suas demandas.

Dessa forma, o repovoamento em Torres se deu pela necessidade de estabelecer um ponto estratégico para o controle fiscal da atividade tropeira, mas também para o controle militar. Em termos geográficos, o local fora escolhido porque é aí que a planície litorânea se torna mais estreita e, portanto, uma passagem importante. Além disso, conta com o Morro do Farol, que oferece amplo horizonte visual (RUSCHEL, 1996, p. 50).

Nessa época, em decorrência das disputas territoriais entre portugueses e espanhóis, foi construída a primeira fortificação, o Forte de São Diogo das Torres (1777), substituído pelo Baluarte Ipiranga (1819), construído sobre o forte anterior. O objetivo principal da fortificação era impedir os avanços dos espanhóis que, a essa altura das disputas de fronteiras, já haviam invadido a Ilha do Desterro - Florianópolis.

Para o local, então, foram deslocadas cinco companhias militares. Embora houvesse ocorrido o acantonamento de algumas centenas de soldados em Torres logo após a saída dos espanhóis da colônia, esses homens se retiraram do local deixando poucos registros de ocupação. De acordo com um diário desse deslocamento[7], o cenário entre Arroio do Sal e Torres era o seguinte:

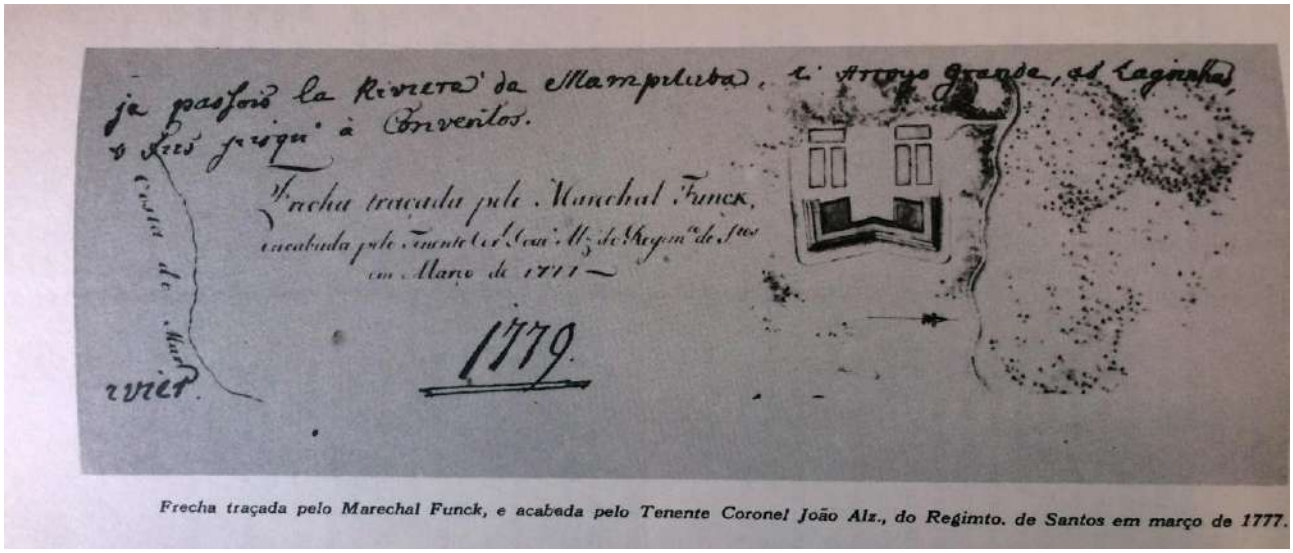
> O terreno é como o resto antecedente, de praias e faltos de matos e pastos. Não tem moradores, só uma Casa de Registro, situada nas ditas Torres, que tem um Cabo De Esquadra com dois soldados da cavalaria ligeira do Cel.Pinto Bandeira, os quais têm ordem de registrar tudo quando passa pra cima serra, como também de passarem tropas e passageiros sobre o rio Mampituba. Antes de chegar ao Campo das Torres, passa-se por cima de um pequeno morro, chamado Itapeva, cheio de pedras e penedos; no meio do dito morro, à esquerda do caminho está uma pequena casa que é da família do tal Cabo de Esquadra. (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984, p. 48)

O relato segue, descrevendo a área entre Torres e o atual Passo de Torres (SC):

[7] De acordo com Ruschel, este manuscrito encontra-se na Biblioteca Municipal de São Paulo. Está anexado a um mapa do trajeto de retirada das tropas em 1778 - 1779. RUSCHEL;RUSCHEL, 1984, p. 44)

> Do Campo das Torres ao Campo da Barra Velha do Mampituba são três léguas. Coisa de meio quarto de légua desse caminho é pelas faldas do terceiro morro pertencente às torres, ficando este à direita do caminho. Pela esquerda, o terreno, muito pantanoso, tem bons matos e boas madeiras. Em cima do dito morro, na parte que faz frente ao norte, há uma bateria, sem artilharia, fabricada de terra, com quartéis nos quais estiveram cinco companhias do Regimento de Santos, pelo tempo da Campanha. O resto do caminho é de praias, não tem pastos, nem matos que prestem, nem moradores. Nessa jornada se passa o rio Mampituba da mesma forma que o Tramandaí; é tão caudaloso, ou mais, que o dito Tramandaí. (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984, p. 48)

Essas fortificações, onde também funcionou o presídio, estiveram presentes no morro até 1850, participando da Guerra dos Farrapos (1835-1845), com dois canhões. Eram fortalezas com a principal função de proteger a "Passagem da Garganta das Torres", não tinham o objetivo de ataque. Não restaram evidências dessas estruturas, porém, durante essa pesquisa localizou-se uma imagem de um desenho da planta dessas fortificações na página do Projeto Fortalezas[8]. De acordo com a legenda, trata-se de desenho que consta nas memórias do General João Henrique Böhn, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nos Anais do Simpósio Comemorativo do Bi-Centenário da Restauração do Rio Grande.[9]



Frecha traçada pelo Marechal Funck, e acabeda pelo Tenente Coronel João Alz., do Regimto. de Santos em março de 1777.

Figura 1 - Forte de São Diogo das Torres, projetado pelo Marechal Funck, em 1777. Fonte: Projeto Fortalezas

[8] UFSC, 2021. Projeto Fortalezas. In https://fortalezas.ufsc.br/oprojeto/projeto-fortaleza-multimidia/ Acesso em 29/9/2021.

[9] O Projeto Fortalezas.org, mantido pela UFSC, tem o objetivo de manter um banco de dados que reúne informações sobre patrimônio fortificado de várias partes do mundo.

A antiga “Rua de Baixo”, atual Júlio de Castilhos, é formada a partir do caminho antigo dos indígenas, depois utilizado pelos bandeirantes, jesuítas e tropeiros. Era a principal passagem desses últimos, antes que fosse liberado o Caminho dos Conventos. Constituiu-se, aos poucos, a primeira via pública da freguesia, que veio a tornar-se o município de Torres. Nela, encontra-se o casario mais antigo da cidade, em estilo colonial português, feitos a partir de pedras extraídas do Morro do Farol, rejuntadas com barro e cal dos sambaquis[10].

Foi Manuel Ferreira Porto, o militar responsável pela fortificação, quem solicitou a construção de uma capela para os moradores da região, que nessa época contabilizava em torno de quatrocentas pessoas.

> O “Sítio das Torres”, (...) tinha em 1816 duas únicas moradias, segundo informações do Conde de Samodões em seus “Apontamentos Biográficos”. Mas uma dessas, era a casa da pessoa de maior prestígio, o alferes Manoel Ferreira Porto, proprietário daquilo que hoje constitui toda zona urbana, possivelmente até a forquilha do rio Mampituba - Barro Cortado. (RUSCHEL: RUSCHEL, 1984, p.57)

A construção da Capela de São Domingos no Morro do Farol impulsionou o crescimento do núcleo urbano de Torres, no século XIX. Esta passou a centralizar, no local, os moradores da região interessados na proteção e benefícios decorrentes dessa aproximação. O prédio, juntamente com o antigo caminho indígena, seria responsável pela origem do desenho urbano como conhecemos atualmente.

Entre o projeto e a finalização da capela passou quase uma década (1816 -1824), podendo ser observado o madeiramento pelo viajante Saint-Hilaire em 1820. A construção foi realizada com mão de obra de 30 prisioneiros Guarani, do conflito entre luso-brasileiros e a Banda Oriental, como veremos mais adiante.

Os relatos de dois viajantes que passaram por Torres, o francês Auguste Saint Hilaire (1820) e o suíço Carl Seidler (1829), são importantes fontes para compreender a urbanização de Torres.

Saint Hilaire, em missão científica no Brasil, passa por Torres e deixa registrada suas impressões sobre a construção da nova capela, os indígenas missioneiros que trabalharam nela e a paisagem. Segundo WITT, as anotações desse viajante demonstram que:

---

[10] Jornal Já: https://www.jornalja.com.br/cultura/a-viagem-de-saint-hilaire-um-olhar-critico-sobre-o-rio-grande-do-sul/

> Ao cruzar o Litoral Norte do RS a Viamão, Saint Hilaire registrou as culturas que eram plantadas pelos pequenos agricultores. A mandioca já constituía o principal produto da região, acompanhada de milho, feijão, cana-de-açúcar e trigo. Ao passar pelas lagoas, constatou que as plantações eram realizadas numa das margens, e, do lado oposto, onde havia maior abundância de pastagem, era usado para a incipiente pecuária. (WITT, 2012, p. S272)[11]

Constam no seu diário de viagem referências às moradias precárias,

> Habitações onde o frio, a chuva e o vento entravam por todos os lados. Algumas beiravam a tal indigência que ele recusa a hospitalidade, seja para pernoitar ("mandar fazer o seu leito"), seja para partilhar a sopa que uma família consome sob uma esteira estendida no chão de terra. (SAINT-HILAIRE APUD RIBEIRO, 2020)

A presença dos indígenas provenientes das missões, aprisionados após a expulsão dos jesuítas espanhóis, também é citada por Saint Hilaire, referindo-se aos trinta homens que trabalharam escravizados na construção da igreja: "Esses homens são todos baixos, têm o peito de largura exagerada, os cabelos negros e lisos, o pescoço curto, uma fisionomia verdadeiramente ignóbil" (SAINT HILAIRE APUD RUSCHEL: RUSCHEL, 1984, p.53).

Após deixar a cidade, Saint-Hilaire cruzou por um grupo Guarani na altura de Tramandaí, que se dirigia a Torres em razão do projeto de colonização do Conde da Figueira[12], desse evento o francês registrou:

> O Brasil precisa de braços e será melhor para ser povoado de índios do que ser um vasto deserto. Esses que se dirigem à Torres não somente não poderão ser nocivos como também tendo consigo suas mulheres estarão rapidamente radicados no país, e tornar-se-ão dentro em pouco cidadãos desta província. (SAINT HILAIRE APUD RUSCHEL;RUSCHEL, 1984, p.53)

---

[11] Witt explica que os estudos de Mariseti Lunckes, desenvolvidos em seu mestrado (1998), a cultura da mandioca e da cana-de-açúcar, era atividade agrícola diretamente relacionada ao trânsito de soldados na região. A farinha de mandioca e a aguardente garantiam a subsistência dos agricultores e alimentavam os soldados. (2012, p. S273)

[12] Então Governador da província, José de Castelo Branco e Souza, que tinha um projeto de colonização com os indígenas capturados nos conflitos entre Brasil, Uruguai e Argentina, sob comando de Artigas (1816- 1820 .

Esse deslocamento de Guarani presenciado pelo francês, tratava-se de uma tentativa de colonização com quatrocentos indígenas, capturados após os conflitos com espanhóis, especialmente da batalha de Taquarembó (1820). Foram encaminhados, inicialmente, para trabalhar em obras em Porto Alegre, e após, foram enviados para Torres, a fim de serem assentados em uma aldeia.

Sobre essa experiência há poucos registros, é provável que tenham sido colocados em algum aldeamento às margens do povoamento de Torres. Não há registros também de terem recebido terras.

> A aldeia foi se esvaziando aos poucos, com a debandada da maioria,em razão de sua tendência ao nomadismo. Contudo, alguns aí se radicaram e tiveram descendência. Nos registros de batizados de 1823 a 1825 encontramos os nomes de pelo menos quatro casais que tiveram filhos torrenses (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984, p.54).

Quando o viajante Carl Seidler chega à localidade, nove anos haviam transcorrido da passagem de Saint Hilaire. Entre a passagem de ambos, havia ocorrido o evento da imigração alemã, e os seus relatos evidenciam as transformações que isso havia ocasionado:

> Ao chegar a Torres, Seidler deparou-se com uma comemoração referente à vitória de um colono alemão para o cargo de juiz de paz. O viajante relatou que foram acolhidos pela comunidade local, de tal forma que participaram da festa, comeram, beberam e dialogaram com as autoridades ali presentes. (WITT, 2012, p S 275)

Seidler observou dois aspectos durante a sua passagem: a distância do assentamento em relação à vila, as condições difíceis do plantio em densas matas e solos pedregosos e o conflito com os índios Kaingang. Entre as dificuldades, diz:

> A impossibilidade de plantar ou de colher teria levado muitas famílias a retornar a São Leopoldo, onde estariam mais seguras e distantes dos ataques. Da mesma forma, a quantidade de animais existentes na região era tamanha que, muitas vezes, destruíam parte das plantações. Seidler listou alguns deles, como a capivara, a “onça malhada”, os papagaios e os macacos (WITT, 2012, p S 275)

A chegada dos primeiros colonos alemães na região, no início do século XIX, se deu através do plano de imigração alemã aqui no Rio Grande do Sul, quando o Visconde de São Leopoldo passou por Torres em 1824 e interessou-se pela região para um futuro assentamento. Naquela ocasião, encontrou no local a guarnição militar e uma pequena comunidade formada por descendentes de açorianos e alguns guarani: "O quartel e umas poucas residências completavam a minúscula localidade implantada na encosta do morro, à beira do mar". (RUSCHEL & RUSCHEL, 1984, p. 61).

Em 1826 foram abertos dois caminhos ao longo do rio Mampituba e rio Três Forquilhas e criada uma planta dividindo conforme as atividades econômicas possíveis na nova colônia. Havia outro aspecto interessante para instalação dos colonos alemães nessa região, a comunicação entre as lagoas que facilitaria o escoamento da produção local.

> A região poderia proporcionar uma boa diversificação econômica, já que os campos mais litorâneos (Estância do Meio, Rincão da Cavalhada, Cerca de Pregos, Curral Falso, etc) estavam dedicados à criação, ao passo que as terras de matas atrás da lagoa da Itapeva prometiam abundância agrícola. (RUSCHEL & RUSCHEL, 1984, p. 62).

Foi assim, que por volta de quatrocentos colonos chegaram à Torres em novembro de 1826:

> Viajaram em cinco barcos, descendo o rio dos Sinos e o Guaíba, depois seguindo pela Lagoa dos Patos e subindo o Rio Capivari; daí continuaram em carretas pelo campo e pela praia.(...) Eram 422 pessoas. De acordo com os planos, os católicos foram colocados perto da estrada do rio Mampituba, de modo a ficarem mais próximos da sede do Presídio para terem assistência religiosa, médica e farmacêutica. (RUSCHEL & RUSCHEL, 1984, p.62).

Inicialmente, um grupo de cinquenta e três famílias foram assentadas às margens do rio Mampituba, próximos do passo do Rio Verde (atual Pirataba). Porém, em consequência das enchentes, foram deslocados para a Colônia São Pedro de Alcântara. Nesse último local receberam poucos recursos do governo e foi onde se deram os "ataques dos bugres"[13], amplamente relatados

[13] Forma pejorativa de referência aos kaingang.

pelos colonos e seus descendentes. Já em 1830 um terço da população de Torres, que contava então com mil e duzentos moradores, era de origem alemã (BARROSO, 1996, p. 99).

Um outro problema enfrentado pelos imigrantes, ocorrido durante a Guerra dos Farrapos (1835-1845), foi a dificuldade de comunicação e o escoamento da produção dos colonos para a capital da província. Isso isolou a região até metade do século XIX. Nesse período, Torres foi cenário da passagem das tropas legalistas e farrapos, tanto por terra quanto por mar.

Nelson Adams Filho, durante sua pesquisa para identificar o início da celebração de São Domingos na cidade localizou, entre a documentação da Diocese de Osório, o Livro de Óbitos do Cemitério da Capela, em Torres, com registros entre 1826 e 1859, no qual constava em torno de duzentos e cinquenta e oito sepultamentos ao lado de onde hoje é a igreja matriz da cidade.[14] Ao final do século XIX, haviam 120 moradas; em 1928 (34 anos depois) já somavam 260 prédios, dos quais cerca de cem (quase só chalé) de veranistas[15] (ADAMS, 2014, 41).

Os veranistas

Com os colonos alemães veio a prática dos banhos medicinais e a popularização dos banhos de mar. Além disso, já no início do século XX, em decorrência da crescente industrialização das cidades, das transformações do trabalho e da busca por períodos de descanso e de afastamento dos grandes centros urbanos, a vilegiatura, ou temporada de férias, torna-se uma nova forma de sociabilidade. Esses fatos traçaram uma reorganização não apenas em Torres, mas em todo litoral riograndense.

> A relação entre comunidades nativas e adventícias se intensificou com a invenção do veraneio. Os curistas e os primeiros veranistas dependeram das comunidades locais para o provimento de comida, água, entre outros. Também eram necessárias informações sobre eventuais perigos no ambiente talássico, principalmente sobre os ventos, as correntes marítimas, a fauna lacustre e marinha, e mesmo sobre as doenças endêmicas. (SCHOSSLER, 2010, p. 99)

[14] Informações dada pelo pesquisador à reportagem de Custódio Aline para Gaúcha ZH em 24/01/2021. ttps://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/verao/noticia/2021/01/livro-conta-a-historia-da-unica-igreja-tombada-no-litoral-norte-e-revela-a-existencia-de-um-cemiterio-secular-ao-lado-do-predio-ckkbnlibc000p019wdkmuqtbl.html

[15] Em 1894, conforme outro documento, o diário de José Carvalho Lima, um militar que passou por Torres durante a Revolução de 1893.

Em seus estudos SCHOSSLER, analisa a mudança de percepção que o litoral norte sofreu no imaginário social a partir da vilegiatura:

> [...] de uma série de atributos desabonadores (inóspito, árido, desértico), esse "território do vazio" passou a ter uma representação positiva, com a emergência da sociedade urbano-industrial. Assim, no decorrer do século XX, o litoral acabou sendo integrado ao imaginário dos gaúchos com novos significados (SCHOSSLER, 2010, p. 14)[16].

Essa reorganização abrangeu aspectos como a edificação de hotéis, implantação de infraestrutura para os veranistas, o que atraiu a atenção de empreendedores. Isso foi tão intenso, a ponto de a história do veraneio em Torres se confundir com a história de alguns hotéis, como o caso do Balneário Picoral. Seu fundador, Antonio Picoral, investiu em usina de luz própria, carpintaria, fábrica de colchões, matadouro, com a finalidade de abastecimento do seu negócio, mas que também funcionaram como catalisadores da estrutura urbana que surgia (ESCOSTEGUY; OLIVEIRA, 2003).

Em Torres (RS), várias famílias tiveram seu sustento através das trançadeiras que confeccionam, principalmente, chapéus com a palha de butiá. É provável que a chegada dos veranistas em busca de conforto e proteção solar tenha aumentado a atividade desse artesanato de chapéu de palha. No jornal "A Federação", podemos ler o seguinte trecho escrito por um veranista de Torres:

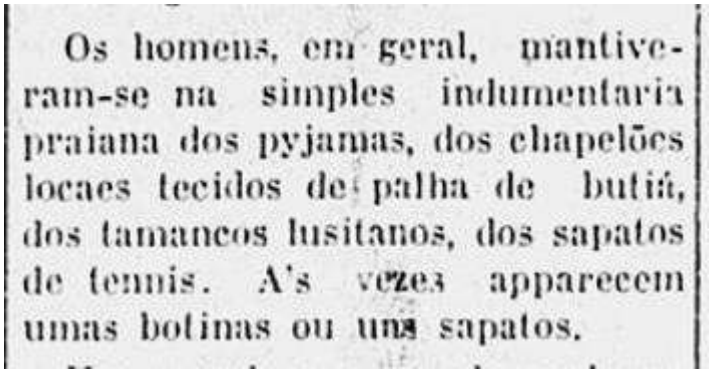

Os homens, em geral, mantiveram-se na simples indumentaria praiana dos pyjamas, dos chapelões locaes tecidos de palha de butiá, dos tamancos lusitanos, dos sapatos de tennis. A's vezes apparecem umas botinas ou uns sapatos.

Figura 2 - Trecho do jornal "A Federação" de 15/02/1929 - Reprodução dos autores - Acervo digital da Biblioteca Nacional

Dalila Picoral Ruschel escreveu sobre suas memórias de infância no balneário de Torres, no início do século XX. Relata a viagem que fez em 1913 que durou quatro dias com carro puxado a cavalo no trajeto entre Porto Alegre e Torres. Dalila era filha de José Antônio Picoral, nascido em

[16] A autora utiliza duas obras para compreender esse "território do vazio": o filme de Salomão Scliar, "Vento Norte" (1951) e o romance de Caldre Fião, "O Corsário" (1851).

Dom Pedro de Alcântara, que veio à Porto Alegre com quatorze anos para trabalhar numa loja de tecidos. Nos seus períodos de descanso costumava levar a família à Torres, mais tarde tornou-se um dos primeiros empresários do local, fundando o hotel que leva o seu sobrenome até hoje.

Uma de suas lembranças daquele veraneio, é sobre uma senhora chamada Siá Marcolina, de idade em torno de oitenta anos, viúva de Joca, um pescador. Dalila Ruschel nos conta:

> Na choupana da Siá Marcolina fizemos uma parada. Já conhecíamos a velinha. Nossos chapéus, as esteiras cestos de palha eram feitos de palha. Apesar da idade ela tinha olhos e mãos boas para trabalhar; como dizia, só as pernas eram fracas. Quando vinha à vila vender os seus trabalhos para o armazém seu Balbino, arranjava uma carona em alguma carreta de bois. (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984, p.94)

Nessa tarde, encontraram Marcolina sentada em frente a sua choupana, trabalhando num chapéu de palha. O que corrobora outros relatos sobre a dinâmica dessa atividade econômica: a produção artesanal em casa e posteriormente a entrega em algum armazém. De acordo com os depoimentos das artesãs entrevistadas pelo Instituto Curicaca durante o trabalho de campo entre 2014 e 2015, tratava-se de uma atividade que ou complementava a renda familiar, oriunda do trabalho na lavoura, engenho de crina vegetal, pescaria, por exemplo, ou gerava uma renda extra para elas mesmas atenderem suas necessidades.

A produção era negociada, na grande maioria das vezes, através de uma economia de troca - o escambo. Deixavam os chapéus nos armazéns e recebiam em troca alimentos e tecidos para confecção de roupas para a família. Como no relato acima, surge o armazém do seu Balbino. Outros nomes de proprietários desse tipo de estabelecimento aparecem, como por exemplo Mário Porto, do Hertzog[17].

A dinâmica dessa economia e a importância dessa atividade surgem em vários relatos, como o da Dona Almeri:

> Trocava no armazém por coisa de comida, nas lojas por tecidos pra fazer roupa. Meu enxoval de casamento eu comprei tudo com trança de chapéu comprava e depois ia pagando. A gente ia lá e fazia a fichinha, comprava ali, tá devendo tanto. Semana que vem ia lá, levava duas, três dúzias e diminuía.

[17] Elita Pacheco Daitx cita o “Armazém do Mario do Porto” que ficava no Campo Bonito. Irma Pacheco da Silveira também lembra do "Armazém Porto”. Malvina Silveira Monteiro contou sobre o “armazém que era também loja, do falecido Oscar Hertzog”.

> Levava mais duas, até que pagava a conta toda. E assim eu criei os meus filhos, até pouco tempo, com trança de chapéu[18].

Dante Laytano ao descrever o que para ele fazia parte da modernização de Torres, nos anos setenta, faz as seguintes referências: "A palha de butiá, as redes dos pescadores, a ronda, a nova hotelaria, a complementação urbana na direção das margens do mampituba com novas avenidas, novas casas e os molhes... A crina como a principal riqueza vegetal em mil empregos somados à nova zona de Torres"(LAYTANO, 1978, p.20).

Alguns aspectos demográficos e econômicos

Como dito anteriormente, a inferência sobre a densidade populacional das aldeias Carijó, no século XVI, pode ser realizada através de diários dos padres jesuítas que estiveram na região[19], do número de aprisionados pelos paulistas durante a Bandeira Aracambi[20], por relatos da expedição realizada por Hernando Arias Saavedra e pelos estudos arqueológicos realizados[21].

De acordo com pesquisadores do Instituto Anchietano - UNISINOS, com base nas evidências encontradas nos sítios arqueológicos da região, a população das aldeias Carijó era de em torno de duzentos habitantes, no máximo, mil habitantes (ROGGE; SCHMITZ, 2017). Os rios Maquiné e Mampituba ofereciam várzeas mais amplas e mais férteis, as quais seriam ocupadas por aldeias intermediárias (WAGNER, 2004, p. 251).

Os registros das cartas do jesuíta Jerônimo Rodrigues em missão catequizadora (1605), descreviam que na sua chegada a uma aldeia localizada próxima à foz do Mampituba - Boipetiba - aproximaram-se cerca de 3 a 4 mil Carijó.

As trocas entre Carijó e Arachane - população que habitava ao sul do rio Tramandaí - fizeram a região de Torres ser de grande movimento. Pode-se dizer que o crescimento demográfico de Torres teve sua centralidade na antiga trilha indígena na passagem entre as falésias e às margens do rio

---

[18] MONTEIRO, Almeri Bernardes. Entrevista concedida à Patrícia Bohrer, Instituto Curicaca, 2003.

[19] A missão catequista dos padres jesuítas João Lobato e Jerônimo Rodrigues, realizada entre 1605 e 1607, de Santos à Boipetiba, ou Mampituba. (ADAMS, 2014; SCHMITZ, 2017)

[20] Expedição paulista que em 1635 passou por Torres com o objetivo de capturar doze mil indígenas. (ADAMS, 2014, p. 29)

[21] Dois sítios arqueológicos de horticultores guarani encontram-se na região de Torres: LII07 – Darci Leal, o qual possui evidências do contato com europeus, e BAM06 – Família Machado (WAGNER, 2004, p 191).

Mampituba. Interessante notar que na perspectiva colonizadora, o crescimento foi ordenado a partir da construção da capela de São Domingos.

Após o extermínio indígena da região, de acordo com alguns pesquisadores, a partir do período colonial é possível periodizar esse crescimento urbano e demográfico em quatro etapas da ocupação do litoral norte do RS: estâncias e fazendas (até 1888); turismo de saúde (1888-1940); loteamentos balneários (1940-1995) e condomínios horizontais (1995-2016) (LOPES & RUIZ & ANJOS, 2018).

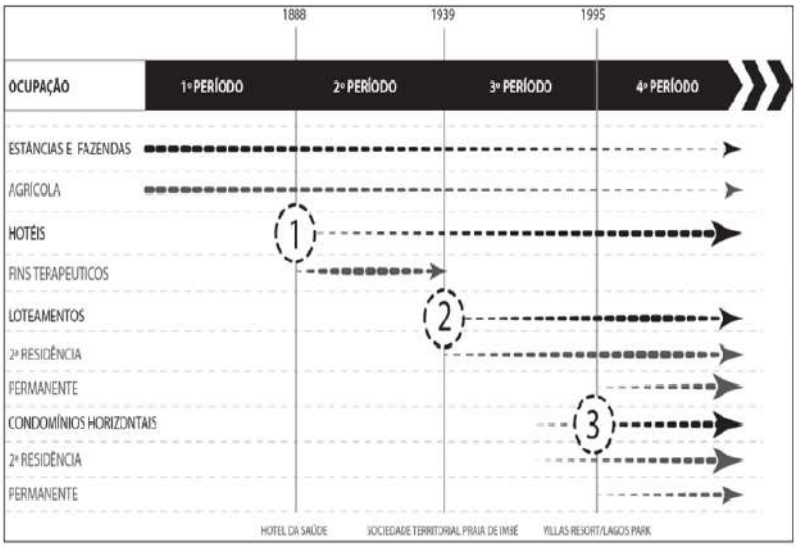


Figura 3 - Periodização do Crescimento Urbano - Litoral Norte do RS - Fonte: Ilustração de gráfico extraído do artigo e elaborado pelos autores LOPES & RUIZ & ANJOS, 2018.

É possível traçar comparações entre as mudanças de percepção sobre a região na qual Torres está localizada e a periodização do crescimento demográfico proposta pelos autores.

No período denominado de “estâncias e fazendas”, a ocupação populacional se concentra distante do mar. Pertencente ao município de Santo Antônio da Patrulha, o distrito de São Domingos das Torres - também conhecido como Presídio das Torres e mais tarde Vila de Torres -, era habitado por militares, destacados temporariamente para a fortificação e não se tem registro de moradores à época. Nesse período a região está voltada, essencialmente, para as atividades pesqueiras e o cultivo para a subsistência (RUSCHEL; RUSCHEL, 1984).

Esse cenário foi alterado com a atividade tropeira, no final do século XVII, e surgiram os primeiros moradores. Em geral, eram açorianos vindos de Laguna que fixaram residência ao longo do “Caminho da Praia”, praticando pesca e agricultura para o abastecimento das tropas. Com a construção da capela de São Domingos, o local passa a centralizar a população dispersa, e assim, o século XIX inicia em Torres, já com algumas centenas de moradores.

Após a chegada dos colonos alemães a densidade aumenta e São Domingos das Torres passou de 1251 habitantes no ano de 1846 para 6347 habitantes em 1890 (FEE, 1981). Na tabela abaixo temos os dados que demonstram, o crescimento total da população que aumentou cinco vezes em quatro décadas [22].

Ressaltamos que o distrito orbitava as sedes das fazendas e estâncias, essas eram mais interiorizadas. O censo de 1853 apontava que o distrito das Torres contava com um curtume, uma olaria e fábricas de aguardente. Em 1858, do total de 2364 habitantes, 401 eram negros escravizados[23] (FEE, 1981). Abaixo um gráfico das atividades econômicas desse período, realizado a partir das informações fornecidas pela pesquisadora Vera Lucia Maciel Barroso que analisou as Atas da Correspondência Ativa da Câmara e do Livro de Registro Geral de Santo Antônio da Patrulha. (BARROSO, 1996, p. 69).

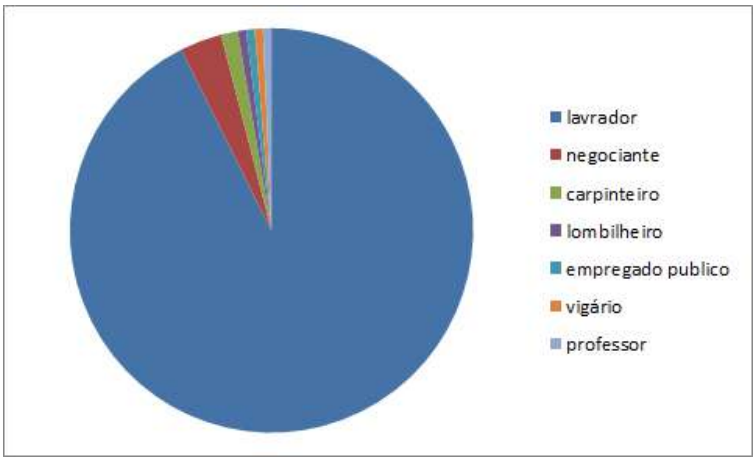


Figura 4 - Profissionais de São Domingos das Torres em 1849. Fonte: Atas de Eleitores de 1847 - 1854, publicado em Raízes de Torres, 1996, p. 75

Nota-se que essa população era essencialmente rural, com sua economia baseada no plantio da mandioca, feijão, trigo e milho (FLORES, 1996, p. 102). Tinham como ponto de convergência a capela de São Domingos e, de acordo com esses censos, se configurava com um perfil bastante jovem, conforme demonstra o censo de 1890, no qual aproximadamente 42 por cento da população estava abaixo de 15 anos de idade.

---

[22] Dados fornecidos pelos censos realizados pela administração da Província de São Pedro (1846 - 1890) e disponibilizados pela Fundação Estatística do Estado do Rio Grande do Sul - FEE.

[23] Em 2017, o historiador Diderot Carlos Lopes, do Centro de Estudos Históricos da Região de Torres (RS) e Academia de Escritores do Litoral Norte Gaúcho, publicou o livro "Memorial dos Negros" que contempla a história pouco conhecida da população negra emTorres. Ainda sobre os negros em Torres, em 1995 foi registrado pelo pesquisador Klaus Hilbert um sítio com o nome "Quilombo dos Palmares do Tio Leco", sob o número de cadastro no IPHAN: CNSA RS02432.

Na segunda metade do século XIX, a população continuou a crescer e a diversificar a economia. Embora, chame a atenção que entre 1890 e o final do século XIX o crescimento populacional tenha sido um pouco mais lento[24]. Alcançamos a etapa descrita como "turismo de saúde" (1888-1940).

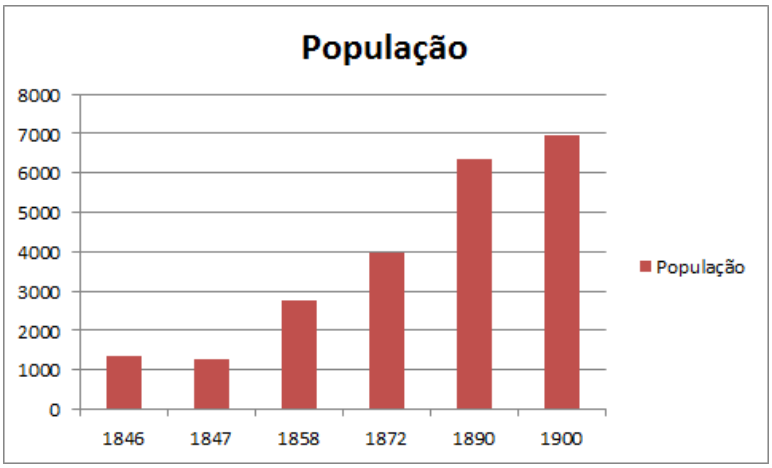


Figura 5 - Crescimento Demográfico São Domingos de Torres - Fonte: Acervo - Fundação Estatística do Estado - FEE

A pesquisadora Hilda Agnes Hübner Flores, teve acesso a uma documentação no Arquivo Público do Estado do RS[25], constituída por um conjunto de trinta e um inventários com datas-limite de 1896 a 1898. Neles temos um recorte das condições dos habitantes e alguns de seus costumes. Ela destacou que as moradias da então Vila de Torres eram bastante simples e utilizavam como principais materiais de construção o pau a pique, madeiras, pedras, tijolos e telhados de palha, folhas e tábuas.

A economia é trazida nos inventários e neles constam: 25 engenhos de açúcar, rapadura e aguardente; 15 atafonas de milho e mandioca; 12 alambiques de cobre e monte. A autora destaca o espólio de Maria Lackmann, comerciante que faleceu em 1897: "Maria realça a situação proeminente das vendas interioranas em sua função abastecedora de mercado, à qual o comerciante somava funções bancárias, emprestando dinheiro a juros à clientela" (FLORES, 1996, p. 102).

O sortimento desses armazéns nos remete diretamente às memórias das artesãs entrevistadas. São vendidos desde objetos domésticos, ferramentas para trabalho até uma diversidade de tecidos, tão recorrentes nas lembranças. Chamando atenção especialmente aos chapéus, a pesquisadora relata

[24] Estamos nos referindo nesse período, provavelmente, aos pais e avós de algumas das artesãs entrevistadas.

[25]Referência fornecida pela autora: ARQUIVO PÚBLICO RS, Torres, Inventários. Órfãos e Ausentes, Maço 7, Proc. 221-56.

existirem 05 chapéus enfeitados de senhora, 21 de panos ordinários e 04 chapéus de sol (FLORES, 1996, p. 103). Esses últimos muito provavelmente de palha.

Na virada do século XX, a população total de Torres era de quase sete mil[26] pessoas. Nessa etapa de "turismo e saúde" é possível compreender o impacto dessas atividades analisando o crescimento demográfico do município, paralelamente ao deslocamento rural-urbano. Em 1920, a população municipal contabilizava dez mil moradores, que quase em sua totalidade eram rurais. Até a década de 1970 a população urbana representava menos de um quarto da população total de residentes, embora este último número tenha quadruplicado, passando para 41129 moradores.

Tabela 1 - Aspectos demográficos da população de Torres (1920 - 1970) - Acervo: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981

	Total	Homens	Mulheres	Urbano	Suburbano	Rural
1920	10 000			650		9 350
1940	20 575	10 352	10 223	661 H 679 M	562 H 540 M	9 129 H 9.004 M
1950	30 853	15 789	15 064	1 771 H 1 685 M	518 H 493 M	13 500 H 12 886 M
1960	35 087	17 940	17 147			
1970	41 129	20 884	20 245	8 280		32 849

No período denominado pelos autores como "loteamentos balneários", observa-se um intenso processo de urbanização no município de Torres. Isso se dá, principalmente, pelo desenvolvimento da cidade como polo turístico. O melhoramento das rodovias de acesso à cidade, por volta da década de 1950, gera um fluxo sazonal de turistas e um fluxo contínuo no escoamento das produções, fatores que geram demanda e novas oportunidades de emprego no setor de serviços. O investimento no centro urbano torna o ambiente rural pouco promissor para o pequeno agricultor.

[26] De acordo com o Censo de 1900, Torres possuía um total de 6975 habitantes nesse ano. (FEE, 1981, 109)

Tabela 2 - População rural e urbana Torres (1970 - 2010) - Acervo IBGE – Censo Demográfico

Variável - População residente (Pessoas)															
Município - Torres (RS)															
Situação do domicílio	Sexo x Ano														
	Total					Homens					Mulheres				
	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010	1970	1980	1991	2000	2010
Total	41.129	41.619	37.474	30.880	34.656	20.884	21.198	18.941	15.228	16.835	20.245	20.421	18.533	15.652	17.821
Urbana	8.280	18.403	21.478	27.556	33.340	4.101	9.200	10.605	13.493	16.145	4.179	9.203	10.873	14.063	17.195
Rural	32.849	23.216	15.996	3.324	1.316	16.783	11.998	8.336	1.735	690	16.066	11.218	7.660	1.589	626
Fonte: IBGE - Censo Demográfico															

Entre as décadas de 1920 e 1970, a população de Torres quadruplicou passando para 41.129 moradores. Esse período coincide com sua expansão territorial para áreas rurais periféricas, quando passou de três para sete distritos. Talvez seja esse o motivo pelo qual menos de um quarto desses residentes eram urbanos. Entre 1970 e 1998 a dinâmica territorial foi inversa com a emancipação dos municípios reduzindo-se para apenas dois distritos (IBGE, 2021). Sua população passou para 34.656 em 2010 e a população rural para apenas 1.316 pessoas (IBGE, 2021; FEE,1981). Parte também desse aumento da população urbana de Torres nas últimas décadas pode ter sido decorrente da chegada de pessoas de outros municípios, inclusive veranistas que passaram a morar na região, bem como pelo deslocamento de moradores rurais para a área urbana dentro do município

Espacialmente, essa mudança também pode ser percebida na análise de imagens de satélite no período de 1985 a 2020, que mostram aumento da malha urbana torrense. Percebe-se nos perímetros Oeste e Sul da cidade um avanço de edificações sobre as áreas rurais. Nos perímetros Leste e Nordeste da cidade apresentam alto grau de verticalização e consequente aumento da densidade demográfica. Considerando que o turismo e o veranismo são atividades que mais crescem em Torres, é o principal fator responsável pela aceleração do processo de expansão da malha urbana.

Bibliografia

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS. In: Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

ADAMS FILHO, Nelson. História de Torres – Aspectos - Vol. I. Gráfica São José; Sombrio, 2014.

ADAMS FILHO, Nelson. Descubra Torres: Mistérios de Debret. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FpIx kQ1 EUE Acesso em Maio de 2021.

AMADO, Janaína. O GRANDE MENTIROSO: TRADIÇÃO, VERACIDADE E IMAGINAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL. In: História, São Paulo, 14: 125-136, 1995

ANJOS, F. A. dos; LOPES, E. B.; RUIZ, T. C. D. A ocupação no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, e suas implicações no turismo de segunda residência. In: Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana. Ed. PUCPR: Curitiba, 2018, mai./ago., 426-441.

BARROSO, V. L. M. De Santo Antônio da Patrulha a Torres - Relações Litorâneas (1809 - 1857). In: Raízes de Torres. Porto Alegre: EST, 1996. P. 69 -84.

BIBLIOTECA Nacional. O Auxiliador da Industria Nacional : Ou Collecção de Memorias e Noticias interessantes (RJ) - 1833 a 1896. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=302295&pagfis=26091&url= Acesso em Maio de 2021.

BIBLIOTECA Nacional. A Federação : Órgão do Partido Republicano (RS) - 1884 a 1937. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=crina%20vegetal&pagfis=3288 Acesso em Maio de 2021.

BOHRER, P., KROB, A. Artesanato com palha de butiá em Torres: registro e geração de renda para a salvaguarda um bem cultural de comunidades rurais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Instituto Curicaca. In: https://www.curicaca.org.br/artesanato-com-palha

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CANDAU, Joel. Memoria e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

DE PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO A ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: Censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE. 330p.

Donner, Sandra Cristina História local, Memória e Ofício do historiador entre Raízes e Marcas do tempo (1990-2012). Doutorado. UFRGS. Porto Alegre, 2015.

EBERHARDT, Camila. O Desenvolvimento Urbano de Torres por meio de Fotografias Aéreas (1930-1980). In: Anais do III Encontro de Pesquisas Históricas - PPGH/PUCRS. Porto Alegre, 2016. p. 657-669.

ESCOSTEGUY, Luis. Fernando. & OLIVEIRA, Lizete. Dias. Duplicação da Rodovia BR-101SC / RS: Trecho Torres-Osório. Estudo do patrimônio histórico e cultural na área de influência. Porto Alegre: MCT/PUCRS, 2003.

ESQUINA, Jovita. Torres, minha paixão. Porto Alegre: EST, 1979

FAUSTO, Carlos. A Luz que o homem branco apagou. In: Revista Eletrônica FAPESP, nº 92. São Paulo, 2003. Acesso em 15/05/2021. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/a-luz-que-o-homem-branco-apagou/

FLORES, Hilda A. H. O cotidiano de Torres no final do século XIX. In: Raízes de Torres. Porto Alegre: EST, 1996. P. 99 - 103.

A FOLHA TORRES. Momentos Cruciais na História de Torres. 15/08/2012. Disponível em: https://afolhatorres.com.br/colunas/momentos-cruciais-na-historia-de-torres/

FUNDAÇÃO ECONÔMICA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul – Censos do RS 1803 a 1950. Porto Alegre, 1981.

FRANZEN, B.V. 1998. Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640), um estudo comparativo. (Tese de doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. Patrimônio Histórico e cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A.– O que é Patrimônio Cultural Imaterial? São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

IBGE. Cidades, Histórias e Fotos. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/torres/historico. Acesso em: 16/05/2021.

IBGE. Estado do Rio Grande do Sul- Censos Econômicos. Ano 1956. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/67/cd_1950_v28_t2_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Demográfico de 1960. Disponível em : https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t16_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo demográfico do Rio Grande do Sul. Ano 1970. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/69/cd_1970_v1_t21_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Demográfico: Características Gerais da População e Instrução. Ano 1991. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/77/cd_1991_n24_populacao_instrucao_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. IX Recenseamento Geral do Brasil: Censo Demográfico, Dados Distritais. Ano 1980. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/71/cd_1980_v1_t3_n20_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. IX Recenseamento Geral do Brasil: Censo Agropecuário. - Rio Grande do Sul. Ano 1980. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/46/ca_1980_v2_t3_n22_p1_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Agrícola Ano 1960. Rio Grande do Sul. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/44/ca_1960_v2_t13_p2_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censos Econômicos de 1975. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/243/agro_1975_v1_t20_rs.pdf. Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Agropecuário, Rio Grande do Sul. Anos 1995 a 1996. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/48/agro_1995_1996_n22_rs.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Agropecuário: Agricultura Familiar. Rio Grande do Sul. Ano 2006. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf Acesso em 02/06/2021.

IBGE. Censo Agropecuário: Resultados Preliminares. Ano 2017. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf Acessoem02/06/2021.

IBGE. Cidades e Estados: Torres, RS. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/torres.html Acesso em Junho de 2021.

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/ Acesso em Junho de 2021.

SOUZA, Augusto Fausto de. Fortificações no Brasil. In: Revista Trimestral. Rio de Janeiro: INSTITUTO Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. 1885.

JORNAL JÁ. A viagem de Saint Hilaire: Um olhar crítico sobre o Rio Grande do Sul. 05/06/2020. Disponível em: https://www.jornalja.com.br/cultura/a-viagem-de-saint-hilaire-um-olhar-critico-sobre-o-rio-grande-do-sul/

KERN, Arno (org.). Rio Grande do Sul: continente múltiplo. Porto Alegre: Riocell Marprom, 1993.

LAYTANO, DANTE DE. Torres – Resumo de sua história de terra e mar. Prefeitura Municipal de Torres, 1978.

LOPES, Diderô Carlos. Memorial dos Negros. Torres: Ed. Diderô CL, 2017.

MURI, Guido. Remembranças de Conceição do Arroio: as vivências de uma comunidade. Vol. II. Osório: Editora do Jornal Momento, 1989.

MURI, Guido. Remembranças de Torres: as vivências de uma comunidade. Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1996.

MUSEU do Índio. Cestaria Disponível em: http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/247-cestaria Acesso em Maio de 2021.

NEVES, Eduardo Goés. Por que não tem pirâmides no Brasil? In: Por ti América. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2006. P. 30 - 42. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6843/1545.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em Maio de 2021.

OLIVEIRA, Letícia. Garimpo das Artes Artesanais do RS: Saberes e Fazeres. Porto Alegre, 2015. In: https://issuu.com/lele31/docs/livro_garimpo_das_artes_revisado_20

PEREIRA, Giovana de Souza et al. Ecologia Histórica Guarani: As plantas utilizadas no Bioma Mata Atlântica do litoral sul de Santa Catarina, Brasil (Parte 1). In: Cadernos do Lepaarq. Vol. XIII, n°26. Pelotas: UFPEL, 2016.

PREFEITURA Municipal de Torres. Página do Município de Torres, RS. Disponível em: https://torres.rs.gov.br/ Acesso Maio de 2021.

RIBEIRO, Francisco. A viagem de Saint Hilaire: Um olhar crítico sobre o Rio Grande do Sul. In: Jornal Já. 05/06/2020. Acessado em 07/08/2021. https://www.jornalja.com.br/cultura/a-viagem-de-saint-hilaire-um-olhar-critico-sobre-o-rio-grande-do-sul/

RODRIGUES, Jerônimo. A missão dos carijós – 1.605-1.607. In: LEITE, Serafim. Novas cartas jesuíticas (de Nóbrega a Vieira). São Paulo: Brasiliana 194, 1.940. p. 230)

RUSCHEL, Ruy Ruben & RUSCHEL, Dalila P. São Domingos das Torres. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

RUSCHEL, Ruy Ruben. Determinantes iniciais de Torres. In: Raízes de Torres. Porto Alegre: EST, 1996. P. 50 -53.

SANTOS, Joseane dos, COELHO-DE-SOUZA, Gabriela. Quilombo Chácara da Cruz : a história da família Kinho e os Butiazais de Tapes [resumo expandido]. 2018. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/195665

SCHMITZ, Pedro Inácio (Coord.). A ocupação Pré-Histórica do Litoral Meridional do Brasil. Revista Pesquisa, Antropologia nº 63. Instituto Anchietano de Pesquisas. São Leopoldo: UNISINOS,2006.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & ROGGE, Jairo Henrique. Os Carijós Do Litoral Meridional Do Brasil Um Espelho Para Os Arqueólogos Olharem Os Sítios Arqueológicos. In: Revista Pesquisas Antropologia, nº 73. São Leopoldo: INSTITUTO ANCHIETANO, 2017a.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. A Ocupação Guarani Do Vale Do Rio Dos Sinos Uma Proposta De Pesquisa. In: Revista Pesquisas Antropologia n° 73. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2017b.

SILVA, Adriana Fraga. Meu avô era tropeiro!: identidade, patrimônio e materialidades na construção da Terra do Tropeirismo – Bom Jesus (RS). PUCRS – Porto Alegre, 2009.

TV Brasil. Programa De Lá Pra Cá - Caminho de Peabiru - 27/11/2011. Disponivel em 24/05/2021. Link: https://www.youtube.com/watch?v=7SojNJmu4NM

UFRGS. 12000 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul/ catálogo da exposição organizado pelo Museu da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

WAGNER, Gustavo Peretti. CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DO LITORAL NORTE. Dissertação. Orientação: Prof. Dr. Klaus Hilbert. PUCRS, Porto Alegre, julho de 2004.

WITT, Marcos. Visões litorâneas – o Litoral Norte do Rio Grande do Sul sob o olhar de Saint-Hilaire, Seidler e Roquette-Pinto. In: Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 38, supl., p. S269-S280, nov. 2012. Disponível em 25/05/2021. Link: file:///C:/Users/User/Downloads/12473-Texto%20do%20artigo-50060-1-10-20130301.pdf

SCHOSSLER, Joana Carolina. “As nossas praias”: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900 – 1950). Orientador: Prof. Renan Gertz. Dissertação. PUCRS, 2010.

SOUZA, Augusto Fausto. Fortificações no Brasil. In: REVISTA TRIMESTRAL do instituto histórico e etnográfico do Brasil. Tipografia Laemmert: Rio de Janeiro, 1885.

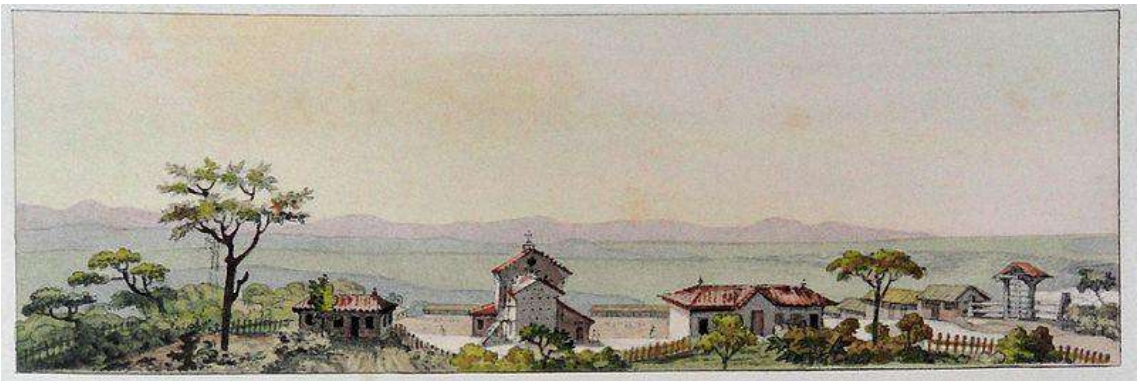
VENTO Norte. Direção de Salomão Scliar. Porto Alegre: Horizonte Produções Cinematográficas Ltda., 1951. (81 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XmVwo0uNj4Y Acesso em Maio de 2021.

Anexo A

Figura 1 – Década de 1820 - Nossa Senhora da Serra. Aquarela. Jean Baptiste Debret.

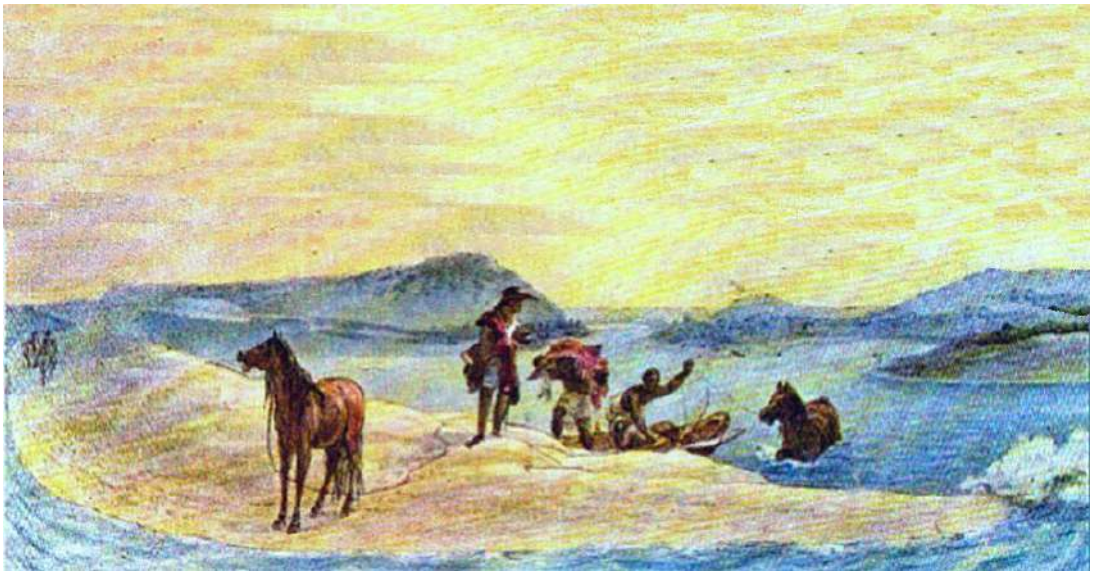
Fonte: Reprodução Rodrigo Trespach - Acervo Museus Castro May, RJ.
http://www.rodrigotrespach.com/2016/12/07/viagem-pitoresca-ao-litoral-gaucho/

Figura 2 – Década de 1820 – Vila das Torres. Aquarela. Jean Baptiste Debret.



Fonte: MARGS – Catálogo On line de Obras
https://www.margs.rs.gov.br/catalogo-de-obras/J/38572/

Figura 3 – Década 1820 - Travessia do Rio Mampituba. Aquarela. Jean Baptiste Debret.

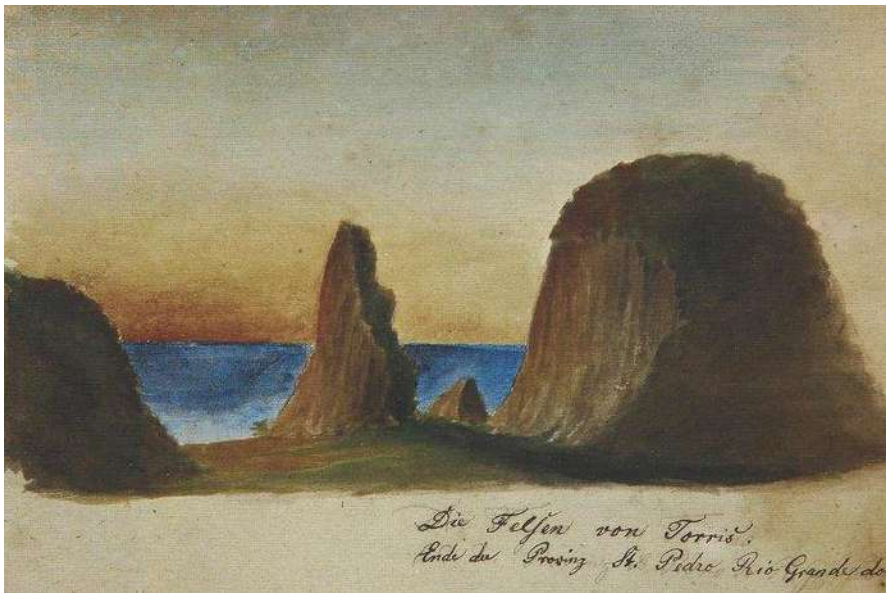


Fonte: Reprodução A Folha de Torres
https://afolhatorres.com.br/colunas/torres-em-aquarelas/

Figura 4 – Década de 1820 – Sem Título. Aquarela. Jean Baptiste Debret.

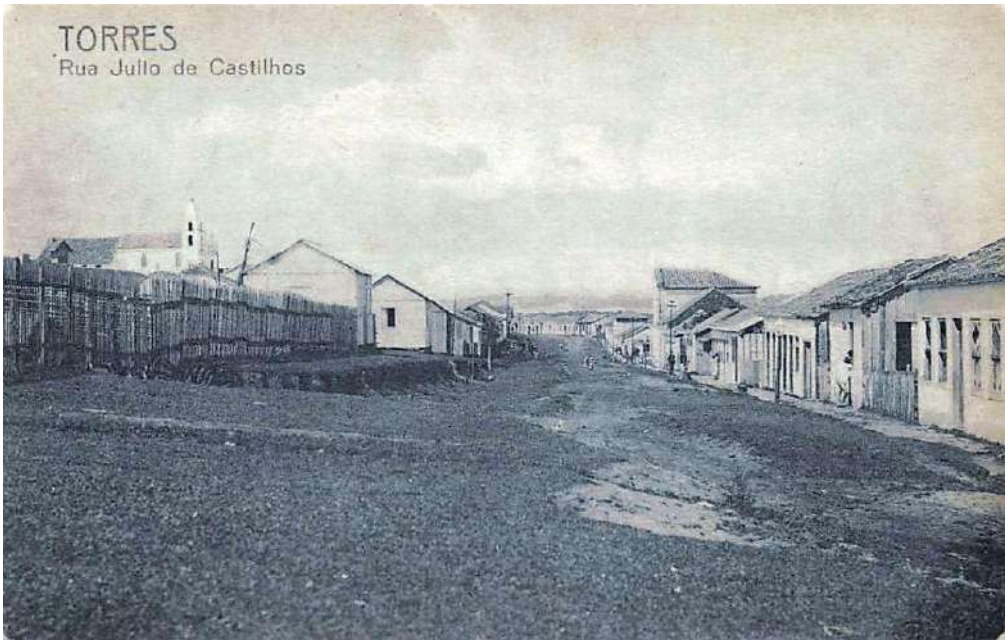
Fonte: Reprodução A Folha de Torres
https://afolhatorres.com.br/colunas/torres-em-aquarelas/

Figura 5 - 1852 – Penedos de Torres, fim da província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Aquarela. Herrmann Rudolf Wendroth



Fonte: Reprodução Página Clic RBS
https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/03/antes-e-depois-o-que-restou-do-rs-pintado-por-um-viajante-alemao-nos-anos-1850-ck7f2slan01on01oabxnxpnqw.html

Figura 6 – 1904 – Cartão Postal Rua Julio de Castilhos – Rua de Baixo

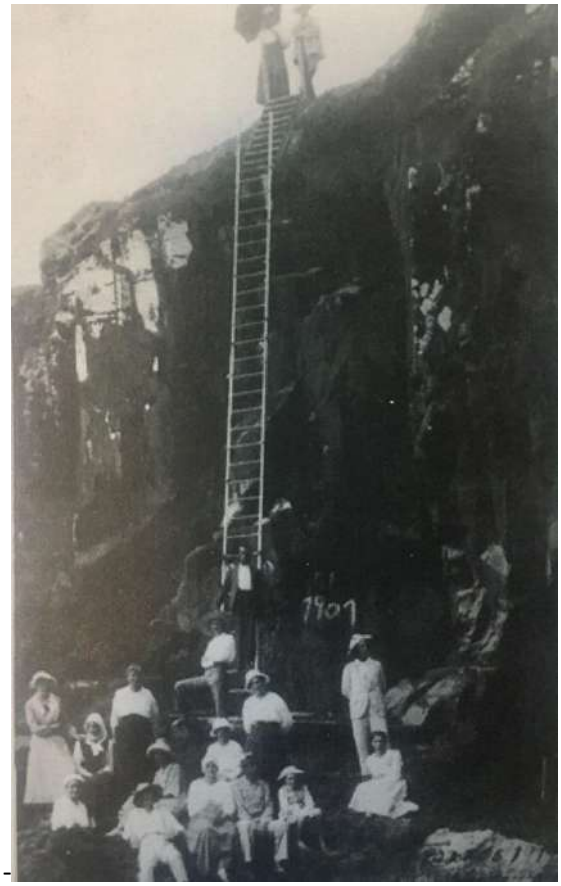


Fonte:

Figura 7 – 1919 - Rua de Cima. Arquivo Histórico Municipal de Osório.

Fonte: Reprodução do Livro Remembranças de Torres de Guido Muri

Figura 8 – 1919 - Torre do Centro Descida às Furnas

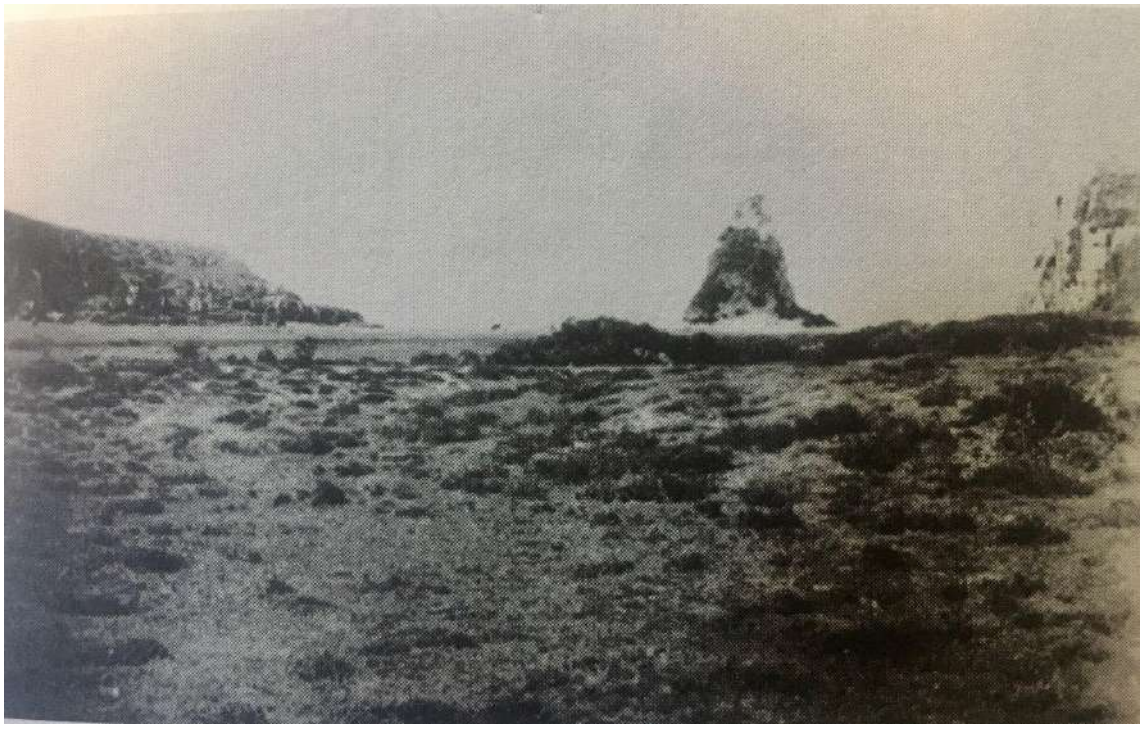


Fonte: Reprodução do Livro Remembranças de Torres de Guido Muri. Arquivo Histórico de Osorio

Figura 9 - 1927 – Os Pescadores – Aquarela, Francis Pelichek.

Fonte: A FOLHA Torres.
https://afolhatorres.com.br/colunas/torres-em-aquarelas/

Figura 10 - TORRES, 1928/29. Estudos para a construção do Porto Praia da Guarita

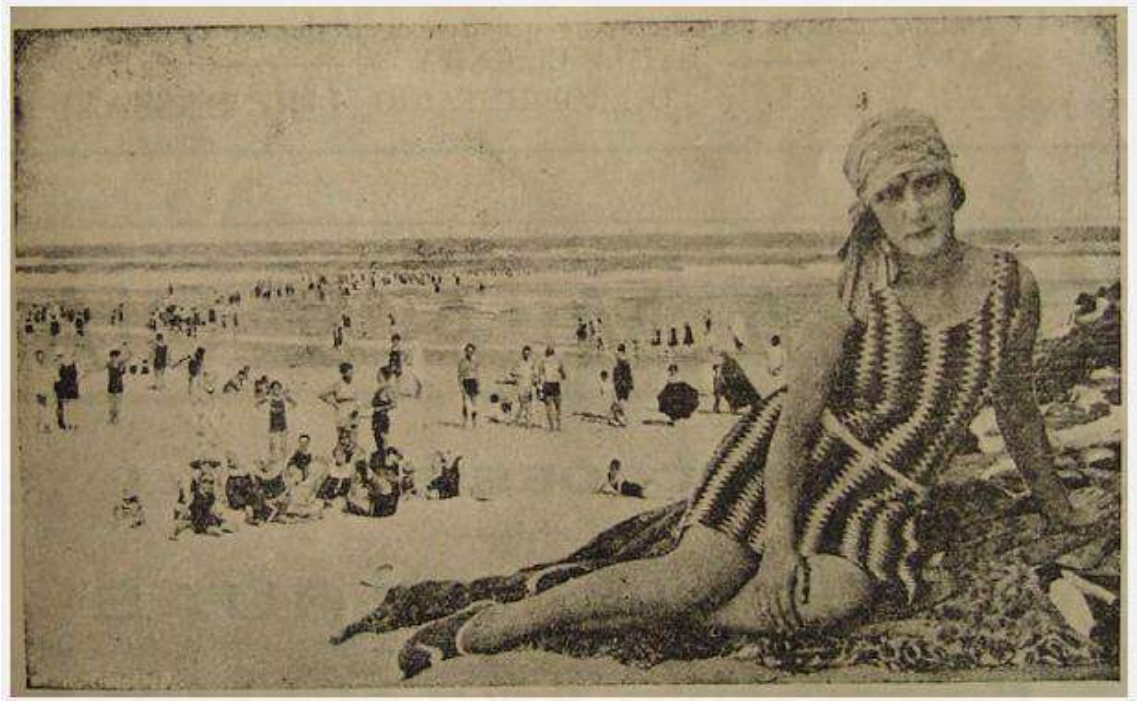


Fonte: Fonte: Reprodução do Livro Remembranças de Torres de Guido Muri.

Figura 11 - Canoa de pescadores regressando da Ilha dos Lobos e alguns veranistas.

Fonte: Fonte: Reprodução do Livro Remembranças de Torres de Guido Muri.

Figura 12 – Década de1930 - Cartão Postal – Banhistas



Fonte: Reprodução do Livro Remembranças de Torres de Guido Muri.

Figura 13 - Panorâmica Data Ano de 1934. Autor Estúdio Fotográfico Ídio K. Feltes_

Fonte: Camila Eberhardt. Acervo da Casa de Cultura do Município de Torres

Figura 14 - Década de 1940. Morro do Farol. Estúdio Fotográfico Feltes.

Fonte: Camila Eberhardt - Acervo do Banco de Imagens e Sons ULBRA

Figura 15 - 1949. Panorama Aéreo de Torres Rio Grande do Sul. Estúdio Fotográfico Feltes

Fonte: Camila Eberhardt - Fonte Acervo da Casa de Cultura de Torres

Figura 16 – Década de 1940 – Cartão Postal Praia de Torres - Estúdio Fotográfico Feltes

Fonte: Página Web PRATI
https://prati.com.br/torres/torres-postal-decada-1940.html

Figura 17 – Década de 1940 - Vista da Cidade. Estúdio Fotográfico Feltes.

Fonte: Camila Eberhardt- Acervo Banco de Imagens e Sons ULBRA (1)

Figura 18 - Década de 1950 -Rio Mampituba. Estúdio Fotográfico Feltes

Fonte: Camila Eberhardt - Casa de Cultura de Torres

Figura 19 – 1953 - Vista da cidade de Torres RS

Fonte: IBGE

Figura 20 – 1955 - Testemunho na praia de Torres RS – 1955

Fonte: IBGE

Figura 21 - IBGE - Derrames de basalto Torres RS – 1953

Fonte IBGE

Figura 22 - Década de 1950 - Vista Parcial de Torres. Estúdio Fotográfico Feltes.

Fonte: Camila Eberhardt - Acervo da Casa de Cultura de Torres.

Figura 23 – Década de 1950 - Rio Mampituba. Estúdio Fotográfico Feltes.

Fonte: Camila Eberhardt - Acervo da Casa de Cultura de Torres.

Anexo F

Atualização de informações sobre a situação do ecossistema dos butiazais – Item 3 da Diligência IPHAE

Os remanescentes de butiazais existentes entre os municípios de Torres e Osório no Litoral Norte do Rio Grande do Sul foram mapeados por meio de interpretação de imagens e satélite Landsat TM7 – base 2008 para Osório e 2011 para Torres – associada a uma revisão de campo. Na época se aprendeu que esse tipo de ecossistema pode ser confundido com vassourais ou mesmo com cultivos não homogêneos de banana e de eucalipto (indivíduos jovens) nas interpretações sobre imagens, gerando falso positivos. Foram encontrados 48 remanescentes daqueles 53 que existiam em 2008, tendo sido 5 deles suprimidos completamente.

No âmbito desse trabalho, foi contratada da empresa Ilex, do Biólogo Eduardo Velez, para realizar a atualização dos remanescentes, que foi supervisionada pelo Agrônomo Alexandre Krob, o qual também fez essa supervisão em 2008. Sem condições para uma vistoria de campo, tanto por limitações financeiras, como da pandemia e de tempo, foi possível realizar uma checagem remanescente por remanescente para verificar se houve perdas, dessa vez com apoio de imagens do Google Earth para 2021.

Antes disso, foi preciso fazer a correção de posicionamento do polígono de cada remanescente mapeado em 2008 e 2011, os quais estavam deslocados por diferença de datum. A conversão não foi suficiente para que o desvio fosse sanado, portanto foram utilizadas duas ferramentas de geoprocessamento em sequência para que se pudesse arrastar o polígono para a posição certa. Em seguida, passou-se de fato a análise de perdas que estão expressas na tabela síntese a seguir.

Tabela 1 - Reamescentes de butiazais entre os municípios de Osório e Torres, sua sitação em 2008 e 2021 e cálculos de perdas de áreas em diferentes status.

Municipio	Mancha	Area_origi	Area_2021	Perda_ha	Perda_perc	Status
Torres	1	1,3	1,2	0,1	10,5	Perda intermediária
Torres	2	8,9	8,2	0,7	8,1	Perda Pequena
Torres	3	0,9	0,8	0,1	6,9	Perda Pequena
Torres	4	2,3	2,1	0,2	8,6	Perda Pequena
Torres	5	12,4	12,4	0,0	0,0	idêntico
Torres	6	1,0	0,4	0,6	57,8	Perda Exagerada
Torres	7	3,0	3,0	0,0	0,0	idêntico
Torres	8	0,3	0,3	0,0	0,0	idêntico
Torres	9	2,0	2,0	0,0	0,0	idêntico
Torres	10	0,3	0,3	0,0	0,0	idêntico
Torres	11	1,4	0,8	0,5	39,9	Perda Exagerada
Torres	12	0,5	0,5	0,0	0,0	idêntico
Torres	13	19,7	14,7	5,0	25,3	Perda Exagerada
Torres	14	1,8	1,8	0,0	0,0	idêntico
Torres	15	0,4	0,4	0,0	0,0	idêntico
Torres	16	5,1	2,7	2,3	45,8	Perda Exagerada
Torres	17	1,7	0,3	1,3	80,6	Perda Exagerada
Torres	18	6,7	5,2	1,5	22,2	Perda Exagerada
Torres	19	1,1	0,6	0,5	47,9	Perda Exagerada

Municipio	Mancha	Area_origi	Area_2021	Perda_ha	Perda_perc	Status
Torres	20	1,4	1,4	0,0	0,0	idêntico
Arroio do Sal	21	2,3	2,3	0,0	0,0	idêntico
Torres	22	1,4	1,2	0,2	12,2	Perda intermediária
Torres	23	1,5	1,5	0,0	0,0	idêntico
Torres	24	1,3	1,2	0,1	10,6	Perda intermediária
Torres	25	1,3	1,3	0,0	0,0	idêntico
Torres	26	2,3	2,3	0,0	0,0	idêntico
Torres	27	0,7	0,7	0,0	0,0	idêntico
Torres	28	0,2	0,2	0,0	0,0	idêntico
Torres	29	0,9	0,9	0,0	0,0	idêntico
Osório	30	0,4	0,3	0,0	7,8	Perda Pequena
Osório	31	0,1	0,1	0,0	0,0	idêntico
Osório	32	1,2	1,1	0,1	10,9	Perda intermediária
Osório	33	3,8	3,3	0,5	13,1	Perda intermediária
Osório	34	1,6	1,5	0,1	5,6	Perda Pequena
Osório	35	0,1	0,1	0,0	0,0	idêntico
Osório	36	0,9	0,9	0,0	0,0	idêntico
Osório	37	0,4	0,4	0,0	0,0	idêntico
Maquiné	38	1,3	1,3	0,0	0,0	idêntico
Maquiné	39	3,2	2,3	0,9	28,6	Perda Exagerada
Osório	40	1,1	1,1	0,0	0,0	idêntico
Osório	41	2,2	2,2	0,0	0,0	idêntico
Osório	42	1,6	1,6	0,0	0,0	idêntico
Osório	43	0,3	0,3	0,0	0,0	idêntico
Osório	44	1,6	1,6	0,0	0,0	idêntico
Osório	45	0,1	0,0	0,1	83,4	Perda Exagerada
Maquiné	46	2,3	2,3	0,0	0,0	idêntico
Osório	47	3,4	3,3	0,1	2,2	Perda Pequena
Osório	48	0,4	0,4	0,0	0,0	idêntico

Status	
Idêntico	sem sinal de redução de área
Perda Pequena	redução de área entre 1 - 10%
Perda intermediária	redução de área >10 - 20%
Perda Exagerada	redução de área >20%

A síntese do resultado, apresentada na tabela 2, apontou uma perda de 13,71% da área de remanescentes mapeada em 2008 e 2011, representando 15,07 hectares. Destaque-se que

no município de Torres foram perdidos 13,22 hectares, o que representa 88% do total de perdas ocorridas, o que está bem ilustrado na figura 1.

Município	número de manchas	Área Original	Área 2021	Perda (ha)
Arroio do Sal	1	2,31	2,31	0,00
Maquiné	3	6,80	5,89	0,92
Osório	16	19,10	18,17	0,93
Torres	28	81,70	68,48	13,22
Total Geral	48	109,92	94,85	15,07
Percentual				-13,71%

Figura 1 - Perda de remanescentes de butiazais entre 2008 e 2021 no município de Torres (RS). Em verde, os remanescentes de 2008 e em vermelho, as perdas.

Note-se que pela Portaria SEMA Nº 46 DE 10/07/2014 não deveria ter havido nem supressão e nem transplante após a sua publicação. Portanto, faz-se necessário entender se as causas dessa perda ocorrida se devem a falta de fiscalização, o que ainda pode ser compensado com a constatação feita nessa atualização, ou por autorizações indevidas de transplante pelos órgãos licenciadores. É recomendável que seja aberto um processo junto à Sema/RS para que seja melhor compreendido o contexto e dado o seguimento necessário.